

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA
TRADUÇÃO**

FRANCISCO JAVIER CALVO DEL OLMO

**TRADUÇÃO, LÍNGUA E IDENTIDADE
EM POETAS OCCITANOS E CATALÃES DO SÉCULO XIX,
ELEMENTOS PARA UMA TRADUÇÃO
ENTRE LÍNGUAS ROMÂNICAS.**

Florianópolis, 2014.

FRANCISCO JAVIER CALVO DEL OLMO

TRADUÇÃO, LÍNGUA E IDENTIDADE
EM POETAS OCCITANOS E CATALÃES DO SÉCULO XIX,
ELEMENTOS PARA UMA TRADUÇÃO
ENTRE LÍNGUAS ROMÂNICAS.

Orientador: Prof. Dr. Mauri Furlan.
Tese submetida ao Programa de
Pós-graduação em Estudos da
Tradução da Universidade Federal
de Santa Catarina para a obtenção
de Grau de Doutor em Estudos da
Tradução

Florianópolis, 2014.

Francisco Javier Calvo del Olmo

**TRADUÇÃO, LÍNGUA E IDENTIDADE
EM POETAS OCCITANOS E CATALÃES DO SÉCULO XIX,
ELEMENTOS PARA UMA TRADUÇÃO ENTRE LÍNGUAS ROMÂNICAS**

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do título de DOUTOR EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO e aprovada em sua forma final pelo curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 05 de dezembro de 2014.

Profa. Dra. Andréia Guerini
Coordenadora do curso.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Mauri Furlan
Orientador e Presidente
Universidade Federal de Santa Catarina.

Profa. Dra. Andréia Guerini
Universidade Federal de Santa Catarina.

Profa. Dra. Claudia Borges de Faveri
Universidade Federal de Santa Catarina.

Profa. Dra. Meritxell Hernando Marsal
Universidade Federal de Santa Catarina.

Profa. Dra. Nylcéa Thereza de Siqueira Pedra
Universidade Federal do Paraná.

Profa. Dra. Cristiana Vieira
Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

Pels que parlaren, pels que parlen, pels que
parlaran *sotto voce*. Pels que així viuen, pels
que així escriuen i pels que els tradueixen.

AGRADECIMENTOS

E aqui vão os agradecimentos; estão no corpo do texto, mas não fazem parte da pesquisa. Então fique a vontade para pular essa parte caso você não me conheça. O exercício de lembrar as pessoas que passaram pela minha vida nos últimos quatro anos e que, de uma ou outra forma, contribuíram para que este trabalho chegasse a sua conclusão, implica no risco que tem qualquer lista fechada: excluir o nome de alguém que devia ter sido mencionado. Por isso, peço desculpas pelos possíveis – quase seguros – descuidos da minha memória.

Em primeiro lugar, desejo agradecer aos membros da banca, pessoas que, coincidentemente, são aquelas que eu gostaria que avaliassem este trabalho. Reuni-las e ter a oportunidade de compartilhar o resultado final dessa pesquisa foi um privilégio e honra. Às Professoras Andreia e Cláudia, agradeço a leitura atenciosa que fizeram em abril de 2012 deste mesmo trabalho, quando apenas era a qualificação de um mestrado, e o impulso que deram para que eu pudesse desenvolvê-lo plenamente como tese de doutorado, *obrigado*. À Professora Andreia, devo agradecer ainda o seu conselho para trazer a antologia poética para o centro da pesquisa, fazendo dela um capítulo que auxilia a compreensão da tese e não um mero anexo, tal como comparecia na versão não finalizada do texto. À Professora Cristiana, agradeço sua disponibilidade para fazer parte da banca e as parcerias acadêmicas que, mesmo sendo tão recentes, para mim já se tornaram um ponto de referência na UNILA e em Foz, *merci*. Para a professora Meritxell, meus agradecimentos pela amizade de anos, pela sua hospitalidade na ilha e as inúmeras conversas, *gràcies*. À professora Nylcéa, pela amizade e parceria constante durante os dois anos de Leitorado na UFPR, assim como pela leitura e revisão meticulosa que fez deste trabalho, *gracias*. E, finalmente, para o professor Mauri, o professor de língua latina que conheci a primeira vez que cheguei ao Brasil, nos idos de 2009, e que durante todos os anos que durou a minha formação na PGET me acompanhou, meu muito obrigado pelo seu apoio, o seu humor e os seus conselhos que guiaram essa tese, *gratias ago tibi*.

Agradecimentos às pessoas que estão além do mar, mas que me acompanham a cada dia. O meu irmão e sua companheira, Ana; meus pais, Amelia e Lorenzo; meus queridos Pablo e Irene, minha caríssima

Alessandra de Roma, meu caro Luca do binômio Pisa/Torino e minha cara Telma de Lisboa. Agradeço também às pessoas que estão do lado de cá do Atlântico, à Heloisa pelo seu sorriso e a sua gentileza, à Gilmar e ao Rafael pelas jantas e as conversas, à Simone e ao Arnaldo pela lucidez, aos amigos do Robson que se tornaram meus amigos e à família do Robson que também se tornou a minha família. Aos/às colegas da UFPR que me acolheram durante o período que fui leitor e me mostraram o professor que um dia eu quero ser; e ao pessoal do Instituto Cervantes de Curitiba, pela oportunidade de trabalhar e me formar junto com eles. Mais recentemente, agradeço às pessoas brilhantes que, seguindo trilhos remotos, acabamos confluindo na UNILA, em Foz do Iguaçu, e que me acompanharam na fase final de redação da tese. Principalmente a meus irmãos Emerson e Gastón e à Ângela que ajudou nas traduções dos resumos e em tantas outras coisas. De várias formas, todos/as forneceram apoio ao longo dessa trajetória e me permitiram viver sobre dois continentes.

Agradeço ao Robson por tanto, por ter estado ao meu lado todo este tempo, por compartilhar um 25 de abril levantado e principal desde há mais de cinco anos.

Agradeço também a toda a equipe da pós-graduação em Estudos da Tradução da UFSC que viabilizam que possamos desenvolver nossas pesquisas. Igualmente devo mencionar a AECID, Agencia Española de Cooperación y Desarrollo, e a CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pois graças ao apoio financeiro dessas duas instituições pude realizar e concluir essa tese.

*Aos povos pequenos ninguém dá ouvidos,
não é mania de perseguição,
mas histórica evidência.*
José Saramago, *A jangada de pedra*.

RESUMO

Esta tese parte da pesquisa das interfaces entre os Estudos da Tradução e outras áreas das ciências humanas: os Estudos Pós-coloniais e a Romanística com o objetivo de apresentar uma discussão a respeito de estratégias e abordagens na tradução de poesia entre línguas cognatas. Com esse propósito, delimitamos um *corpus* que organizamos, editamos, traduzimos e examinamos; uma antologia de textos poéticos escritos em língua occitana e em língua catalã no século XIX que têm como temática a língua vinculada à identidade. Ainda que a antologia integre textos de vários autores, todos eles pertencem a um mesmo período histórico, a uma área geográfica contígua e a movimentos estético-literários paralelos: *Felibritge* e *Renaixença*. Assumimos uma proposta de tradução que definimos como *intra-românica*, e avaliamos as possibilidades e os limites de tal proposta aplicada ao processo tradutório dos textos da antologia em português brasileiro, relevando os elementos linguísticos e literários que balizam nosso trabalho. Assim (1) apresentamos os poemas originais junto à tradução para o português; e, em seguida, (2) discutimos os desafios do ato tradutório e analisamos as divergências, os paralelismos e as convergências entre os originais e a nossa tradução. Para concluir, (3) comentamos as reflexões sobre a língua que eles transmitem.

Palavras-chave: línguas românicas, tradução poética, Romantismo, tradução *intra-românica*.

RESUMEN

Esta tesis pretende investigar las interfaces entre la Traductología (*Translation Studies*) y otras áreas de las ciencias humanas: los Estudios Pós-coloniales y la Romanística, con el objetivo de presentar una discusión a respecto de las estrategias y abordajes en la traducción de poesía entre lenguas cognadas. Con ese propósito, delimitamos un *corpus* que organizamos, editamos, traducimos y examinamos; una antología de textos poéticos escritos en lengua occitana y en lengua catalana durante el siglo XIX que tiene como temática la lengua vinculada a la identidad. Aunque la antología integre textos de varios autores, todos ellos pertenecen a un mismo periodo histórico, a una área geográfica contigua y a movimientos estéticoliterarios paralelos: *Felibritge* y *Renaixença*. Asumimos una propuesta de traducción que definimos como *intra-românica*, y evaluamos las posibilidades y los límites de tal propuesta aplicada al proceso tradutório de los textos de la antología en portugués brasileño, relevando así los elementos lingüísticos y literarios que definieron nuestro trabajo. Así pues (1) presentamos los poemas originales junto a la traducción al portugués; y, a continuación, (2) discutimos los desafíos del acto tradutorio y analizamos las divergencias, los paralelismos y las convergencias entre los originales y nuestra traducción. Para concluir, (3) comentamos las reflexiones sobre la lengua transmitidas a través de los mismos.

Palabras clave: lenguas románicas, traducción poética, Romanticismo, traducción intra-românica.

RÉSUMÉ

Cette thèse cherche à explorer les interférences entre la Traductologie (*Translation Studies*) et d'autres domaines des Sciences Humaines : les Études Postcoloniales et la Philologie Romane. Ainsi, nous avons l'objectif de proposer une discussion concernant les stratégies et rapprochements dans la traduction de la poésie entre langues proches. Pour cela, nous constituons un *corpus* que nous organisons, éditons, traduisons et analysons. Il s'agit d'une anthologie de textes poétiques écrits en langues occitane et catalane au XIX^e siècle dont la thématique commune est le lien qui unit langue et identité. Même si l'anthologie rassemble des textes d'auteurs divers, tous appartiennent à la même période historique, à une aire géographique contiguë, ainsi qu'à des mouvements esthétiques et littéraires parallèles : le *Felibritge* et la *Renaiçença*. Nous adoptons une proposition de traduction que nous définissons comme *intra-romane*, et nous évaluons les possibilités et limites d'une telle proposition mise en œuvre pour traduire les textes de l'anthologie en portugais brésilien. Ce faisant, nous révélons les éléments linguistiques et littéraires fondamentaux de notre travail. Ainsi (1) nous présentons les poèmes originaux accompagnés de la traduction en portugais ; ensuite, (2) nous débattons des enjeux de l'acte de la traduction et nous analysons les divergences, les parallélismes et les convergences entre les textes originaux et notre traduction. Finalement, (3) nous commentons les réflexions sur la langue que ces textes transmettent.

Mots-clés: langues romanes, traduction poétique, Romantisme, traduction *intra-romane*.

RESUM

Aquesta tesi parteix de la investigació de les relacions entre la Traductologia (*Translation Studies*) i altres àrees de les ciències humanes: els Estudis Post-colonials i la Romanística amb l'objectiu de presentar una discussió respecte a les estratègies i abordatges en la traducció de poesia entre llengües cognades. Amb aquest propòsit, delimitem un *corpus* que organitzem, editem, traduïm i examinem; una antologia de texts poètics escrits en llengua occitana i en llengua català al segle XIX que tenen com a temàtica la llengua vinculada a la identitat. Encara que l'antologia compti amb texts de diversos autors, tots ells pertanyen a un mateix període històric, a una àrea geogràfica adjacent i a moviments estètic-literaris paral·lels: *Felibritge* i *Renaixença*. Assumim una proposta de traducció que definim com *intra-romànica*, i n'avaluem les possibilitats i els límits aplicats al procés de traducció dels texts de l'antologia al portuguès brasiler, descobrint així els elements lingüístics i literaris que demarquen la nostra feina. Així doncs (1) presentem els poemes originals amb la traducció al portuguès; i, a continuació, (2) comentem les reflexions sobre la llengua que s'hi transmeten. Per a acabar, (3) discutim els desafiaments de l'acte de traducció i analitzem les divergències, els paral·lelismes i les convergències entre els originals i la nostra traducció.

Paraules clau: llengües romàniques, traducció poètica, Romanticisme, traducció *intra-romànica*.

ABSTRACT

This research seeks to investigate the interdisciplinary crossroad between Translation Studies and other areas of Human Sciences, in particular The Post Colonial Studies and Romance Language. For this purpose, we have selected an anthology of poems written in Occitan and Catalan language in the nineteenth century. The common topic, the link between language and identity. Although the anthology integrates and is composed of texts by different authors, they all belong to the same historical period, geographical area contiguous to and parallel aesthetic 'wordiness' and literary movements: *Felibritge* y *Renaixença*. First, we propose and a translation that is defined as intra-Romanesque. Then, we evaluate the possibilities and limitations of such an approach to the translation process of this anthology into Brazilian Portuguese. Then, the original poems are presented with the translation into Portuguese. A second part discusses the challenges of translating as well as the differences, the parallels and similarities between the original and our translation proposition. Finally, (3) we discussed the reflections about the language and the components transmit through them.

Key words: romance languages, poetry translation, Romantisme, *intra-romane translation* .

LISTA DE MAPAS E FIGURAS

Figura 1: Arcabouço teórico-metodológico.....	9
Figura 2: Formulação do Espaço Geolinguístico.....	373

Mapa 1: Povos da Europa.....	45
Mapa 2: Domínio Linguístico do Occitano.....	66
Mapa 3: Domínio Linguístico do Catalão.....	72
Mapa 4: Domínio Românico-Pinenaico.....	76
Mapa 5: Romania Continua.....	78

SUMÁRIO

Introdução	1
I. Interfaces: Estudos da Tradução, Romanística e Estudos Pós-coloniais	9
1.1. Na encruzilhada entre os Estudos da Tradução e a Romanística.....	12
1.2. Os Estudos Pós-coloniais e os Estudos da Tradução.....	22
1.3. As minorias da Europa: nacionalismo, língua e identidade.....	37
II. De um tempo e de um país: O eixo espaço-temporal do estudo	53
2.1. O eixo espacial: línguas, culturas e identidades na <i>Romania</i>	54
2.2. O eixo temporal: <i>Felibritge</i> e <i>Renaixença</i>	79
III. As vozes da antologia: Recontextualização de poetas occitanos e catalães em português brasileiro	99
3.1. Critérios para escolha de uma antologia que reflete sobre a língua.....	100
3.2. Cantar e contar a língua: trovadores e filólogos.....	108
3.3. Horizonte da antologia: posicionamento do tradutor e projeto de tradução.....	122
3.4. Uma proposta de tradução <i>intra-românica</i>	130
IV. Leitura, Edição, Tradução e Escrita	145
4.1. A escrita de línguas sem padrão: vulgarismos, dialetalismos, arcaísmos e estrangeirismos.....	146
4.1.1. Dialetalismos.....	150
4.1.2. Vulgarismos.....	158
4.1.3. Arcaísmos.....	162
4.1.4. Estrangeirismos.....	169

4.2. A tarefa de edição da antologia.....	176
4.2.1. Critérios de edição adotados para a parte em occitano da antologia	179
4.2.2. Critérios de edição adotados para a parte em catalão da Antologia.....	182
4.3. Uma tradução <i>intra-românica</i> de poesia: paralelismos, divergências e convergências.....	183

V. Reaver a Língua através da Língua:

Antologia Poética.....	209
I <i>Au miejour</i> , Frederic Mistral.....	210
II <i>I trobair catalan</i> , Frederic Mistral.....	212
III <i>En l'Ounour de Jansemin</i> , Frederic Mistral.....	224
IV <i>Au Baroun Gastoun de Floto</i> , Frederic Mistral.....	230
V <i>Au Pouèto Italian Dall'Ongaro</i> , Frederic Mistral	234
VI <i>A La Raço Latino</i> , Frederic Mistral.....	236
VII <i>A la Roumanò</i> , Frederic Mistral.....	242
VIII <i>Au Pople Noste</i> , Frederic Mistral.....	244
IX <i>I Felibre</i> , Teodor Aubanel.....	250
X <i>Oda a la Pàtria</i> , Bonaventura Carles Aribau.....	252
XI <i>Mos Cantars</i> , Joaquim Rubió i Ors.....	256
XII <i>Los Cants del Laletà</i> , Adolf Blanc Cortada.....	262
XIII <i>A la Llengua Catalana</i> , Bonaventura Pons i Fuster	268
XIV <i>Epigrames</i> , Joan Vinader i Nubau.....	286
XV <i>Lo Trobador Romeu (Adéu a la Pàtria)</i> , Albert de Quintana i Combis.....	290
XVI <i>Ausiàs March</i> , Víctor Balaguer i Cirera.....	296
XVII <i>La Llengua Materna</i> , Marià Aguiló i Fuster.....	312
XVIII <i>L'Arbre de la Pàtria</i> , Marià Aguiló i Fuster.....	320
XIX <i>Oda a Espanya</i> , Joan Maragall i Gorina.....	326
XX <i>Els Focs d'Aquest Sant Joan</i> , Joan Maragall i Gorina.....	330

VI. A criação de uma consciência linguística no discurso

Nacionalista e Romântico	335
---------------------------------------	------------

6.1. Reflexões sobre a língua nos poemas da antologia.....	337
6.1.1. Metáforas da língua.....	338
6.1.2. Os nomes da língua.....	354
6.1.3. Os cantores da língua: Trovadores Antigos e Novos.....	359
6.2. A construção e a tradução de um espaço geolinguístico: território, nação e Latinidade.....	371
6.2.1. A evocação do espaço geográfico como corpo da pátria.....	373
6.2.2. A formulação da nação.....	380
6.2.3. A irmandade occitano-catalã como confederação plurinacional.....	384
6.2.4. Latinidade e Panlatinismo.....	389
6.3. Interface entre o pensamento linguístico e a prática tradutória nos textos do corpus.....	396
Considerações finais.....	401
Referências Bibliográficas.....	405

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe examinar a tradução entre línguas do âmbito neolatino ou românico, empregando para esse fim as ferramentas teóricas que o campo do conhecimento dos Estudos da Tradução oferece. Não pretendemos, porém, desenvolver uma teoria; mas sim realizar uma reflexão. Deste modo, e de acordo com a proposta de Berman (2007), o quadro conceitual fornecido pela relação entre teoria e prática é substituído pelo par *experiência* e *reflexão*. Constatamos uma contradição tradicionalmente atrelada à tradução; a de ser esta entendida como “uma prática puramente intuitiva, meio técnica, meio literária, não exigindo no fundo nenhuma teoria, nenhuma reflexão específicas” (BERMAN, 2002, p. 11). Não obstante, nas últimas décadas se desenvolveram várias linhas de pesquisa que refletiram sobre o papel da tradução vinculado às assimetrias, às diferenças, às desigualdades, às relações de dominação e dependência entre línguas e comunidades linguísticas. E, por essa via, estabeleceu-se um diálogo entre os Estudos da Tradução, os Estudos Pós-coloniais e os Estudos do Subalterno com o objetivo de preencher certas lacunas nesse âmbito do conhecimento. O campo é amplo e ainda pouco explorado; apesar de que alguns teóricos tenham abordado as relações entre as línguas das metrópoles dos antigos impérios europeus e as línguas das comunidades, países e regiões por eles colonizados, continua sendo necessário estabelecer um foco específico para o estudo das *outras línguas europeias* faladas com diferentes graus de vigor pelas comunidades sem Estado do Velho Continente e submetidas à pressão das chamadas grandes línguas ou línguas imperiais.

As pesquisas dos Estudos da Tradução aplicadas ao âmbito que aqui propomos podem ter como objetivo a análise de uma ou várias traduções ou as reflexões e posicionamentos que os autores e tradutores dessas línguas minoritárias expressam sobre o próprio idioma assim como sobre o ato tradutório. É possível inquirir as fontes desse discurso nas mais variadas produções textuais: prólogos, introduções, manuais, comentários, críticas, cartas, textos expositivos. E também aparece em poemas cujo tema é a própria língua; tal é o caso dos textos que conformam o *corpus* do presente trabalho.

Tanto nos territórios de fala catalã quanto nos de fala occitana, durante o século XIX, aconteceram dois movimentos – *Renaixença* e

Felibritge– de recuperação da língua própria para o cultivo literário, fortemente vinculados às ideias do Romantismo e do Nacionalismo, imperantes na época. Para os intelectuais de ambos os movimentos a língua foi meio, por ser usada para a criação literária, e fim, por ser objeto de reivindicação, na construção de uma consciência linguística, entendida simultaneamente como diferenciada e comum. Numa primeira leitura dos textos que se dedicam a refletir sobre a língua, o leitor pode perceber que vários dos conceitos por eles formulados continuam vigentes enquanto outros se mostram como afastados dos posicionamentos acadêmicos hodiernos; alguns ainda surpreendem pela atualidade que manifestam. Mas, em todos eles, constata-se fortes ligações que os unem nos seus posicionamentos, afirmações e reivindicações. Essas reflexões fornecem ao leitor ou pesquisador conhecimentos socioculturais de como esses intelectuais românticos e nacionalistas se posicionaram frente a problemas linguísticos e políticos quando houve a necessidade de interação entre poéticas e culturas. De acordo com Furlan (2002), um acervo literário desse tipo guarda o mundo que o criou e levanta questões sobre a sua forma de pensar, a sua compreensão da língua e da linguagem, da escrita e, finalmente, da tradução.

O nosso trabalho parte da hipótese de que há uma unidade de pensamento presente em cada poeta sob as diferenças que certamente existem entre os diversos autores da antologia. Isto é, as reflexões que trazem sobre a própria língua compartilham certos traços do pensamento romântico, que a compreendia como o reflexo da alma de um povo, ao tempo que exibem a influência das ideias oriundas de disciplinas científicas na época inovadoras: a linguística e a filologia românica. E assim, se considerarmos que toda prática linguística reflete determinada compreensão da língua e da linguagem, os conceitos e ideias latentes nesses poemas enunciam uma teoria sobre a *traduzibilidade* ou *intraduzibilidade* entre idiomas que, os próprios autores, definem como idiomas próximos, reunidos por uma filiação comum ao latim. Destarte, existe um pensamento romântico, românico e nacionalista, um forte nexos que permeia e reúne as produções tanto dos poetas occitanos quanto dos catalães.

O occitano e o catalão emergiram no século XIX como veículos de expressão literária e artística. O Romantismo, que surge na Inglaterra e na Alemanha no final do século XVIII, se consolida e se difunde na primeira metade do XIX chegando até os países do sul da Europa, onde adquire características locais. Durante a segunda metade do mesmo século, encontramos uma produção textual profusa, representativa e de

alto valor literário tanto no âmbito occitano quanto no catalão. Assim, esteticamente os textos se inscrevem no tardo-Romantismo e no início do Modernismo. De acordo com Holmes (1972-1988-2000), estabelecemos uma restrição areal (*area-restricted theories*) para o presente trabalho que, conseqüentemente, fica delimitado no eixo temporal à segunda metade do século XIX, no eixo espacial ao âmbito europeu-mediterrâneo, na sua dimensão linguística ao *continuum* occitano-catalão, na literária ao Romantismo e na política ao Nacionalismo e a reivindicação da autonomia linguística, cultural e administrativa das comunidades submetidas ao governo de Estados centralistas.

A nossa reflexão teórica sustenta-se em uma coletânea de textos selecionados segundo o critério da área, que apresentam reflexões sobre a língua da comunidade e constituem o *corpus* da pesquisa. Na seleção dos poemas, escolhemos aqueles que tivessem por tema a língua vinculada à identidade, desestimando assim outros que abordaram a identidade da nação a partir de símbolos diferentes tais como a bandeira, a terra ou a história. Devido a que o volume do *corpus* não poderia ser muito extenso, foram priorizados os textos e vozes representativas, cujo pensamento teve maior repercussão no respectivo contexto, seja no momento da sua publicação, seja em épocas posteriores. Igualmente, ao elaborar uma antologia de poemas occitanos e catalães tencionou-se contrastar as afinidades e as divergências entre as produções, como era apresentada e representada a língua em cada comunidade, com quais símbolos e mitos se associava. Vale dizer que todos esses poemas são peças fulcrais das respectivas tradições literárias por terem colocado, em boa medida, as bases linguísticas e literárias dos respectivos cânones. Nesse sentido podem ser qualificados como clássicos; mas, ao mesmo tempo, apresentam marcas próprias dos textos fundacionais.

Ora, cabe justificar as razões que nos levaram a escolher um *corpus* de poemas para refletir os conceitos de língua e a linguagem; para tanto, devemos dizer que esse fato não foi uma escolha, mas uma imposição devida ao contexto recortado por nosso objeto de pesquisa. No século XIX, a poesia encarna a alma do povo e é a primeira via para a restauração das línguas nacionais. Por esse motivo, esse gênero oferecia um campo comum amplo e rico para ambas as línguas dentro dos eixos histórico-espaciais aqui estabelecidos. A preferência por outros gêneros talvez mais reflexivos, como o ensaio, disponibilizava materiais em número menor e de qualidade restrita.

Uma vez apresentado o campo acadêmico em que esse trabalho se insere e os dados sob os quais se apoia nossa reflexão, faz-se necessário expor os objetivos que nortearão a pesquisa. Nosso principal objetivo é conhecer como a abordagem da língua vincula-se à identidade nos poemas occitanos e catalães do século XIX e, em seguida, considerar as possibilidades de tradução e recontextualização de tais conceitos em uma língua cognata: o português brasileiro. Para esse fim nos apoiamos na rede que existe entre as línguas de partida e a língua de chegada, utilizando assim elementos para a tradução entre línguas românicas. Desde um posicionamento romântico-nacionalista, os autores da antologia expressam uma consciência linguística e trazem reflexões sobre identidade e língua, sobre o conflito entre autoridade e subalternidade, entre centro e periferia. É claro que esses intelectuais não entendiam os conflitos linguísticos tal como os conhecemos, problematizamos e estudamos hoje; mas suas reflexões, formuladas – *lato sensu* – através de poemas de marcado caráter lírico, já preenchem os principais supostos que os Estudos da Tradução, os Estudos Culturais e a linguística aplicada desenvolverão – *stricto sensu* – sobre linguagem e poder, o discurso do subalterno, a diglossia, a aculturação, o pós-colonialismo e as línguas minoritárias e minorizadas. Assim, o objetivo deste trabalho não é apenas organizar uma antologia e realizar o ato tradutório dessa, mas indagar os questionamentos e as dificuldades atreladas à tradução de textos oriundos de línguas minoritárias para uma língua próxima e perscrutar as reflexões que neles se fazem sobre a própria língua.

Do objetivo geral apresentado, derivam outros objetivos específicos tais como refletir sobre os problemas que as chamadas línguas minoritárias levantam dentro do campo dos Estudos da Tradução; pesquisar técnicas e práticas de tradução entre línguas cognatas; e estudar as dinâmicas convergentes e divergentes existentes no seio da família das línguas românicas. A esse fim, a presente tese de doutorado divide-se em seis capítulos.

No primeiro capítulo se traça o arcabouço teórico e metodológico na encruzilhada entre os Estudos da Tradução e a Romanística. Igualmente, desde o referencial teórico fornecido pelos Estudos Pós-coloniais, se estuda como as minorias da Europa e mais concretamente as comunidades falantes do occitano e do catalão formulam a narração da própria nação, como realizam a tradução da tradição ou de tradições próprias e alheias. A língua aparece ligada à identidade de um grupo no contexto em que o idioma autóctone se

encontra em situação de diglossia e, portanto, sob a ameaça de uma influência exterior.

Uma vez desenhado o referencial instrumental básico no qual se inscreve o *corpus* a ser examinado, o segundo capítulo debruça-se na contextualização dos escritos no âmbito linguístico, cultural e identitário das línguas neolatinas; entendendo este como a superposição da *Romania Maior* e da *Romania Minor*. Posteriormente, é apresentado o *Felibritge* occitano e a *Renaixença* catalã, movimentos de reivindicação linguística, cultural e nacional do século XIX.

O terceiro capítulo apresenta cada uma das vozes que conformam o *corpus*. Também examina o contexto intelectual desses autores, as relações e dissensos que estabelecem uns com os outros, as suas reivindicações do trovadorismo medieval e as características que possuem como acadêmicos, filólogos, linguistas, gramáticos e lexicógrafos. Para fins da pesquisa, os autores são considerados, além de escritores, como tradutores de tradições, uma vez que todos eles arquitetaram uma série de mitos comuns ou análogos. Isto permite estabelecer redes de significado semelhantes e certas afinidades ideológicas e artísticas em ambas as margens dos Pirineus. Consideramos que essa característica é uma ferramenta útil tanto na análise quanto na tradução da antologia. Do mesmo modo, são apresentados detalhadamente os critérios seguidos na escolha dos textos levando sempre em consideração nosso alvo de trabalhar com poemas que problematizem a língua. Além disso, oferece-se uma descrição do projeto de tradução, do horizonte da tradução e do posicionamento do tradutor, de acordo com Berman (1995); todos eles pontos cardiais para o trabalho que pretendemos levar a termo.

O quarto capítulo dedica-se a examinar o processo tradutório da antologia poética que proporciona os materiais para uma reflexão oriunda de um ambiente universitário e com fins acadêmicos. Considerando todas as premissas expostas, procede-se à edição e à tradução dos textos entendidas como processos de (re)leitura e de (re)escrita. A falta de uma língua padrão no contexto em que os textos foram escritos tem por consequência o aparecimento de vulgarismos, dialetalismos, arcaísmos, barbarismos e oscilações ortográficas que o labor do editor tem que resolver. Por outro lado, a tarefa da tradução dos originais apresenta desafios uma vez que “traduzir um poema, disse Meschonnic, é, em primeiro lugar, *escrever* um poema” (Apud BERMAN, 2007, p. 38). De maneira geral, as escolhas feitas deverão ser examinadas entendendo a tradução como *l’auberge du lointain*, segundo as ideias de Berman (2007). Desse modo, apresentam-se

soluções sustentadas nas afinidades existentes entre os idiomas e as culturas envolvidas, explora-se as possibilidades de tradução entre línguas cognatas e se avaliam certos aspectos relativos ao produto resultante.

No quinto capítulo, alocamos a antologia poética, que fornece o substrato empírico da pesquisa desenvolvida, na sua versão editada em língua original (occitano ou catalão) e traduzida para o português brasileiro como *testo a fronte*. Consideramos que essa foi uma maneira de valorizar o produto resultante da presente experiência tradutória e contribuir a quebrar a posição subalterna que, a nosso juízo, a tradução ainda hoje ocupa nos âmbitos acadêmicos. Destarte, disponibilizou-se para o leitor o *corpus* a fim de que reconhecesse as citações aparecidas ao longo dos outros capítulos no seu contexto original e avaliasse melhor os mencionados paralelismos, cisões e semelhanças entre os originais e as traduções. Além de satisfazer os seus interesses literários, é claro.

No sexto capítulo, pesquisa-se o pensamento linguístico no discurso poético nacionalista e romântico dos intelectuais do *Felibritge* occitano e da *Renaixença* catalã. Não há aqui teorias formais, mas uma sucessiva associação da língua com vários elementos que, nesse capítulo, servem para organizar os trechos do *corpus* que apresentamos seguindo certos filtros temáticos. Igualmente, são avaliados os aspectos compartilhados pelos textos da antologia, construindo a sua visão de conjunto. Em síntese, consagra-se o último capítulo à exposição cabal, análise e comentário das reflexões sobre a própria língua, a sua natureza, a consciência e reivindicação de uma identidade linguística, a unicidade e originalidade do idioma nacional e, finalmente, sobre as possibilidades e limites de traduzir para outra língua considerando que “o valor dos versos líricos é justamente essa unidade entre a significação das palavras e a sua música” (STAIGER, 1975, p. 22). Os autores do nosso *corpus* participavam dessas ideias – de certa maneira românticas – e consideravam que só através da língua era possível reaver a língua. A partir daqui, cabe formular algumas questões: qual seria então a percepção dos autores sobre a tradução? A noção de tradução aparece enunciada nalgum momento nos poemas que dedicam à língua? Qual o papel da tradução na obra desses autores? E, ultrapassando as meras afirmações que façam ou não sobre a tradução, de que maneira ela esteve presente em ambos os movimentos? A nosso ver, avaliar essa dimensão do discurso é fundamental para recontextualizar os poemas em português brasileiro. Como é que o discurso desses intelectuais do século XIX, marcadamente unido aos respectivos idiomas, pode ser

traduzido? Como é que pode ser feita a defesa do occitano e do catalão pelo português? Que interesse podem suscitar essas traduções na órbita lusófona e brasileira, *a priori*, tão afastada? Certamente entre os originais e suas traduções encontraremos afinidades linguísticas, semelhanças na rima e nos sistemas métricos, além de paralelos culturais. Em suma, divergências, paralelismos e convergências que o nosso trabalho buscará evidenciar. O resultado de tais análises poderia fornecer procedimentos aplicáveis a outros processos tradutórios análogos; ou seja, poderiam revelar-se procedimentos válidos para a tradução de outros textos que compartilhem com os da antologia características linguísticas, históricas e culturais: assim, ulteriores poetas occitanos e catalães; ou, ainda, poetas românticos romenos, galegos, piemonteses, romanos etc. Outros autores que, como os nossos, dedicaram poemas a refletir sobre a língua própria e o seu papel na expressão e na construção da identidade. Nesse sentido, futuros estudos viriam ampliar ou refutar algumas das hipóteses com as que aqui se trabalha. Estabelecendo um diálogo com a nossa pesquisa quer pelos contrastes, quer pelas semelhanças.

No somatório dos seis capítulos, esperamos disponibilizar elementos suficientes para ler os textos que apresentamos sob a perspectiva da consciência linguística que os autores tinham. Esta se revela portadora de forte carga identitária e profundamente influenciada pelas reivindicações nacionalistas e pela estética romântica, vigente durante aquele período. Embora o referencial teórico dos Estudos da Tradução diferencie entre estudos teóricos e práticos, a presente tese participa de ambas as linhas, pois, por um lado, problematiza a questão da tradução de línguas minoritárias e, por outro, se debruça na elaboração, edição e tradução de um *corpus*. Em outras palavras, fazendo um exercício semelhante ao processo de escrita dos autores da antologia, problematizamos a tradução entre línguas românicas mediante a tradução entre línguas românicas.

Finalmente, consideramos necessário enunciar as línguas presentes neste estudo. O corpo do texto está escrito em português com exceção do capítulo quinto que contém a antologia apresentada em versão trilingue: occitano/catalão e português, como já dito. Distribuídas ao longo do corpo do texto há citações das obras consultadas em catalão, espanhol, francês, occitano e inglês. Quanto a elas, em geral, optou-se por reproduzi-las na língua original (e só traduzir para o português quando se tratar de paráfrases) por considerarmos que existe um grau de inteligibilidade entre as línguas neolatinas suficiente para permitir a

leitura no âmbito acadêmico brasileiro. No caso do inglês, optou-se por deixar igualmente as citações em língua original.

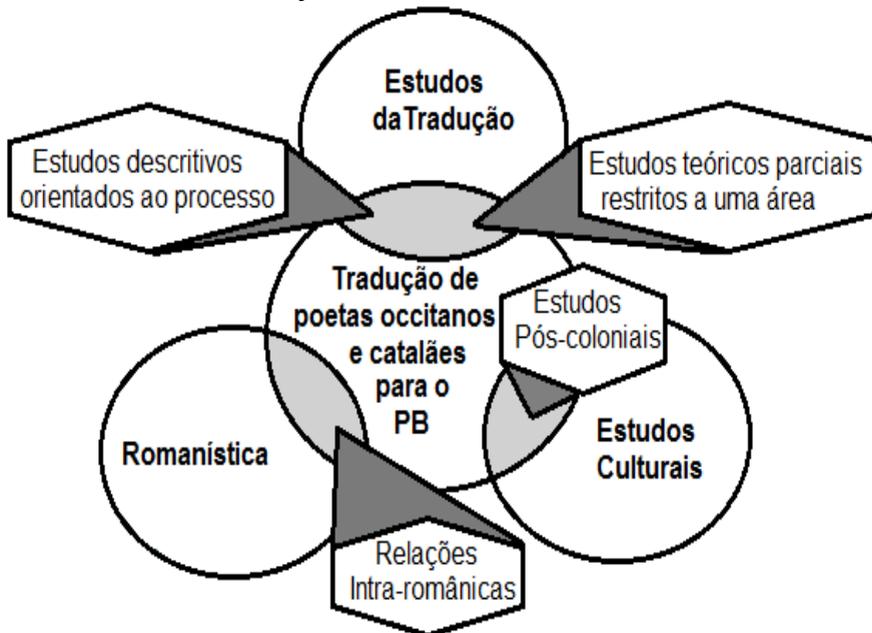
O presente estudo deve ser entendido dentro de uma linha de pesquisa que tenciona aplicar o campo dos Estudos da Tradução às línguas românicas – que são as nossas – apreendidas como uma comunidade que tece uma intrincada rede linguística, cultural, histórica, simbólica e literária. Portanto, aqui se propõe um percurso *intra-românico*, uma translação que parte das línguas minoritárias da *România Continua* e visa chegar a uma das grandes línguas da *România Nova*. Consequentemente, espera-se contribuir – na medida de nossas capacidades – no aumento dos trabalhos nos Estudos da Tradução dedicados a essa família linguística e fornecer elementos para a construção de uma reflexão específica da tradução entre as línguas neolatinas. Para finalizar, salientamos o intuito de trabalhos deste tipo que procuram vincular as teorias da tradução com outros campos das Letras e consideramos que restam ainda abertas – ou por abrir – inúmeras trilhas nesses terrenos interdisciplinares.

Capítulo I

INTERFACES: ESTUDOS DA TRADUÇÃO, ROMANÍSTICA E ESTUDOS PÓS-COLONIAIS

Diante do interesse em trabalhar com a tradução entre línguas românicas, foi necessário estabelecer um referencial teórico e metodológico que balizasse o campo do nosso estudo e que se aproximasse das questões e dificuldades imbricadas no processo tradutório que visamos realizar. Para esse fim, definimos uma área comum, uma interface, entre teorias oriundas dos Estudos da Tradução, da Romanística e dos Estudos Pós-coloniais. Dedicamos este primeiro capítulo a fazer uma exposição cabal dessas; apresentando, primeiramente, as interfaces dos Estudos da Tradução com a Romanística e, a seguir, com os Estudos Pós-coloniais. Em síntese, a figura 1 expressa o arcabouço que aqui foi demarcado.

1. ARCABOUÇO TEÓRICO-METODOLÓGICO



Quando Holmes (1972-1988-2000) mapeou pela primeira vez os Estudos da Tradução, definiu o novo campo do saber não como uma ciência subordinada a outras ciências humanas, mas como uma disciplina que requeria reflexão autônoma tanto nos seus objetivos quanto nos seus métodos, modelos e paradigmas. No entanto, nas primeiras páginas do seu trabalho, assinalou que uma disciplina nunca se cria *ex novo*, já que ela recebe a influência das áreas adjacentes cujos pesquisadores aportam paradigmas e modelos procedentes dos respectivos campos. E assim:

As a new problem or set of problems comes into view in the world of learning, there is an influx of researches from adjacent areas, bringing with them the paradigms and models that have proved fruitful in their own fields. (HOLMES, 1972-1988-2000, p.67)

Mas nem sempre esses modelos e paradigmas precedentes, que tinham demonstrado a sua eficácia nas respetivas áreas, conseguem produzir resultados suficientemente satisfatórios quando aplicados a problemas levantados pela nova disciplina. Nesses casos: “researches become aware that new methods are needed to approach the problem” (HOLMES, 1972-1988-2000, p. 67). Por esse motivo, ele chama a atenção sobre a necessidade de criar canais para os Estudos da Tradução que não sigam obrigatoriamente as vias abertas pelas disciplinas precedentes.

Berman (2007) também evidencia a necessidade de distinguir um âmbito do saber próprio para a tradução que “não é nem uma sub-literatura (como acreditava-se no século XVI), nem uma sub-crítica (como acreditava-se no século XIX). Também não é uma linguística ou uma poética aplicadas (como acreditava-se no século XX)” (p.18). Por sua vez, Holmes (1972-1988-2000, p. 67-68) aponta a linguística, a filosofia da linguagem, a crítica literária e a teoria da literatura como as áreas que historicamente mais refletiram sobre a tradução e cita outras mais remotas como a teoria da informação, a lógica ou mesmo a matemática. Tão diversas contribuições representam, sem dúvida, uma enorme riqueza, porém ainda falta sistematização, como observa o próprio autor:

The resultant situation today would appear to be one of great confusion, with no consensus

regarding the types of models to be tested, the kind of methods to be applied, to varieties of terminology to be used. More than that, there is not even likemindedness about the contours of the field, the programs set, the discipline as such. (ibid., p. 68)

Consideramos que a situação apresentada na citação permanece vigente, ainda hoje, nos Estudos da Tradução, pese à intensa atividade que desde esse âmbito acadêmico pesquisadores, estudantes e professores vêm desenvolvendo. Ou seja, Holmes começa a mapear os Estudos da Tradução salientando a presença de paradigmas preexistentes os quais delimitam certas bases que, entretanto, precisam ser superadas na construção de uma ciência autônoma. Desse modo, demarca-se um nexos entre as que ele chama *older disciplines* e a disciplina nascente: os Estudos da Tradução.

O professor irlandês Michael Cronin (1998) chama a atenção sobre a ausência de um foco teórico específico para as línguas minoritárias¹. Isso torna invisíveis os seus falantes e as pessoas – pesquisadores e criadores– que trabalham com elas. Na medida de suas possibilidades, o presente estudo visa contribuir com produção científica dos Estudos da Tradução dedicada ao domínio das línguas românicas e visibilizar certos problemas referentes às pesquisas que tenham por objeto tais idiomas. Ademais, Cronin (1998) indica que a atual hegemonia da língua inglesa nos âmbitos tecnológico, econômico, político e cultural faz com que todas as outras línguas faladas pela humanidade se encontrem em situação de minorização linguística. Há, portanto, a ameaça de um mundo monolíngue (anglo-saxão) pensado por uns poucos e para uns poucos no qual não caberiam discursos alternativos, expressão genuína de cada língua e de cada comunidade. Consequentemente, salientamos o interesse que pesquisas como a nossa têm para os Estudos Pós-coloniais – pertencentes ao âmbito disciplinar dos Estudos Culturais – principalmente para aqueles debates que discutam e problematizem temas tais como descolonização, colonialidade, linguagem e poder, identidade e subalternidade.

¹ Por língua minoritária entende-se aqui a língua falada por uma comunidade periférica dentro de um Estado que tenha outra língua como idioma oficial. Essas línguas minoritárias encontram-se em uma situação diglôssica a respeito do idioma oficial. Esse tema será tratado na seção 2.1.

1.1. Na encruzilhada entre os Estudos da Tradução e a Romanística

Primeiramente, no que tange aos Estudos da Tradução, vemos na figura 1 que o presente estudo se enquadra entre *os estudos descritivos orientados ao processo* e *os estudos teóricos parciais restritos a uma área*, de acordo com o mapa de Holmes (1972-1988-2000). O autor distinguia – segundo o foco da pesquisa – entre estudos orientados ao produto (*product-oriented*), ao processo (*process-oriented*) e à função (*function-oriented*). Justificamos a inscrição do nosso trabalho nos *estudos orientados ao processo* por partir do propósito de investigar a recontextualização na língua de chegada do conceito de identidade ligado à língua presente nos poemas originais do *corpus*, de acordo com a seguinte definição:

Process-oriented DTS concerns itself with the process or act of translation itself. The problem of what exactly takes place in the “little black box” of the translator’s “mind” as he creates a new, more or less matching text in another language has been the subject of much speculation on the part of translation’s theorists. (HOLMES, 1972-1988-2000, p.72)

Igualmente, resulta difícil desvincular o processo de tradução do produto resultante dele; razão pela qual devemos inclui-lo também nos *estudos orientados ao produto*, entendendo-os como:

Product-oriented DTS,: A second phase is that all comparative translation description, image comparative and analyses are made of various languages. Such individual and comparative descriptions provide the materials for surveys of larger corpuses of translations, for instance those made within a specific period, language, and/or text are discourse type. (HOLMES, 1972-1988-2000, p.72)

Em segundo lugar, dentro do ramo dos estudos puros (*pure*, em oposição aos aplicados, *applied*), Holmes separa os trabalhos teóricos e descritivos, e os primeiros, por sua vez, em gerais e parciais. Deste modo, os estudos puros, teóricos, parciais são compostos por subclasses

que variam segundo o tipo de restrição que apresentem. Entre eles estão os restritos a uma área, *area-restricted*, considerando-se por tal:

Area-restricted theories can be of two closely related kinds; restricted as to the languages involved or, which is usually not quite the same, and occasionally hardly at all, as to the cultures involved. In both cases, language restriction and culture restriction, the degree of actual limitation can vary. Theories are feasible for translation between, say, French and German (language-pair restricted theories) as opposed to translation within Slavic languages (language-group restricted theories) or from Romance languages to Germanic languages (language-group pair restricted theories). Similarly, theories might at least hypothetically be developed for translation within Swiss culture (one-culture restricted), or for translation between Swiss and Belgian cultures (cultural-pair restricted), as opposed to translation within western Europe (cultural-group restricted) or between languages reflecting a pre-technological culture and the languages of contemporary Western culture (cultural-group pair restricted). Language-restricted theories have close affinities with the work being done in comparative linguistics and stylistics (though it must always be remembered that a language-pair translation grammar must be a different thing from a contrastive grammar developed for the purpose of language acquisition). In the field of culture-restrict theories there has been little detailed research, though culture restrictions, by being confused with language restrictions, sometimes get introduced into language restricted theories, where they are out of place in all but those rare case where culture and language boundaries coincide in both the source and target situations. (p. 74-75)

No nosso caso e de acordo com esses critérios, a área fica restrita a uma época (segunda metade do século XIX), a um espaço (o âmbito mediterrâneo, românico e europeu a ambas as margens dos Pireneus), a

uma família linguística (as línguas românicas), a um movimento literário (Romantismo tardio e início do Modernismo) e a um posicionamento político (o Nacionalismo que reivindicava a autonomia linguística, cultural e política das comunidades submetidas ao governo e à tutela de Estados centralistas). Certamente há trabalhos restritos em mais de um sentido que adotam recortes linguísticos, culturais, literários, dentre outros. Relacionando-se, assim, com a seguinte proposição,

It should be noted that theories can frequently be restricted in more than one way. Contrastive linguists interested in translation, for instance, will probably produce theories that are not only language-restricted but rank- and time-restricted, having to do with translation between specific pairs of contemporary temporal dialects at sentence rank. (ibid., p.76)

Salientamos que não propomos o estudo das relações linguísticas, literárias e culturais de um par linguístico escolhido ao acaso, mas sim a tradução entre idiomas pertencentes ao âmbito neolatino. Ou seja, pode ser classificado dentro do mapa de Holmes, como um estudo puro, teórico, restrito a um grupo linguístico (*language-group restricted theories*). Tampouco se examina aqui as relações do grupo românico como outros grupos linguísticos, mas sim a tradução entre línguas dessa família; e, dessa maneira, procura fornecer elementos para uma tradução *intra-românica*. Não basta incorporar a visão da Linguística nem dos Estudos Culturais (desdobramento das Teorias Literárias e de outras disciplinas sociais e humanísticas) como áreas do saber ou como disciplinas tradicionais que interagem com os Estudos da Tradução, pois se faz necessário trazer a sólida base que disponibiliza a Romanística, como ciência que se ocupa do estudo das línguas neolatinas ou românicas, procedentes do latim vulgar; da descrição interna dessas línguas, da história externa delas e de suas manifestações literárias, ou seja, dos “fatores étnicos, geográficos políticos, históricos, linguísticos e culturais que, de alguma forma, influenciaram a formação das línguas românicas” (BASSETTO, 2010, p. 15). Desse modo a Romanística demarca um amplíssimo campo de estudos já que:

Muchos fenómenos culturales fundamentales de la Humanidad han sido ideados en una lengua románica. El antiguo provenzal fue la primera

lengua del amor cortés, en que el poeta rinde homenaje a la dama, código de conducta que con todos sus convencionalismos sigue influenciando nuestros comportamientos sociales. Francesco Petrarca (1304- 1373) cantó en italiano las diferentes facetas de su amor por Laura, creando con sus sonetos un modelo literario imitado en toda Europa hasta el siglo XVIII. En español se escriben los primeros tratados circunstanciados modernos de historia natural y antropológica sobre países nuevos, como la *General y natural historia de las Indias y Tierra firme del mar Océano* de Gonzalo Fernández de Oviedo (1535, 1547, 1557) y la *Historia natural y moral de las Indias* del Padre José de Acosta (1590, 1591, 1608, 1614). En francés se redacta la primera enciclopedia moderna exitosa, la *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* de Denis Diderot y Jean le Rond d'Alembert (1751- 1772) y también en francés se formula la primera declaración de los derechos humanos (*Déclaration des droits de l'homme et du Citoyen*, 1789). En la época de la formación de los Estados nacionales, los poetas rumanos Vasile Alecsandri (1819- 1890) y Mihai Eminescu (1850- 1889) enseñan cómo se puede crear una literatura nacional integrando plenamente las tradiciones populares. Y en el siglo XX, el poeta portugués Fernando Pessoa (1888- 1935) se disocia en diferentes heterónimos (Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis), cada uno con una existencia vital propia, poniéndonos en evidencia cómo en todos nosotros existen diferentes personalidades, cada una con su propia cosmovisión y sus propias formas de expresión. Trece autores franceses (Sully Prudhomme 1901, M. Maeterlinck 1911, R. Rolland 1915, A. Gide 1947, F. Mauriac 1952, A. Camus 1957, Saint-John Perse 1960, J. Sartre 1964, S. Beckett 1969, C. Simon 1985), diez autores de lengua castellana (J. Echegaray 1904, J. Benavente 1922, G. Mistral 1945, J. R. Jiménez 1956, M. A. Asturias 1967, P. Neruda 1971, V. Aleixandre 1977, G. García Márquez 1982, C. J. Cela 1989, O. Paz 1990), seis de lengua italiana (G. Carducci 1906, G. Deledda

1926, L. Pirandello 1934, S. Quasimodo 1959, E. Montale 1975, D. Fo 1997), un autor português (J. Saramago 1998) y un autor de lengua provenzal (F. Mistral 1904) fueron galardonados con el premio Nobel de literatura. (METZELTIN, 2004, p. 16)

Pode-se imaginar a imensidão de estudos românicos ou neolatinos espalhados pelos cinco continentes ao longo de vinte e sete séculos, se partirmos da data mítica da fundação de Roma ou das testemunhas epigráficas mais antigas conservadas. Da mesma forma, as possibilidades de pesquisa, abordagens históricas, literárias e linguísticas que a Romanística oferece são imensas; razão pela qual “es raro que un solo estudioso, el ‘filólogo románico’, domine un campo tan vasto” (RENZI, 1982, p. 17). Isto faz com que seja necessária uma especialização, um foco concreto que examine de maneira aprofundada determinado fato. No nosso caso, ele será a tradução de poemas occitanos e catalães do século XIX para o português brasileiro.

Entre os atuais objetivos não se encontra o de fazer uma revisão do desenvolvimento histórico da Filologia e da Linguística Românica como disciplina ainda que, pontualmente, sejam apresentados alguns dados necessários à exposição. Entretanto, vale dizer que essa disciplina ganhou uma notável pujança no século XIX atrelada ao desenvolvimento da linguística histórica e do método comparativo que procurava estabelecer relações entre línguas e literaturas. Mas, ao longo do século XX, a Romanística foi-se diluindo precisamente pela imensidade do seu objeto de estudo. Durante esse período, mudaram também os interesses científicos e os paradigmas da pesquisa ao receber perspectivas e posicionamentos novos que exigiram “una radical reducción de cuestiones que ya le habían parecido centrales a la investigación precedente, pero que ahora han perdido el lugar que ocupaban, mientras que cuestiones secundarias nos parecen ahora fundamentales” (RENZI, 1982, p. 19). A tradução tinha ocupado uma posição secundária nos estudos românicos quer fosse a tradução desde línguas neolatinas, a tradução para línguas neolatinas ou a tradução entre línguas neolatinas. Entretanto, a questão da tradução entre línguas neolatinas emerge neste trabalho como fundamental. E, a nosso ver, aplicar o conhecimento acumulado pela Romanística a novas pesquisas demonstra a sua vigência como disciplina e a sua capacidade para reformular os próprios paradigmas. Mais ainda, inscrever a presente pesquisa nesse âmbito maior parece-nos adequado para não perder o elo

que vincula as línguas de partida à língua de chegada; em outras palavras, a Romanística fornece ferramentas que conseguem conectar o que aparentemente se julgaria difuso, e dá respostas a certas questões, ao mesmo tempo em que abre novas interrogações. Em que mudanças implica colocar a tradução desde ou para as línguas românicas em um referencial comum que as reúna? Faz sentido marcar essa especificidade? O quê deve se considerar no processo de tradução entre tradições próximas ou afastadas? É apenas a filiação ao latim que essas línguas compartilham ou se deve considerar também o peso da proximidade cultural, histórica e geográfica em que elas se desenvolveram e atualmente coabitam? Se as línguas românicas fazem parte de uma tradição europeia e ocidental junto a outros idiomas, o quê as distancia deles? O quê as une entre si? O que as separa entre si ou vincula a outras tradições? Em que medida todas essas questões têm validade para as comunidades latino-falantes oriundas de regiões que não fazem parte da área ancestral onde se formou a família linguística? Se entendermos a nação como a narração que um grupo constrói de si, há mitos comuns às comunidades neolatinas? E se eles existem, como podem ser traduzidos de uma língua para outra? Como se (re) configuram tais relações nos processos das diásporas e hibridização, nos fluxos entre fronteiras físicas, virtuais, discursivas etc.? Quais são, em definitiva, as cisões e os paralelismos, as divergências e as convergências, as dinâmicas centrípetas ou centrífugas que permeiam essa órbita linguística e cultural?

É comum que, ao pensar na tradução entre línguas modernas, estas sejam vistas como compartimentos estanques e separados. E conseqüentemente as línguas românicas veem-se como diferentes e diferenciadas entre si como também se percebem diferentes do latim, que as originou. Entende-se assim a separação *intra-românica* como a assunção de consciência linguística de várias das comunidades que falavam alguma variedade neolatina. Essa polarização no seio da família pode-se enunciar da seguinte maneira:

Os processos que resultaram no fato de as línguas neolatinas e o latim serem considerados “línguas separadas”. Hoje, reconhecemos uma dicotomia categórica entre as duas entidades que consideramos duas “línguas” separadas, “latim” e “romance” (no sentido do conjunto indiferenciado das línguas neolatinas), sendo que o segundo é tipicamente descrito como tendo “emergido” do

primeiro por algum processador evolutivo.
(FINBOW, 2011, p. 89)

Essa afirmação de autonomia linguística vinculou-se com projetos políticos de Estados nascentes que se consolidaram no final da Idade Média e no início da Idade Moderna. O resultado foi a elevação de algumas variedades à categoria de língua padrão fixando fronteiras nítidas no fluído *continuum* linguístico que tinha caracterizado o território românico durante mais de um milênio. Vale lembrar que “as línguas padrão geralmente não correspondem perfeitamente às vernáculos naturais, mas constituem projeções codificadas baseadas numa análise normativa de certos socioletos da sociedade em que são desenvolvidas” (FINBOW, 2011, p. 96). Assim, tendemos a pensar o francês, o castelhano, o português, o catalão e o italiano como idiomas aparentemente diferentes ainda que as semelhanças entre uns e outros permaneçam visíveis e, de fato, ainda hoje seja possível certo grau de intercompreensão entre falantes nativos das diferentes variedades. Além disso, as línguas românicas, principalmente as seis ou sete que contam com um padrão fortemente estabelecido, são vistas como línguas europeias, adjacentes a outros idiomas do continente de matriz germânica, helênica ou eslava com os quais compartilham, em boa medida, uma tradição ocidental e europeia, influenciada no religioso pelo Cristianismo, e uma história comum que remonta à Idade Média. Assim diferenciadas de idiomas mais afastados no linguístico e no cultural como o árabe, o chinês, o japonês ou o suaíli. Isto pode ser resumido da seguinte forma:

O processo de padronização agarra a língua e a retira de sua vida íntima, privada, comunitária, e transforma numa instituição, num monumento cultural, em veículo de uma política nacional e, em várias ocasiões ao longo da história, de uma política imperial, colonial. (...) A língua normatizada deixa de ser uma língua materna e, apoiada na lei e servindo de código para escrever a lei, se converte numa língua *paterna*, num *padrão* linguístico, na língua da *pátria*, na língua do *patrão* (do colonizador, por exemplo). (BAGNO, 2011, p. 359)

Contrastando com as mencionadas separações entre línguas padrão, Berman (2007, p. 11) entende que cabe refazer o caminho ao

contrário para assim voltar ao “coração materno da língua materna como espaço de acolhimento” e “de polifonia dialetal”. Para esse coração materno da língua materna, “todas as línguas são próximas e parentes” (p. 132). O projeto de tradução que propomos objetiva analisar o processo de recontextualização do *corpus* (formado por textos poéticos pertencentes a duas tradições linguísticas e literárias, contíguas: a occitana e a catalã) em outra tradição linguística e literária (o português brasileiro) também próxima às de partida.

Entendemos que as escolhas de todo tradutor estão condicionadas por circunstâncias tais como a época, o contexto, o horizonte da tradução e a própria concepção de tradução; conseqüentemente, a tradução nunca é neutra. No terceiro capítulo esses assuntos serão abordados de maneira monográfica, mas consideramos necessário adiantar aqui um recorte da nossa concepção de tradução a fim de desenvolver a reflexão sobre a tradução e as tradições. Se, de acordo com Levý (2011), no processo tradutório a especificidade cultural e histórica da língua fonte é substituída pela especificidade cultural e histórica da língua de chegada (p.84); é o ato tradutório que deve “procurar-e-encontrar o não-normalizado da língua materna para introduzir a língua estrangeira e seu dizer” (BERMAN, 2007, p. 122), caberá encontrar aquilo que religa as línguas de partida e a língua de chegada no *continuum* românico do qual todas elas fazem parte. Destarte, o conceito de *tradução intra-românica* pode-se pôr em relação com o de *repatriamento* que Berman (2007) define como: “repatriamento para o domínio da língua que nos fez nascer e que nos alimentou durante séculos, ficando ao nosso lado, mesmo após o desmame” (p. 126). Certamente, no âmbito neolatino, as variedades faladas e os respectivos padrões apresentam fenômenos em seus níveis fonológicos, morfológicos, lexicais e sintáticos, ora considerados cultos por uma comunidade, ora julgados vulgares por outra, relegados numa língua a variedades periféricas e arcaizantes ou fazendo parte do padrão central e da norma culta em outra². Isto faz com que se a língua

² Assim Marcos Bagno (2011) na sua *Gramática pedagógica do português brasileiro* ilustra de que forma fenômenos que a variedade padrão do português brasileiro rejeita estão presentes e são aceitos nos padrões de outras línguas neolatinas. O autor afirma que “é inevitável que existam, na sociedade, forças centrípetas que agem sobre a língua, forças que puxam a língua para o centro, que refreiam ela, que tentam conter seu impulso de mudança. Essas forças são exercidas pelas instituições sociais que, de maneira explícita ou não, oficial ou não, tentam impor algum controle sobre os destinos do idioma” (p. 125).

estrangeira for simplesmente substituída pela norma padrão (*standard form*) da língua de chegada, perderá valores característicos dessa, de acordo com Levý (2011, p. 97). Entretanto, “a particular dialect or foreign language is too closely linked to a particular region to be a suitable substitute” (ibid., p. 98). Em síntese, consideramos que as partes não padronizadas abrem todo um leque de possibilidades para acolher a poética das línguas de partida na língua de chegada. Tornando, dalguma maneira, à polifonia do *continuum* românico anterior ao nascimento dos padrões modernos.

Até aqui foram expostos alguns nexos que unem tradições linguísticas, literárias e culturais que, *a priori*, aparecem como diferentes. O processo de tradução envolve uma mediação entre culturas e tradições diversas. Igualmente, cada cultura possui uma tradição literária e linguística; também uma tradição de tradução. Ao abordar a tradução entre línguas procedentes do latim, não devemos esquecer a relação secular que Roma teve com a tradução. Esta ganha importância maior em algumas épocas do devir histórico das comunidades românicas. Levý (2011) chama a atenção sobre a dicotomia tradução/tradição e afirma:

Unlike creative acts by original artists, reproductive activity is repetitive, so in the case of more frequently translated major works an interpretative tradition becomes established. In translation practice, as in acting, each new translator takes account of previous interpretations, learning from his predecessors' experience and possibly also succumbing to the same pitfalls. (p. 75)

De acordo com o autor, a tradição da tradução no Ocidente tem suas origens na Roma antiga, cuja cultura tornou-se muito cedo uma cultura-da-tradução, como assinala o próprio Berman (1995): “Pour nous, Occidentaux, elle a une origine, un lieu et un temps de naissance” (p. 21). A literatura latina nasce como tradução da literatura grega, que os romanos admiravam. Por conseguinte: “Nous traducteurs sommes et resterons Romains, même s’il nous faut lutter contre certains aspects de la romanité en nous: même si, dans une certaine mesure, il nous faut

Portanto, as diferenças entre os padrões neolatinos devem-se a que as forças que agem em cada língua e em cada sociedade são igualmente diferentes.

devenir des Grecs et des Juifs” (p. 21). Mais tarde, durante a Idade Média, originou-se, também no contexto da tradução, um gênero literário destinado a alcançar um grande sucesso e cultivado ao longo de várias épocas. Referimo-nos ao romance que nasce no norte da França cujas culturas regionais atuam como culturas-da-tradução ao verter parte da épica greco-romana e da mitologia céltica e germânica às línguas *d’oïl*, atividade que recebe o nome de *arromançar* proporcionando igualmente a denominação do produto resultante: romance. Assim, a tradução aparece em momentos cruciais como meio de produção de literatura ao longo do eixo diacrônico dos inúmeros dialetos, variantes, falares e idiomas gerados pela língua de Roma. É essa literatura traduzida que integra o *polissistema* literário de uma cultura, de uma nação (BERMAN, 1995).

Seguindo tais proposições, desenvolvemos nossa reflexão sobre a Romanidade – transunto da Latinitude – ao tratar da recontextualização de poetas occitanos e catalães em português brasileiro, e desde a Romanidade, por pertencer à tradição da tradução ocidental, nascida em Roma. Entendendo assim que a existência dessas tradições é o fator e o fato da variação no dito âmbito linguístico e cultural. Esse posicionamento permite contemplá-las com um grau de coerência maior, entendendo que as fronteiras entre as línguas românicas não são estanques nem definitivas, mas permeáveis a influências vizinhas, pois bebem todas de uma fonte comum que não secou.

Objetivamos nessa tese explorar, avaliar e fornecer elementos para a tradução entre línguas românicas e, dessa maneira, abrir gradualmente novos canais de comunicação entre elas, produzir o que Holmes (1972-1988-2000) chama de “a new disciplinary utopia” (p. 67). Um ideal de tradução que traz à tona os laços que tão intimamente as ligam e religam. Realizando, de certa forma, o desdobramento temporal bermaniano; “a tradução se desdobra então numa dupla temporalidade linguística: devolver à língua a memória de sua história até à sua origem, abri-la para um futuro de possibilidades insuspeitáveis” (BERMAN, 2007, p. 128). A tradução articula um movimento em dois sentidos sobre o eixo diacrônico da língua de maneira que, “por meio desta ‘comoção da língua estrangeira’, a língua materna, longe de se alienar, acede a camadas insuspeitas do seu ser, camadas que, com toda probabilidade, ela não poderia atingir apenas com sua própria literatura” (p. 131). E nesse ideal, refaz-se a afirmação de Foucault citada por Berman (2007) , de forma que “todas as distribuições se superpõem, deixando entrever, pelo simples jogo de palavras no espaço, o longo destino da língua” (p. 126). Cabe ressaltar que *elementos* é

propositalmente referido em plural já que cada um deles não atua independentemente dos outros; ao contrário, entrelaçam-se tecendo uma rede que sustenta o processo tradutório. Em síntese, os argumentos até aqui examinados abrem trilhas para o pesquisador e tradutor nas quais, parafraseando Berman (2007), *liberdade* e *literalidade* são coadjuvantes para encontrar os pontos em que as múltiplas variantes neolatinas se aproximam *naturalmente* umas das outras.

1.2. Os Estudos Pós-coloniais e os Estudos da Tradução

Segundo o mapa de Hatim e Munday (2004, p. 8), os Estudos da Tradução têm interface com outros campos do saber apresentando assim a sua natureza interdisciplinar. Nesse mapa, delineia-se uma área comum entre os Estudos da Tradução e os Estudos Culturais que, por sua vez, aparecem como o somatório dos “film studies, language and power, ideologies, gender studies, gay studies, history and postcolonialism”. Das citadas interfaces, são consideradas como especialmente reveladoras para a presente pesquisa as derivadas dos Estudos Pós-coloniais e o discurso do subalterno, que coloca o problema existente entre a língua e o poder.

Uma língua não é apenas uma ferramenta ou sistema de comunicação, pois toda língua histórica possui uma função simbólica para a sua comunidade de falantes, marcada por diferentes valores atribuídos segundo os interesses de grupos diferentes. Isto faz com que a tradução não seja considerada *neutra*, mas sim como a escolha do tradutor conforme um posicionamento ideológico. Então, há uma contradição na tradução, que Berman explica da seguinte maneira:

O domínio da tradução é e sempre foi o centro de uma curiosa contradição. Por um lado, considera-se que se trata de uma prática puramente intuitiva – meio técnica, meio literária –, não exigindo no fundo nenhuma teoria, nenhuma reflexão específicas. (BERMAN, 2002, p. 11)

No entanto, o mesmo autor considera impossível deslindar a história da tradução “daquela das línguas, das culturas e das literaturas – ou, ainda, daquela das religiões e das nações” (BERMAN, 2002, p. 13). E, conseqüentemente, parece necessário levar-se em conta o contexto cultural, histórico e literário no qual ocorre a tradução.

Por sua vez, Robinson (1997), ao estudar as intrincadas relações entre o imperialismo e a tradução no seu livro *Translation and Empire*, questiona-se a respeito. “This ‘translation’ problem, clearly, is also a legal and a philosophical problem: what *is* property, who has the power to define it?” e acrescenta “and who is able to channel its power to define identity?” (p. 76). E seguindo uma reflexão análoga a Berman (2002), chama a atenção sobre certas visões e enfoques tradicionais da tradução que tendem a conceber essa prática em termos meramente técnicos:

Traditional translations theorists might insist that they assume an ideal state of equality between language communities –but even *denying* the real-world political facts of oppositional, hierarchical and evolutionary attitudes about languages seems somehow irrelevant to this tradition. (ROBINSON, 1997, p. 69)

Ora, a literatura cria e recria a identidade de uma comunidade e, portanto, a tradução dessa literatura pode e deve ser estudada não apenas em termos técnicos, mas também ideológicos, antropológicos e sociais. A esse fim, parece adequado estabelecer um diálogo com campos de estudos que problematizem os diferenciais entre línguas, desenvolvendo a pesquisa em um âmbito pluridisciplinar:

Existe aí, para a teoria da tradução, um campo de pesquisas fecundo, com a condição de que ele ultrapasse o âmbito demasiado estreito da transtextualidade e esteja relacionado com os trabalhos sobre as línguas e as culturas em geral. Um campo pluridisciplinar, no qual os tradutores poderão trabalhar frutuosamente com os escritores, os teóricos da literatura, os psicanalistas e os linguistas. (BERMAN, 2002, p. 25)

A partir dos termos que Berman propõe para balizar esse campo pluridisciplinar, é possível demarcar a interface entre a tradução e as diferenças entre as línguas envolvidas. Assim, Levý (2011) resume, primeiramente, o trabalho do tradutor que primeiro decodifica (*decode*) a mensagem contida no texto original e a reformula, recodifica (*encode*) na própria língua (p. 23). E nesse exercício, as especificidades culturais

e históricas da fonte são substituídas pelas especificidades culturais e históricas da língua de chegada (p.84). Considerando essas noções, o autor fornece a sua própria definição de tradução:

Let us start by defining translation; to translate a work of literature means to express it, maintaining the unity of its content and form, in different verbal material. However, a language in itself, as a system of communication means within a given society, is specific to that society. (LEVY, 2011, p.89)

Definição que amplia a mera exposição das dificuldades *técnicas* com as que o tradutor se depara durante o ato tradutório:

The common problems facing interpreters as well as technical and literary translators in their work are primarily those that arise out of the **differences between the source and target languages**, as well as the **technical, psychological and other difficulties** involved in decoding the source text and transferring the message to another language. (LEVY, 2011, p. 7, grifos meus)

Observamos que a tradução é apresentada com uma dupla vinculação: por um lado, é definida como um processo técnico que visa manter a unidade entre forma e conteúdo de uma mensagem em um par linguístico; e, por outro, coloca esse processo em um contexto social, histórico e cultural específico. O presente trabalho procura desenvolver uma reflexão levando em consideração os elementos que permitem ou obstaculizam a tradução entre as línguas de partida – occitano e catalão – e a língua de chegada – português brasileiro. E consideramos o intuito de descrever elementos aplicáveis a outros projetos de tradução entre línguas românicas. De acordo com a nossa exposição, entendemos a tradução a partir do seguinte referencial teórico:

Los presupuestos teóricos se basan en el pensamiento histórico-materialista de Bajtín y Meschonnic de que la traducción es una práctica específica del lenguaje, que implica interacción entre lenguaje, ideología, inconsciente e

historicidad, y refleja una concepción específica.
(FURLAN, 2002, p. 6)

Esse posicionamento histórico-materialista permite remeter a momentos históricos precedentes no percurso da tradução dentro da tradição ocidental e entender melhor as considerações teóricas de pensadores e tradutores como Leonardo Bruni, Martin Luther, Juan Luis Vives, Étienne Dolet e Juan de Valdés, entre outros. Durante o Renascimento, elaborou-se um conceito de tradução que concebia a atividade de traduzir como a interpretação correta do sentido do texto a ser traduzido e a subsequente transposição do conteúdo e da forma atendendo às *propriedades* da língua de chegada. A tradução devia buscar a correspondência semântica entre textos de duas línguas diferentes e, desse modo, descartava-se a tradução ao pé da letra, feita palavra por palavra, decalcando as estruturas morfossintáticas da língua fonte que havia prevalecido durante o Medievo, principalmente na tradução de textos religiosos. Furlan (2002; 2006) pesquisa a influência da retórica clássica na concepção da linguagem que norteia o trabalho tradutório e teórico dos citados intelectuais renascentistas:

A tradução correta depende de certos fatores apresentados unanimemente pelos teóricos renascentistas; a saber: o domínio da língua de partida, o domínio da língua de chegada, o conhecimento da matéria e o uso do ouvido ou habilidade poética. (FURLAN, 2006, p. 28)

A abordagem renascentista da tradução como a busca da equivalência semântica prevalece até o nascimento dos Estudos da Tradução, no último terço do século XX, e, a nosso ver, ainda hoje se mantém vigente em certa medida. Não obstante, Levý (2011) ao mapear a história da prática da tradução chama a atenção sobre problemas que os teóricos de hoje podem considerar novos, às vezes, já terem sido formulados anteriormente, como seria o caso das relações de poder entre a(s) língua(s) de partida e a(s) língua(s) de chegada. E de fato: “Many issues raised by scholars and translators today as novel problems have been encountered and addressed before” (p. 167). O mesmo autor acrescenta:

A critical survey of this translation heritage, focusing on the origins and growth of the realistic translation method, is vital **both** for an

understanding of the concept of **advances in translation practice** and to inform **historical analysis** of the realistic method in this art form. (p. 167, grifos meus)

Por isso, a reflexão de Levý se debruça sobre o avanço – entendido como decorrer antes do que progressão – da prática tradutória. E a esse fim, descreve uma linha na mediação entre a tradução, o autor e o público inscrita na esfera das culturas nacionais e da literatura mundial:

Over time, there has been a gradual alienation in the relationship between authors and their audiences.

1. The first stage was the substitution of personal performance by bards, troubadours or minnesingers by an impersonal print medium. Subsequently, literature has been continually seeking to recover its oral tone and style.

2. The second, later and less conspicuous stage of alienation has been the substitution of direct contact between the author's words and the reader by indirect contact, mediated by the translator. (p. 180)

Consideramos essa passagem histórica especialmente relevante já que os autores do *corpus* estabelecem uma relação com os trovadores medievais³. Assim, o processo de tradução alude, além da mencionada equivalência semântica, certas oposições, Robinson (1997) vincula, por um lado, os adjetivos literal, familiar, doméstico e adequado à própria língua enquanto que, por outro lado, metafórico, estrangeiro, distante e alheio aparece atrelado à tradução:

The key concepts here are the 'literal' or 'proper' and the 'metaphorical' or 'translational' (*translation* and *metaphor* are cognates from Latin and Greek that were used almost synonymously in the rhetorical tradition from classical antiquity up through the Renaissance). The 'literal' or the 'proper' was the stable, the familiar, the domestic;

³ Dedicar-se a seção 3.2. à exposição das relações entre os autores da antologia e os trovadores medievais; aqui nos parece pertinente apenas enunciá-las.

‘metaphor’ and ‘translation’ involved a wandering beyond the enclosure of propriety or property into the foreign, the distant, the alien. (ibid., p. 65).

Então o autor problematiza a tradução levando em consideração as relações entre a língua de partida e de chegada, que manifestam diferenças de poder entre umas e outras, como resultado de um processo histórico de dominação ou de subalternização. Desse modo, as abordagens que surgem da interface entre os Estudos da Tradução e os Estudos Pós-coloniais⁴ completam, dialogam, debatem e, às vezes, se contrapõem àquelas concepções de tradução que a restringem à transposição de uma mesma mensagem entre um par linguístico. Essa interface permite colocar o foco nos interesses ideológicos e políticos das comunidades desde as que se traduz ou para as que se traduz de modo que a tradução passa a aparecer associada a conceitos tais como submissão, assimilação, dominação e resistência. Elementos até então ocultos segundo a exposição do autor:

This overt concern with the imperial use of translation, or with the translative nature of empire, went underground for many centuries. (...) **translation came to be theorized as a purely technical and linguistic matter, concerned solely with the transfer of meanings from one language to another**, not at all associated with political issues of domination and submission, assimilation and resistance. (ibid., p. 50, grifos meus)

Certamente, a abordagem da tradução associada às relações de dominação e submissão que caracterizam os contatos entre povos, línguas e culturas diferentes em um contexto colonial, é tão recente quanto o campo teórico dos Estudos Pós-coloniais. Mas não se deve esquecer que a ideia da língua vinculada ao império – ou ao imperialismo – faz parte do pensamento ocidental há séculos. E, de fato:

A consciência da língua como instituição social e das consequências que isso tem para as práticas

⁴ Robinson (1997) examina e enumera as teorias pós-coloniais que outros autores desenvolveram ao pesquisar o impacto do colonialismo na tradução. A saber: Niranjana (1992), Mehrez (1992) e Rafael (1988-1993).

linguísticas dos falantes, que hoje parece começar de novo a aflorar entre os linguistas, fazia parte do pensamento comum dos gramáticos de épocas anteriores. (LAGARES, 2011, p.175)

Cabe lembrar, por exemplo, que o humanista sevilhano Antonio de Nebrija demonstrava ter uma nítida consciência da dimensão política de sua obra quando formulou, em idos de 1492, que *la lengua siempre fue compañera del imperio* precisamente no prólogo da sua gramática (a primeira da língua espanhola) dedicada à rainha católica Isabel I de Castela. No âmbito português, João de Barros escrevia, umas décadas mais tarde, em 1540, o seu *Diálogo em louvor da nossa linguagem* no qual enunciava que *a portuguesa língua, e já onde for Senhora vá de si soberba, e altiva* na época em que as grandes navegações e o império português espalhavam o romance, nascido no noroeste da Península Ibérica, pelas colônias.

Avaliando a relação entre colonização, mundo pós-colonial e tradução, Robinson (1997) oferece duas definições para a tradução que reproduzimos a seguir⁵ com o objetivo de ampliar as bases teóricas norteadoras de nossa pesquisa. A primeira é de sua autoria e entende que:

Translation as the transportation or transfer of proper meanings into foreign or otherwise displaced territories (called metaphor): **translation as the alienation of property**; and translation as the historical movement of learning and empire from east to west, with the sun. (ibid., p. 77, grifos meus)

Aqui a tradução aparece vinculada à propriedade e a apropriação de artefatos culturais alheios. Ainda mais, é vista como um movimento de aprendizado que segue a história da civilização do oriente – berço das sociedades agrárias – para o ocidente – através de Grécia e Roma para a Europa Ocidental e, cruzando o oceano Atlântico até os Estados Unidos, primeira potência mundial na atualidade. A segunda definição que

⁵ Em seções sucessivas serão feitas referências às duas definições aqui enunciadas. Estas se podem comparar com a definição renascentista proposta em Furlan (2006) para evidenciar os diferentes enfoques: a primeira – centrada nas questões técnicas e linguísticas – e essas outras duas que põem o foco nos interesses políticos e ideológicos das línguas de partida e de chegada.

Robinson apresenta, reformula, como o mesmo autor declara, as ideias de Niranjana (1992):

And many of her fellow postcolonial theorists show that the result of this nationalist/nativist assimilation of colonial myths is the suppression of difference, heterogeneity and hybridity (ROBINSON, 1997, p. 91).

Niranjana (1992) considera que a tradução se atrela a certos mitos coloniais assimilacionistas. E acrescenta que essa pode mascarar as desigualdades culturais e as diferenças de poder, pois o exercício de traduzir de uma língua dominada para uma hegemônica não produz o mesmo resultado que o exercício feito em sentido inverso. Em geral, a cultura hegemônica pode subentender que ela é compreendida e que não precisa de explicação, enquanto que a língua dominada ou minoritária procurará fazer-se entender através da explicação pormenorizada das suas características genuínas ou apagando os seus traços mais marcantes. Isto pode resultar em uma tradução subordinada às regras das línguas majoritárias de chegada; ou seja, uma tradução que assimile por oposição a uma tradução que, ao respeitar as regras da língua de partida, diversifique. Nas traduções *assimiladoras* habitualmente se repetem alguns estereótipos que prevalecem para satisfazer a expectativa da cultura dominante sobre a cultura dominada, vista como exótica. Robinson (1997) lista brevemente certas tendências presentes na tradução de uma língua e cultura subalterna a uma língua e cultura majoritária:

To put that more succinctly: a dominated culture will be represented in a hegemonic culture by translations that are (1) far fewer in number than their counterparts in the opposite direction, (2) perceived as difficult and only of interest to specialists, (3) chosen for their conformity to hegemonic stereotypes, and (4) often written specifically with an eye to conforming to those stereotypes and thus getting translated and read in the hegemonic culture. A hegemonic culture, on the other hand, will be represented in a dominant culture by translations that are (1) far greater in number than their counterparts in the opposite direction, (2) perceived as intrinsically interesting

to a broad reading public, (3) chosen because they come from the hegemonic culture, and (4) typically written in utter ignorance of the dominated culture. (p. 32)

Os Estudos Pós-coloniais, ao entenderem que a tradução atuou tradicionalmente como instrumento colocado a serviço dos interesses dos impérios coloniais, salientam o papel capital que os tradutores tiveram no processo de submissão e controle dos povos colonizados⁶. Dentro desse entorno, a resistência do povo colonizado explica a própria especificidade a fim de preservá-la:

Every subjugated people will find channels not only of resistance but of explanation, cultural expressions and practices that allow them to make sense of the foreign power that has dominated them while also allowing them to preserve some group solidarity and integrity in the face of the foreign onslaught. These channels will almost invariably be mixed modes, drawing both on indigenous materials and materials imported by the colonizers. (ibid., p. 95)

Tal elucidação de suas características culturais e linguísticas responde à necessidade de se legitimar diante do olhar e da lógica do poder estrangeiro e supõe a tradução da própria tradição. É além disso uma negociação contínua da identidade, um processo que não se conclui: “They are actively engaged in negotiating, and forever renegotiating, the terms on which they will submit to authority and assimilate their behaviour, dress, speech and beliefs to authority’s norms” (p. 98). Porém, a tradução também permite reverter os mencionados efeitos negativos, subverter o poder do colonizado e orientá-lo para auxiliar o processo de descolonização. Segundo Robinson (1997), é possível explicar o uso da tradução para proteger a língua do colonizado ou para assimilar essa à língua do colonizador como uma questão de gênero (*a gender-question*). Desde esse ponto de vista, a tradução em feminino deve proteger os interesses do texto original, equiparado ao marido; assim se espera que se submeta a ele apagando as suas próprias marcas. cremos que em ambas as situações

⁶ Cf. Venuti (1998a) principalmente no que tange à estrangeirização e domesticação da tradução.

ocorre uma instrumentalização da tradução; e, se antes ficava ao serviço da assimilação, agora fica condicionada pelos interesses do assimilado. Tendo conhecimento dessa possível interpretação, cabe explicar nesta altura o papel destinado à tradução na presente pesquisa. O trabalho se debruça sobre a problematização do tema da língua vinculada à identidade nos poemas que conformam o *corpus* e a recontextualização⁷ deles na língua de chegada, apoiando-se em uma rede comum. Cabe salientar que não entendemos a prática da tradução como elemento de submissão ao original (ou de assimilação do original), mas como *l'auberge du lointain*, papel que Berman (2007) lhe concede.

Por sua vez, Cronin (1998) desde a sua experiência de pesquisador e falante de gaélico-irlandês, expõe problemas que acontecem na tradução desde, para e entre línguas minoritárias. Assim se, por exemplo, os poetas de língua gaélico-irlandesa desejam traduzir escritores estônios invariavelmente passarão pelo filtro do inglês, língua que as duas partes entendem. Isto faz com que os autores de uma língua minoritária, não necessariamente, mas sim com frequência, tenham que ser traduzidos ou se auto-traduzir para uma língua majoritária criando uma literatura pensada, desde a sua gênese, para a tradução. Desse modo, no atual processo de globalização, as línguas minoritárias podem virar espelho da língua majoritária, importando massivamente estruturas léxicas, sintáticas e semânticas alheias. A transformação do outro como arquétipo de si mesmo, como mero reflexo. Por outro lado, poetas e escritores que busquem se diferenciar ou reafirmar dando prioridade aos traços mais específicos da própria cultura e língua, como movimento reflexo à assimilação, correm o risco de criar uma obra também especular: diametralmente oposta aos modelos da língua majoritária, o que demonstra dependência e subordinação às línguas as quais procura se opor. Em síntese, as diferenças de poder econômico, demográfico, cultural e político entre as *grandes* línguas do centro e as línguas *minoritárias* ou *minorizadas* das periferias geram diferenças nas traduções de umas para as outras.

Avançando na sua argumentação, o pesquisador irlandês declara certa falta de um foco teórico específico dentro dos Estudos da

⁷ Os textos do *corpus* fazem parte de um contexto linguístico, cultural, literário, histórico e social que analisaremos com detalhe no capítulo II e III. Dedicaremos nossa atenção a problematizar a recontextualização destes na língua de chegada nos capítulos IV e V; isto é, de que forma a letra e a mensagem dos textos fontes são realocadas – recontextualizadas – no entorno linguístico e cultural brasileiro.

Tradução que faz com que “speakers of minority languages looking into the disciplinary mirror of translation studies can also experience the troubling absence of the undead” (ibid., p. 250). Paradoxalmente, são as línguas minoritárias as que mais precisam da tradução como via pela qual podem receber e incorporar as produções estrangeiras linguísticas, literárias e culturais e exportar o próprio patrimônio.

Diante desse panorama, evidencia-se uma característica comum apontada tanto por Robinson (1997) quanto por Cronin (1998) a respeito dos trabalhos feitos sobre línguas minoritárias. Neles habitualmente não se estuda um assunto, um autor ou uma obra determinada de maneira monográfica, e ora se prefere abranger várias obras compilando antologias de autores destacados ou representativos da cultura local, ora resumem movimentos, autores e tendências⁸. Essa característica pode ser revelada no presente estudo que discute uma antologia de poemas. Contudo, não pensamos que isto constitua um problema para os objetivos presentes, e o justificamos pelas circunstâncias que expusemos na introdução e pelos elementos comuns a todos os textos do *corpus*. Por outro lado, ao abordarmos o estudo de literaturas emergentes, cabe entender as antologias como uma característica desses sistemas em formação que servem para medir o grau de autonomia de uma cultura literária nacional:

Una orientació menys explotada, però molt productiva, és la que parteix de les antologies com a símptomes del grau d'autonomia de les cultures literàries nacionals. En aquest context, la definició que Claudio Guillén (1998: 331-32) ofereix de les antologies, enteses com a «signes de sistemes en vies de formació», adquireix plena significança. Segons Guillén, les antologies haurien de ser, juntament amb les traduccions, objecte d'atenció privilegiada perquè aborden el desenvolupament històric de literatures emergents com la catalana. És per això que serà necessari prestar una atenció especial a les antologies interliteràries,

⁸ Certamente uma antologia pode bem constituir um assunto monográfico, mas o que esses dois autores querem evidenciar é que resulta mais comum no âmbito universitário que pesquisadores dediquem estudos monográficos a, por exemplo, Cervantes, Shakespeare, Boccaccio ou Molière – figuras canônicas de línguas centrais – enquanto estudos dirigidos, por exemplo, à literatura curda, berbere ou basca tendem a fazer um recorte mais amplo.

denominació amb la qual faig referència a aquells exemplars que funcionen com a pont entre dues literatures mitjançant el mecanisme de la traducció. (RÁBADE VILLAR, 2007, p.16)

Essa autora chama a atenção de maneira especial para as antologias *interliterárias*; ou seja, aquelas que servem de ponte entre duas literaturas graças à tradução. Tal seria a que constitui o *corpus* deste trabalho.

Dentro da interface entre os Estudos da Tradução e dos Estudos Pós-coloniais apresentada nesta seção, devemos examinar ainda o par conceitual *híbrido* e *puro*. A hibridez é um estado que mistura elementos diferentes. O professor Homi Bhabha (2010) oferece uma definição que associa hibridez à iteração:

La hibridez es la perplejidad de lo vivo cuando interrumpe la representación de la plenitud de la vida; es un caso de iteración, en el discurso de la minoría, del tiempo del signo arbitrario – “el menos en el origen” – a través del cual todas las formas de significado cultural se abren a la traducción, porque su enumeración se resiste a la totalización. (p. 413)

No contexto pós-colonial, a hibridez é resultado da colonização, produto intercultural e miscigenado que, por sua vez, gera diversidade e transformações mútuas:

En la tendencia infatigable a la traducción cultural, los sitios híbridos de significado abren un clivaje en el lenguaje de la cultura que sugiere que la similitud del símbolo tal como juega en los diferentes sitios culturales no debe oscurecer el hecho de que la repetición del signo es, en cada práctica social específica, tanto diferente como diferencial. (ibid., p. 413)

É justamente nesses espaços intersticiais e multiculturais, onde o híbrido se constitui enquanto produto e resultado. Como primeiro termo do par conceitual, *híbrido* opõe-se a *puro*; mas, este segundo termo raramente emerge em processos de trocas e influências mútuas como é o Colonialismo e o estado Pós-colonial. Todavia, as relações da comunidade com outras identidades alheias podem ser percebidas por

seus membros como uma ameaça para a própria identidade, a hibridez se associa à perda da *pureza* e, portanto, é considerada em termos negativos; ou, contrariamente, ela pode ser percebida como uma oportunidade, como uma forma de trazer para o interior da comunidade elementos estrangeiros que cumpram um papel renovador. Nesse sentido, o *puro* é um estado harmonioso que se imagina como anterior ao processo da colonização e à transformação da identidade. Uma espécie de mito onde a identidade não estaria *ameaçada*; em suma, o puro corresponde a uma *Idade de Ouro*. E o tempo fica atrelado ao devir da comunidade, mostrando uma ambivalência constante:

El discurso de la minoría revela la ambivalencia insuperable que estructura el movimiento equívoco del tiempo histórico. ¿De qué modo enfrentamos el pasado como una anterioridad que introduce continuamente una otredad o alteridad dentro del presente? ¿Cómo narramos, entonces, el presente en tanto forma de contemporaneidad siempre retrasada? ¿En qué tiempo histórico esas configuraciones de la diferencia cultural asumen formas de autoridad cultural y política? (BHABHA, 2010, p. 406)

A penetração de elementos externos segue o desenvolvimento cronológico da colonização entendido desde a perspectiva dos ideais nacionalistas do povo colonizado. Robinson (1997, p.89) organiza de maneira esquemática tal processo: haveria assim um passado distante chamado de estado pré-colonial identificado com o conceito de *puro* e associado a outros adjetivos como *bom* e *incorrupto*; em segundo lugar, haveria um passado recente identificado com o estado colonial e com os adjetivos *impuro*, *mau* e *corrupto*; a seguir, viria um estado pós-colonial que, nos casos estudados por esse autor como a Índia pós-britânica, ocuparia o tempo presente e que se descreve como *híbrido*, como mistura de *bom* e de *mau*; finalmente, os movimentos de resistência esperam a chegada do futuro, tempo em que a descolonização traria de volta os adjetivos *puro* e *bom*, livres das marcas da colonização. Ao longo dos próximos capítulos, veremos que essa cronologia ideal é desenvolvida em alguns dos poemas da antologia de maneira quase narrativa⁹ e, em geral, todos eles participam da ideia de *expurgo* da

⁹ Como, por exemplo, em *I Trobare Catalan* de Frederic Mistral, segundo poema da antologia.

própria cultura da *nefasta* influência estrangeira. Cremos que o mesmo fato de escrever poesia em occitano e catalão já é um ato notável de resistência, reivindicação e subversão. Entretanto, a situação diglôssica na qual se encontram as línguas empregadas e a penetração secular das influências estrangeiras faz com que os textos do nosso *corpus* sejam o produto e o resultado da miscigenação, do híbrido que aparece nos empréstimos léxicos, nas escolhas métricas e estróficas etc. Isto nos leva a problematizar a influência que a hibridação exerce em contextos plurilíngues (de uma determinada sociedade, texto ou autor), onde coabitam pelo menos duas variedades de duas línguas históricas. E analisamos o impacto do plurilinguismo na produção literária dos escritores de línguas minoritárias:

Minority writers also resort to multilingualism in order to convey the linguistic heterogeneity of their speech communities. But in addition to creating a powerful reality effect, the use of French by Flemish, **Spanish by Catalan** and English by French-Canadian authors, for instance, underlines their **dependence on the culture(s) that surround them** (GRUTMAN, 2001, p. 159, grifos meus).

O mesmo autor afirma que “In literary poetics, ‘multilingualism’ stands for the use of two or more languages within the same text. Those languages are not always ‘foreign’, however” (p. 157).

Por outro lado, Levý (2011) dedica uma seção da sua obra para falar da natureza híbrida da tradução, e define a escrita traduzida como um composto de configuração híbrida; não como um trabalho monolítico, mas como um conglomerado de duas estruturas derivado da cultura fonte e escrito na língua de chegada (p. 67), enquanto Robinson (1997) destaca que amiúde resulta complicado identificar “a single source language and a single target language” (p. 101), desvendar a profunda imbricação que existe nos espaços plurilíngues que caracterizam as sociedades humanas complexas.

Oriundos do campo das ciências sociais, Hobsbawm e Ranger (1997) interessam-se pelo surgimento e a construção das tradições; ou seja, a invenção das tradições, no contexto do Estado-nação. E defendem o estudo dessas como um campo interdisciplinar aberto a pesquisadores das ciências humanas, estabelecendo nexos com áreas como os Estudos Culturais ou como os Estudos da Tradução. Os autores

salientam o papel das elites nacionais na criação das tradições que, por um lado, justificam a existência e a especificidade das respectivas nações e, por outro lado, garantem e legitimam a própria posição como elite. Além disso, os mesmos autores demarcam uma diferença entre o conceito de *tradição genuína* e o de *tradição inventada*; as tradições genuínas são as “que surgiram e que se tornam difíceis de localizar num período limitado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez” (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p.9). Consequentemente, resulta muito complicado localizar, no espaço e no tempo, o começo preciso de uma tradição genuína. Se considerarmos a língua como vínculo de uma comunidade e legado ancestral dela, percebemos que essa tem em comum com as tradições genuínas a dificuldade em se estabelecer o momento exato em que se diferenciou de dialetos anteriores ou vizinhos assim como demarcar a área onde primeiro aconteceram as inovações que levaram essa língua para a sua especificidade, diferenciada das outras. Assim como certas tradições adscvem-se na origem a uma área restrita desde a qual se espalham posteriormente a toda a comunidade, certos traços de uma língua podem ser oriundos de uma região ou de uma variante e depois terem-se imposto sobre a totalidade do domínio linguístico, adotadas pelo conjunto dos falantes. As tradições inventadas, por sua vez, são certas tradições que a comunidade identifica como mais importantes na construção de uma identidade específica e lhes atribui uma função simbólica. Por isso, os autores identificam as tradições inventadas com “uma inovação histórica comparativamente recente, a ‘nação’ e seus fenômenos associados: o nacionalismo, o Estado nacional” (ibid., p.22). Uma situação análoga ocorre com as línguas históricas; durante o processo de padronização, certos traços são escolhidos como os mais importantes para caracterizar o espírito desse idioma enquanto outros são rejeitados. Certos fatos históricos podem ser considerados como marcos para esse idioma criando assim mitos de origem. Finalmente, Hobsbawm e Ranger (1997) expõem que a necessidade de inventar tradições acontece quando a sua forma genuína está se perdendo.

Levando em consideração todas essas noções, é possível demarcar uma interface entre os Estudos da Tradução e as reflexões derivadas dos Estudos Pós-coloniais, pertencentes aos Estudos Culturais, relevante para os objetivos do nosso trabalho. Para aprofundar a pesquisa, dedicaremos a terceira seção deste capítulo a debater e analisar as especificidades, e também certas contradições conceituais, que comportam a situação das minorias nacionais da Europa dentro de dita interface.

1.3. *As minorias da Europa: nacionalismo, língua e identidade*

Nas últimas décadas vêm se desenvolvendo várias linhas de pesquisa que problematizam a tradução a partir das assimetrias, diferenças, desigualdades, relações de dominação e dependência entre línguas e comunidades linguísticas. Ou seja, pesquisadores e tradutores abriram vias de diálogo entre os Estudos da Tradução e outros campos acadêmicos e assumiram metodologias multi-situadas com o objetivo de preencher certas lacunas. Porém, a novidade dos Estudos Pós-coloniais dentro das ciências humanas faz com que o seu foco ainda não tenha sido plenamente desenvolvido. Como se viu na seção precedente, alguns teóricos abordaram as relações entre as línguas das metrópoles dos antigos impérios europeus e as línguas das comunidades, países e regiões por eles colonizados. Estudos como o de Robinson (1997) ou como o de Bhabha (2010), priorizam análises de contextos coloniais do mundo anglo-saxão; descrevem situações nas que há um colonizador anglo-fônico (inglês ou americano) e um colonizado pertencente aos chamados países do Terceiro Mundo; seja a Índia britânica (Niranjana, 1992), as Filipinas sob dominação primeiro espanhola e depois dos EUA (Rafael, 1988-1995), a situação dos povos indígenas da Austrália etc. A partir desses casos, parece-nos que os Estudos Pós-coloniais tendem a entender o Ocidente como um bloco assimilado ao colonizador europeu. Hobsbawm (1995) faz uma análise aprofundada da expansão imperialista e capitalista de algumas potências europeias durante as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX. Fundamentalmente foram dois os países, Inglaterra e França, que levantaram impérios sobre vastas regiões da África, América e Ásia. Por sua vez, italianos, alemães, belgas, holandeses e russos, ainda que guiados pela mesma ideologia expansionista, controlaram regiões mais exíguas de acordo com a capacidade que cada um tinha de impor a sua influência em espaços mais ou menos amplos, mais ou menos distantes. Ainda outros países, principalmente Portugal e Espanha, tinham forjado vastíssimos impérios mercantilistas entre os séculos XV, XVI e XVII; mas durante o século XIX já tinham perdido o controle de boa parte de tais territórios, ainda que mantivessem colônias na África e na Ásia, e as duas nações eram consideradas pelos outros países europeus como uma periferia subdesenvolvida, como impérios em declínio. Em síntese, a

colonização foi um empreendimento das elites¹⁰ comerciais, militares, aristocráticas, políticas e religiosas de um exíguo número de países europeus¹¹ e foram elas mesmas as principais beneficiárias. Em todo caso, a maioria dos povos europeus (gregos, finlandeses, búlgaros, irlandeses, suíços, suecos, lituanos, tchecos, romenos, etc.) nunca se expandiu além de sua área ancestral e durante o período da construção dos Impérios Coloniais as aspirações que essas comunidades defenderam foram apenas a unificação e independência dos seus espaços nacionais. Portanto, a imagem do europeu assimilada às elites colonizadoras produz um apagamento das comunidades, povos, classes, diásporas que integram a Europa e que aparecem assim subalternizadas.

Por isso, cremos que continua sendo necessário deslocar o foco para o interior desse bloco europeu e pesquisar as comunidades subalternizadas com o objetivo de *provincializar* aquilo que é chamado de *Ocidente*, ou seja, quebrar a hierarquia entre o centro e a província, entre a unidade e a diversidade¹². Desde essa perspectiva, o estudo das minorias étnicas, linguísticas e culturais da Europa – submetidas à diglossia frente às línguas centrais dos Estados nacionais que têm sido, e às vezes ainda são, línguas imperiais – evidencia as identidades subalternas e mostra a existência de linhas descontinuas e brechas dentro do bloco. O nosso trabalho orienta-se em tal direção.

As principais monarquias europeias, artífices em grande medida da aventura colonial, antes de transpor os limites do Velho Continente submeteram seus vizinhos mais próximos a processos de subalternização bastante similares: “as mesmas práticas que os Estados-nação desenvolveram dentro de suas fronteiras foram também aplicadas às situações coloniais” (LAGARES, 2011, p.186). E assim povos como o galês, o escocês, o irlandês, o catalão, o galego, o basco, o occitano, o bretão, o corso, o flamengo, o polonês etc. sofreram historicamente um

¹⁰ Cabe distinguir entre as elites e a burguesia que apoiou (e se beneficiou) do Colonialismo e as classes subordinadas, como os proletários e os camponeses, que muitas vezes ocuparam um papel subalterno dentro dos respectivos impérios tanto nos seus territórios metropolitanos quanto nas colônias às que se viram ou foram obrigados a emigrar. Além disso, a Internacional Socialista se declarava abertamente contrária aos impérios coloniais e defendia que os proletários deviam se unir para lutar pela sua classe e não pelo seu país.

¹¹ A saber: Inglaterra, França, Alemanha, Bélgica, Espanha, Holanda, Itália, Portugal, Rússia; fora do âmbito europeu os EUA e o Japão também controlaram territórios no Pacífico.

¹² Cf. Robinson (1997, p. 21).

controle econômico, político e cultural. Desse modo, emerge uma relação entre a progressiva dominação que as potências da Europa exerceram sobre as comunidades étnicas e linguísticas que habitavam dentro de suas fronteiras e a ulterior expansão imperialista:

El triunfo del nacionalismo europeo coexistió con la consolidación del imperio, y el mundo pasó a ser el “pequeño círculo” de Europa – tan sitiado y constreñido como lo habían estado las subcomunidades étnicas y lingüísticas bajo el gobierno de la Iglesia imperial y las monarquías de fines de la Edad Media y del Renacimiento–. (BRENNAN, 2010, p. 80)

O traçado das fronteiras entre os Estados-nacionais e o estabelecimento de um imaginário nacional gerou minorias, bolsões populacionais que habitavam dentro das fronteiras nacionais, mas que não se identificavam com o imaginário da nação devido a uma especificidade racial, étnica, religiosa ou linguística que as tornava diferentes. Algumas dessas minorias procuraram acessar a independência cultural, econômica e política arquitetando modelos nacionais alternativos nos quais deixassem de ser periferia para ser centro. Nesse contexto, salienta-se uma diferença entre os valores assumidos pelo nacionalismo em uma *nação imperialista* e em uma *nação periférica*, como apontado por Doring (2010) que examina “las variedades de nacionalismo, así como las dislocaciones históricas entre la literatura y las legitimaciones de la nación” (p.189) e afirma que “en una nación periférica, el nacionalismo tiene efectos y significados distintos de los que tiene en una potencia mundial” (p. 188). Essa diferença separa o nacionalismo do imperialismo:

El nacionalismo es algo diferente del **imperialismo** en su **forma exacerbada**. De manera bastante específica, es la batería de prácticas discursivas y representacionales que definen, legitiman o valorizan un Estado-nación o a individuos específicos como miembros de éste. (...) Una nación imperialista, en competencia con otras, debe considerar que tiene una cultura histórica mundial. (ibid., p. 188, grifos meus)

O nacionalismo nas comunidades periféricas representa uma via para a libertação de tutelas estrangeiras enquanto que, no caso das potências imperialistas, legitima a dominação e a hegemonia:

Desde la perspectiva europea, los términos del nacionalismo aparentemente se han invertido. No liberación de la tiranía, sino encarnación de la tiranía. La pregunta es: **¿en qué medida esta nueva perspectiva es el resultado de poseer un imperio, más que de padecerlo?** En otras palabras, ¿no puede decirse que el repliegue del nacionalismo también se debe, en parte, al desafío de los movimientos nacionales emergentes del mundo en vías de desarrollo? (BRENNAN, 2010, p. 83, grifos meus)

Então, existe um nacionalismo dominante praticado pelas nações centrais tendente à celebração da supremacia desses povos e à expansão imperialista, contrastando com um nacionalismo insurgente, praticado pelos povos colonizados ou pelas minorias subalternas como forma de organizar a resistência e se proteger da assimilação subordinante:

Si el nacionalismo europeo fue un proyecto de unidad basado en la conquista y la conveniencia económica, el nacionalismo insurgente o popular (...) es en gran medida un proyecto de consolidación que sigue a un acto de *separación* de Europa. (ibid., p. 84)

Deve-se considerar que a posição subalterna que essas minorias ocupam as obriga a “seguir una forma imaginativa de una cultura diferente y opresiva” (ibid., p. 85); no âmbito cultural que aqui examinamos, os intelectuais occitanos e catalães adotam um pensamento nacionalista – uma forma imaginativa – que provém das nações centrais e que eles têm que adaptar a sua condição subalterna. Situação que aparece em outros âmbitos: “La diferenciación entre exilio y nacionalismo, por lo tanto, se presenta como una división no sólo entre el individuo y el grupo, sino también entre ganadores y perdedores, entre un estado de rechazo y un estado de celebración” (BRENNAN, 2010, p. 88). Compor poemas de celebração quando os fatos a serem narrados são de derrota, obriga os nossos autores a escrever desde uma posição de *exiliados na própria terra* e a contornar uma série de

obstáculos que examinaremos de maneira aprofundada no quinto capítulo. Seguindo uma argumentação próxima a Brennan, During (2010) considera que “en las naciones poscoloniales, el nacionalismo tiene virtudes de las que tal vez carezca en cualquier otra parte” (p. 205). Alguns teóricos dos Estudos Pós-coloniais, procedentes de países descolonizados após a Segunda Guerra Mundial, falam da colonização como um processo concluído, correspondendo o momento atual com um mundo pós-colonial com aquela forma de colonialismo extinta¹³. Entretanto, Brennan (2010) discute o papel do nacionalismo não apenas em nações pós-coloniais, mas nas *sociedades emergentes* que incluem os movimentos separatistas:

Pero desde una perspectiva tanto estética como social, la vena nacionalista se hace sentir más fuertemente en las **sociedades emergentes** del mundo actual, incluyendo a los **separatistas étnicos o regionales del propio continente europeo** (como el País Vasco, Irlanda, Albania y demás). (p. 65, grifos meus)

Os Estudos Pós-coloniais trabalham sob os efeitos deixados pelo colonialismo nos países que o sofreram, e fornecem ferramentas que permitem estudar em que medida os diferenciais de poder, a interação e a negociação entre várias línguas presentes em um mesmo espaço humano influencia a tradução. Por tal motivo, consideramos valiosas as teorias oriundas desse campo das ciências humanas e entendemos que a interface entre os Estudos Pós-coloniais e os Estudos da Tradução contribui a delimitar nosso trabalho. Como dito anteriormente, a situação por eles apresentada não inclui, *a priori*, o caso das minorias europeias; daí a necessidade de estender o foco dos Estudos Pós-coloniais para que possa abranger outras *sociedades emergentes*, outras comunidades subalternas que seguiram percursos históricos sociais, linguísticos e culturais diferentes, mas que apresentam situações análogas às descritas para as nações pós-coloniais.

No recorte que fazemos para o nosso estudo, apresentamos algumas reflexões sobre conceitos tais como nação, minoria e identidade

¹³ Inclusive forjou-se nas últimas décadas do século XX o termo *neocolonialismo*, para designar as ações de controle indireto exercidas pelas grandes potências em países do Terceiro Mundo e/ou nas antigas colônias, e o termo *colonialidade*, entendido como o *lado escuro* da modernidade que dá prosseguimento a lógica do colonialismo mesmo após seu fim.

– com os quais os Estudos Pós-coloniais trabalham – aplicados ao contexto occitano e catalão. Devido à importância que outorgamos ao conceito de minoria, parece-nos necessário problematizar algumas definições oriundas de vários campos das ciências humanas a fim de fazer um recorte amplo. O *Atlas de las minorías* (2012) apresenta definições de vários pesquisadores procedentes de diversos campos das Humanidades e das Ciências Sociais.

Primeiramente, é preciso dissociar o termo minoria da relação meramente numérica entre duas comunidades como explica a antropóloga Françoise Héritier (2012): “la superioridad en número se percibe como sinónimo de autoridad y poder” (p. 15), porém, “la idea jerárquica de minoría actúa en el plano simbólico, con consecuencias de todo tipo (políticas, económicas, juicios de valor sobre la supuesta incapacidad...)” (p. 15). Assim, o conceito de minoria vincula-se às relações hierárquicas entre grupos humanos. Posteriormente, o historiador Pap Ndiaye atrela a origem do conceito com o mapa resultante do Congresso de Viena de 1814, momento histórico que coincide com o início do auge do Nacionalismo, como visto no segundo capítulo:

En el siglo XIX, el término “minoría” se utilizaba con referencia a la situación europea derivada del Congreso de Viena. La cuestión de las minorías nacionales de los imperios de Europa central y oriental, es decir, pueblos que aspiraban a su independencia nacional, estuvo a la orden del día hasta la Primera Guerra Mundial, y más recientemente desde la caída del muro de Berlín. Este uso, que delimita un grupo étnico, religioso o cultural, que aspira a la independencia o a formas de autonomía en un Estado relativamente federal, constituye el primer sentido de la minoría. (NDIAYE, 2012, p. 16)

A psicóloga Betty Goguikian Ratcliff por sua vez aponta que o fato de “pertencer a una minoría implica las nociones de diferencia, alteridad, desviación social y diferencia con respecto a la norma” (p. 17). Sem aprofundar essa definição, não podemos ignorar tal colocação como presente nos poemas que conformam o *corpus*. Passando do campo da psicologia – mais afastado dos nossos atuais objetivos – para o da linguística, epicentro da nossa reflexão, Jeroen Darquennes afirma

que as diferenças estruturais inter/intralinguísticas não são suficientes para definir as minorias linguísticas:

Estas múltiples diferencias prácticamente imposibilitan la búsqueda de una definición universal del concepto de minoría lingüística, incluso aunque se limite el alcance de este concepto a la situación de las minorías autóctonas y aunque se ignoren las características – tan interesantes, por otro lado – de los idiomas de las comunidades inmigrantes. (DARQUENNES, 2012, p. 18)

Assim sendo, precisa-se considerar o conceito de autocategorização, ou seja “la medida en que un grupo social se considera a sí mismo como minoría lingüística, y se posiciona como tal frente a otros grupos sociales” (ibid., p. 18). A definição da geógrafa Barbara Loyer, considera também a importância da autocategorização do grupo para entender a minoria: “Una minoría es una población que se representa a sí misma como diferente al conjunto de la población de un país, o que es vista como tal por la mayoría” (p. 19). E de novo assinala que forças diferentes das meramente numéricas operam para caracterizá-las: “No es el número de personas el que determina la fuerza o la debilidad del grupo, sino su dinámica interna, su capacidad de implementar estrategias de poder” (p. 19). Por último, expõe a reivindicação de autodeterminação defendida tanto pelos povos colonizados quanto pelas minorias assentadas nos Estados-nação europeus¹⁴: “A principios del siglo XIX, varias corrientes políticas decidieron en su seno ceñirse al modelo geopolítico del Estado-nación haciendo hincapié en su aspiración a la autodeterminación. (...) La minoría nacional nace así del establecimiento de las fronteras del Estado” (p. 19).

Por último, o sociólogo Éric Fassin sublinha as relações de poder entre grupos distintos imanentes ao conceito de minoria:

De este modo, la minoría está constituida por una relación de poder. Por lo que es conveniente dejar atrás las falsas evidencias del enfoque estadístico:

¹⁴ Veremos nos próximos capítulos como a vontade de autonomia e autodeterminação é uma das forças mais poderosas que motivam a composição dos poemas do *corpus*.

la minoría no está definida por el número, sino por la dominación que la minimiza. (FASSIN, 2012, p. 20)

E o mesmo autor acrescenta: “Nombrar a una minoría es ya desnaturalizarla para constituir-la en categoría política” (p. 20). Desse modo, dar um nome para uma minoria, categorizá-la enquanto tal implica em sua desnaturalização e na criação de uma categoria política. Caberá questionar como esse processo acontece no contexto histórico e cultural aqui estudado e o papel que assumem os poemas.

Seguindo os critérios antropológicos, históricos, psicológicos, linguísticos, geográficos e sociológicos, o Mapa 1¹⁵ evidencia o mosaico étnico, linguístico e cultural que ainda hoje apresenta a Europa, frente a outras cartografias que fazem coincidir as fronteiras nacionais com as linguísticas, apagando a diversidade.

¹⁵ Esse mapa foi obtido do site da Organização para minorias europeias e esta disponível em <http://www.eurominority.eu/version/shop/poster-peoples-europe-big.asp> (2014), segundo aparece nas referências bibliográficas. Essa associação tem por objetivo difundir informação sobre a situação de nações sem pátria e dos povos minoritários na Europa (minorias nacionais, culturais e linguísticas, povos nativos, grupos étnicos, áreas com forte identidade e tendências autonomistas, independentistas ou separatistas).

No mapa, as principais famílias linguísticas do território europeu aparecem representadas na gama de uma mesma cor (assim azul para a família românica, vermelho para a germânica etc.), cada comunidade, demarcada com linhas mais escuras e associada a um nome em língua local escrito em maiúsculas. O mapa mostra uma variedade que, *grosso modo*, corresponde à que possuía o continente durante o século XIX; época da formação tanto dos impérios coloniais quanto das reivindicações nacionalistas de comunidades periféricas.

E assim a diversidade étnica e linguística emerge como um traço próprio da Europa enquanto espaço físico e humano:

La varietat ètnica (i també lingüística) és un **tret substancial d'Europa**. Hi ha unes **cinquanta llengües autòctones** a Europa (no compten les llengües de les noves migracions) i n'hi ha unes **trenta-dues de reconegudes com a oficials**. Aquesta diversitat és moderada en el context planetari. (BOIX-FUSTER, 2008, p. 139, grifos meus)

Por outro lado, pensamos que a situação de subalternização linguística e cultural das minorias europeias aos respectivos Estados centralistas pouco mudou desde o surgimento do Nacionalismo no século XIX até hoje, basta comparar o mosaico apresentado no Mapa 1, com um mapa político atual da Europa. Nesse mesmo sentido, cabe considerar que, dos aproximadamente cinquenta idiomas falados no continente, a União Europeia reconhece como línguas oficiais apenas vinte e quatro¹⁶. E se bem é certo que, no leste europeu, o devir político e as convulsões do século XX favoreceram às aspirações nacionais de povos como o polonês, o ucraniano, o lituano ou o croata e que todos eles atingiram as respectivas independências e se constituíram como

¹⁶ A saber: alemão, búlgaro, checo, croata, dinamarquês, eslovaco, esloveno, espanhol, estônio, finês, francês, grego, húngaro, inglês, irlandês, italiano, letão, lituano, maltês, neerlandês, polonês, português, romeno e sueco; dos quais, só três são línguas de trabalho: alemão, francês e inglês. Cf. http://ec.europa.eu/languages/languages-of-europe/eu-languages_pt.htm. O catalão e o occitano fazem parte das línguas que continuam excluídas dos âmbitos da oficialidade a nível continental.

Estados-nacionais¹⁷, a estabilidade da Europa Ocidental, entretanto, estancou as aspirações de outros povos como os catalães, os occitanos, os corsos, os bascos, os galeses, os bretões ou os escoceses. Além disso, a generalização da educação universal e a chegada da mídia (primeiro o rádio e após a Segunda Guerra Mundial a televisão) forneceram novos meios para que as línguas dos respectivos Estados penetrassem nessas comunidades massivamente. E a língua do Estado central – outrora alheia, estrangeira e conhecida só pelas elites locais – é hoje vernácula, conhecida e falada pelo conjunto das comunidades periféricas¹⁸. Em vários casos, atualmente, o processo de substituição linguística está muito avançado e a língua ancestral da comunidade perde falantes ano após ano. Não obstante, nos últimos tempos vêm acontecendo movimentos que visam à garantia de um lugar no âmbito da educação, da mídia e da administração para as línguas dessas comunidades que, em certos casos, como o catalão e o galês, atingiram um sucesso notável, estancando, e inclusive revertendo, os processos de substituição linguística e de aculturação¹⁹. A substituição linguística é frequentemente percebida por essas comunidades como uma perda irreparável que afeta à identidade do grupo. A professora Massip (2008) diz a respeito do catalão: “És clar que si es perd la llengua es perd un element identitari i cultural (i ecològic) **fonamental**” (p. 18, grifo meu). Neste ponto, devemos problematizar a identidade vinculada à língua e examinar as intrincadas e diversas relações entre fenômenos identitários e fenômenos linguísticos. Para tanto, partimos do conceito de identidade entendido como multidimensional:

Hi ha unes diferències identitàries que són inherents a la naturalesa humana: identitat genètica, identitat racial, identitat ètnica, identitat

¹⁷ O Tratado de Versalhes assinado pelas potências europeias para pôr fim à Primeira Guerra Mundial reconheceu a independência da Polônia em 1919. Décadas mais tarde, após o colapso do bloco comunista em 1989, atingiram a independência a Ucrânia (1991), a Moldávia (1991) e as repúblicas bálticas: Estônia (1991), Letônia (1991) e Lituânia (1991). O fim da Guerra da Iugoslávia fragmentou o espaço dos Balcãs em unidades nacionais menores separadas da Sérvia: Eslovênia (1991), Macedônia (1991), Croácia (1991), Bósnia e Herzegovina (1992) e Montenegro (2006). (disponível em: www.encyclopedia.cat/, 2013).

¹⁸ Cf. Massip (2008).

¹⁹ Cf. A Carta Europeia das Línguas Regionais e Minoritárias (disponível em: <http://ec.europa.eu/languages/languages-of-europe/>, 2013).

masculina-identitat femenina. Altres dimensions identitàries tenen a veure amb la classe social, la professió, les ideologies. (MASSIP, 2008, p. 17)

Além de multidimensional, a identidade pode ser entendida também como relacional; ou seja, dependente da qualidade de ser mais ou menos idêntico a alguma coisa, de acordo com Espluga (2008):

El terme *identitat* és un concepte relacional, fa referència a una similitud, a la qualitat de ser més o menys *idèntic* a alguna cosa. (...) la identitat (social) no és pas una essència immutable, sinó una qualitat que depèn de les nostres relacions amb altres persones o coses. (p. 39).

Porém, o mesmo autor avisa que associar o fato de ser falante de uma língua e pertencer (ou não) a determinada comunidade e possuir (ou não) determinada identidade, resulta, às vezes, em uma “interessada simplificació de la realitat” (ibid., p. 41).

Por outro lado, a identidade não é essencial ou imutável, mas está sujeita a mudanças por depender das relações entre pessoas e grupos. Igualmente as línguas possuem uma carga simbólica para os seus falantes e para outros grupos humanos com os quais a comunidade de falantes conviva²⁰, associada às conotações de aceitação ou rejeição das categorias identitárias em uma situação específica.

Les diferències en les formes de comunicació verbal dels éssers humans poden intervenir en les (auto)categoritzacions col·lectives d'aquests; sobretot quan es produeix contacte i contrast sovintejats entre grups distints, ja sigui per via interpersonal, ja sigui per via política, sempre en el marc d'altres factors i esdeveniments històrics. (BASTARDAS, 2008, p. 7)

Desse modo, as diferenças entre as formas de comunicação verbal servem para categorizar o grupo que compartilha determinados traços linguísticos que passam a ser associados a certos estereótipos. O processo de *totenização* da língua passa por estágios sucessivos nos

²⁰ O fato de falar ou não falar a língua outorga um *status* que empodera ou subalterniza o sujeito dentro do seu grupo e em relação com outros grupos.

quais a comunidade e os intelectuais (poetas, escritores, gramáticos, cientistas etc.) cumprem um papel fundamental. Esse processo pode ser entendido como um percurso que vai de um estágio extremamente difuso, vago e permeável em direção a uma focalização, delimitação e caracterização cada vez mais intensa da língua:

LePage analisa a influência que as tradições gramaticais costumam ter no processo de construção de uma “língua”: parte-se da observação do discurso, continua-se pela cunhagem de estereótipos do tipo “língua X” a que são atribuídos determinados textos, e vai-se elaborando um modelo gramatical cada vez mais abstrato e focalizado da tal língua X, que, convenientemente difundido, imposto e reconhecido, informa certas práticas linguísticas que são apresentadas como referência exemplar. No processo, conforme a língua X vai sendo progressivamente nomeada, formalizada, padronizada, institucionalizada e totemizada, tanto o comportamento linguístico real quanto a percepção e a conceitualização dela vão experimentando sucessivos reajustes, de maneira que se avança desde um estágio inicial de extrema difusividade para uma focalização cada vez mais intensa. (MONTEAGUDO, 2011, p. 17)

Consequentemente, nomear, etiquetar, totemizar, conceitualizar revelam-se como passos sucessivos na criação de uma identidade coletiva em diálogo com as teses de Espluga (2008):

Posar noms, etiquetar, són passos importants en la creació d'una identitat col·lectiva i el fet que existeixi una denominació comuna és un factor clau per afavorir la identificació dels habitants amb el territori. (p. 42)

Assim como Brennan (2010) e During (2010) apontavam as diversas valências que o nacionalismo assume quando aplicado a uma potência colonialista ou a uma nação periférica, Robinson (1997), seguindo uma linha de reflexão em certa medida análoga, apresenta as desigualdades globais em termos de diferenças entre *línguas do Norte* e *línguas do Sul*. Essa noção traduz em boa medida as desigualdades

econômicas entre um Norte tradicionalmente desenvolvido e rico e um Sul subalterno e pobre. Robinson não marca apenas a diferença em termos de trópicos e paralelos que opõem os pontos cardeais do Norte e do Sul; mas acrescenta, em termos meridianos, a diferença entre “the West and the Rest” (p. 33). E faz uma crítica ao papel – ou aos papéis – que assume a tradução nas mencionadas relações hierárquicas:

My critiques of postcolonial theory, (...) revolve around the issue of how translation is perceived, especially (1) its various roles in colonization and decolonization and (2) the **methods or modes of translation** that are considered sufficiently radical to be considered a positive force for decolonization (ROBINSON, 1997, p. 105, grifos meus).

Já questionamos sumariamente a primeira dessas duas críticas; ou seja, aquela que discute os vários papéis da tradução na colonização e na descolonização. Estimamos conveniente ainda abordar a segunda, aquela que questiona os métodos e os modos da tradução considerando-os como uma força positiva para a descolonização. Ora, Meneses (2008) chama a atenção sobre a relação existente entre a hierarquia dos sistemas político-econômicos e a hierarquização de saberes, relação que perpetua as relações imperiais, a dependência do Sul e a supremacia do Norte. Ideias que podem sintetizar-se da maneira:

Esta hierarquização de saberes, juntamente com a hierarquia de sistemas econômicos e políticos assim como com a predominância de culturas de raiz eurocêntrica, tem sido apelidada por vários investigadores de ‘colonialidade do poder’. Uma das expressões mais claras da colonialidade das relações de poder acontece com a persistência da colonização epistêmica, da reprodução de estereótipos e formas de discriminação (MENESES, 2008, p. 5-6).

E, frente à *colonialidade do poder*, a autora defende que “a entrada no século XXI, porém, exige uma etnografia mais complexa, que torne visíveis alternativas epistêmicas emergentes” (p. 6). Como viemos defendendo nestas páginas, a construção de uma etnografia mais complexa deve reconhecer a existência, no seio do *Ocidente*, de povos e

comunidades pertencentes ao *Sul* por se encontrarem numa posição de subalternidade, a existência de *sociedades emergentes* e comunidades subalternas que quebram quaisquer divisões maniqueístas em blocos monolíticos. Evitando igualmente a conclusão reducionista (e, a nosso ver, também pernicioso) que colocaria os subalternos – primeiras vítimas do colonialismo – junto com os dominadores – seus carrascos.

Em síntese, à luz dos fatos expostos, as noções de dominação e dependência, de hegemonia e subalternidade, a contradição entre centro e periferia, entre opressor e oprimido, as relações Norte-Sul não podem ser apresentadas como categorias estanques separadas por fronteiras nítidas já que essas posições são dinâmicas e multidimensionais. Só entendendo a Europa como um espaço étnico de grande diversidade, como uma encruzilhada de povos e de comunidades, como uma pluralidade de linguajares, pode-se interpretar da forma mais adequada a reflexão que este estudo desenvolve e analisar plenamente as produções literárias e culturais das ditas comunidades.

Capítulo II

DE UM TEMPO, DE UM PAÍS: O EIXO ESPAÇO-TEMPORAL DO ESTUDO

O cantor e compositor valenciano Raimon, escreveu, em 1964, uma música que tinha por título *D'un temps, d'un país* (*De um tempo, de um país*) na qual se posicionava enquanto artista – e junto a sua obra – em coordenadas espaço-temporais. Após termos estabelecido o marco teórico no primeiro capítulo, o objetivo deste segundo é fornecer as coordenadas espaço-temporais em que se inscreve o nosso estudo partindo da afirmação de Berman (2002) que considera impossível separar a história da tradução (e a prática tradutória, acrescentamos nós) da história das línguas, culturas e literaturas; e, ainda, daquela das nações (p. 13). O occitano e o catalão, como qualquer “lengua viva real, deben ocupar su espacio así como su tiempo” (POSNER, 1998, p. 247). Assim, ao abordarmos um projeto de tradução de poemas escritos nesses dois idiomas, é necessário examinar os autores do *corpus* inseridos em um contexto linguístico, cultural, histórico, político e geográfico a fim de sustentar a reflexão acadêmica e auxiliar a tarefa do tradutor já que “the author’s subject is not merely an individual agent, but on the contrary it is to a considerable extent historically conditioned” (LEVÝ, 2011, p. 24).

Desse modo, o presente capítulo parafraseia a mencionada música; mas, para favorecer a clareza da exposição, abordaremos primeiramente o eixo espacial: o domínio linguístico catalão e occitano dentro da *Romania* e, posteriormente, apresentaremos alguns dos eventos mais significativos ocorridos nos referidos âmbitos durante o século XIX e nos primeiros anos do século XX, correspondentes ao tardo Romantismo e ao Modernismo. Contextualizar os mencionados domínios linguísticos no âmbito geográfico das línguas românicas e descrever os principais traços dos conflitos nos que estas comunidades se viam envolvidas dentro dos respectivos espaços sociais, serve à nossa exposição dos problemas, inquietações e alvos, aos que os textos do *corpus* correspondem e, ainda, revela a necessidade de questionar a finalidade ou finalidades que os autores propuseram aos seus escritos; ou seja, para quê ou para quem escreveram.

Na sequência, os elementos do título trocam de lugar falando primeiro *de um país* (ou *de uns países*) e depois *de um tempo*. No entanto, pensamos que resulta complicado separar tempo e espaço e inevitavelmente, ao falarmos de um, terminamos por fazer referência ao

outro, desrespeitando, em ocasiões, a mencionada divisão. Em todo caso, a soma das duas seções faz um recorte espaço-temporal que serve à preparação do *corpus*, ao estudo de seus autores, à análise do processo de tradução e às ideias expressas sobre a língua; assuntos todos abordados nos próximos capítulos.

2.1. O eixo espacial: línguas, culturas e identidades na Romania

Como já foi dito na seção 1.1, o primeiro nexos que se delimita entre as línguas de partida e a língua de chegada é a pertença de todas elas à família das línguas neolatinas ou românicas que, conformam o espaço da *Romania*²¹. É possível distinguir uma *Romania continua*: “desde el Atlántico y a lo largo del Mediterráneo, con dos puestos de avanzada, uno en el norte de Francia y otro en Rumanía” (POSNER, 1998, p. 249) no âmbito geográfico e no histórico, pois são terras que fizeram parte do Império Romano e nas quais vêm se falando variedades do latim há mais de dois mil anos ininterruptamente. Segundo essa classificação, o occitano, o catalão e o português fazem parte das línguas românicas ocidentais e, de fato, formam um *continuum* que desde a Península Itálica cruza os vales alpinos, atravessa o arco mediterrâneo e a França meridional, penetra na Península Ibérica pelos Pireneus, percorre a planície central castelhana e, finalmente, chega ao extremo ocidental e ao litoral Atlântico, já em território português.

Não obstante, a atual extensão do espaço neolatino não coincide com o *limes*, as fronteiras, do antigo Império de Roma. Isto se deve ao fato de que “en algunas regiones, el latín desapareció, arrinconado y substituido por nuevas lenguas que se impusieron” (BADIA I MARGARIT, 2007, p. 27), caso do Norte da África, a Grã Bretanha ou grande parte dos vales alpinos das atuais Suíça e Áustria. A Romanística define todos esses territórios como *Romania Submersa*. Todavia, “esas pérdidas fueron compensadas con creces por la difusión de algunas lenguas românicas (como el español, el portugués y el francés) fuera de Europa (sobre todo en América, pero también en África y en Asia)” (BADIA I MARGARIT, 2007, p. 27). Tais territórios, incorporados mais modernamente à esfera neolatina, recebem o nome de *Romania Nova*. Portanto, a tradução do occitano e do catalão para o português

²¹ A *Romania* é “el conjunto de tierras en las que se habla alguna lengua derivada del latín” (BADIA I MARGARIT, 2007, p. 25).

brasileiro representa a translação desde a *Romania continua* para a *Romania Nova*.

Além das relações areais e genéticas, o espaço linguístico neolatino pode-se articular a partir das relações históricas, culturais, antropológicas, políticas e identitárias entre os membros que o integram. Dentro dos limites da *Romania*, Posner (1998, p. 67) distingue entre “lenguas ‘orgánicas’, no alcanzadas por la manipulación y remodelación conscientes, y lenguas ‘inorgánicas’ – interlectos o koinés, estándar o no estándar”. Entretanto, ela mesma assinala que provavelmente nas sociedades complexas não existam línguas *orgánicas* puras e, no seu lugar, o que há são línguas *históricas*. Com base nessa premissa, postula uma diferença no seio da família neolatina:

Aunque los dialectos locales y similares puedan ser considerados también “lenguas históricas”, sería útil distinguir el exclusivista “club” románico, formado por las lenguas nacionales y literarias, de la numerosa “familia” románica, con sus prolíficas ramificaciones, que se extienden desde la unidad nuclear, que vive en el sur de Europa, hasta los miembros más lejanos de la familia, fruto de la emigración a los límites de los antiguos imperios (íbid., p. 67).

Consideramos que a visão da autora é continuadora de certa concepção hierárquica das línguas: ainda que todas procedam do latim, nem todas seriam igualmente legítimas e apenas aquelas que ganharam prestígio cultural e político, fundamentalmente as línguas nacionais, podem pertencer ao *clube*. Desse modo, estabelece-se outra distinção entre a *Romania Maior*, correspondente ao *clube românico*, e a *Romania Minor*, correspondente a uma ampla família de línguas, dialetos e falares de limites porosos e difusos, espalhada pelos cinco continentes. O grau de codificação, historicidade, vitalidade etc. de cada membro da família varia. As línguas da *Romania Maior*, altamente padronizadas, concentram valores políticos, sociais e até econômicos, dispersos no mosaico da *Romania Minor*:

Na medida em que as línguas têm valores econômicos, aquelas mais afetadas pela padronização (essencialmente as que dizemos possuírem variedades “padrão”) têm valores mais altos do que as que são menos afetadas ou nada

afetadas (e a metáfora do “mercado linguístico” tem sido usada nesse contexto). A padronização leva a uma maior eficiência nas trocas de qualquer tipo (MILROY, 2011, p. 56).

Levando em consideração a dificuldade que as razões examinadas apresentam para chegar a classificações exaustivas e fechadas sobre a família linguística neolatina, estimamos preferível classificá-la em grupos que superem os critérios tradicionalmente usados nos estudos de linguística histórica, dialogando assim com a proposta de Bagno (2011)²²:

Além do grupo português (...) o *itálico*, o *romanche*, o *gálico* (francês, valão, quebequense etc.), o *sardo*, o *corso*, o *occitânico*, o *catalânico*, o *romênico* (romeno, moldavo etc.), o *ásturo-leonês*, o *hispânico* (castelhano, andaluz, ladino, mexicano, cubano, peruano, argentino, paraguaio etc.) (p. 203).

Uma vez estabelecida a diferença entre a *România Maior* e a *România Minor*, faz-se necessário precisar o conceito de *língua minoritária* assim como o de *língua minorizada* – conceitos oriundos da sociolinguística – e apresentar uma definição para cada um deles já que nem sempre são sinônimos, ainda que tendam a coincidir. Primeiramente, os adjetivos *maior* ou *minor* são comparativos e, portanto, estabelecem uma relação semântica de superioridade ou de inferioridade entre dois objetos; ou seja, trata-se de noções estritamente relacionais. Assim, uma língua recebe o adjetivo de minoritária ou majoritária não por ser falada em uma área mais ou menos ampla ou por uma população mais ou menos numerosa ou limitada, mas quando comparada com o número de falantes e a área que abrange outro idioma, com o qual dita língua pode, inclusive, estar em concorrência. Por sua vez, o adjetivo *minorizado* serve para referenciar uma língua envolvida em um processo de *minorização* que pode ser definido, numa comunidade hipotética, como a progressiva perda de *status* da língua da comunidade e a subsequente substituição por outro idioma estrangeiro. Esse processo pode conduzir à morte da língua da comunidade; como aconteceu com o córnico (língua celta falada na Grã Bretanha até o

²² Sem entrar em pormenores da classificação de Bagno (2011), retemos que a divisão em grupos é uma ferramenta útil para orientar nosso trabalho.

século XVIII), com a língua geral do Brasil colonial ou com o dalmata (língua românica falada na costa da Dalmácia, atual Croácia, cujo derradeiro falante, Tuone Udaina, morreu no século XIX). Porém, o processo pode se deter e mesmo reverter em qualquer uma das suas etapas, habitualmente graças à tomada de consciência linguística por parte dos seus falantes; esse caso documenta-se em vários idiomas como a língua letã, falada e oficial na atual república de Letônia ou o moldavo, dialeto romeno, falado e oficial na Moldávia que durante a época soviética encontravam-se minorizadas comparadas ao russo. Ainda que o processo de substituição linguística se complete e a comunidade abandone a própria língua em favor de outro idioma interposto, se essa fica documentada em textos sempre cabe a possibilidade de que futuras gerações queiram recuperá-la; fenômeno que é comumente conhecido como ressurreição linguística²³.

A *Carta Europeia das Línguas Regionais e Minoritárias*, publicada pelo Conselho Europeu em 1992, no seu artigo 1º contido nas disposições gerais da 1ª Parte do documento diz a respeito:

a) A expressão "línguas regionais ou minoritárias" designa as línguas que são:

i Utilizadas tradicionalmente no território de um Estado pelos cidadãos desse Estado que constituem um grupo numericamente inferior ao resto da população do Estado; e ii diferentes da(s) língua(s) oficial(is) desse Estado; Não inclui nem os dialetos da(s) língua(s) oficial(is) do Estado nem as línguas dos migrantes;

b) A expressão "território no qual uma língua regional ou minoritária é utilizada" designa a área geográfica na qual esta língua é a forma de expressão de um número de pessoas que justificam a adopção de diversas medidas de protecção e de promoção previstas na presente Carta;

c) A expressão "línguas desprovidas de território" designa as línguas utilizadas pelos cidadãos do Estado que são diferentes da(s) língua(s)

²³ Um dos casos mais conhecidos de ressurreição linguística é o de o hebreu moderno que renasceu no século XIX após mais de dois mil anos de silêncio, como explica o professor Hagège (2000).

utilizada(s) pelo resto da população do Estado, mas, ainda que tradicionalmente utilizadas no território do Estado, não podem ser identificadas com uma área geográfica específica deste (*Carta Europeia das Línguas Regionais e Minoritárias*, 1992).

Em síntese, da mesma maneira que a definição de minoria não depende só de razões meramente numéricas, como apresentado na seção 1.3, a condição *minoritária* de uma língua “não está relacionada simplesmente com aspectos numéricos ou quantitativos, mas fundamentalmente qualitativos” (LAGARES, 2011, p. 170). Assim, por exemplo, catalão, português e búlgaro contam, no território europeu, com um número de falantes em torno aos dez milhões e uma área de distribuição geográfica de aproximadamente 100.000 km respectivamente; porém a situação dessas três línguas diverge significativamente entre si. O búlgaro é uma língua que conta com todos os aparelhos do Estado, porém é pouco falada além das fronteiras nacionais; enquanto o português é uma língua internacional amplamente falada fora do território de Portugal (hoje há cerca de 250 milhões de lusófonos), conta com os aparelhos de oito Estados e é utilizada em vários organismos internacionais. Por último, o catalão goza de um reconhecimento e proteção que varia entre os territórios onde é falado, os seus falantes são todos bilíngues e, ainda que nos últimos anos seja usado por administrações regionais e locais, não conta com todos os aparelhos que só um Estado nacional pode oferecer. Esses três exemplos mostram o caráter relativo do contexto de uma comunidade linguística. Igualmente, cabe acrescentar que uma língua pode ter sido minorizada em um determinado território ainda que seja majoritária em outro: tal é o caso do português, majoritário em Portugal ou no Brasil, porém minorizado em Goa e outros antigos enclaves na Ásia e mesmo na Galiza, onde a língua se originou.

Serão levadas aqui em consideração as especificidades da tradução de línguas minoritárias por estimar que “o plurilinguismo ou a diglossia tornam a tradução difícil” (BERMAN, 2002, p. 14). Conseqüentemente, o processo de tradução sobre o que reflete este estudo não pode ignorar a condição de línguas minorizadas do occitano e catalão dentro do contexto nacional espanhol e francês durante o período recortado. A língua do Estado, que concentra o poder político e o peso da tradição cultural e literária, era considerada como superior – mais rica, mais civilizada – enquanto a língua da província, da periferia

do Estado, do *colonizado*, seguindo os termos dos Estudos Pós-coloniais, era vista como inerentemente inferior²⁴. De acordo com a natureza qualitativa e não quantitativa que a noção de língua minoritária possui, o conjunto da comunidade de falantes que se encontrasse nessa situação se via submetido a vários processos de erosão linguística, cultural e identitária. A sociolinguística desenvolveu uma série de conceitos adequados para descrever esse tipo de situações e, alguns deles, serão apresentados e examinados a seguir.

Primeiramente, um idioma minorizado tem um uso social restrito; ou seja, os seus falantes não se servem dele em todas as situações formais e informais, nem em todos os contextos, orais e escritos. Uma consequência decorrente de tais situações é o bilinguismo unilateral dos membros da comunidade que faz com que os falantes da língua minorizada aprendam massivamente a língua hegemônica. Nesse aspecto, vale lembrar que nem o occitano nem o catalão estavam legitimados como veículos aptos para a expressão literária, nem para os usos formais e legais (contratos, atas, testamentos, leis etc.) no começo do século XIX. A expansão do bilinguismo social partia dos membros urbanos, mais instruídos e endinheirados da comunidade e – em um movimento de cima para baixo – atingiu progressivamente as classes médias, as classes populares e, finalmente, infiltrou-se no âmbito rural. No panorama geral descrito, devemos salientar o papel que teve a educação obrigatória – considerada como uma das grandes conquistas da Revolução Francesa – na difusão do francês por toda a superfície do Hexágono. O caso do Estado espanhol durante o século XIX era paralelo, ainda que sempre se apresentou taxas de analfabetismo mais elevadas que o país vizinho e, subsequentemente, uma menor penetração do castelhano naqueles territórios que possuíam língua própria. A escolarização na língua majoritária teve efeitos sobre a codificação e a ortografia da língua minoritária; o escritor que foi alfabetizado em francês ou em castelhano aplicaria as mesmas convenções ortográficas quando escrevesse um poema em occitano ou em catalão, ignorando as convenções ortográficas, as regras e as características fonéticas e fonológicas do próprio idioma. Este é um fato relevante no processo de preparação, edição e tradução do *corpus* como será examinado no quarto capítulo. Vemos, pois, como as comunidades de fala occitana e catalã eram – e continuam sendo – minoritárias frente a um percentual maior de falantes de castelhano e francês na população total dos mencionados

²⁴ Entende-se aqui a dicotomia *inferior/superior* como organização hierárquica, segundo o conceito retórico da eloquência.

Estados. A minorização estava acompanhada pela marginalização do espaço geográfico e social: confinados às periferias e afastados do centro, da capital e dos espaços de uso oficial como a escola, as leis ou a administração. Traços que caracterizam uma situação de diglossia para ambos os casos, de acordo com a definição que a sociolinguística oferece como aquela situação de bilinguismo em que uma das línguas envolvidas goza dos privilégios sociais e políticos. Por sua vez, Ferguson (1959) definiu a diglossia como “*a relatively stable language situation*” na qual:

The primary dialects of the language (which may include a standard or regional standards), there is a very divergent, highly codified (often grammatically more complex) superposed variety, the vehicle of a large and respected body of written literature, either of an earlier period or in another speech community, which is learned largely by formal education and is used for most written and formal spoken purposes but is not used by any section of the community for ordinary conversation (FERGUSON, 1959, p. 435)

De forma que a língua A ocupa os espaços da comunicação públicos e oficiais e assume as funções de prestígio enquanto a língua B ocupa os espaços coloquiais e familiares assumindo funções carentes de prestígio, subalternas. No mesmo artigo, Ferguson apresenta alguns exemplos de diglossia; como a relação francês/crioulo no Haiti, sendo que o primeiro ocupa as posições *altas* da língua A e é usado nas situações formais e na produção literária, enquanto o segundo ocupa as posições *baixas* da língua B ou subordinadas e fica relegado a usos orais.

Cabe ressaltar que, durante a Idade Média, as línguas românicas em formação encontravam-se em uma situação de diglossia com respeito ao latim. Já nos últimos séculos medievais e com a chegada do Renascimento, algumas, dentre elas o espanhol, o português, o francês e o italiano, superaram progressivamente tal situação ao passar a ostentar usos escritos formais, acadêmicos e jurídicos; ligadas ao papel oficial que os respetivos Estados lhes concederam. Porém, a maioria dos idiomas falados no espaço da *Romania* permaneceu em situação de diglossia, mas dessa vez os vernáculos não concorriam mais com a *língua mãe* – seguindo a metáfora das famílias linguísticas –, mas com outra língua românica – *língua irmã*– que assumia a posição outrora

ocupada pelo latim. Essa situação perpetuou-se durante a Idade Moderna e chegou assim até o século XIX, época em que nascem vários movimentos de reivindicação nacional (*Felibritge* no âmbito occitano, *Renaixença* no âmbito catalão).

Diante da definição clássica de diglossia proposta por Ferguson (1959), que parte da observação dos conflitos linguísticos dos países anglo-saxões e postula uma “distribuição funcional entre variedades de uma mesma língua” (LAGARES, 2011, p. 174), a noção de *conflito linguístico* é “bastante ampla e faz referência ao jogo de forças e interesses que, em torno da língua, se dão na sociedade” (ibid., p. 174). Ainda mais, “a ideia de conflito remete a uma visão mais dinâmica e pode contemplar todo tipo de situações em que se produza um enfrentamento entre grupos e forças sociais” (ibid., p. 174). A noção de conflito linguístico possui também uma dimensão política e social: o conflito entre duas ou mais línguas é o conflito entre duas ou mais comunidades; e historicamente está associado a processos de imperialismo e de colonialismo. Enlaçando com os posicionamentos dos Estudos Pós-coloniais:

The quintessential colonizer begins by repressing the political conflicts inherent within their own language and projecting those conflicts outward onto the relation *between* languages –specifically, between the language of the colonizer and the language of the colonized (ROBINSON, 1997, p. 64).

Por fim, o termo *dilália* “se caracteriza por el solapamiento de las variedades alta y baja, que se utilizan ambas en la conversación cotidiana, y por la estratificación social que presenta la variedad baja” (POSNER, 1996, p. 405). Nesse caso, a variedade *alta* pode ser usada em registros coloquiais, orais e informais. A mesma autora atribui-lhe certa harmonia ao afirmar que tal relação “no ha sido casi nunca conflictiva” (ibid., p. 405). E acrescenta que “hasta fecha bastante reciente, muchos hablantes romances, quizá la mayoría de ellos, funcionaban en al menos dos variedades romances” (p. 234). Ou seja, boa parte dos falantes das línguas neolatinas é capaz de se deslocar entre a *Romania Maior* e a *Romania Minor* usando ora a língua nacional, padronizada; ora uma das variedades subalternas: línguas regionais, falares, dialetos e/ou gírias. Por outro lado, as relações de força entre a língua majoritária e a língua minoritária são dinâmicas, nunca são fixas;

ou seja, *inferior* e *superior* se movimentam sobre o eixo vertical da hierarquia.

As línguas que Posner adscrive ao *clube românico* coincidem em boa medida com aquelas que contam com o aparelho de um Estado; isto é, *a priori*, o espanhol, o francês, o italiano, o português e o romeno, *dialetos dotados de armada e marinha de guerra*²⁵, alguns deles de mais de uma. Esses são consequentemente as que mais facilmente se adaptam ao conceito sociológico, antropológico e político que chamamos de língua (BAGNO, 2013, p. 323). Por sua vez, o linguista francês Claude Hagège (2000) fornece uma definição complementar: “Une langue est celui des dialectes en présence (à un moment donné) qu’une autorité politique établit, en même temps que son pouvoir, dans un certain lieu” (p. 183).

Enquanto ferramenta que serve a um (uns) poder (es) e a uma autoridade política, o conceito de língua se expande para abranger, não apenas um feixe de estruturas morfossintáticas e fonéticas comuns a um grupo humano, mas também o conjunto de recursos narrativos que esse grupo possui atrelados às suas crenças, preconceitos, ideologias, representações sociais etc. O conceito de língua amplia por esse viés o seu conteúdo semântico:

“Lengua” no debe entenderse aquí en términos meramente filológicos y etimológicos, sino también como todo el conjunto de recursos de que disponen los narradores, desde la materia prima (el vocabulario y la sintaxis, así como el repertorio de mitos, rituales y folclore) hasta las herramientas de procesamiento (instrumentos formales y estructurales, como la repetición o la retención, tipos de discurso, tropos de ordenación), pasando por consideraciones referidas a la recepción narrativa (composición del

²⁵ Atribui-se a Max Weinreich esse comentário jocoso exprimido pela primeira vez em ídiche “*a shprakh iz a diyalekt mit an armey un a flot*” (uma língua é um dialeto com armada e frota) que desmistifica o conceito de língua ao concluir que a única diferença que existe entre língua e dialeto é que os seus falantes possuam ou não uma armada, uma frota, ou seja, um poder militar. Diferença de carácter político, alheia às qualidades internas de um sistema linguístico qualquer. Cf. Sauzet (2008, p. 117) e Bagno (2011a, p. 382).

público y retroalimentación, mercado). (SNEAD, 2010, p. 308)

Sauzet (2008) se pergunta se pode existir uma língua sem uma marinha de guerra, ou seja, sem as estruturas de um Estado, em um artigo de título homônimo: *Se pòt existir una lenga sens una marina de guerra*. E propõe uma leitura *cínica* da citação de Weinreich; se basta com que um dialeto, um falar, um *patois*, uma não-língua desprezado possua uma marinha de guerra para que seja elevado à categoria de língua, os falantes desse dialeto deverão reivindicar um Estado, subvertendo assim a hegemonia das grandes línguas:

"Pro d'aver una marina de guèrra e lo parlar mespresat que parlam serà reconegut coma una lenga". La lectura cinica es: "Franc de reclamar una marina de guèrra e una armada, franc de reivindicar una logica separatista e doncas convulsiva, lo vòstre parlar pòt pas que demorar un patés, una non-lenga". (ibid., p. 118)

Entretanto, o mesmo autor constata que o occitano se encontra a tal ponto desprovido dessas reivindicações nacionalistas, políticas, separatistas que merece ser qualificado de *lenga nusa* – língua nua– e define a sua situação da seguinte maneira: “Evidentament [l’occitan] es una lenga sens Estat ni substitut d'Estat” (p. 118). É uma língua nua, pois, é a própria língua que preenche o espaço da identidade e é o prestígio da literatura medieval escrita nessa língua que garante que os manuais de linguística românica continuem contando-a entre a relação de idiomas neolatinos:

Otras dos ‘lenguas’ romances consiguen el reconocimiento general, sobre todo por su estatuto de lenguas literarias medievales, unido a la militancia de los propagandistas lingüísticos. Son el occitano y el catalán. (POSNER, 1998, p. 240)

A literatura, e principalmente a extraordinária produção poética, substituem o papel do Estado para o occitano submetido a um processo de minorização de longa data:

Lo sol substitut de marina de guèrra de l'occitan es la sia literatura, que dels temps medievals

glorioses e tragics fins a uèi, la literatura occitana forma un enseim respectable, mai que mai per una lenga dins l'estat de minoracion ont a longtemps viscut. (SAUZET, 2008, p. 120)

Na segunda seção deste capítulo, serão abordados a militância romântica-nacionalista e o prestígio medieval do occitano e do catalão, mas antes é preciso delimitar sumariamente suas áreas geográficas.

Primeiramente, apresentamos a Occitânia como uma área geográfica, linguística, cultural e literária que nunca teve unidade política. Esse nome é usado aqui para referir “a civilização do Languedócio que está compreendida entre o Mediterrâneo e o Maciço Central, os Pireneus e a fronteira italiana” (SPINA, 1996, p. 17). A *Enciclopèdia catalã* (2012) é ainda mais exaustiva:

País de l'Europa Occidental, situat a la meitat meridional de l'hexàgon que constitueix l'Estat francès. Amb uns 190 000 km² i uns 12 500 000 h, limita, a l'W, amb l'oceà Atlàntic, al SE amb la Mediterrània (costes del Llenguadoc i de la Provença), a l'E penetra al Piemont, en territori de l'actual estat italià, i toca la Ligúria; la línia que marca la delimitació septentrional descriu dues corbes petites als extrems i una de gran al centre, i deixa a l'altra banda d'aquesta línia, d'E a W, la Savoia, la part alta del Delfinat i de l'Alvèrnia, la Marca de Llemotges i el Peiteu (Poitou); la part meridional limita amb el País Basc (de l'Estat francès), amb Aragó i Catalunya; en aquest punt té dos enclavaments lingüístics: la Fenolleda i la Vall d'Aran (*Enciclopèdia catalana*, recurso em linha, 2012).

Comumente as línguas recebem o nome do território ou do país onde são faladas; por esse motivo, em outros trabalhos Occitânia e occitano podem ser substituídos por Provença e provençal; termos que os próprios intelectuais e poetas do século XIX preferiam:

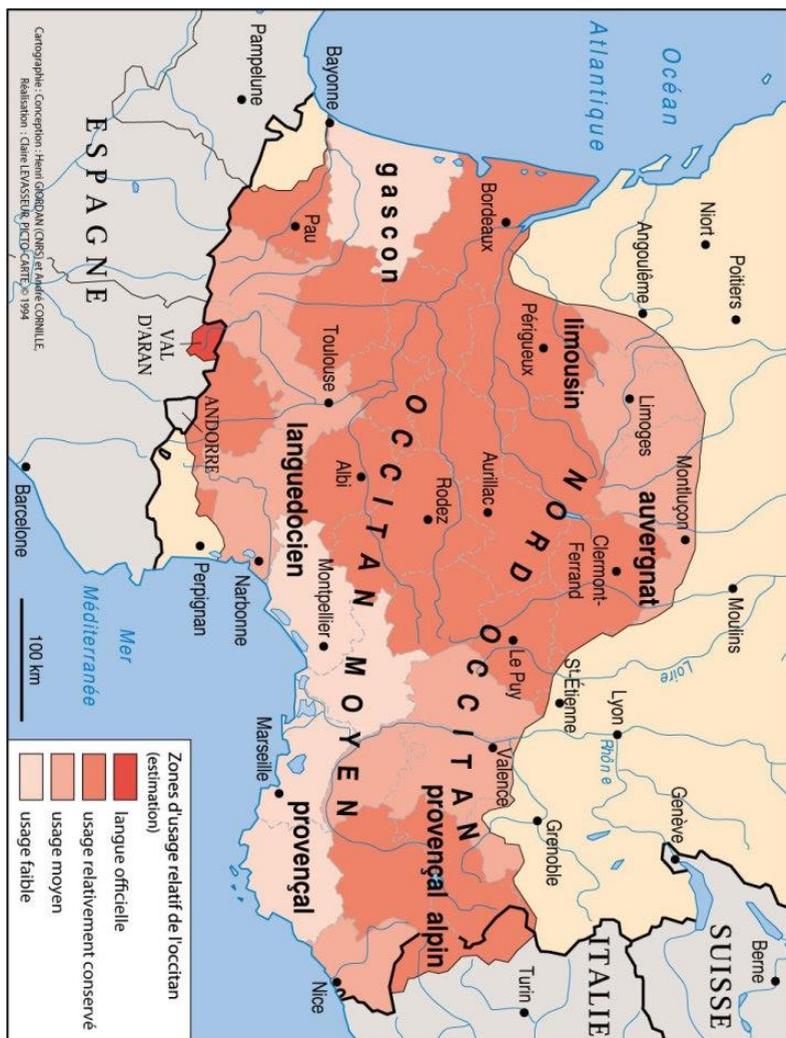
Occitano es un nombre moderno adaptado de la antigua *langue d'oc* del sur de Francia, que se distinguía de la *langue d'oïl* del norte por las palabras medievales que cada una de ellas empleaba para “sí”. En el siglo XIX llegó a ser

conocida como provenzal, principalmente por los lingüistas germanos y en parte a causa del renacimiento literario de mediados de siglo, cuya principal luminaria fue Mistral, lo que favoreció las variedades locales de Provenza. Occitano es el nombre que prefieren los modernos activistas, cuyas lealtades locales abarcan también la zona oeste” (POSNER, 1998, p. 240).

O termo *occitano* cria um espaço: Occitânia, dividido em três países (o sul da França, os vales piemonteses na Itália e a Vale d’Aran na Espanha), uma geografia de limites difusos, unida só por uma língua que varia substancialmente de região para região e que se retira sob a pressão das línguas oficiais: francês, italiano e espanhol. Essa comunidade linguística minorizada encontra-se diluída na massa maioritária francófona do Hexágono, convertida em um subconjunto da dominante: a Occitânia é o Sul da França – o *Midi* –, o arco Mediterrâneo, a província por oposição a Paris. Consequentemente, as diferenças entre a França da *lingua d’oïl* e o domínio da *lingua d’òc* são apagadas tanto entre os próprios cidadãos franceses quando pelos estrangeiros. O Mapa 2 permite visualizar o domínio linguístico occitano. Nele, as gamas de vermelho servem para traçar as regiões de uso na atualidade (língua oficial, uso relativamente conservado, uso médio e uso escasso), enquanto as divisões dialetais dos territórios occitanófonos (lemosin, auvernhat, vivaro-alpenc, provençal, gascon²⁶ e lengadocian) aparecem escritas em minúsculo e itálico. O mapa apresenta também as fronteiras nacionais assim como o nome das principais cidades.

²⁶ O gascão, situado no extremo ocidental do domínio linguístico, salienta-se como uma entidade étnica e linguística original e já na Idade Média era considerado como um *lengatge estranh* mesmo pelos trovadores.

2. O DOMÍNIO LINGUÍSTICO DO OCCITANO ²⁷



No presente estudo, adotamos os termos Occitânia e occitano por considerá-los mais abrangentes do que Provença e provençal, pois na sua dimensão geográfica todo o provençal é occitano, mas nem todo

²⁷ Documento gráfico disponível em: <<<http://www.sorosoro.org/es/el-occitano>>>.

occitano é provençal. No entanto, estamos cientes de que o nome da língua (e do seu domínio geográfico) não está isento de controvérsias. Nesse sentido, Sauzet (2008) aponta a hipótese de que o conceito de Occitânia foi usado pelo Estado centralista francês como forma de evitar referências a entidades políticas meridionais que foram conquistadas por ele como o Condado de Toulouse ou o Condado de Nice e que poderiam reivindicar autonomia política atrelada a uma identidade histórica diferenciada. Devido ao valor simbólico que toda língua acarreta, o fato de nomeá-la responderá inevitavelmente aos interesses da comunidade que a fala, da comunidade que se identifica com ela,

Não há remédio: para se falar de uma língua, é preciso construí-la, fabricá-la, forjá-la, dar um nome a ela, atribuir-lhe propriedades, características, personalidade, índole. E esse é um trabalho empreendido não somente pelo linguista, em suas pretensões de objetividade científica, mas também (e talvez sobretudo) pelos falantes comuns, em suas práticas dos bens simbólicos, de construção do imaginário social acerca da própria cultura a que pertencem e dos mitos de origem que lhes dão raízes históricas e memória comum. (BAGNO, 2011a, p. 357)

O processo de assimilação aqui descrito encerra uma violência estrutural imposta desde um Estado centralista, como o historiador e filósofo francês Ernest Renan – coetâneo dos autores da nossa antologia – reconhecia com franqueza em uma conferência intitulada *Qu'est-ce qu'une nation*, pronunciada na Universidade da Sorbonne em 1882:

L'unité se fait toujours brutalement ; la réunion de la France du Nord et de la France du Midi a été le **résultat** d'une **extermination** et d'une **terreur** continuée pendant près d'un siècle (RENAN, 1882, disponível em : <<http://fr.wikisource.org/wiki/Qu'est-ce_qu'une_nation_%3F>>, grifos meus).

Renan explica a união da França como resultado do terror; por isso, a essência da nação depende de que seus membros esqueçam certos acontecimentos e celebrem outros, elevados a categoria de mitos: “ Or l'essence d'une nation est que tous les individus aient beaucoup de

choses en commun, et aussi que tous aient oublié bien des choses”. Dialogando com essa sentença, Bhabha (2010) nota que as ações de *esquecer* e *lembrar* conformam um lugar que chama de *identificação parcial*, inscrito no plebiscito diário que representa o discurso performativo do povo (p. 409). No nível linguístico, o esquecimento passa pela substituição das línguas históricas (occitano, bretão etc.), convertidas em *patois* sem prestígio, pelo *bon usage* do francês padrão; processo que acelerou-se nos últimos dois séculos, seguindo o decorrer político da França ligado à guerra e a um projeto colonial além das fronteiras metropolitanas:

Dentro do território nacional francês, a homogeneização linguística teve uma última aceleração durante a I Guerra Mundial, pela mobilização de todas as populações jovens de todas as regiões do país, formando um *melting pot* batizado num banho de sangue obscuro que vai consagrar a unidade nacional, e colonial também, já que foram mobilizadas nesta guerra europeia tropas africanas e do sudeste asiático. (GUISAN, 2011, p. 142)

Tendência que se prolongou durante a segunda metade do século XX, desta vez unida ao deslocamento massivo da população camponesa para os grandes centros urbanos e o desenvolvimento da mídia: “Le déclin des langues régionales, des dialectes et des patois en France fut lié à la désertification des campagnes, à la mobilité professionnelle, à l’attrait du confort (relatif) de la vie citadine” (HAGÈGE, 2000, p. 129).

No mesmo sentido, Sauzet (2008) resume acertadamente a soma desses fatores que enfraqueceram a massa crítica de falantes de occitano: “L’escolarización, l’exòdi rural, la sagnada demografica de la guerra de 14-18 an aflaquit aquela massa potencialment poderosa de parlaires de l’occitan” (p. 119). O mesmo autor considera que o *status* de *primeira vítima histórica* da promoção do francês poderia ser um argumento que animasse à recuperação e à promoção do occitano. Fato que, entretanto, não acontece: “Una forma de força o d’arma se pòt trobar dins l’estatut de victima reconoguda. Ara l’occitan, ni per èsser realament victima, primièira victima istorica, de la promocion del francés ocupa pas aquela plaça dins las representacions collectivas” (ibid., p. 119).

Muito pelo contrário, a lógica imperante faz com que as línguas com *status* mais alto sejam aquelas que conformam sistemas de

representações coletivas e identitárias fortes (neste caso se coadunam a identidade francesa, os valores republicanos e, ainda, a Francofonia) e possuem um conjunto de funções diversificado (educação, mídia, leis etc.) e um número de falantes considerável. Em tal contexto, a fraqueza do occitano é dupla por estar ausente de âmbitos políticos e culturais, por corresponder a práticas de falantes numericamente em retrocesso e por conformar um sistema de representações coletivas que o Estado centralista francês nega ou dilui em identidades locais. O resultado é uma existência fantasma e discutida para a língua, ou expressado em occitano: “una existència discutibla, fantaumatica per la lenga” (SAUZET, 2008, p. 122).

Por outro lado, a falta de coesão política e a fragmentação dialetal levam seus falantes a chamarem a língua de *patois*, com o nome de um dialeto determinado (provençal, limusino, gascão etc.) ou com o nome de occitano, sendo este último o único que tenta abranger o conjunto do domínio linguístico. Seja a que for, qualquer uma dessas etiquetas representa uma reificação do idioma:

Un ensej de practicas essent donat, se sap que de designacions divèrsas son possiblas. de parlaires d'occitan amb una practica objetiva (en objetivitat de linguistica intèrna) plan semblanta se pòdon representar sa practica coma la d'un "patés", la d'una "lenga provençala" (entenduda dins un sens estrech) o la de l'occitan. Ges d'aquela construccion se pòt considerar coma "naturala" o "immediata" e remandar las autras a l'artifici. (SAUZET, 2008, p. 126)

O *Institut de Studis Occitans* (IEO), desde a sua criação em 1945, assume a missão de manter e desenvolver a língua e a cultura occitana no seu conjunto, evitando a atomização de um território já fragilizado. Com esse objetivo, as gramáticas modernas tentaram estabelecer padrões referenciais, o chamado *occitan larg*, que servissem como teto aos diversos dialetos ao contrário de impor um único modelo válido. Quanto ao número total de falantes de occitano, em qualquer uma das suas variantes, resulta difícil apontar uma cifra dada a falta de censos e por carecer de reconhecimento jurídico no Estado francês. Na década de trinta do século XX, Juli Ronjat – autor da *Grammaire historique des parlers provençaux modernes* (1930-1941) – estimava que uns dez milhões de pessoas conheciam ou falavam occitano. Desde

então, o número deve ter decrescido consideravelmente apesar dos esforços vindos desde diferentes esferas da sociedade civil²⁸.

Entrando agora no domínio linguístico do catalão, este recebe comumente o nome de *Països Catalans* (Países Catalães) e se distribui sobre as fronteiras de quatro Estados europeus: a Espanha, a França, a Itália e Andorra. A primeira seção da introdução da *Gramàtica del Català Contemporani* (SOLÀ *et alii*, 2002) destina-se a descrever o seu domínio linguístico atual – quer na sua dimensão territorial, quer na sua dimensão social – da seguinte maneira:

La llengua catalana s'estén actualment sobre una superfície de prop de 60.000 km² que és habitada per 11 milions de persones (uns sis milions i mig de parlants). El territori, entre continental i insular, ocupa un bocí allargassat de l'Europa mediterrània occidental. Políticament, els anomenats Països Catalans es reparteixen entre els estats d'Espanya, França, Andorra i Itàlia, encara que el 96,2% del territori correspon a l'Estat espanyol. És aquí on es troben les tres principals regions catalanoparlants: el Principat de Catalunya, amb 6 milions d'habitants i un 54% del territori; la major part del País Valencià, amb tres milions llargs i el 23% territorial, i les Illes Balears, amb poc més de 700.000 habitants i un 8% de l'àrea. A dins del territori espanyol encara hi ha la franja de Ponent, o comarques catalanoparlants de l'Aragó (amb uns 48.476 hab. el 1991). La resta d'habitants i de terres de llengua catalana vénen constituïts per Andorra (42.000 hab.); la Catalunya Nord, dins l'Estat francès (363.793 hab. el 1990), i la ciutat de l'Alguer, a l'illa italiana de Sardenya (39.026 hab. el 1991). Malgrat aquest repartiment "oficial" dels territoris

²⁸ Existe desde 1979 uma rede de escolas associativas bilíngues chamadas Calendretas que contam hoje com um total de 52 centros espalhados por todo o território occitano-falante e 2.734 alunos, chamados *calandrons*. Na Val d'Aran, com 7000 habitantes, o occitano é co-oficial junto com o catalão e o espanhol desde 1990. Finalmente, na Itália, a lei 482 de 1999 reconhece o status de língua occitana e protege os direitos como 'minoranza linguistica storica' dos aproximadamente 200 000 habitantes das valadas occitanas alpinas; dos quais apenas uns 47000 teriam competência ativa em occitano e 21000 teriam apenas uma competência passiva nessa língua.

de la llengua catalana, el projecte polític dels Països Catalans sol presentar-se amb una distribució per comarques naturals. (p. 5)

O Mapa 3 permite visualizar os territórios de fala catalã acima descritos onde se distribuem os mais de onze milhões de locutores com os que essa língua conta na atualidade. Nele, a linha roxa divide verticalmente o domínio em dois dialetos: catalão ocidental e catalão oriental. Cada um deles, por sua vez, é dividido em vários falares, marcados em tons de vermelho e rosa para o dialeto ocidental e em tons de violeta e lilás, para o dialeto oriental. Alguer, cidade da costa ocidental da ilha de Sardenha, foi anexada ao mapa para completá-lo. Além das divisões dialetais, aparecem as fronteiras políticas que separam as comunidades autônomas de Catalunha, Valência e Aragão, todas elas em território espanhol, assim como as fronteiras nacionais da França, Espanha e Andorra. A fronteira linguística, porém, não corre em paralelo à fronteira política que separa os estados francês e espanhol; de fato o domínio catalão adentra-se na chamada *Catalunya Nord* que cobre a maior parte do *département français de Pyrénées-Orientales* enquanto a Val d'Aran, em território pertencente à Catalunha, tem como língua própria uma variante bearnesa de occitano, oficial junto com o catalão e o castelhano desde 1990.

3. O DOMÍNIO LINGUÍSTICO DO CATALÃO ²⁹



Embora a oficialidade da que o catalão goza na maior parte dos territórios onde é falado faça com que a língua tenha maior vitalidade do que o occitano, isto não lhe garante um lugar hegemônico nas

²⁹ Documento gráfico disponível em: << <http://www.vilaweb.cat>>>.

representações coletivas dos seus falantes. E a adesão à língua depende da adesão a uma identidade entendida como diferente da cultura centralista e castelhano-falante da Espanha, como apontado por Castelló (2008): “la major o menor adhesió a una llengua depèn de la major o menor adhesió a una identitat, més que no a la inversa” (p. 65). A identidade aparece novamente como multidireccional e relacional. E aderir ao uso da língua pode (ou não) pressupor pertença do falante a uma identidade local ou regional (subordinada à identidade nacional): “I aquest és precisament la funció que aconpleix el regionalisme: l'establiment d'una identitat col·lectiva subordinada que tinga com a efecte la cessió implícita d'una part dels drets de la població sense la necessitat de negociar-la” (ibid., p. 62).

Ou seja, a existência de uma identidade catalã ou catalonófona continua sendo controversa, ligada às intrincadas relações entre os fenômenos linguísticos e os fenômenos identitários. E, sem entrar nas particularidades de cada um dos territórios do domínio linguístico, cabe dizer que o catalão, apesar das suas potencialidades, continua enfrentando dificuldades para gerar identidades sociais³⁰; em definitivo, continua girando na órbita da *Romania Minor*.

Uma vez apresentados ambos os domínios linguísticos, comprovamos que existe continuidade geográfica entre eles sendo a cordilheira dos Pireneus o eixo que divide e articula esse espaço; ao norte das montanhas fica o domínio occitano e ao sul começa o do catalão. Os romanistas salientaram desde as origens da disciplina, a proximidade do occitano e do catalão e cunharam um ditado segundo o qual, se todas as línguas românicas são irmãs, o catalão e o occitano são irmãs gêmeas. Entretanto, Wilhelm Meyer-Lübke na sua *Grammatik der Romanischen Sprachen* (1890) estabeleceu a distinção entre *katalanisch* e *provençalish* como duas línguas diferentes e, na longa listagem que dá de línguas e dialetos neolatinos, não inclui a denominação *okzitanische*. Outras classificações³¹ separam o grupo galo-românico (occitano, franco-provençal e francês) e o grupo ibero-românico (galego-português, asturiano-leonês, castelhano, aragonês e catalão) pela linha dos Pireneus. A nosso ver, classificações desse tipo não respondem a fatos linguísticos, mas a motivos políticos que procuram fazer coincidir as fronteiras políticas de cada país com as dos idiomas que são falados nesses Estados. Entretanto, os intelectuais do século XIX reconheciam

³⁰ Em Massip (2008) faz-se uma descrição monográfica da situação em cada um dos territórios.

³¹ Cf. Renzi (1982, p. 214) dentre outros.

mutuamente uma identidade comum além e aquém dos Pireneus, um sentimento fraternal que partilhava certas práticas simbólicas e ideais estéticos comuns. Modernamente, a linguística românica entendeu que o *continuum* linguístico occitano-catalão conforma um grupo próprio e diferenciado no seio das línguas neolatinas, teoria pela qual advogamos neste trabalho. Esse grupo, encaixado no arco Mediterrâneo, pode ser chamado de românico-pirenaico e permite abranger uma diversidade de línguas e variantes. De fato, durante o período medieval as diferenças entre a língua falada de um lado e do outro dos Pireneus eram mínimas e ambas as comunidades sentiam formar parte de um mesmo *continuum* linguístico-cultural, como apontado por Posner (1996, p. 241): “El catalán literario antiguo estaba muy cercano al occitano antiguo, tanto desde el punto de vista cultural como lingüístico, y a veces se le ha asignado el mismo nombre de *lemosí* (limousine, de la región de Lemoges)”. Conforma-se assim o marco geográfico onde se produz o *corpus* utilizado em nosso trabalho. Nele é possível a inteligibilidade e a prática da tradução – inter ou intralinguística? – em versões destinadas ao grande público; assuntos que serão desenvolvidos de maneira aprofundada mais adiante ao abordar as relações entre os escritores da antologia e as suas trocas e influências recíprocas.

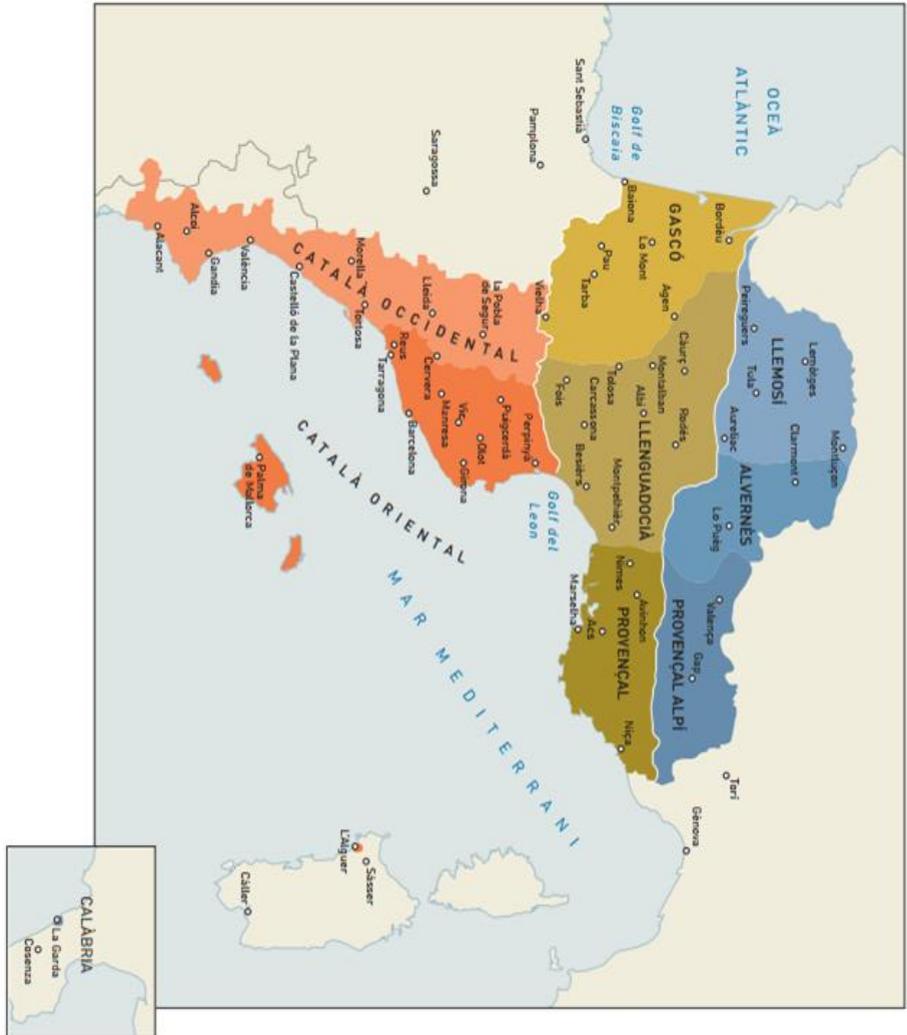
O *continuum* occitano-catalão foi quebrado pela intervenção histórica de dois Estados (a França e a Espanha) que impuseram identidades nacionais veiculadas pelo francês no domínio occitano e pelo espanhol no domínio catalão. A divisão política terminou por afastar também o occitano e o catalão, forçadas a devir duas línguas diferentes. Em outras palavras, e de acordo com Massip (2008, p. 11) a incidência da organização do Estado em diversos períodos históricos estabeleceu representações linguísticas e identidades nacionais que demarcaram cisões claras sobre fronteiras linguísticas anteriormente pouco definidas.

Silva (2005) salienta que a história das nações modernas coincide, em grande parte, com a história da imposição de uma língua nacional única e comum. Certamente o Estado – francês, espanhol ou inglês – conseguiu se impor sobre o território nacional na medida em que conseguiu infligir a língua comum a todos os grupos que habitavam esse espaço geográfico. As reivindicações occitanas e catalãs (assim como as de outras comunidades europeias da época: poloneses, romenos, galegos, galeses etc.) são, em certa medida, uma leitura ao avesso desse processo de unificação cultural ou de imposição de uma cultura hegemônica sobre as culturas vizinhas. A situação de tais línguas fica claramente definida da seguinte maneira:

Como los hablantes de aquellas variedades que carecen del estatus asociado a la nación-estado – el catalán, el occitano, el gallego, el romanche, el sardo – buscan alimentar la autoestima, normalmente afirmarán su filiación independiente al latín, como miembros de pleno derecho del club y no como meros satélites de las lenguas “grandes” (POSNER, 1998, p. 133).

Assim os intelectuais românticos occitanos e catalães procuram legitimar a língua sem contar com os meios que o Estado proporciona, só através de uma literatura culta. Esse desejo pode levar a pensar que eles criaram realidades desprovidas de historicidade: a Occitânia, que nunca existiu como entidade política, ou os Países Catalães, que devem se retrair até os antigos territórios da Coroa de Aragão onde se falaram várias línguas além do catalão: geografias imaginárias, criadas segundo a vontade e os desejos saudosistas de um grupo de escritores. Tanto o *occitanismo* quanto o *catalanismo*, pensamentos que se desenvolvem em paralelo aos movimentos de recuperação literária, acham umnexo acima das circunstâncias histórica e geográfica variantes: a língua, capaz de estabelecer uma continuidade na diversidade. Além disso, só na escala panoccitana e pancatalã, mais ainda na união das duas, se pode encontrar a massa crítica de falantes e formar um núcleo cultural diferenciado que possa afrontar a assimilação da França, por um lado, e da Espanha, por outro.

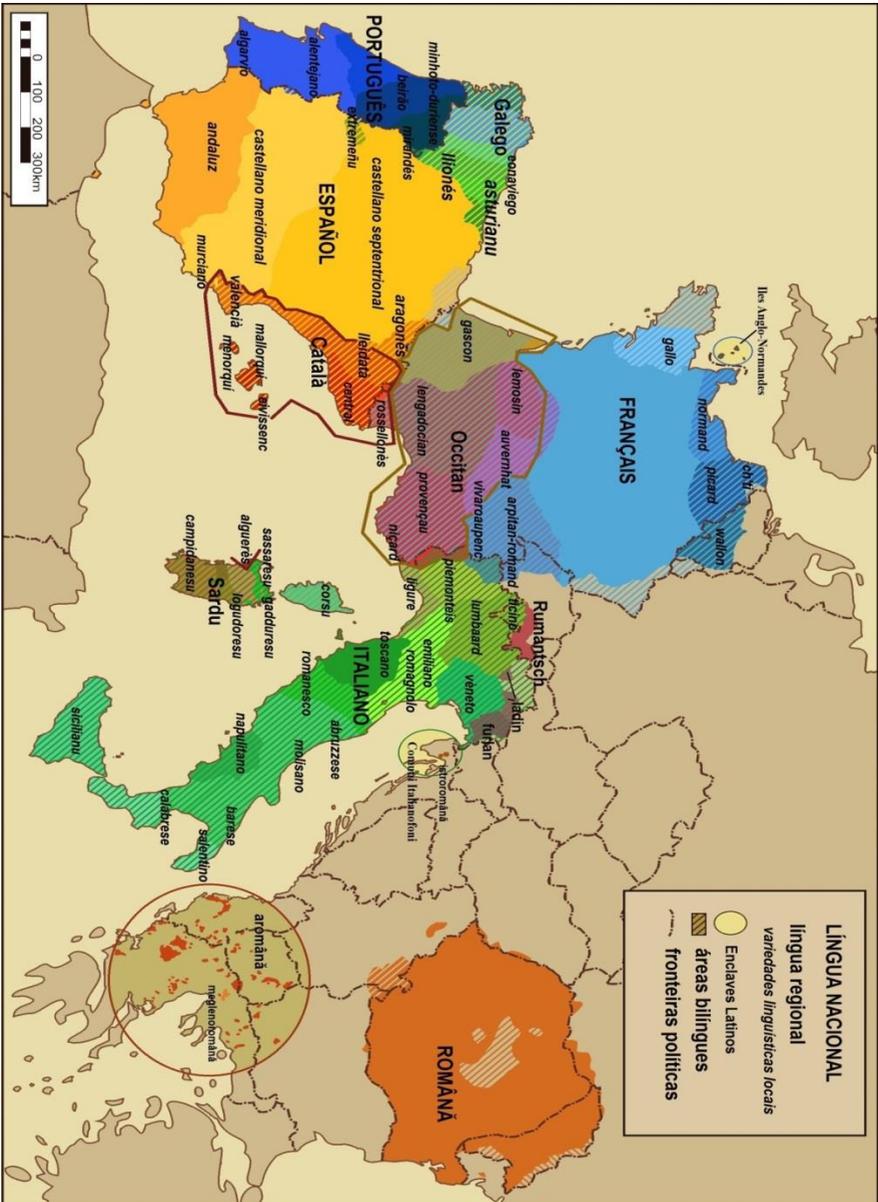
4. O DOMÍNIO LINGÜÍSTICO ROMÂNICO-PIRENAICO ³²



O Mapa 4 permite visualizar o domínio do grupo românico-pirenaico representado mediante diversos tons que variam progressivamente de um dialeto a outro. Nele o domínio do occitano aparece em tons ocres e azuis enquanto o do catalão é dividido na gama do vermelho. Observamos que essas variedades transbordam as fronteiras nacionais ora penetrando o occitano ao Sul dos Pireneus na *Val d'Aran*, ora adentrando-se o catalão para o norte nas comarcas do *Rosselló*. Além do *continuum* do românico-pirenaico, destacam-se duas ilhas linguísticas onde essas línguas foram implantadas pela migração de populações occitano-falantes e catalão-falantes durante o período medieval: a cidade de Alguer na Sardenha, já mencionada anteriormente no domínio linguístico do catalão, e vila de *La Gàrdia* (*Guarda Piemontese* pelo nome oficial em italiano) na Calábria, onde se mantém uma variedade alpina de occitano transplantada entre os séculos XIII e XIV de acordo com Toso (2008, p. 141).

Finalmente, o Mapa 5 coloca o domínio do grupo românico-pirenaico (demarcadas, com uma linha que as cinge, em vermelho escuro as áreas catalonófonas e em dourado as occitanófonas) no conjunto da *Romania Continua*, localizada na área sul ocidental da Europa. Nele, os nomes das línguas nacionais aparecem escritos em maiúsculas, os das línguas regionais, em minúscula e as variedades linguísticas locais em minúscula e cursiva, enquanto as regiões bilíngues estão marcadas com listras. Observando o mapa, percebe-se que os casos do occitano e do catalão não constituem nenhuma excepcionalidade; muito pelo contrário, a Europa Latina é um espaço onde a *Romania Maior* e *Minor* se sobrepõem em todos os lugares.

5. A ROMANIA CONTINUA³³



³³ Documento gráfico de elaboração própria.

2.2. O eixo temporal: Felibritge e Renaiçença

O espaço linguístico que apresentamos na seção precedente, foi mudando segundo as vicissitudes históricas do Mediterrâneo e da Europa. Assim, é conveniente fazer uma exposição mais detalhada dos movimentos culturais e literários que estavam ativos durante a segunda metade do século XIX (quando o occitano e o catalão renasceram como línguas literárias) a fim de estabelecer um feixe de traços comuns entre o pensamento nacionalista e a estética romântica dos autores da antologia. Com esse intuito, partimos da hipótese que o Romantismo, como movimento estético-literário, desenvolve uma série de conceitos sobre teoria da linguagem e sobre as línguas, vinculados ao Nacionalismo. De modo que podemos questionar em que medida os poemas occitanos e catalães do *corpus* reproduzem ou contestam tais conceitos.

O Romantismo surge no norte da Europa na passagem do século XVIII ao XIX, mas não se consolida no contexto occitano-catalão até meados do XIX. Assim colocamos o foco da pesquisa entre 1850 e 1900 por considerar essas décadas um marco crucial tanto no desenvolvimento das modernas literaturas catalã e occitana quanto na formação de uma consciência linguística em cada comunidade, de acordo com o apontado por outros autores: “La segona meitat del segle XIX és una època decisiva en la constitució de la literatura catalana, en la qual la poesia s’anà perfilant com el gènere dipositari dels valors simbòlics de la comunitat” (RÁBADE VILLAR, 2007, p.16).

Bhabha (1994) afirma que “the state of emergency is also a state of *emergence*” (p. 53). Essa segunda metade do século XIX representou para as duas línguas da antologia um momento de emergência, uma situação crítica, ameaçadas pela perda do prestígio e pela concorrência com as línguas do Estado centralista; mas, também foi a época da emergência, da gênese da literatura moderna. Durante a primeira metade do século esses movimentos nacionalistas encontravam-se em um estado ainda latente enquanto que, à chegada do século XX, há duas literaturas já plenamente consolidadas que encaminham os seus passos a novas tendências estéticas e artísticas, superado o período nacionalista e romântico. Entretanto, demarcar limites temporais fechados, nos levaria a desconsiderar a dinamicidade que qualquer movimento cultural possui; por esse motivo, deixamos aberta a possibilidade de considerar fatos anteriores ou posteriores sempre que isto contribua ao andamento de nossa exposição.

De acordo com Berman (2002), o Romantismo – cujas ideias estéticas e artísticas marcaram fortemente o século XIX – constitui um de nossos mitos culturais. O movimento surgiu na Inglaterra em finais do século XVIII, mas foi no âmbito germânico do *Sturm und Drang* onde amadureceu a nova estética. Frente à razão clássica e ao Iluminismo do século XVIII, o instinto se erigiu como valor supremo. O Romantismo vinha explorar o que a natureza tem de terrível, de violento e de destrutivo como forma de superar o conceito de beleza harmônica do Neoclassicismo. Os artistas dirigiram o seu olhar para a Idade Média, mitificada como a era dos instintos e das lendas. Nessa linha de pensamento, escritores como Herder empregaram o termo *romântico* como sinônimo de *medieval*, em contraposição a *antigo* e a *clássico*. Berman (2002) lembra a origem do termo: “Não podemos esquecer que “romantismo” vem de “romance” e que os membros da *Athenäum* jogavam pertinentemente com o duplo sentido de “romance”, referindo-se ao mesmo tempo às formas “romanas” e às formas “romanescas”” (p. 34).

A própria natureza do termo remete ao mundo romano ou românico. Ou seja, mesmo tendo surgido em países germânicos – a Alemanha e a Inglaterra –, mesmo se opondo à estética neoclássica que, em última instância, retomava os valores do Renascimento e do mundo greco-latino; o Romantismo parte da mesma origem, de Roma. Então a diferença a respeito do Neoclassicismo não reside no mundo que o Romantismo recria, mas sim na maneira de recriá-lo. Se o Neoclassicismo assumia os modelos clássicos da cultura greco-latina, o Romantismo se interessa pelos chamados *Séculos Escuros*, pelo período medieval enormemente fecundo para a formação das culturas europeias. O primeiro priorizava a cultura erudita e literária que representam as línguas clássicas, o segundo se interessa pela cultura popular representada pelos idiomas vernaculares. O pensamento de Berman (2002) segue essa direção:

O romano/romance: tal é precisamente o campo de ação romântico, o de suas críticas e de suas traduções, a partir do qual eles edificam suas teorias da nova literatura. (...) O ecletismo romano tem seu prolongamento histórico nessa literatura moderna que começa com os trovadores, os ciclos medievais – tudo o que podemos chamar as literaturas romanas arcaicas – e que se expande com Dante, Petrarca, Ariosto, Tasso, Boccaccio, Calderón, Cervantes, Lope de Vega, Shakespeare,

etc. De modo que uma filiação se apresenta: romanidade – culturas romanas – gênero romanesco – romantismo. Essa é uma coisa da qual F. Schlegel e Novalis estão perfeitamente conscientes. (p. 94).

A filologia moderna distingue entre os filólogos que se ocupam do mundo clássico latino, chamados de latinistas, e os que estudam o mundo românico surgido daquele e a literatura medieval – as *literaturas romanas arcaicas*, em palavras de Berman – composta em línguas neolatinas ou românicas, chamados de romanistas. Essa dicotomia pode se expressar no nível linguístico como a existente entre o latim clássico, veículo dos grandes autores latinos, e o latim vulgar, veículo da expressão popular e germe do mundo românico que começa a se desenvolver quando a organização imperial entra em colapso na passagem da Baixa Latinidade à Alta Idade Média, no século V d. C. Nesse sentido, podemos dizer que os intelectuais românticos foram muito mais romanistas do que latinistas e, de fato, eles fundaram a Romanística como disciplina científica ao se interessarem pela lírica trovadoresca medieval, como veremos mais adiante, na seção 3.2. Por outro lado, se o Neoclassicismo era a estética do racionalismo, o Romantismo, é a estética do *emocional*. Carpeaux (1962) associa o surgimento do movimento novo com a profunda *emoção* que a Revolução Francesa em 1789 produziu em toda a Europa.

A perda de representatividade foi para o occitano e o catalão um processo secular. Ao longo da Idade Moderna, tinha-se desenvolvido o modelo de Estado centralista na França e assim ao rei Luís XIV corresponde a frase *L'État c'est moi*, pois na sua pessoa concentrava todos os poderes do Estado. Esse processo, começado no século XVI ou possivelmente antes, opunha um centro – Paris, capital e sede do poder – frente a uma periferia, as províncias. Essa capital adotava como veículo a língua francesa e não mais o latim, coadjuvando ao mesmo tempo no declínio das línguas regionais; entre elas, o occitano:

A famosa *Ordonnance de Villers-Cotterêts*, por exemplo, assinada em 6 de setembro de 1539 pelo rei Francisco I, decreta que todo e qualquer documento legal, contratos, sentenças, testamentos etc., “*sejam pronunciados, registrados e entregues às partes em linguagem materna francesa, e não outramente*”. (BAGNO, 2011a, p. 366)

Ao chegar ao trono espanhol em 1700, Felipe V, pertencente à casa real francesa dos Bourbon, importou o modelo centralista francês, implementado com a publicação dos chamados *Decretos de Nueva Planta*³⁴; em consequência, Madri ganhou poder enquanto as províncias e reinos que até então compunham a coroa hispânica foram relegados a uma posição de dependência. Por outro lado, durante o *Ancien Régime* “a imensa maioria dos súditos, de fato não tem Língua” (LAGARES, 2011, p.183); no sentido em que a língua do rei e da corte, fora dos muros da capital, era conhecida apenas pelas elites religiosas, comerciais e militares das capitais de província e era ignorada pelo campesinato, situação de inferioridade que resultava proveitosa para as autoridades. Nessa periferia, que não consegue acessar o centro onde se tomam as decisões, surgem outros centros que almejam funcionar de maneira autônoma: Barcelona, Toulouse etc. A chegada da Revolução Francesa e o surgimento dos nacionalismos permitirá que esse cenário mude radicalmente. Revolução e nacionalismo são dois fenômenos íntimamente relacionados.

La era del nacionalismo basado en la idea del “estado-nación” comenzó con la Revolución Francesa. Su ideología decretaba que el estado debía estar legitimado no solo por criterios territoriales (mediante “fronteras naturales” y una extensión mínima), sino también por la etnicidad y lealtad lingüística de sus ciudadanos (POSNER, 1998, p. 264).

A isso cabe acrescentar que, acabadas as Guerras Napoleônicas, o Congresso de Viena (1814-1815) traçou um mapa europeu com o principal objetivo de restaurar o *Ancien Régime*; feito à medida de imperadores e generais, demarcam-se fronteiras que dividiam comunidades históricas. Nesse *compósito de cultura*, os anseios do movimento romântico pretendem ativar as consciências nacionais adormecidas de várias comunidades que desde esse momento passaram a reivindicar, em maior ou menor medida, o reconhecimento das suas

³⁴ Em virtude dessas leis, as instituições administrativas próprias de Aragão, Catalunha e Valência foram derogadas, implantando-se nesses territórios as leis e os usos de Castela. Igualmente o castelhano passou a ser a única língua oficial, exigido em tribunais e escolas e o catalão perdeu os âmbitos administrativos locais onde tinha se mantido seu uso até então.

especificidades, das suas subjetividades e a própria autonomia. Em síntese, o pensamento romântico respondia às aspirações dos povos sem Estado.

O filósofo alemão Johann Gottfried Von Herder equiparou os conceitos de língua e pátria como alicerces da unificação alemã. Em seguida, Romantismo e nacionalismo espalham-se pelos quatro cantos do continente alentados por processos de libertação da dominação estrangeira e de construção nacional tais como o alemão, o italiano e o grego. Assim, a nova identificação entre indivíduo, língua e nação propaga-se gradativamente e os novos conceitos românticos alcançam repercussão não apenas nos âmbitos culturais e artísticos, mas também são levados ao campo político. Não por acaso a independência das colônias inglesas, espanholas e portuguesas na América também acontece durante o período citado. Nesse sentido, é possível entender “la nación como medida del carácter liminar de la modernidad cultural” (BHABHA, 2010, p. 386-387).

De acordo com Brennan (2010), o surgimento do Estado-nação na Europa é inseparável das formas e os temas da literatura. As nações são comunidades imaginadas, segundo a terminologia de Anderson (1983), já que não existe nenhuma “comunidade natural” que reúna todos os membros de um grupo humano e, assim, sempre será necessário “criar laços imaginários que permitam ligar pessoas que, sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados, sem nenhum ‘sentimento’ de terem qualquer coisa em comum” (SILVA, 2005, p. 85). As identidades nacionais são construções sociais:

La raza, la geografía, la tradición, la lengua, el tamaño o alguna combinación de estos factores parecen insuficientes, en última instancia, para determinar la esencia nacional, y sin embargo, los pueblos mueren por las naciones, entran en guerra por ellas y escriben ficciones en su nombre. (...) Las naciones, entonces, son construcciones imaginarias que dependen de un aparato de ficciones culturales en el cual la literatura de ficción desempeña un papel decisivo. (BRENNAN, 2010, p. 72- 73)

É essa bateria de práticas discursivas, de representações, a que define o que é uma nação, a que legitima o Estado-nação como unidade capaz de integrar os indivíduos, seus cidadãos. O humanista Homi Bhabha propõe uma definição de *nação* como forma de organização em

relação a outros termos oriundos dos campos da antropologia (etnia, gênero, comunidade) e da sociologia (sociedade, país, pátria):

Esta localidad está más centrada en la temporalidad que en la historicidad: una forma de vivir más compleja que la “comunidad”, más simbólica que la “sociedad”, más connotativa que el “país”, menos patriótica que la *patrie*, más retórica que la razón de Estado, más mitológica que la ideología, menos homogénea que la hegemonía; menos centralizada que el ciudadano, más colectiva que “el sujeto”, más psíquica que la civilidad, más híbrida en la articulación de las diferencias y las identificaciones culturales – género, raza o clase – de lo que puede representarse en cualquier estructuración jerárquica o binaria del antagonismo social. (BHABHA, 2010, p. 386)

Através dessas comparações, observamos que existe no termo *nação* uma contradição por se basear em especificidades, individualidades, e aspirar a representar uma pluralidade:

El término “nación” mismo implica una paradoja: una nación es coherente, específica y local; no obstante, una persona, la esencia nuclear de una nación (“yo soy una nación”), no constituye una población. Las naciones requieren pluralidad, pero la pluralidad diluye todos los parámetros estrictos de diferenciación. (SNEAD, 2010, p. 309)

Segundo Bhabha (2010), essa ambivalência da nação como estratégia narrativa produz um deslocamento contínuo em categorias análogas: o povo, as minorias, as diferenças culturais; as quais procuram, por sua vez, agrupar pluralidades a partir de parâmetros específicos e locais. Nesse sentido:

El pueblo no es ni el comienzo ni el final de la narrativa nacional; representa el filo entre los poderes totalizadores de lo social y las fuerzas que otorgan significado al discurso más específico dirigido a los intereses y las identidades más

polémicos y desiguales dentro de la población.
(BHABHA, 2010, p. 393)

O Estado-nacional – além de ser um aparelho de poder – representa a construção política e jurídica da nação e, em consequência, incorpora a ambivalência que origina os conflitos de assimilação e resistência. No entanto, esta não é a única leitura que admite o termo de nação:

Existe una tendencia a leer la nación de modo bastante restrictivo: o bien como el aparato ideológico del poder del Estado, que la lectura apresurada y funcionalista de Foucault o Bajtín redefinen en cierta medida, o bien, en una inversión más utópica, como la expresión incipiente o emergente del sentimiento “nacional popular” conservado en una memoria radical.
(BHABHA, 2010, p. 14)

De acordo com o autor, o sentimento nacional estaria conservado na memória radical da comunidade já que a origem da nação se perde nas névoas do tempo e pode-se identificar com os mitos fundacionais que os intelectuais românticos estabelecem, definem e narram³⁵. De modo que “los orígenes de las naciones, como los de las narraciones, se pierden en los mitos del tiempo, y recién alcanzan su horizonte en el ‘ojo de la mente’” (ibid., p. 11).

Entretanto, os intelectuais do *Felibritge* e a *Renaixença* apresentam uma especificidade já que as narrativas nacionais que eles tecem são contranarrativas do projeto nacional francês e espanhol. E imaginam uma irmandade *transpirenaica* com o intuito de apagar a fronteira – política e conceitual – desses projetos hegemônicos:

Las contranarrativas de la nación, que continuamente evocan y borran sus fronteras totalizadoras – tanto reales como conceptuales –, alteran esas maniobras ideológicas mediante las cuales se dota a las “comunidades imaginadas” de

³⁵ Dedicamos o V capítulo de nosso trabalho a expor e analisar cada um dos mitos que aparecem nos poemas da antologia tais como as metáforas que os intelectuais associam à língua da nação, o papel que eles assumem como trovadores e bardos continuadores de uma tradição literária, as identificações da terra e a paisagem como corpo da nação dentre outros.

identidades essencialistas. (BHABHA, 2010, p. 396)

Ao narrar a nação é possível negociar o que se lembra e o que se esquece, quais fronteiras se apagam e quais se fortalecem. Em suma: “Estar obligado a olvidar se convierte en la base necesaria para recordar la nación, para poblarla de nuevo, para imaginar la posibilidad de otras formas contrapuestas y liberadoras de identificación cultural” (ibid., p. 410).

Vemos que as fronteiras são articulações; os limites, por definição, são atravessados ou transgredidos, como propõe Bennington (2010, p. 166). Precisamente o mesmo autor define a nação a partir do diálogo entre a periferia e o centro, onde encontramos a própria nação narrando seus mitos:

En el centro de la nación encontramos, sin duda, la narración: historias sobre los orígenes nacionales, mitos acerca de los padres fundadores, genealogías de héroes. En el origen de la nación hallamos una historia sobre el origen de la nación. (...) Esto debería bastar para inspirar sospechas; nuestro propio deseo de encontrar el centro y el origen ha creado su propio mito sobre el origen, a saber, que en el origen está el mito. (p. 165)

A narrativa fundadora serve para dar à identidade nacional a liga sentimental e afetiva que lhe garante estabilidade e fixação, sem as quais ela não teria a mesma e necessária eficácia. Mas a fundação da nação é sempre um mito; por ser impossível estabelecer uma gênese absoluta e, por isso, resulta sempre relativa: escolhe-se tal ou tal fato e rejeita-se tal outro. Em síntese, a origem é arbitrária: “los linajes, lingüísticos o de otra índole, nunca encuentran un primer ejemplo: precisamente, la *necesidad* de comienzos arbitrarios surge de la *pérdida* de comienzos absolutos” (SNEAD, 2010, p. 312). Contudo, nesse diálogo entre centro e fronteira, Bennigton (2010) encontra uma nova contradição: o centro da nação se narra a si mesmo como *a* nação; enquanto, nas fronteiras, deve reconhecer que existem *outras* nações das quais inevitavelmente depende:

Para tener un nombre, una frontera y una historia a ser relatada en el centro, el Estado debe ser constitutivamente imperfecto. El cierre del Estado

se convierte en la frontera de la nación y, como hemos visto, la frontera implica que hay más de una nación. (BENNINGTON, 2010, p. 179)

Assim como apresentamos a articulação da identidade nacional no eixo espacial mediante o diálogo entre centro e fronteira, é possível estabelecer margens no eixo temporal: “A partir de esta *inestabilidad* de la significación cultural, la cultura nacional llega a articularse como una dialéctica de diversas temporalidades – moderna, colonial, poscolonial, ‘nativa’” (BHABHA, 2010, p. 400). Já vimos na seção 1.2 que a sequência temporal do processo de colonização para as comunidades subalternas envolve um passado distante, pré-colonial, estimado como uma Idade de Ouro. No caso dos intelectuais românticos, a idade de ouro se localiza em uma Idade Média utópica e irre recuperável que adota o imaginário mítico do Romantismo. Igualmente apelam a certos símbolos de cada comunidade (bandeira, brasão etc.) e mitos fundadores (principalmente personagens lendários e/ou históricos), vistos estes últimos como personificação dos valores da nação e da sua identidade. Esse passado distante deve servir de alicerce para a autonomia política e cultural que esses intelectuais demandam. Como pode ser observado nos poemas da antologia, é comum narrar fatos históricos, ajuizá-los, dialogar com eles como uma necessidade de contar e recontar a história. De entender o que *fomos* pelo que *somos*, de projetar o que *erimus* – o que seremos – a partir do que *eramus* – o que éramos: “Per això és tan important que puguem explicar la nostra història en anàlisis fetes per cada poble: la història també contribueix a configurar el futur” (MASSIP, 2008, p. 24).

Assim, como o passado serve para explicar o presente, também o presente pode servir para explicar o passado. Para os intelectuais românticos, passado e futuro devem projetar as limitações do presente. Nesse sentido devemos considerar que:

O Romantismo não conhece passado que não seja futuro; para ele, o passado e o futuro possuem sua igual dignidade de constituir as dimensões do “longínquo” como lugar de todas as plenitudes. Frente a esse “longínquo”, o presente é esse próximo que se trata de transformar; ele é desprovido de qualquer positividade. (BERMAN, 2002, p. 244)

A nação precisa ser inventada, ser imaginada quer na sua dimensão espacial, criando centros e traçando fronteiras que inevitavelmente demarcam outras nações; quer na sua dimensão temporal, estabelecendo um diálogo entre passado, presente e futuro; a este fim consagram as suas capacidades artísticas os autores que aqui estudamos. Nessa zona da fronteira e das diferenças culturais surge o “momento fronterizo de traducción que Benjamin describe como la ‘extranjeridad de las lenguas’”. (BHABHA, 2010, p. 413).

Para encerrar a exposição do Nacionalismo que permeia os poemas, consideramos “importante examinar las variedades de nacionalismo, así como las dislocaciones históricas entre la literatura y las legitimaciones de la nación” (DURING, 2010, p. 189). A complexidade e a diversidade das tradições étnicas e contextos políticos mutáveis nas quais o Romantismo e o Nacionalismo se inseriram tiveram como consequência que esses se apresentassem, ora como movimentos progressistas ou revolucionários, ora como movimentos conservadores ou de restauração de um passado feudal. Aqui interessamos principalmente o percurso do Romantismo e do Nacionalismo na Europa Mediterrânea e latina, âmbito ao que se adscreeve o *Felibritge* e a *Renaixença*. Cabe dizer que os autores do *corpus* pertenciam a uma elite culta – mais rural no caso occitano e mais burguesa, no catalão – a qual, ao perceber a sua inferioridade em relação ao centro do Estado e perante as profundas mudanças sociais da época, liderou o movimento de reivindicação de uma identidade própria. Essa elite articula a identidade como ferramenta para defender os próprios interesses, para legitimar a sua supremacia e deslegitimar a influência de elites alheias. Desde essa posição, empreendem a diligência de criar uma nova literatura de carácter culto. E, conseqüentemente, não é possível dissociar a ideologia romântica e nacionalista que professam de suas obras e seus estudos. Nesse ponto, cabe explicar brevemente como esse grupo de autores entende a língua e a linguagem desde as suas posições estéticas e políticas.

Como românticos, consideram que não é o homem o único que fala, pois todas as coisas são falantes. Berman (2002) define a teoria romântica da linguagem como “inteiramente dependente daquela da obra e da poesia. Ela nunca é autônoma, nem nunca se cristaliza em uma *Sprachlehre* independente” (p. 158). Por isso, não é possível separar a língua da literatura que ela produz:

A linguagem real aparece nesse duplo horizonte como *Natursprache*, uma linguagem de natureza,

devendo ser transformada em linguagem de arte, *Kunstsprache*. (...) O próprio da linguagem de natureza é ser puramente referencial, estar centrada em um conteúdo. E essa primazia do conteúdo é precisamente, para os românticos, o contrário da arte. (...) Essa linguagem grosseira deve ser transformada, por uma cadeia de potencializações, em *medium* da poesia. A escritura enquanto tal desempenha aqui um papel essencial. (ibid., p. 159)

Destarte, todos os idiomas, todas as línguas, de todos os povos são *grosseiras*, mas estão cheias de potencialidades e o trabalho do poeta consiste em saber elevá-las e transformá-las em poesia, em arte: “Qualquer língua e até o mais humilde dos dialetos, diz Humboldt, é capaz de expressar “o mais alto e o mais profundo, o mais forte e o mais terno”. Mas “esses sons estão adormecidos como em um instrumento que não se toca, até que a nação os desperte”” (ibid., p. 275). De acordo com essa ideia, a língua que vive no seio da nação possui a capacidade de despertá-la (e de guardar a sua memória acrescentamos nós). De fato, ao procurarem as raízes étnicas e linguísticas da Alemanha, com o objetivo de cimentar um projeto nacional, os intelectuais do *Athenäum* terminaram por indagar as singularidades do espírito humano e despertaram um vivo interesse por conhecer a história e o folclore dos diversos grupos étnicos e nacionais da Europa, dando início a redescoberta da personalidade histórica de cada um deles. Um novo humanismo que se debruça em toda uma série de novas disciplinas: “A época de Voss, de Hölderlin, de Schleiermacher e de A W Schlegel vê tomarem impulso a filologia, o orientalismo, a pesquisa comparatista, a ciência do folclore, os grandes dicionários nacionais, a crítica literária e artística” (BERMAN, 2002, p. 87). Boa parte dessas disciplinas está vinculada à filologia, âmbito acadêmico que reúne o estudo da língua e da literatura e o divide em tradições nacionais ou por afinidades genéticas³⁶. Como aponta Renzi (1982), os caminhos do pensamento

³⁶ Assim existem ainda hoje departamentos de filologia e/ou letras francesas, de filologia e/ou letras inglesas, de filologia e/ou letras hispânicas, etc. que fazem referência a um determinado país e a uma determinada tradição linguística e literária. E comum encontrar também departamentos que agrupam as línguas por ‘famílias linguísticas’ ou segundo afinidades genéticas; a filologia românica, a filologia germânica, a filologia eslava, a filologia semítica, para citar apenas alguns exemplos.

linguístico e literário ainda avançam juntos coincidindo o início da linguística histórica e comparativa com o da história da literatura e da literatura comparada. Classificação acadêmica perpetuada em épocas posteriores, que responde a um posicionamento político:

Las tareas políticas del nacionalismo moderno condujeron a la literatura, a través de los conceptos románticos de “carácter tradicional” y “lengua nacional”, hacia su división (en gran medida ilusoria) en “literaturas nacionales” diferenciadas. (BRENNAN, 2010, p. 71)

Por outro lado, a filologia da época valoriza as línguas antigas na medida em que foram capazes de criar uma lírica rica; tal é o caso do occitano, estimado pela grande literatura trovadoresca do período medieval. E a língua adquire um papel central por ser a herança comum do grupo e o seu principal instrumento de comunicação e expressão. A língua assume o encargo de gerar uma identidade, de forjar a literatura nacional; ou seja, a literatura que condense a personalidade do povo, que seja “o canto da Terra Natal, instituição de uma ‘Nação’” (BERMAN, 2002, p. 297). Assim Humboldt afirma que ampliar o sentido da língua implica ampliar o sentido da nação (BERMAN, 2002). Vale dizer que a criação da língua e da literatura nacional não exclui a tradução de outras línguas, de outras culturas e de outras tradições. Elementos que balizam sua contínua renovação e que devem ser adequadamente desenvolvidos nos estudos históricos e comparativos que ocupam uma posição central nos trabalhos dos intelectuais românticos e respondem a um conceito comum de língua e de literatura baseado na adoção de um novo ponto de vista cognitivo: “aquel según el cual sólo a través del estudio del cambio y del desarrollo de una institución (la lengua, la literatura, la sociedad) podemos conocerla y decir qué es” (RENZI, 1982, p. 54). O desenvolvimento dos estudos científicos leva à progressiva separação dos estudos literários dos estudos linguísticos e, assim, “Schleicher distingue entre la obra del lingüista que estudia la lengua en sí, de la del filólogo que utiliza el estudio de la lengua para ilustrar hechos de cultura” (RENZI, 1982, p. 73-74). Em síntese, a língua precisa dos mitos que ela mesma cria e esses mitos assumem e geram, por sua vez, a pertença à língua em um processo ensimesmado.

Após termos apresentado o Romantismo como movimento estético, cultural e literário que dominou boa parte do século XIX e que adquiriu formas locais em cada país e para cada idioma, devemos fazer

uma apresentação concisa das características específicas dos dois movimentos artísticos, literários e culturais em que se inscreve o *corpus* deste trabalho. Isto é, o *Felibritge* occitano e a *Renaixença* catalã, que correm em paralelo a ambas as margens dos Pireneus. Não tentamos aqui fazer uma síntese da história da literatura catalã nem occitana, empresa excessiva para os nossos objetivos atuais, e apenas apresentaremos os fatos que consideramos necessários para balizar o eixo histórico da antologia. Desde finais do século XVIII e durante as primeiras décadas do XIX, no domínio linguístico occitano e catalão foram se gestando movimentos eruditos que publicaram textos líricos medievais, enquanto outros autores populares continuavam compondo obras as vezes ligadas a oralidade mais do que a escrita: “demòran estrangèrs a tota preocupacion de restauracion linguistica; a aquel punt de vista, contunhan los escrivans patesejaires dels dos darrièrs sègles” (ALIBÈRT, 1976, p. XXXIII). Na França, o Romantismo, caracterizou-se por uma profunda concepção de comunidade e uma forte tendência ao coletivismo, como se vê na escrita de Victor Hugo; fato que levou a opinião pública para o Liberalismo. Por sua vez, a unificação da Itália, território dividido e submetido às potências estrangeiras, e a personalidade do herói romântico Garibaldi tornaram-se modelos para outros países latinos, também divididos e sob a ocupação estrangeira (tais como os catalães, os occitanos ou os romenos). Incorporada à França e próxima à Itália, durante a primeira metade do século, aparece na Provença o movimento popular dos *trobaires*. Porém o *Felibritge* se afastou dele por considerá-lo caótico e por manter diferenças ideológicas: os *felibres* eram burgueses, intelectuais e ruralistas enquanto os *trobaires* eram proletários e urbanos.

De acordo com a historiografia da filologia românica³⁷, o *Felibritge* foi fundado oficialmente no dia 21 de maio de 1854 quando Frederic Mistral, Josèp Romanilha e mais cinco poetas provençais, Aubanel, Mathieu, Tavan, Giera e Brunet se reuniram em Font-Segunha, perto da cidade de Avinhão, e escolheram como emblema a estrela de sete pontas (uma por cada poeta):

[Frederic Mistral] Fundou, no dia de santa Estela, com seis amigos literatos, a União dos félibres, com o fito de trabalhar para purificar e fixar definitivamente o provençal. A língua falada em Saint-Rémy e em Arles, com aliás sem diferenças

³⁷ Restori e Roque-Ferreir (1984).

apreciáveis em todo o vale do Ródano, de Orange até Martigues, serviu de fundamento à nova língua literária, como outrora o florentino servira para formar o italiano. Na opinião de entendidos como Gaston Paris e Koschwitz, este movimento nada tinha de retrógrado; não procurava reviver o antigo provençal, mas com a ajuda dos dialetos em uso entre o povo, tendia a formar uma língua nacional, compreendida por todos. (WIRSÉN, 1973, p. 23)

Autonomearam-se *felibres* por serem membros do *Felibritge*³⁸, nome que o novo movimento recebia. O *Felibritge* coloca o conjunto do *Miègjorn* – a França meridional, *le Midi* – como espaço de referência e de legitimidade. Entretanto, o renascimento literário coincide com o início do declive do uso da língua; a passagem de uma diglossia estática a uma diglossia de substituição linguística causada pelas melhores comunicações com o norte, o crescimento das cidades, o serviço militar dos varões jovens e, principalmente, a escolarização obrigatória em francês:

Lo Felibritge, movement renaissentista literari e cultural preniá l'ensem del "Miègjorn", del domeni de lenga d'oc, coma son espaci de referéncia e de legitimitat. Aquel temps es tanben lo temps que l'escolaritat generalizada, exclusivament en francés, va decisivament far passar d'una diglossia estatica a una diglossia de substitucion. (SAUZET, 2008, p. 116)

Mesmo o nome do movimento não está isento de controvérsia. Mistral o cunhou ao acrescentar o sufixo occitano *-itge* a uma palavra misteriosa, *felibre*, cuja etimologia é obscura. Poderia ser um erro de transmissão da frase *emé lei sèt felibres de la lei* “com os sete *felibres* da lei” presente em uma oração popular que narra o episódio bíblico em que a Virgem Maria encontrou o seu filho, Jesus, no templo rodeado por sete sábios (*felibres*). A sequência *sèt felibres de la lei* seria assim uma

³⁸ A palavra *felibre* pode aparecer escrita como *fèlibre* segundo a grafia que Frederic Mistral adotou para escrever em occitano e que, por essa razão, recebe o nome de *grafia mistraliana*. Igualmente, *Felibritge*, em *grafia mistraliana*, escreve-se *Fèlibrige*. O problema da falta de uma norma ortográfica será abordado de maneira aprofundada no quarto capítulo.

segmentação errada de *emé lei sefers, libres de la lei* (com os sefers, livros da lei). E *sefers* seria, na verdade, uma palavra hebraica que significa rolos, os rolos da lei. A transmissão oral da oração e o desconhecimento desse conceito por parte dos camponeses que a recitavam teria provocado o equívoco e *felibre* que, por sua vez, teria sido associado ao conceito de mestre ou de sábio. Os *felibres* de Mistral convertiam-se, assim, nos sábios e guardiões da língua. Entretanto, o próprio Mistral ofereceu todo um leque de possibilidades etimológicas para a voz no *Tresor dóu Felibrige*, exemplos por si só dos passos vacilantes dos etimólogos e linguistas da época:

« Ce vocable mystérieux, rapidement vulgarisé par les œuvres de ceux qui l'avaient adopté, figure depuis lors dans les dictionnaires français (Bouillet, Larousse, Littré, etc.). Son origine a exercé la sagacité des philologues et bien des étymologies ont été proposées

1. *Felibre* viendrait du latin *felibris* ou *fellebris*, mot qui se trouve dans Solinus, Isidore de Séville et Papias, et que Ducange interprète par « nourrisson *adhuc lacte vivens* », dérivé du verbe *fellare*, téter, lequel *fellare* a donné naissance à *filius*, fils. Les poètes, de tout temps, ont été dénommés « nourrissons des Muses, *alumni Musarum* », et, comme le fait observer M. G. Garnier, *alumnus*, en latin, avait le sens actif et passif et désignait le disciple et le maître, comme *escoulan* en provençal. Il est à remarquer que le mot *tiroun*, qui, dans le texte populaire, semble synonyme de *felibre*, rappelle le verbe provençal *tira* signifiait aussi « téter ». Le latin *tiro* veut dire « novice ».

2. *Felibre* viendrait du grec *φιλεβραϊος*, « ami de l'hébreu », mot qu'on trouve dans la grammaire hébraïque de Chevalier (1561) et qui a, de longue date, été appliqué dans les synagogues aux docteurs de la loi.

3. *Felibre* viendrait du grec *φίλαβρος*, « ami du beau ».

4. *Felibre* viendrait de l'irlandais *filea*, poète, barde.

5. *Felibre* viendrait du germanique *felibert*, dont le sens est encore inconnu.

6. *Felibre* viendrait du provençal *fe, libre*, libre par la foi.

7. *Felibre* viendrait de l'andalou *filabre*, dont nous ignorons le sens. La Sierra de Filabres est une montagne d'Andalousie.

Quant à l'étymologie expliquant *felibre* par « faiseur de livres », elle ne supporte pas l'examen, attendu qu'elle n'est pas dans le génie de la langue, car on dirait en ce cas *fa-libre* ou *fai-libre*. »

(MISTRAL, 1979, p. 1113).

Voltando ao percurso diacrônico do *Felibritge*, o grupo de Mistral se dotou de um consistório em 1876 formado por cinquenta maiores eleitos com caráter vitalício que usavam uma cigarra de ouro como distintivo. A carga ideológica do *Felibritge* terminaria por levá-lo a uma contradição entre a sua maioria (clerical e alocada politicamente na direita francesa provincial) e uma minoria, liberal e republicana, conhecida como *Felibritge Roig*, *Felibritge* vermelho. A associação tornou-se cada vez mais provincial e folclorizante e as tentativas de atualização e de articular uma voz federalista occitana fracassaram. A morte de Mistral, em 1914, e a Primeira Guerra Mundial precipitaram a decadência. Se bem é certo que o *Felibritge* se perpetua até a atualidade e mantém a sua estrutura e as suas cerimônias, as tendências poéticas, linguísticas ou políticas das primeiras décadas do século XX, surgidas no âmbito occitano, desenvolveram-se já fora desse movimento.

No contexto catalão, a historiografia³⁹ adotou, *a posteriori*, o termo *Renaixença* para definir o movimento de recuperação da língua e da literatura ligado ao estabelecimento de uma galeria de mitos nacionais e à progressiva afirmação de uma consciência de comunidade, de povo, que terminou por se organizar no Catalanismo político. A palavra foi tomada de um jornal publicado em Barcelona entre 1871 e 1905 cujo título era precisamente *La Renaixença* (a renascença ou o renascimento) e que serviu, junto com outras publicações, para a difusão da nova literatura catalã e para a popularização da leitura em catalão. Por outro lado, *Renaixença* opõe-se a *Decadència*⁴⁰ (decadência) –

³⁹ Ribera Llopis (1982), Rubió i Balaguer (1989) e Lleal (1992).

⁴⁰ Estudos como Rossich (1997) revelaram que a falta de uso literário do catalão e a perda de consciência linguística nos Países Catalães não foram tão grandes quanto se supunha, ou seja, a palavra decadência seria talvez excessiva para nomear esse período.

palavra ambígua e suscetível de inúmeras interpretações – que abrange o longo período de três séculos (XVI, XVII e XVIII) durante o qual:

Desapareix l'ús públic i literari de la llengua i deixa d'haver-hi una comunicació, ni tan sols es pot parlar d'un espai de producció cultural i literària. La gent de València deixa de llegir els propis clàssics i els llibres en català editats a Barcelona (de fet, pràcticament no se n'editaven) i la gent de Barcelona no pot llegir llibres en català editats a València. Deixen de tenir la percepció de compartir una mateixa llengua i una mateixa llengua formal, escrita... això durant segles no es pot fer; malgrat ser crucial, fonamental, importantíssim, perquè, ja des del segle XVII (sobretot a partir més del XVIII i el XIX) l'única llengua escrita que llegia la gent a Barcelona, a Girona, a Xàtiva, a València, a Palma o a Ciutadella era el castellà. Era l'única llengua que llegien, per tant l'única que tenien comuna com a llengua de cultura no els era pròpia: el castellà. Es perd la percepció històrica de tenir una llengua, diríem, literària, culta, formal, escrita, etc. pròpia... (MIRA, 2008, p. 71)

Considera-se a publicação da *Oda a la Pàtria* de Bonaventura Carles Aribau (poema número X de nossa antologia) no diário barcelonês *El Vapor*, do dia 24 de agosto de 1833, como o ponto de partida da *Renaixença*. Kailuweit (1992), ao estudar a consciência linguística, através de obras como a *Gramàtica catalana* de Josep Pablo Ballot, publicada em 1815, afirma que esta não podia ser ainda considerada nacionalista: “Hem de tenir em compte que la idea del cercle identificatori: individu (ciudadà) – llengua – nació, nascut durant la Revolució Francesa, encara no havia arribat a Catalunya” (p. 136-137). Entretanto, o contexto que precede à *Renaixença* pode ser resumido como um estágio que possibilitou seu surgimento:

La continuació de la tradició escrita catalana, de la qual formava part la gramàtica de Ballot, va facilitar el sorgiment de la *Renaixença* cap a finals del segle, quan va aparèixer un conflicte lingüístic real. En aquests moments identificació nacional i identificació lingüística es van confondre. La

qüestió de la llengua havia esdevingut una qüestió polític-social (KAILUWEIT, 1992, p. 137).

A *Renaixença* afirmou-se com a publicação de duas antologias: *Los trovadors nous*, em 1858, editada por Antoni Bofarull e *Los trovadors moderns*, em 1859, editada por Víctor Balaguer, que veio completar a primeira. As antologias de Balaguer e Bofarull são fundantes da recuperação do catalão como instrumento apto para a expressão literária. Igualmente, o conceito de *Renaixença* tem, pelo menos, dois sentidos: um popular e outro culto. Neste trabalho, salienta-se a *Renaixença* culta entendida como a vontade comum de uma elite intelectual de recuperar a identidade própria mediante o uso da língua catalã como veículo adequado para a produção literária culta que, em parte, tinha sido substituída pelo espanhol. Posteriormente, a incipiente classe burguesa, surgida da Revolução Industrial, assumiu seus principais postulados auxiliando, assim, a consolidação das ideias da *Renaixença* no conjunto da sociedade catalã.

Resulta complicado determinar o momento em que a *Renaixença*, entendida como movimento literário-cultural, deixou de ter vigência; enquanto alguns a limitam ao século XIX, outros a prolongam até o início de século XX. Em qualquer caso, a chegada do novo século e o Simbolismo deslocou o centro da criação artística para outros movimentos como o *Noucentisme*. Finalmente, a *Renaixença* teve características específicas no Principado da Catalunha, no País Valenciano e nas Ilhas Baleares. Ou seja, embora todos os territórios de fala catalã tenham participado do movimento, este não teve a mesma intensidade em cada área, pois não era igual a situação da língua em cada território, como se manifesta na Introdução da *Gramàtica del català contemporani*: “Quan arriba l’hora de la Renaixença (s. XIX), aquesta triomfa, especialment a Catalunya, perquè hi compta amb unes elits que s’han mantingut fidels al català” (SOLÀ *et alii*, 2002, p. 17).

Uma vez apresentados o *Felibritge* e a *Renaixença*, percebe-se que, ainda que cada um deles tenha surgido de forma independente, ambos estão nutridos pelo mesmo ambiente cultural romântico e nacionalista. Cronologicamente, nos dois âmbitos culturais, as novas ideias surgem nas primeiras décadas do século XIX e amadurecem como movimentos artísticos, passando o equador da centúria. Como veremos a seguir, o *Felibritge* e a *Renaixença* não aconteceram de forma isolada, mas bem cedo os intelectuais e escritores de um lado e do outro dos Pireneus estabeleceram um vínculo entre eles e também com outros movimentos românticos e nacionalistas coetâneos. Para fins deste

estudo, é conveniente expor sucintamente tais relações⁴¹, por um lado, e, por outro, salientar certos mitos e ritos que compartilharam os intelectuais da Occitânia e dos Países Catalães.

Essas relações basearam-se em uma simpatia recíproca, em um sentido de fraternidade, por oposição às culturas dominantes. Tanto uns quanto outros, sentiam-se herdeiros de uma série de mitos comuns (Idade Média, o trovador etc.) e desejavam amarrar de novo os antigos laços entre ambas as comunidades. Essas relações e intercâmbios começaram em setembro de 1866, quando Víctor Balaguer teve que se exiliar por ter participado da conspiração do General Prim contra a rainha da Espanha, Isabel II. Estando na cidade de Narbona, Balaguer enviou uma carta a Frederic Mistral na qual lhe comunicava sua condição de exiliado, fato que atribuía a ter cantado a pátria catalã. Mais tarde, amigos e companheiros de Balaguer encarregaram ao escultor provençal Folcony um cálice que queriam dar aos *felibres* de Mistral para lhes agradecer pela hospitalidade dada a Víctor Balaguer durante o exílio. O cálice pago pela subscrição de 1800 catalães, feito em prata e fundido em Paris, e tinha a figura de duas mulheres: uma delas representando a Catalunha, e outra, a Provença. Esse cálice, conhecido como *La Copa Santa*, foi entregue aos provençais no dia 30 de julho de 1867. Balaguer permaneceria no exílio até dezembro daquele mesmo ano. Mais tarde, no dia 24 de maio de 1878, durante as Festas Latinas de Montpellier, Frederic Mistral entregou aos poetas e intelectuais presentes (os catalães Felip Pedrell e Albert de Quintana i Combis, o valenciano Teodor Llorente e Marià Aguilló procedente de Mallorca entre outros) um cálice dos provençais, semelhante à que eles tinham recebido antes.

Além das trocas de troféus comemorativos, os *felibres* visitaram habitualmente a Catalunha em várias ocasiões para participar em atos culturais relacionados com a reivindicação da língua. Em abril de 1868, foram convidados aos *Jocs Florals* ou Jogos Florais da língua catalã, presididos por Víctor Balaguer. Na ocasião, viajaram junto com Mistral os *felibres* Roumieu, William Bonaparte-Wyse e Pau Meyer de Provença e foram recebidos com entusiasmo em várias cidades da Catalunha⁴². Durante uma breve estada em Barcelona, Mistral conheceu

⁴¹ As quais já foram amplamente estudadas pela literatura comparada, cf. Ribera Llopis (1982), assim como os trabalhos recolhidos por Abuín González e TarríoVarela (2004).

⁴² A revista *Ressorgiment*, publicada em Buenos Aires, relatava, décadas depois (concretamente no número 446, de setembro de 1953), o encontro de Balaguer e

o jovem Joaquim Verdaguer, uma das figuras mais importantes da *Renaixença*, e cumprimentou-o como antes ele tinha sido cumprimentado pelo grande poeta romântico francês Alphonse de Lamartine: *tu Marcellus eris*⁴³. Pouco tempo depois, Víctor Balaguer era designado vice-presidente do *Felibritge*. Com base nos dados históricos aqui relatados, parece-nos que a relação entre as duas comunidades e os dois movimentos artístico-culturais fundaram-se sobre a amizade pessoal de Víctor Balaguer e Frederic Mistral que e ela teve por símbolo a *Copa Santa*⁴⁴. O devir político dos dois intelectuais terminou por afastá-los e, conseqüentemente, esfriou o sentimento dessa irmandade: Balaguer começou uma carreira política fora da Catalunha, em Madri, fazendo parte de vários governos progressistas, enquanto Mistral se isolou nas suas propriedades de Malhana e Arles, numa Provença rural e conservadora. Porém, cabe dizer que o sentimento de simpatia mútua entre occitanos e catalães continua vivo até hoje e que, além dos relacionamentos pessoais, as duas comunidades compartilham uma origem cultural, literária e linguística, objetivos de reivindicação semelhantes. No quinto capítulo, aprofundaremos a construção de uma irmandade occitano-catalã a partir de exemplos extraídos dos textos da antologia.

Mistral, no mosteiro de Montserrat, onde o poeta provençal deu uma conferência perante vários dos mais destacados intelectuais da *Renaixença* e, inclusive, do abade do mosteiro. No final desse ato, Balaguer e Mistral abraçaram-se fraternalmente entre gritos de *Visca Catalunya* e *Visca Provença*.

⁴³ Marcus Claudius Marcellus sobrinho de Augusto era considerado como o seu sucessor no Império; o povo esperava que ele, quando virasse o soberano, restabelecesse as liberdades republicanas. Infelizmente morreu jovem, talvez por uma intoxicação ou envenenado em intrigas palacianas. Suetônio conta que quando Virgílio estava lendo o livro quarto da Eneida para Augusto, Octávia Minore, mãe de Marcellus e irmã de Augusto, desmaiou ao ouvir o seguinte verso: ‘Heu, miserande puer, si qua fata aspera rumpas, tu Marcellus eris!’ (Virgílio, *Eneida*, liv. VI, v. 883) ‘Ó, triste jovem, se venceres um dia o fado cruel, tu serás Marcellus!’. Recuperada do desmaio a enlutada mãe pagou um prêmio muito generoso ao poeta por esse hexâmetro. Em boca de Lamartine ou de Mistral interpretamos que essa frase transmite uma promessa de fama e glória sobre a qual paira a sombra do fado cruel, do próprio estigma da língua. Também o uso de uma sentença latina supõe o reconhecimento de pertença à latinidade tanto do emissor como do seu interlocutor.

⁴⁴ Mistral escreveu um poema dedicado à *Copa Santa* que, até hoje, continua sendo um dos hinos mais conhecidos da cultura occitana, cantado inclusive em competições esportivas pelos times do *Midi*. (Disponível em: <<www.encyclopedia.cat>>)

Capítulo III

AS VOZES DA ANTOLOGIA:
RECONTEXTUALIZAÇÃO DE POETAS
OCCITANOS E CATALÃES
EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Utilizando as coordenadas espaço-temporais expostas no capítulo precedente, será apresentado o grupo de poetas occitanos e catalães e as relações e dissensos que se estabelecem entre eles, suas reivindicações comuns do trovadorismo medieval e os atributos que compartilham enquanto acadêmicos, filólogos, linguistas, gramáticos e lexicógrafos. Em outras palavras, tentaremos nas sucessivas seções formular e responder questões tais como por que traduzir esses poemas? E como traduzi-los? Perguntas centrais da tradução, como salienta Berman (2002, p. 78).

Partindo da nossa tese que objetiva desenvolver elementos para a tradução entre as línguas próximas, mais especificamente entre línguas românicas ou neolatinas, consideramos esse grupo de autores não só como escritores e poetas, mas como tradutores de tradições, uma vez que todos eles arquitetaram uma série de mitos comuns ou análogos. O linguista e dialetólogo espanhol Manuel Alvar (2000) definia tradição como “lo que recibimos y lo que legamos” (p.13), como aquilo que constitui a nossa cultura. Nas próximas páginas, veremos em que medida essa afirmação resulta válida para a atual pesquisa. Mas, em todo caso, entender a escrita dos autores da antologia como traduções occitanas e catalãs – românicas – de tradições românticas europeias permite estabelecer redes de significado semelhantes e certas afinidades ideológicas e artísticas a ambas as margens dos Pireneus e traçar uma linha que atravessa os textos de partida e que necessariamente há de emergir na língua de chegada. Esta linha une, pois, o texto fonte e a tradução e implica manter uma estreita relação entre ambos no ato tradutório, uma *dupla fidelidade*, de acordo com Berman (2002), “incessantemente ameaçada pelo espectro de uma dupla traição” (ibid., p. 68). Porém, a tradução não é um artefato independente senão a relação entre dois textos: “Unlike original works, literary translations are not independent artefacts; they aspire to be reproductions of their

originals, and indeed it is the relationship to the source that is their most essential feature” (Levy, 2011, p. 169).

Ao considerar os autores do *corpus* como tradutores de tradições, entendemos que a dupla traição – parafaseando o famoso adágio italiano do *traduttore traditore* – pode surgir no espaço intersticial de pretender manter-se fiel a uma dupla tradição; a dos textos de partida e a da língua de chegada. Desde essa perspectiva, ao traduzir os textos do *corpus* para o português brasileiro estaria se operando uma *segunda tradução*. Razão pela qual, consideramos que não basta problematizar as línguas de partida é também necessário questionar a língua de chegada.

3.1. Critérios para escolha de uma antologia que refletisse sobre a língua

De acordo com os objetivos expostos na introdução, o presente trabalho se centra na elaboração e tradução de uma antologia poética reunida sob um tema comum: a língua como vínculo da identidade coletiva, reflexo do ambiente cultural, político, social e literário da segunda metade do século XIX nas comunidades recortadas. Consequentemente, deu-se prioridade à temática dos textos por sobre outros critérios; isto é, procuramos aqueles poemas que tivessem como tema a língua. Por outro lado, ao dar cabida a dois idiomas próximos foi possível contrastar afinidades e divergências entre as produções e a reflexão sobre e desde a língua segundo as características de cada comunidade. Em todo caso, priorizamos textos e autores que a crítica literária e as respectivas histórias da literatura têm consagrado como clássicos e que, assim, vêm desfrutando de maior difusão nos respectivos cânones literários. Igualmente, entendemos que, como em qualquer outra antologia, pode ser questionada a presença ou ausência de autores e textos.

No contexto occitano, o Prêmio Nobel de literatura Frederic Mistral – verdadeira *alma mater* do *Felibritge*, incansável poeta, gramático, lexicógrafo e paladino da língua occitana – dedicou inúmeros versos a cantar as belezas do seu idioma e do devir histórico dele; portanto, dele procede boa parte dos poemas occitanos que aqui se incluem, extraídos do seu livro *Lis isclo d’Or*, (*As ilhas de ouro*) e *Lis óulivado* (*As colheitas das olivas*). Como lexicógrafo, Mistral compôs *Lou Tresor dóu Felibrige* (1878-1886) até hoje o mais amplo dicionário da língua occitana; escreveu como *incipit* do dicionário um poema que abre nossa antologia: *Au Miejour* (número I). O movimento dos *felibres*

reuniu uma plêiade de poetas como Josèp Romanilha (professor de Mistral), Teodòr Aubanel dentre outros. O último poema da parte em occitano é *I Felibre* do próprio Aubanel.

No caso catalão, deu-se prioridade às composições publicadas em duas antologias consideradas marcos fundacionais para o movimento literário da *Renaixença* e para toda a tradição linguístico-poética catalã contemporânea: *Los trovadors nous* de Antoni Bofarull (1858) e *Los trovadors moderns* de Víctor Balaguer (1859). De acordo com Rábade Villar (2007), essas duas obras reuniram poemas superando definitivamente o mito de que o catalão não era um idioma apto para a expressão artística e disponibilizando uma relação considerável de composições escritas nessa língua, já que cada uma delas contava com mais de quinhentas páginas. Nesse *compósito* que representa ditas antologias, tanto Bofarull como Balaguer, incorporaram poemas de autores procedentes de todos os territórios de fala catalã⁴⁵ assim como traduções de outras línguas como materiais para acrescentar à própria produção. Selecionamos a maior parte dos poemas catalães dessas antologias e acrescentamos poemas posteriores, considerados valiosos pelos contrastes que traziam; como a *Oda a Espanya* e *Els Focs de Sant Joan*, de Joan Maragall que faz contraponto literário por encontrar-se sob influência do Modernismo. Em todo caso, as composições coletadas reúnem alguns dos mais destacados criadores e intelectuais da *Renaixença*; tais como Adolf Blanch i Cortada, Albert de Quintana i Combis, Antoni Mir, Bonaventura Carles Aribau, Lluís Cutxet, Lluís Gonzaga Pons i Fuster, Marià Aguiló i Fuster, Víctor Balaguer i Círrera e, finalmente, Joan Maragall i Gorina. Por último, quanto à procedência dos autores, os poetas da Catalunha são majoritários, porém em nosso elenco também se encontram poetas das Ilhas Baleares (Marià Aguiló i Fuster) e de Valência (Adolf Blanch i Cortada). A procedência de diversas regiões supõe o uso de estruturas morfossintáticas e unidades léxicas marcadas como regionalismos ou vozes dialetais e, assim, merecerão uma análise no quarto capítulo.

Ora, frente à divergência que trabalhar com diferentes poetas produziria, a nossa proposta leva em consideração uma série de critérios ou filtros comuns a todos os textos que servem de guia à reflexão teórica e ao processo de tradução. O primeiro desses filtros é precisamente o que reúne o *corpus* pelo gênero literário (*genre*) já que todos eles são poemas. Desenvolvemos esse filtro a partir das teorias enunciadas por Holmes (1972-1988-2000) que restringem o foco de estudo pela

⁴⁵ O domínio linguístico do catalão, Mapa 3.

tipologia do texto (*text-type*) ou pela tipologia discursiva (*discourse-type*) para examinar os problemas específicos que aparecem na tradução de tais gêneros (p. 75). Uma língua padronizada costuma estar presente em todos os âmbitos e em todos os gêneros literários cultivados pela sua comunidade de falantes; contrastando com essa situação, o ressurgir do occitano e do catalão começa pela poesia e, aos poucos, ganha novos usos como veículos da prosa, do teatro, do romance, do ensaio, do jornalismo dentre outros. Desse modo, a poesia era um gênero idôneo por oferecer um vasto número de textos de extensão e qualidade para a época histórica que objetivamos analisar. Elaborar, editar e traduzir uma antologia poética que tem duas línguas de partida diferentes apresenta uma série de dificuldades; porém, as afinidades linguísticas e literárias entre as línguas de partida e a língua de chegada servem como pontes entre essas tradições.

Ao falarmos de gênero literário (*genre*) consideramos oportuno mencionar também a questão dos Estudos de Gênero (*gender*): todos os autores da antologia são homens e da leitura dos seus poemas salienta uma concepção de gênero tradicional, conservadora, baseada numa visão cristã. Vale dizer que o papel da mulher na vida intelectual da época ainda estava subordinado à masculinidade, embora houvesse mulheres que participavam tanto no *Felibrige*, chamadas de *felibressas*, quanto na *Renaixença*⁴⁶. Consequentemente, avaliamos a hipótese de que os textos coletados reproduzem traços identitários *masculinos* no processo de leitura e tradução como será exposto no quarto capítulo.

Um segundo filtro que usamos é a diglossia⁴⁷ por entendermos que “o plurilinguismo ou a diglossia tornam a tradução difícil” (BERMAN, 2002, p. 14). O occitano e o catalão encontravam-se envolvidos em um processo de aculturação e submetidos a um idioma dominante introduzido pelas administrações centrais. As duas línguas tinham perdido prestígio e presença social e conviviam com a língua oficial tecendo uma rede de influências mútuas que mudava dialeticamente. A diglossia gera uma reação dos poetas que, adotando um papel de artistas militantes, se engajam ativamente na defesa do (e no) idioma autóctone. Assim, assumem uma identidade de trovadores e de filólogos. Como trovadores procuram as raízes nacionais e linguísticas e identificam a sua voz com o *canto da Terra Natal*, instituição da Nação; posicionamento abraçado precedentemente por

⁴⁶ A professora Mellado García (2008) dedica um amplo estudo às escritoras do renascimento literário occitano do século XIX.

⁴⁷ Nos termos analisados na seção 2.1.

escritores românticos alemães, de acordo com Berman (2002) que explica as dificuldades da poesia – e das traduções – de Hölderlin nos seguintes termos:

Essa problemática geral da poesia hölderliniana, exposta aqui muito sumariamente, tem *sua rigorosa correspondência no movimento de sua língua*. Esta deve passar tanto pela prova da língua estrangeira (o grego) quanto pelo aprendizado da língua natal (o alemão e suas raízes dialetais). (p. 297)

Consideramos pertinente essa reflexão sobre a obra de um escritor pertencente a um domínio cultural diferente, por entender que os autores occitanos e catalães realizam um exercício análogo, trazendo para o contexto deles um axioma que emana desde a Alemanha e permeia o pensamento romântico europeu: “A Alemanha romântica e clássica postula, como um axioma absoluto, *que nenhuma cultura “nacional” é possível sem uma passagem pelo estrangeiro*, e neste movimento circular próprio-estrangeiro-próprio, a *tradução* tem um papel relevante” (BERMAN, 2007, p.78).

Ao mesmo tempo, os poetas occitanos e catalães passam pela prova da língua estrangeira como conhecedores e leitores das línguas de cultura clássicas (principalmente o latim) e modernas, como intelectuais e filólogos positivistas que não agem isoladamente, mas, ao contrário, conhecem e acompanham as novidades do pensamento europeu coetâneo⁴⁸. Essa relação entre *a prova do estrangeiro e a aprendizagem do próprio*, da língua natal, soma dois movimentos simultâneos que se corrigem reciprocamente, segundo Berman (2002). André Chamson (1973), pertencente à Academia Francesa e bom conhecedor da literatura occitana⁴⁹, afirmava que “toda língua é, a princípio, dialeto antes de se tornar imortal pela graça das obras-primas e o sacramento da poesia” (p. 27) e explicava a compreensão da poesia a partir da relação entre a língua materna e a língua do outro (no caso a língua oficial do Estado, o francês): “Podemos compreender a vida e a poesia da vida, graças a dois linguajares maternos, e podemos penetrar o mundo

⁴⁸ Tanto é assim que Gunnar Ahlström (1973), membro do Instituto Sueco informa que Mistral foi proposto para o Prêmio Nobel de Literatura por acadêmicos e professores alemães estudiosos da poesia provençal Koschwitz.

⁴⁹ André Chamson tinha nascido em Nimes, foi Majoral do Felibrige, em 1957 e Mantenedor dos Jogos Florais, em 1958.

servindo-nos de duas línguas, assim como olhamos com os nossos dois olhos” (p. 35). Destarte, pode-se dizer que os poemas do *corpus* são metalinguísticos por terem como tema as relações entre a língua e os seus falantes e estarem escritos todos eles nessa mesma língua. No entanto, tanto na formação desses autores quanto na sua produção literária, a presença de outras línguas é constante. Primeiramente, todos eles provêm de comunidades bilíngues nas quais convivem a língua do Estado central com as línguas autóctones, regionais e minorizadas. Isto fazia com que os poetas catalães fossem proficientes em espanhol assim como os poetas occitanos eram em francês e, de fato, tanto uns como outros também usaram essas línguas como veículos de expressão literária e/ou línguas de chegada;

Já ao tempo do nascimento de Mireille [personagem criado por Mistral], há um século, os escritores provençais eram todos bilíngues, e a maior parte deles, a começar por Mistral, traduziram eles mesmos suas obras para a língua francesa.(CHAMSON, 1973, p. 34)

Portanto, podiam se auto-traduzir como via para dar maior difusão à própria obra. Desse modo, por exemplo, a primeira versão de *Mirèlha*, que Mistral entregou ao poeta Lamartine, era uma tradução para o francês feita por ele mesmo. Mas o bilinguismo occitano/francês e catalão/espanhol não esgota a relação desses poetas com a tradução. Em situações de subordinação linguística como as aqui descritas, as traduções para a língua minoritária costumam ser indiretas; ou seja, passam através da língua hegemônica entorno da qual ela gravita⁵⁰. Enquanto que a tradução desde a língua minoritária e para a língua minoritária supõe a comunicação da comunidade com o exterior sem mediações nem tutores:

Um aspecto característico da condição minoritária é o que Aracil chama de “interposição” ou “mediatização”, o fato de que todas as relações comunicativas entre a comunidade minorizada e o resto da humanidade passem necessariamente através da língua hegemônica, astro de uma constelação que tem as línguas sob seu domínio como satélites. A interposição manifesta-se, por

⁵⁰ Cronin (1998) explicava essa relação como exposto na seção 1.2.

exemplo, no bilinguismo unilateral dos falantes minorizados (LAGARES, 2011, p. 170).

Os intelectuais occitanos e catalães não foram só criadores, mas atuaram como tradutores de diversas maneiras. Não se pode ignorar que eles conheciam outras línguas europeias de cultura como o inglês, o italiano, o alemão (e certamente também o francês, no caso dos poetas catalães). A leitura da literatura europeia romântica em língua original (principalmente em alemão, foco dos anseios nacionalistas) ou traduzida traz modelos e tradições estrangeiras para o *Felibritge* e a *Renaixença*⁵¹. Iguamente, a relação com as línguas clássicas é fundamental na sua formação cultural e literária; como assinala Wirsén (1973), a respeito de Frederic Mistral que durante seus anos de estudo “aprendeu a conhecer as obras de Homero e de Virgílio, que lhe causaram profunda impressão” (p. 20). Como homens de letras, vários deles também traduziram das línguas clássicas, latim e grego (Joan Maragall fez adaptações dos poemas homéricos em catalão) e inclusive textos religiosos católicos para possibilitar a oração dos fieis em língua vernácula (Frederic Mistral fez uma tradução íntegra para o occitano do primeiro livro da Bíblia, o *Gênesis*).

Além de passar pela prova do estrangeiro através das línguas europeias de cultura e das línguas clássicas, poetas occitanos e catalães se traduziram entre si⁵²; ou seja, foram tradutores de línguas minoritárias para línguas minoritárias. A esse respeito, na antologia de Antoni Bofarull *Los trobadors nous* (p. 257-277) encontramos o poema *La noia fugitiva* (*A menina fugitiva*) que, como se indica logo após o título, é a tradução de um poema escrito em dialeto milanês (com o título original *La fuggitiva*), pelo escritor lombardo Tommas Grossi e traduzido para o catalão por Cortada, com dedicatória ao autor. Fato que amplia as combinações de pares linguísticos passando de uma língua minoritária (o dialeto milanês) próxima (por ser também românica), mas alheia ao eixo linguístico e cultural pirenaico.

⁵¹ E assim, na antologia *Los trobadors nous* de Antoni Bofarull, encontramos *La destrucció del Senaquerib* (p. 199-201) uma tradução do poema de Lord Byron *The destruction of Sennacherib* assinada por Vinader.

⁵² O grande interesse que a literatura provençal tinha para o público catalão da época levou a traduzir, para o catalão, boa parte da produção poética de Frederic Mistral. A professora Ciprés Palacín (2002) apresenta um número notável de publicações catalãs em que apareceram poemas traduzidos do occitano durante a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

Em síntese, as tensões entre o próprio e o estrangeiro demarcam um *vasto ciclo do se-traduzir* que acontece e se reproduz nos diferentes níveis da translação cultural; a língua traduzida pode também traduzir e *o traduzinte pode também ser traduzido*, como propõe Berman (2002, p. 116). E, retomando a reflexão, toda tradução tende a ser polilíngue e o autor-tradutor atua como *polítradutor* (BERMAN, 2007) e vive em *várias* línguas; ou, em outras palavras, participa de um espaço de *colíngüismo* (BERMAN, 1995). Os mencionados modos de traduzir revelam uma situação paralela à documentada em outras literaturas nas respectivas fases fundacionais. Neste sentido, vale acrescentar o que outro teórico diz a respeito do tradutor-autor habitando esse espaço plurilíngue, escrevendo na encruzilhada de múltiplas maneiras de traduzir e ser traduzido: “A translated work by a translator who is also a domestic author should not be studied without reference to the relationship between the two creative spheres;(…) At the same time the specific conditions applying respectively to the two types of creative writing should be taken into account” (LEVÝ, 2011, p. 183).

Em suma, os intelectuais occitanos e catalães precisam adaptar e traduzir as ideias românticas que vinham desde o Norte de Europa, a grande literatura que está sendo composta nas principais línguas europeias, as tradições clássicas assim como as tradições medievais e antigas da própria terra e os trabalhos de outros poetas minoritários com os quais eles dialogam. A apropriação ou tradução de diferentes tradições teve força criadora nas línguas receptoras. À luz dos dados apresentados, a atividade tradutória dos escritores occitanos e catalães representa o terceiro filtro.

Em quarto lugar, os nossos autores foram *homens de letras* e atuaram em diversas áreas atreladas ao estudo e cultivo do idioma; alguns foram gramáticos, linguistas ou lexicógrafos enquanto outros desenvolveram a filologia ou até o jornalismo. Desde essa perspectiva, consideram que a poesia e a literatura eram o melhor meio para enriquecer as suas línguas e restaurar o valor e o esplendor de outrora. Igualmente, suas obras marcaram o porvir dos respectivos idiomas sancionando formas aceitas como corretas ou incorretas, polindo-o de estrangeirismos, resgatando formas em desuso, criando neologismos e difundindo normas e convenções ortográficas. Em suma, estabeleceram, não sem vacilações e acaloradas discussões, usos linguísticos normatizados que a partir de então seriam seguidos e respeitados por editores, escritores e público. Esta é uma questão central em situações de conflito linguístico já que:

A norma é ela própria motivo de incontáveis conflitos, pois o processo de elaboração linguística diz respeito à identidade da língua, à sua continuidade histórica, à sua possibilidade de existir como realidade diferenciada ou como variedade reconhecida de alguma outra língua, à delimitação, enfim, do seu espaço de ação de sua área de influência (LAGARES, 2011, p.173).

Vale salientar ainda que o trabalho artístico e linguístico assim como as discussões e debates levantados por eles têm uma dimensão política por ser a língua um elemento destacado na construção da identidade nacional:

Cuando, en cambio, un grupo dialectal pretende ser reconocido como “lengua” (y el hecho se ha repetido frecuentemente también en Italia en los últimos años), hay que ser conscientes de que los intelectuales que dirigen la reivindicación no apuntan ciertamente a un objetivo meramente lingüístico. El objetivo es político, y tiende a cuajar una solidaridad local, recogida entre todas las clases, en oposición a la lengua y la cultura oficiales. Se trata siempre, por tanto, de fenómenos “nacionalistas”; muchas veces, del nacimiento de nuevos nacionalismos. En este caso, la diversidad lingüística desempeña un papel capital (RENZI, 1982, p. 172).

De fato, vários desses homens, além da atividade criadora, se engajaram como historiadores, políticos ou pensadores que defenderam as ideias nacionalistas. Predominantemente, reivindicaram a autonomia do território e mostraram certa hostilidade perante a autoridade dos Estados centralistas. No caso dos *felibres*, Mistral propugnou a independência cultural provençal e occitana da França centralista e, mesmo ao final da sua vida, em 1913, recusou uma cadeira na *Académie Française*. Não apenas Mistral, mas também o catalão Antoni de Bofarull, dentre outros, manifestaram ideias conservadoras, fortemente ligadas à religião católica. A dificuldade de encaixe da identidade local nos respectivos Estados centralistas levou alguns intelectuais desses movimentos a posições progressistas, como Víctor Balaguer ou posteriormente Joan Maragall. Igualmente, a dificuldade de definir um espaço geográfico e cultural unitários nos moldes do Estado-nação,

levou esses autores a imaginar formas políticas que superassem as meras fronteiras nacionais; e, assim, Mistral defendeu a integração da Provença e de Occitânia em uma federação pan-latina de povos e comunidades diversas. Não faz parte dos objetivos do presente trabalho pesquisar o pensamento político de cada um dos escritores da antologia; entretanto, essa condição comum de artistas engajados na defesa do idioma permeia os textos e, por essa razão, será acrescentada como quarto e último filtro da série.

3. 2. *Cantar e contar a língua: trovadores e filólogos*

Os autores que integram o *corpus* compartilham o engajamento na recuperação da língua própria como veículo apto para a expressão literária. Como apontado no capítulo precedente, ambos os idiomas da antologia sofreram, a partir do século XV, a pressão dos idiomas oficiais dos respectivos Estados centralistas; castelhano na Espanha e francês na França. Assim, frente a outros países que também participaram do Romantismo, a construção da identidade coletiva e a exaltação da língua não acontecem dentro do plano tradicional patriótico por não disporem ditas comunidades da maquinaria estatal e, portanto, representam uma evocação saudosa e um chamado à construção de contra-narrativas. Destarte, em todos os textos, o idioma da comunidade, *o canto da Terra Natal*, adquire essa dupla natureza; é, ao mesmo tempo, meio e fim, arma e bandeira. Os poetas e intelectuais procuram galgar a independência intelectual e cultural das respectivas nações e assumem a tarefa de cantar a língua, de louvar o idioma, e também a de contar a língua, de explicar em termos poéticos a importância que ela tem para cada um dos seus falantes, de construir um relato capaz de superar a subalternidade que padecem enquanto nativos de uma língua minoritária. A dependência cultural aparece atrelada à dependência política e econômica: “Los efectos de la dependencia intelectual y cultural son tan graves como los del sometimiento político o la dependencia económica. No puede haber una independencia genuina, efectiva, si no se cuenta con los recursos comunicacionales necesarios para salvaguardarla” (BRENNAN, 2010, p. 87).

No entanto, o discurso que esse grupo de intelectuais desenvolve sobre a nação e a língua nacional, se erigindo, de acordo com a ideologia romântica, em *voz do povo*, responde aos interesses e objetivos (culturais, políticos, econômicos etc.) de um determinado grupo e não de toda a comunidade, de acordo com Venuti (1998):

Translation can contribute to the invention of domestic literary discourses, it has inevitably been enlisted in ambitious cultural projects, notably the development of a domestic language and literature. And such projects have always resulted in the formation of cultural identities aligned with specific social groups, with classes and nations. (p.76-77)

Vemos que o cultivo da língua fica atrelado às reivindicações políticas. Esse vínculo não é exclusivo do âmbito occitano e catalão; ao contrário, aparece em outros lugares:

Historicamente, as línguas foram “cultivadas” pelo homem da mesma forma como ele as foi moldando a estados-nações em tempos relativamente recentes. As línguas serviram, ao mesmo tempo, para facilitar os laços entre os concidadãos desses recém-criados estados-nações e para distinguir os povos de diferentes estados-nações. (RAJAGOPALAN, 2011, p. 127-128)

Consequentemente, faz-se necessário expor as principais características que aglutinam o grupo de poetas aqui estudado. Pertencentes a uma elite cultural, conformam uma minoria que se autodeclara árbitro da literatura nacional e acredita possuir a legitimidade para formar uma identidade occitana e catalã capaz de abranger o conjunto dos falantes. Consideramos que na construção desse discurso a autoridade provém de duas fontes: a autoridade literária e cultural (por serem homens de letras) e a autoridade poética (por serem poetas).

Enquanto homens de letras, cada um se aproxima da filologia como ciência positivista nascida na passagem do século XVIII para o XIX nos territórios que décadas depois viriam conformar a Alemanha. No *Manual de Linguística Românica* de Vidos (1996) expõe-se o nascimento da disciplina de seguinte maneira:

No clima espiritual criado pelo romantismo alemão, surgiram, no final do século XVIII, a Filologia Germânica, a Filologia Românica e a Linguística Moderna. O interesse e a admiração dos românticos alemães por tudo que era exótico e

medieval fizeram que não só se ocupassem da civilização e da literatura da antiga Índia e estudassem o sânscrito, mas que estudassem também os Minnesänger alemães e a literatura romântica da Idade Média (p. 33).

A filologia e a linguística germânica são as primeiras que surgem das três que Vidos enumera. A linguística germânica e o método histórico-comparativo, base da linguística científica moderna, têm como marco fundador a *Deutsche Grammatik* elaborada por Jacob Grimm (1785-1863), que no segundo volume da obra apresenta a que depois será conhecida como *Lei de Grimm*. Berman (2002) afirma que, para Novalis e os outros intelectuais românticos, a filologia é a ciência da literatura: “Tudo o que trata dos livros é filológico. As notas, o título, as epígrafes, os prefácios, as críticas, as exegeses, os comentários, as citações, são filológicos. E puramente filológico tudo o que trata somente dos livros, só se relaciona com eles e de modo algum com a natureza como original” (p. 130). O novo ideal humanista romântico é o homem de letras que se debruça em atividades que vão desde a tradução até a crítica literária e a pesquisa filológica: “A. W. Schlegel não é somente um grande polítradutor: é um eminente filólogo, formado na escola de Heyne e de Bürger, especialista (entre outras coisas) em sânscrito e literaturas medievais, com o qual homens mais “cientistas” como Bopp, Diez ou Von der Hagen aprenderam muito” (p. 229- 230).

De acordo com Berman, A. W. Schlegel influenciou na formação intelectual do também alemão Friedrich Diez (1794-1876), considerado o pai da filologia e da linguística românicas por aplicar o método histórico-comparativo de Franz Bopp e de Jacob Grimm a essa família linguística:

Con extrema competencia y refinamiento técnico, Fr. Diez (1794-1876), epígono del Romanticismo y considerado el fundador de la filología románica, compila la *Gramatik der romanischen Sprachen* [Gramática de las lenguas románicas], impresa en Bonn de 1836 a 1843 y el *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen* [Diccionario etimológico de las lenguas románicas] (Bonn, 1854). Estas obras fueron, hasta la reelaboración de Meyer-Lübke, los instrumentos fundamentales de la romanística. Diez dejó, además, obras esenciales en el dominio

particular de la provenzalística. Fue, así, continuador de Raynouard por un lado y de Schlegel por otro (RENZI, 1982, p. 69-70).

Antes disso, entre 1826 e 1829, Diez tinha publicado na cidade de Zwickau *Die Poesie der Troubadours* e *Leben und Werke der Troubadours*, obras que recuperavam a rica tradição trovadoresca medieval para os intelectuais românticos europeus da época. O trabalho de Diez é precedido por escassos anos pela obra de François Just Marie Raynouard, nascido em Brinhola⁵³ e primeiro pesquisador da poesia trovadoresca medieval. Vidos (1996) descreve a obra desse filólogo do seguinte modo:

Assim, os românticos alemães haviam preparado o terreno para o fundamental trabalho filológico de François Raynouard, que não era um romântico nem um artista, mas que, com sua antologia em seis volumes e com o estudo aprofundado do provençal antigo e da língua dos trovadores (*Choix de poésies originales des troubadours*, Paris, 1816-21) realizou o que só podia suscitar o entusiasmo nostálgico de Friedrich Schlegel. O primeiro tomo da obra contém a “gramática da língua romana”, o sexto a “gramática comparada das línguas da Europa Latina” (p. 33-34).

Comprova-se assim que, durante a primeira metade do século, ocorreu uma recuperação erudita da literatura medieval em língua occitana cuja autoria se adscrevia aos trovadores, palavra que aparece no título tanto da antologia de Diez quanto na de Raynouard. As obras desses dois filólogos parecem discorrer quase em paralelo na pesquisa das raízes linguísticas da Europa Latina: “Diez no se aparta nunca de la idea, ya presente en Schlegel, en Raynouard, etc., de que la poesía provenzal es un arte altamente elaborado” (RENZI, 1982, p. 70). Cabe lembrar que, após os séculos da Alta Idade Média, a lírica antiga grega, reduzida na época a fragmentos de citação indireta, era praticamente

⁵³ Em francês Brignoles, município que atualmente pertencente à região francesa Provence-Alpes-Côte d’Azur, departamento de Var, e faz parte do domínio linguístico occitano. Assim, François Just Marie Raynouard representa um nexo entre a tradição trovadoresca medieval e o movimento do *Felibritge* de Mistral.

desconhecida no Ocidente enquanto que, da latina, apenas as odes de Horácio eram lidas e transmitidas; mas essas são tão diversas (enquanto a sua temática, métrica etc.) da lírica dos trovadores que dificilmente poderiam ter servido como modelos. A situação literária muda radicalmente na passagem do ano mil e “desde o século XI, uma grande poesia, uma poesia erudita e, contudo, jovem e vigorosa, florescia nas terras meridionais do que viria a ser a França. Um canto novo se erguia” (CHAMSON, 1973, p. 32). Por isso, “os primeiros capítulos da história literária da moderna Europa foram escritos, no curso do século XII, pelos trovadores de Provença”. (SPINA, 1996, p. 17). Não é o nosso atual objetivo considerar as diferentes teorias que filólogos, linguistas e críticos literários já enunciaram sobre a origem da lírica provençal⁵⁴; basta dizer que os aproximadamente trezentos e cinquenta trovadores e *trobairitz* – mulheres trovadoras – conhecidos forjaram, após a cesura dos chamados *Séculos Escuros*, uma lírica nova no Ocidente, cuja tradição avança através dos séculos, dos movimentos estéticos e dos poetas sem interrupção até o Romantismo. Existe, pois, um elo entre a recuperação e a edição da lírica medieval e o nascimento da filologia:

De hecho, fue el afán de dar solidez a este “espíritu del pueblo” particular y diferenciador lo que llevó a que en Alemania se produjeran las primeras antologías serias de leyendas y canciones populares, (...). Estas antologías impulsaron el estudio de la filología moderna, que separaba el estudio de la literatura en diversas literaturas “nacionales” sobre la base de distinciones lingüísticas consideradas inviolables y absolutas. (BRENNAN, 2010, p. 78)

Portanto, esse movimento erudito romântico se interessa pela área linguística e literária occitana e fala da língua, mas não fala a língua. Hábito que continuou vigente nos ambientes universitários franceses, como evidencia a seguinte afirmação:

A la seguida de G. Paris, tot un corrent de la dialectologia e de la sciéncia linguistica dins

⁵⁴ Objeto de diversas pesquisas e debates como se infere no seguinte trecho: “A épica dos *trouvères* do Norte, e a lírica dos *troubadours* do Sul já nascem maduras, constituídas, refinadas pressupondo, portanto, um período anterior de elaboração cujas raízes estão por determinar” (SPINA, 1990, p. 18).

l'Universitat francesa foncionarà coma una negacion e una deslegitimacion de l'occitan. Nomenar l'occitan "pates(es)" a permés de ne bastir una sciéncia sens lo reconéisser, de **ne** parlar a l'universitat sens **lo** parlar o l'ensenhar. Ne sèm pas encara sortits uèi. (SAUZET, 2008, p. 116, grifos meus)

Diferentemente das atividades desenvolvidas pelos filólogos do século XIX, o grupo de intelectuais do *Felibritge* e da *Renaixença* considera que não basta com *contar a língua* e a literatura, explicá-la e estudá-la com baseamento filológico, mas que o seu projeto de recuperação precisa desenvolver uma atividade poética renovadora e criativa; *cantar a língua* e *cantar na língua*. Certamente, a antiga lírica provençal fornece a eles uma rica fonte de inspiração, de temas, de estrofes e de formas poéticas. Dessa forma, conseguem estabelecer um vínculo com um passado de esplendor literário e com as mesmas raízes linguísticas e literárias da Europa Ocidental: o amor cortês ou *fin'amors*. Igualmente objetivam continuar a ingente obra dos trovadores medievais e se consideram a si mesmos não apenas poetas, mas sim trovadores novos ou modernos – em oposição aos antigos–, continuadores da mesma tradição e conhecedores dos mais profundos anseios da alma dos seus povos. Passagem que se molda na valorização e recriação da Idade Média, ponto de partida das tradições, das especificidades das comunidades nacionais do mosaico europeu, consonantes com as ideias românticas. Trata-se aqui de um Romantismo que recria um passado idealizado, em certa medida, uma miragem que os poetas tentam traduzir, reler, reescrever para justificar a própria história e legitimar a nova literatura. Este elo manifesta-se de diversas formas. Além dos títulos das antologias *Los trovadors nous* (de Bofarull, 1859) e *Los trovadors moderns* (de Balaguer, 1859), vários poemas do *corpus* incluem essa palavra no título ou fazem referência a ela em algum verso⁵⁵. Dentro dessa recuperação do passado como motor do presente, vale dizer que intelectuais catalães como Antoni de Bofarull tiveram acesso ao imenso arquivo da Coroa de Aragão, onde encontraram um rico acervo de documentos redigidos em catalão nos séculos precedentes. Faz-se então preciso estudar o trovador como figura basilar da construção do sistema mítico-simbólico que norteia a obra desses

⁵⁵ Na seção 5.1.3 do capítulo V, faz-se um comentário aprofundado da figura do trovador e sua relação com a língua.

escritores. No poema que Víctor Balaguer dedica ao poeta valenciano do século XV Ausiàs March (número XVI de nossa antologia) afirma ter aprendido os versos de March quando era criança, fato que pressupõe a transmissão da leitura em língua vernácula e o acesso à literatura clássica catalã pelo menos em uma parte da sociedade da Catalunha. A partir de aqui, cabe questionar que imagem do trovador apresentam os poetas que estudamos em suas composições.

Primeiramente, é possível fundamentar uma definição para *trovador* partindo do carácter culto da sua escrita e da língua empregada nas composições:

En sentit estricte, aquesta denominació és aplicada als poetes cultes i de nom conegut que escriviren en una forma supradialectal dels parlars de les terres d'oc als s. XII i XIII, bé que, als s. XIV i XV, fou aplicada també als poetes d'aquestes mateixes terres i de Catalunya i s'estengué als francesos (*trouvères*), als italians (*trovatori*) i als gallegoportuguesos i castellans (*trovadores*). Poeta i músic ensems, les seves composicions no són pas concebudes per a ésser llegides, sinó escoltades. Hom pot establir que el nombre de trobadors que escriviren en provençal (en el sentit ampli del mot) és d'uns tres-cents cinquanta (la vaguetat és deguda a problemes d'atribució o duplicitats de noms), dels quals resten exactament 2542 composicions, de 256 de les quals hom conserva la melodia. Aquestes composicions són transmeses per un centenar de cançoners, o antologies poètiques més o menys extenses, copiats principalment als s. XIII i XIV, la immensa majoria per mà italiana, i en menor proporció per mans llenguadocianes i catalanes (disponível e: <<www.encyclopedia.cat>> 2012).

Também é possível delimitar a extensão geográfica dos trovadores medievais; a área primitiva da produção trovadoresca coincide, com bastante precisão, com a área em que se desenvolve o *Felibritge*, de acordo com Riquer (2011): “Su área geográfica, que en la actualidad poco ha variado respecto a su extensión en la Edad Media, ocupa una vasta zona del Mediodía de las Galias que se halla comprendida entre el Atlántico, al oeste; la frontera italiana al este; el Macizo Central, al norte, y los Pirineos y el Mediterráneo, al sur” (p.

10). O autor explica que os trovadores e as *trobairitz* medievals eram aqueles que compunham “poesías destinadas a ser difundidas mediante el canto y que, por tanto, al destinatario le llegan por el oído y no por la lectura” (ibid., p. 19). Pois, “el arte de componer versos y su melodía se llama *trobar*, “trovar”, y este verbo ya lo emplea el primer trovador de obra conservada, Guilhem de Peitieu”. (ibid., p. 19). A seguir, referencia as orígenes etimológicas da palabra:

Los orígenes de la palabra *trobador* (en caso sujeto *trovaire*) no son una mera curiosidad etimológica, sino una patente y decisiva constancia de dos vertientes culturales que confluyen en el arte de nuestros poetas. Se admite que las palabras provenzales *trobar* y *trobador* derivan del latín medieval *tropar* y *tropador*, formadas a su vez sobre *tropus*, nombre de ciertas composiciones versificadas con melodía que se introducían en el canto litúrgico y que precisamente fueron cultivadas con intensidad en el siglo XI en la abadía de San Marcial de Lemotges, o sea en las tierras mismas donde se produjo la poesía trovadoresca y algo antes de sus primeras manifestaciones conocidas (p. 19-20).

Por estar vinculada à oralidade, a lírica trovadoresca da *fin'amors* espalhou-se de corte em corte, desde sua área originária, por um território cada vez mais extenso:

L'àrea geogràfica genuïna de la producció trovadoresca ocupa els antics comtats de Tolosa i de Provença, Gascunya, el Perigord, el Llemosí, l'Alvèrnia, el Carcí i el Delfinat, però molt aviat s'estengué fora dels límits propis de la llengua i **atenyé una part del Poitou, el nord d'Itàlia i Catalunya, fins i tot els regnes de Mallorca i de València** (per exemple, Berenguer d'Anoia, nat a Inca, o Pere el Gran, nat a València), i **fou escoltada a les corts de Sicília, Malta, Navarra, Castella, Portugal i a l'imperi d'Orient**. (disponível em: <<www.enciclopedia.cat/>> 2012, grifos meus)

Quando os trovadores expandem a sua área de influência cultural e literária, tornam-se figuras da tradição europeia. Talvez por essa razão, o tema do trovador atraiu o interesse de escritores românticos de tradições linguístico-literárias mais ou menos afastadas⁵⁶. Em todo caso, os trovadores occitanos e catalães estabelecem um compromisso com os seus antecessores medievais, referentes históricos dos quais conheciam os nomes e as obras. Esse fato contrasta quando comparado com outras áreas – como a irlandesa, a escocesa, a bretã ou a galega – que reivindicavam a figura mítica do bardo Ossian, recriação artística do que pôde ter sido o cantor dos antigos povos célticos e, portanto, afastado de um antecedente histórico. Porém, tanto a figura do trovador como a do bardo cumprem uma missão paralela: encarnar a voz da comunidade, serem os criadores dos seus mitos, os arautos que têm que despertar a nação do sonho em que está esvaecida. Nesse sentido, os trovadores assumem um posicionamento de oradores para com a comunidade; de acordo com Robinson (1997, p. 66) “in the European rhetorical imagination the orator or eloquent leader *by definition* speaks a different language from the ‘inarticulate’ or uneducated masses”.

Porém, existe uma diferença importante entre a lírica medieval dos trovadores antigos e as composições dos trovadores occitanos e catalães do século XIX; os primeiros compunham as suas obras para a oralidade enquanto os segundos traduziram o trovadorismo para o seu contexto letrado. Levý (2011) salienta uma diferença notável entre o trovador medieval e o escritor moderno no que tange à maneira que um e outro tinham de se relacionar com o público, que ele chama de audiência:

Over time, there has been a gradual alienation in the relationship between authors and their audiences.

1. The first stage was the substitution of personal performance by bards, troubadours or minnesingers by an impersonal print medium. Subsequently, literature has been continually seeking to recover its oral tone and style.

2. The second, later and less conspicuous stage of alienation has been the **substitution of direct contact between the author’s words and the**

⁵⁶ Dentre elas, a peça *El trovador* do escritor romântico espanhol Antonio García Gutiérrez (1813-1884) na qual se inspirou Giuseppe Verdi para compor a celeberrima ópera *Il trovatore*.

reader by indirect contact, mediated by the translator (p. 180, destaques meus).

Ou seja, a relação direta que os trovadores tinham com a sua audiência foi substituída com o passar dos séculos pela escrita que afastava o poeta do ouvinte, convertido em leitor. Esse contato indireto é a passagem da oralidade para a literatura. O canal de transmissão marca assim uma diferença entre os trovadores medievais e os trovadores catalães da *Renaixença* e os *felibres* occitanos que compõem poemas destinados à leitura, editados em livros e antologias, os quais, no máximo, poderiam ser declamados em encontros poéticos.

Justamente esse grupo de escritores convocou diversos encontros, recitais, festivais e torneios de poesia e, muitas vezes, os poemas eram declamados nesses encontros antes de serem impressos.

Salientam-se os *Jocs Florals* (Jogos Florais) dentre tais eventos já que serviram como canal de expressão tanto para o *Felibritge* quanto para a *Renaixença*. Esse certame recuperava uma tradição medieval (inspirava-se, pois, no trovadorismo), esta, por sua vez, possivelmente inspirada nas festas celebradas em Roma, no final do mês de abril, em honra da deusa Flora. Os Jogos Florais de Toulouse (celebrados pela primeira vez em 1324) eram um torneio à moda das justas de cavaleiros, mas, nesse caso, competia-se com a pluma e não com a espada. Os participantes disputavam vários prêmios, que eram diversas flores. Mais tarde, a tradição ingressou na Catalunha; na cidade de Lleida celebrou-se um concurso poético desse tipo em 1338 e, em 1393, o rei Joan I os introduziu em Barcelona⁵⁷. Porém, o colapso da cultura occitana por causa da Cruzada Albigense acarretou a decadência do cultivo da poesia que usava essa língua como veículo. Os Jogos Florais foram interrompidos durante o século XV em Toulouse enquanto que em Barcelona foram substituídos por outros eminentemente religiosos e de escassa relevância literária.

Essa tradição medieval é retomada a meados do século XIX; Balaguer e Bofarull auspiciaram a restauração dos *Jocs Florals de la Llengua Catalana de Barcelona*, que finalmente se celebram em 1859⁵⁸.

⁵⁷ Sabemos bastante sobre o funcionamento e o cerimonial dessas festas medievais graças às notícias que forneceu Felip de Malla ou as informações que Enrique de Villena oferece no livro *Arte de trobar*, de 1414.

⁵⁸ Em março daquele ano, Joan Cortada, Josep Lluís Pons i Gallarza, Víctor Balaguer, Manuel Milà i Fontanals, Joaquim Rubió i Ors, Miquel Victorià Amer e Antoni de Bofarull solicitaram à prefeitura de Barcelona a restauração dos

Em 1879, acontecem os *Jocs Florals de Lo Rat Penat*, em Valência, e em 1861, se convocam pela primeira vez os *Xogos Florais da Galiza*, o que vem mostrar como o certame irradiou-se além do âmbito occitano-catalão para outras áreas linguístico-culturais peninsulares. Desse modo, os Jogos Florais foram um notável incentivo à criação poética dos jovens escritores na língua própria de cada comunidade. Além disso, os Jogos adquiriram importância histórica pelo seu papel na recuperação do uso social da língua e serviram denexo entre a literatura contemporânea e a tradição medieval. Igualmente, os Jogos Florais vertebraram os territórios da língua occitana e catalã e fizeram com que cada movimento cultural participasse das novas ideias – estéticas e literárias – associadas ao Romantismo. De fato, boa parte dos autores da presente antologia participou em diversas ocasiões desses Jogos; alguns dos textos que a compõem ganharam prêmios no certame (por exemplo, o poema *Ausiàs March* de Víctor Balaguer recebeu a Englantina de Ouro⁵⁹, nos Jogos Florais, em 1859), enquanto outros fazem referência à competição. Em síntese, esses jogos foram um marco de capital importância nos respectivos projetos de estabelecer uma literatura nacional e recuperar o uso literário da língua. Além disso, consideramos que a reivindicação da figura do trovador como mito nacional inscreve a *Renaixença* e o *Felibritge* em um contexto românico e mediterrâneo, apesar das diferenças entre os trovadores medievais e os poetas românticos, separados uns dos outros pelo lapso de mais de seis séculos.

Por outro lado, a defesa encarecida que esses autores fazem da língua pressupõe uma ofensiva na autoafirmação que precisa construir a língua. Isto, a nosso ver, marca uma diferença saliente entre as produções artísticas aqui examinadas e as produções de autores coetâneos que escreveram em um idioma padronizado (como o espanhol Gustavo Adolfo Bécquer, o francês Victor Hugo, o português Almeida Garrett ou o britânico Lord Byron, para citar alguns exemplos). O grupo de escritores occitanos e catalães apaga as diferenças dialetais inerentes e procura uma diferenciação das línguas vizinhas fixando normas ortográficas, padrões gramaticais, formas poéticas e valores estéticos;

Jocs Florals ou da *Gaia Ciència* instituídos por Joan I, em 1393. Aprovada a petição, a própria Prefeitura forneceu o orçamento dos jogos e os colocou sob o seu patrocínio (disponível em: <<www.enciclopedia.cat/>>).

⁵⁹ Entregavam-se como prêmio diferentes flores naturais assim como flores feitas com metais preciosos. A Englantina de Ouro era a reprodução de uma englantina (nome científico *rosa rubiginosa*), flor do roseiro silvestre, comum na flora mediterrânea.

tarefa considerada de “suprema importância, pois dizia respeito à própria sobrevivência dos povos enquanto estados-nações geopoliticamente bem definidos” (RAJAGOPALAN, 2011, p. 128). Cabe-lhes construir uma identidade para a língua, processo que se desenvolve em etapas sucessivas, as quais podem ser enumeradas da seguinte maneira:

A influência que as tradições gramaticais costumam ter no processo de construção de uma “língua”: parte-se da observação do discurso, continua-se pela cunhagem de estereótipos do tipo “língua X” a que são atribuídos determinados textos, e vai-se elaborando um modelo gramatical cada vez mais abstrato e focalizado da tal língua X, que, convenientemente definido, imposto e reconhecido, informa certas práticas linguísticas que são apresentadas como referência exemplar. No processo, conforme a língua X vai sendo progressivamente nomeada, formalizada, padronizada, institucionalizada e totemizada, tanto o comportamento linguístico real quanto a percepção e a conceitualização dela vão experimentando sucessivos reajustes, de maneira que se avança desde um estágio inicial de extrema difusividade para uma focalização cada vez mais intensa (MONTEAGUDO, 2011, p. 17).

Salientamos a importância de dar um nome para a língua como parte integrante desse processo e criar um imaginário vinculado ao idioma em elaboração. De acordo com Bagno (2011a), a tarefa de nomear a língua não está isenta de uma forte carga ideológica e cumpre a “missão de produzir um mito de origem” (p. 374). O mesmo autor acrescenta:

Durante muitos séculos, as línguas maternas europeias foram chamadas de “vulgares”. Nos territórios do antigo Império Romano, esses “vulgares” foram chamados de “romances”, sem outra designação específica. (...) Somente a partir do Renascimento as línguas vulgares passarão a ser valorizadas, como instrumentos que permitem a comunicação direta do poder com seus súditos.

E para isso, **elas precisam de um nome.**
(BAGNO, 2011a, p. 372, grifos meus)

Como vimos no segundo capítulo ao demarcar o âmbito geográfico do nosso estudo, aqui falamos da tradução do *occitano* e do *catalão*, das produções literárias em *occitano* e em *catalão* etc., tais nomes não eram na época estudada nem reconhecidos pelas elites intelectuais, nem usados pelos seus falantes. O *occitano* e o *catalão* floresceram como línguas de cultura durante a Baixa Idade Média, mas foi justamente na chegada do Renascimento que esse desenvolvimento estancou a ambas as margens dos Pireneus. Assim, no século XIX, os poetas encontram-se diante da necessidade de dar um nome para a língua em que escrevem. No contexto *occitano*, o termo *patois* é rejeitado por ser considerado depreciativo⁶⁰, porém outros nomes como *provençal* ou *gascão* apresentavam o problema de não englobar todos os territórios *occitano*-falantes. No caso do *catalão*, vários poetas, o primeiro deles Bonaventura Carles Aribau, referem-se à língua com o nome de *llemosí* ou de *llengua llemosina*. Esse nome adscrive-se à região, atualmente francesa, de Limoges, um dos mais antigos e ativos núcleos trovadorescos medievais. Durante a Idade Média esse termo tinha sido usado para designar o sistema linguístico falado no amplo arco do Mediterrâneo, desde os vales piemonteses passando pela França meridional até o território *catalão*, valenciano e as Ilhas Baleares; ou seja, essencialmente o que hoje é o domínio do grupo românico-pirenaico como descrito na seção 2.1⁶¹. A voz manteve-se viva durante os séculos da *Decadència* nos antigos reinos de Valência e de Mallorca⁶², embora, para muitos dos seus falantes, essa língua materna

⁶⁰ Sentido ainda presente como demonstra a definição que traz do termo *patois* o Dicionário Larousse da língua francesa: «Système linguistique **essentiellement oral**, utilisé sur une **aire réduite** et dans une **communauté** déterminée (généralement **rurale**), et **perçu** par ses utilisateurs **comme inférieur à la langue officielle**»(disponível em :<< >>, grifos meus)

⁶¹ A origem da aplicação ao *catalão*, e às vezes ao *occitano*, deste nome documenta-se a partir de 1200 no tratado de retórica trovadoresca e nas *Razós de trobar*, primeira obra gramatical de uma língua românica, escrita por Ramon Vidal de Besalú, que chamava de *lemosin* todo o *occitano*, no qual muitos consideraram que se incluía o *catalão*, pelo autor ser da Catalunha e falar *del nostre lengatge* (a nossa linguagem ou o nosso falar).

⁶² Em 1502, em Mallorca, um cartaz anunciava a premiação de obras em “cobles lemosines” em honra de Ramon Llull. Em 1531, deu-se o nome de *llengua llemosina* à língua *catalã* contemporânea na edição do *Espill* de Jaume

muito provavelmente não tivesse um nome: “abans la gent deia *parlar en pla, parlar romanç...* les llengües no tenien nom i s'utilitzava això amb una freqüència relativa durant tot el segle XV. (...) El català quan arriba a València (igual que quan arriba a Mallorca) no té nom” (MIRA, 2008, p. 70).

O nome de *llengua llemosina* apresentava a vantagem de dar uma denominação unitária sem referências geográficas que provocassem suscetibilidades e ainda fazia referência ao antigo prestígio do idioma. Foi bem acolhido tanto nas Ilhas Baleares quanto no País Valenciano, onde se fez muito popular nos ambientes da *Renaixença*. Porém, na segunda metade do século XIX, alguns autores catalães como Manuel Milà i Fontanals, principal especialista em literatura trovadoresca, e Antoni de Bofarull consideraram inadequada tal designação; em 1862, o balear Marià Aguiló i Fuster reivindicou a recuperação do nome de catalão nos Jogos Florais, e o valenciano Vicent W. Querol deu o título de *Rimes catalanes* (1877) para a sua obra. Desse modo, *llengua llemosina* foi progressivamente sendo substituída por *catalão*.

Os avanços da linguística e da filologia românica acontecem em paralelo ao desenvolvimento do *Felibritge* e da *Renaixença* e contribuem para demarcar as áreas linguísticas da România. As pesquisas dos primeiros filólogos (como Wilhelm Meyer-Lübke, Gustaf Gröber, Gaston Paris ou Isaia Ascoli) definiram e articularam progressivamente o espaço da família linguística precisando o que constituía uma língua românica⁶³ (aquela cuja morfologia e cujo vocabulário provinham do latim falado ou vulgar) e quantas línguas românicas existiam como sistemas independentes: o francês, o occitano, o catalão, o italiano, o espanhol, o romeno e assim por diante⁶⁴. O território assume um papel fundamental na definição da língua falada em cada lado dos Pireneus. Igualmente, os intelectuais catalães e occitanos, sem renunciar à inteligibilidade e a intercompreensão existente entre os dois idiomas, conduzem uma padronização em paralelo que seleciona aqueles traços que caracterizam o occitano e o catalão como línguas diferentes; uma *seleção* que, vale lembrar, implica

Roig. E, de fato, a Real Cédula de Aranjuez de 1768, ditada pelo rei Carlos III de Espanha proíbe o uso da língua “llemosina” nos tribunais de justiça e nas escolas.

⁶³ Gargallo Gil e Reina Bastardas (2007, p. 35).

⁶⁴ Lembre-se que a *Grammatik der Romanischen Sprachen* (1890) de Wilhelm Meyer-Lübke separa *katalanisch* de *provençalish*, embora mantenha também a voz *Limousin* (Cf. 2.1).

um processo simultâneo de *exclusão*, de acordo com Bagno (2011a, p. 365).

No entanto, esse florescimento acadêmico teve duas consequências positivas no âmbito das línguas e das culturas aqui estudadas: por um lado, as definiu como idiomas e não como dialetos ou corrupções de outros idiomas, como línguas diferenciadas, como sistemas discretos e não contínuos; e, por outro, ajudou a recuperar a rica literatura medieval, demonstrando assim a capacidade e os recursos que elas possuíam para a expressão artística. Frente a essa separação entre línguas românicas, consideramos que autores como Frederic Mistral acenaram (em poemas como *A la Raço Latino*, número VI, e *A la Roumanio*, número VII da antologia) um ideal pan-latinista, de união e diálogo entre os povos, como será discutido na seção 5.3.

Em suma, os poetas da antologia consideram-se trovadores chamados a representar a voz da comunidade segundo as suas ideias românticas e nacionalistas. E desde a lírica, contribuem para a construção de uma consciência linguística da comunidade. Dessa forma, podemos dizer que representam um estágio *pre-gramático* no estabelecimento de uma entidade linguística autônoma. Ao fornecer modelos fonéticos, ortográficos, morfológicos e sintáticos, contribuíram com o trabalho dos gramáticos do começo do século XX⁶⁵ que dariam para esses dois idiomas sua atual fisionomia.

3.3. *Horizonte da antologia: posicionamento do tradutor e projeto de tradução*

Para analisar e discutir nosso projeto de recontextualização, adotamos as teses de Antoine Berman (1995) que associam a tradução a um posicionamento tradutório, a um projeto de tradução e a um horizonte assumido pelo tradutor. E usamos o termo *teses* – entendido como conjunto de princípios, pensamentos e ideias – e não outro como *teorias*, concordando com o mesmo autor que afirma que “a tradução pode perfeitamente passar sem teoria, não sem pensamento. E esse pensamento sempre se efetua em um horizonte filosófico” (BERMAN, 2007, p.19). Desenvolver uma *reflexão*, e não uma teoria, permite

⁶⁵ Pompeu Fabra i Poch publicou a sua *Gramàtica Catalana*, em 1918 e Loís Alibert publicou a *Gramatica occitana segons los parlars lengadocians*, em 1935.

colocar a presente pesquisa no quadro conceitual fornecido pela dupla *experiência e reflexão* que vem substituir a dupla *teoria e prática*.

Primeiramente, é necessário definir o que Berman (1995) entende como posicionamento tradutório (*position traductive*):

La position traductive est le rapport que le traducteur entretient avec sa propre activité, une certaine « conception » ou « perception » de traduire marquées par un discours historique, social, littéraire, idéologique etc. (...) La position traductive est, pour ainsi dire, le « compromis » entre la manière dont le traducteur perçoit en tant que sujet pris par la *pulsion de traduire*, la tâche de la traduction, et la manière dont il a « internalisé » le discours ambiant sur le traduire (les « normes »). La position traductive, en tant que compromis, est le résultat d'une *élaboration* : elle est le *se-poser du traducteur vis-à-vis de la traduction*, se-poser qui, une fois choisi (car il s'agit bien d'un choix), lie le traducteur, au sens où Alain disait qu'« un caractère est un serment ». (p.74-75)

Vemos que o posicionamento tradutório expressa a relação entre o tradutor e a sua própria atividade; ele é uma concepção ou uma percepção e um compromisso marcado pelo discurso histórico, social, literário e ideológico. Seguindo uma trilha semelhante ao posicionamento tradutório bermaniano, Levý (2011) faz a seguinte afirmação:

It is possible to consider a translation as the expression of the translator's creative individuality and accordingly to identify the contribution of the translator's personal style and interpretation to the resultant structure of the work. **The translator is an author associated with a particular time and national culture**, whose poetics can be studied as an exemplification of differences in the literary evolution of two nations and differences between the poetics of two epochs. (p. 14, grifos meus)

Salientamos da asserção de Levý o fato de avaliar que o posicionamento tradutório está associado ou condicionado pela cultura, época e formas literárias da língua de chegada; ou seja, considerando o contexto em que a tradução acontece: “Translation is therefore an original **creative process taking place in a given linguistic environment**. A translation as a work of art is artistic reproduction, translation as a process is original creation and translation as an art form is a borderline case at the interface between reproductive art and original creative art” (p. 57-58, grifos meus).

Ao entender a tradução como processo criativo, pondera-se a existência de múltiplas possibilidades condicionadas por posicionamentos tradutórios que, por sua vez, dependem do contexto linguístico, cultural, literário, ideológico do tradutor e da língua de chegada. Ou seja, não há uma única opção de tradução válida nem uma única maneira de traduzir. Isto faz com que o nosso projeto – como qualquer outro – desenvolva apenas uma via de análise, deixando abertas inevitavelmente outras possíveis abordagens. Em todo caso, o posicionamento tradutório deve ter uma intenção uniforme à qual se subordinem as soluções e escolhas pontuais: “Translation practice demands, perhaps more than any other activity, a uniform conception, (...) Above all, the translator must have a uniform intention, to which individual translation solutions are subordinated” (LEVÝ, 2011, p. 69). Igualmente, advoga-se por uma tradução que respeite a *letra* em toda a sua precisão linguística, mas sem cair na literalidade ingênua, de acordo com Berman (1995, p. 175). Nesse sentido, ainda, o posicionamento assumido no presente trabalho entende que não toda tradução, pelo mero fato de ser uma tradução, há de ser um subproduto literário, de qualidade inferior ao original. E, de acordo com as ideias de Berman (2007), procuramos explorar os recursos da língua de chegada a fim que ela consiga albergar esses textos estrangeiros.

Neste ponto, precisamos definir o projeto de tradução (*projet de traduction*) que rege o posicionamento aqui expresso, começando pela seguinte asserção: “Le projet de traduction : l’union dans une traduction réussie, de l’autonomie et de l’hétéronomie, ne peut résulter que de ce qu’on pourrait appeler un projet de traduction, lequel projet n’a pas besoin d’être théorique” (BERMAN, 1995, p. 76). Deste modo, o resultado final da tradução depende do projeto. Isto é, que seja uma tradução bem sucedida (*réussie*) ou tradução fracassada (*ratée*). Esta última equivale a um processo de perda resultante de um projeto errado (*projet erroné*) (p. 37). E o autor ainda acrescenta, “qui dit « projet » dit « cohérence »” (ibid., p.86). Entendemos, pois, que o projeto de

tradução não precisa ser *teórico*, mas deve ser *coerente*. Em outra obra, Berman (2007) considera que tradicionalmente a tradução caracterizou-se por ser *etnocêntrica*, no âmbito cultural; por ser *hipertextual*, no literário; e por ser *platônica*, no filosófico (p. 26). O autor propõe uma definição para cada um desses termos, aqui destacamos dois:

Etnocêntrico significará aqui: que traz tudo à sua própria cultura, às suas normas e valores, e considera o que se encontra fora dela – o Estrangeiro- como negativo ou, no máximo, bom para ser anexado, adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura.

Hipertextual remete a qualquer texto gerado por imitação, paródia, pastiche, adaptação, plágio, ou qualquer outra espécie de transformação formal, a partir de um outro texto já existente. (p.28, grifos meus)

Segundo a tese bermaniana, essa tríplice dimensão oculta uma essência mais profunda, que o autor define com três adjetivos opostos: a tradução pode ser *ética*, *poética* e *pensante* já que, “em suas regiões mais profundas, o traduzir está ligado à ética, à poesia e ao pensamento” (p. 26). Confronta-se a tradução como clara, acessível, assimilável e domesticada à tradução como não-comunicativa, inacessível, inassimilável, estrangeirizante. No entanto, também afirma que: “Toda tradução comporta uma parte de transformação hipertextual, sob a pena de ser o que a língua espanhola chama de uma *traducción servil*, na medida em que se efetua a partir de um horizonte literário” (p. 38).

Em síntese, segundo a nossa exposição, o projeto deve articular um equilíbrio coerente entre a autonomia e a dependência (*hétéronomie* em palavras de Berman) do texto, entre língua de partida e de chegada. De novo as ideias de Berman e de Levý parecem percorrer trilhas próximas já que o segundo coloca a tradução como uma forma artística na linha divisória (*borderline*) entre a arte da reprodução (*reproductive art*) e da criação artística (*creative art*) (p. 57-58). Certamente, na natureza híbrida da tradução se encontra, ainda mais na tradução poética, a ambivalência entre a fidelidade ao original e a beleza da tradução entendidas em várias ocasiões como opostos segundo o mito das *belas infieis*; “Beauty and fidelity are often treated as opposites, as though they were mutually exclusive” (Levý, 2011, p. 64). Voltando às teses de Berman (2002), é o tradutor que precisa “forçar dos dois lados: forçar a sua língua a se lastrear de estranheza, forçar a outra língua a se

de-portar em sua língua materna” (p. 19). Finalmente, “une traduction qui se place en face de l’original est une traduction qui a le courage de se montrer” (BERMAN, 1995, p. 132).

Às considerações gerais sobre o projeto de tradução que analisamos, é necessário acrescentar o afastamento epocal entre os nossos autores românticos e o texto traduzido na língua de chegada, como apontado por Levý (2011, p. 62): “A modern translator of a romanticist poet does not adopt the Language of Novalis, Brentano or Macha; the romanticist style will more likely be suggested by verbal means occurring in modern poetry”. E, para sugerir os valores artísticos do original, o tradutor precisa se servir dos diversos recursos verbais: “La *poéticité* d’une traduction réside en ce que le traducteur a ralisé un véritable travail textuel, *a fait texte*, en correspondance plus ou moins étroite avec la textualité de l’original” (BERMAN 1995, p 92).

No entanto, a tradução poética é um ato poético e está ao serviço da poesia (ibid., p. 216). É preciso ainda considerar que a tradução de poesia levanta toda uma série de problemas específicos e, por isso, demanda um amplo grau de flexibilidade e liberdade.

The translator’s creative contribution to a work is greatest where the text is most powerfully conditioned by linguistic and historical factors. For this reason the translation of a poem is as a rule less precise than a translation of a prose work, so it is easier to characterise and assess the work of a poetry translator. (LEVÝ, 2011, p. 178)

Além disso, o tradutor deve levar em conta as diferentes tradições poéticas das línguas concernidas a fim de elaborar um projeto de tradução que tenha por objetivo preservar os valores estéticos e os efeitos acústicos da língua de partida na língua de chegada, mais do que os padrões formais dos textos originais. Ou seja:

Poetic rhythm is based entirely on the phonetic characteristics of a given language and its meaningfulness is not conceptual in nature. The goal of translation is to transfer the acoustic values of the verse to another language, not to copy the metric pattern. If the prosodic system of the source Language is similar to that of the target language, the two procedures may overlap, but if they are substantially dissimilar, a given metre

may have differing acoustic and aesthetic values in the respective languages (ibid., p.87).

A esse respeito, as afinidades linguísticas, as semelhanças nos sistemas métricos e os paralelismos culturais entre línguas de partida (occitano e catalão) e língua de chegada (português brasileiro) são ferramentas que auxiliam o processo de reescrever os pensamentos sobre a língua nacional e a identidade. Isto não invalida a possibilidade de traduzi-los tanto em prosa poética como em verso branco ou mesmo retomando estruturas métricas semelhantes às dos originais. Mas, seja a que for a opção assumida, “traduzir um poema, disse Meschonnic, é, em primeiro lugar, *escrever* um poema” (BERMAN, 2007, p. 38). O quarto capítulo será dedicado à análise, exame e comentário da tradução do *corpus*, ou seja, da *rescrita* do *corpus* em português brasileiro, norteadas por uma tradução em verso.

Após termos examinado o posicionamento tradutório e o projeto de tradução, passemos a explorar o horizonte do tradutor que, de acordo com Berman (1995), contém os outros dois elementos da terna: “Position traductive et projet de traduction sont, à leur tour, pris dans un *horizon*. (...) On peut définir en première approximation l’horizon comme l’ensemble des paramètres langagiers, littéraires, culturels et historiques qui « déterminent » le sentir, l’agir et le penser du traducteur” (p.79). A noção do horizonte apresenta uma dupla natureza entre as possibilidades que ficam abertas para o tradutor e aquilo que permanece fechado a ele:

La notion d’horizon a une double nature. D’une part, désignant *ce-à-partir-de-quoi l’agir du traducteur a sens et peut se déployer, elle pointe l’espace ouvert de cet agir. Mais, d’autre part, elle désigne ce qui clôt, ce qui enferme le traducteur dans un cercle de possibilités limitées.* (ibid., p. 80-81)

A esse respeito, a análise da nossa tradução deverá demarcar o seu horizonte revelando, por um lado, o que *abriu* e o que *encerrou* o ato tradutório em um círculo de possibilidades limitadas. Não obstante, Berman (1995) diz que, como sugerido pelo filósofo Jacques Derrida, “toute première traduction est imparfaite et impure” (p. 84). Consequentemente, o nosso horizonte não pode ser o de uma tradução nem *definitiva*, nem *perfeita*. O posicionamento aqui assumido localiza-

se no entorno universitário e, assim, se espera apenas que o projeto de tradução forneça materiais para o debate acadêmico. Em suma, o nosso horizonte é o da tradução como *introdução*, sem pretensões literárias, segundo as fases sucessivas com que Berman (1995) baliza o processo de tradução em um contexto cultural e linguístico dado:

La *translation* en question a ses formes et ses moments : Une œuvre étrangère est lue, par exemple, en France, ou révélée chez nous ; elle est signalée, elle peut être même intégrée dans un corpus d'enseignement de littérature étrangère telle ou telle sans être traduite ; elle peut être publiée sous une forme « adaptée » si elle « heurte » trop les « normes » littéraires autochtones ; puis **vient le temps d'une courageuse introduction sans prétention littéraire** (destinée généralement à ceux qui étudient cette œuvre) ; puis vient le temps des premières traductions à ambition littéraire, généralement partielles et, comme on sait, les plus frappées de défektivité ; puis vient celui des (multiples) retraductions, et, alors, celui de la traduction de la totalité de l'œuvre. Ce processus est accompagné, soutenu par tout un travail critique. Puis vient *—peut venir—* une traduction canonique qui va s'imposer et parfois arrêter pour longtemps le cycle des re-traductions. La *translation* littéraire s'est accomplie dans ses phases essentielles, qui, naturellement, peuvent se distribuer différemment selon les œuvres, les domaines d'œuvres, les époques, les langues-cultures réceptrices. (p. 57, grifos meus)

A partir dessa citação, cremos que a tradução, ao acontecer, amplia o próprio horizonte de forma progressiva, desde a tradução-introdução até a tradução canônica, sem que o ciclo de (re)traduções se esgote.

Continuando o diálogo entre as reflexões de Berman e as de Levý, que vêm se desenvolvendo nesta seção, apresentamos as três etapas (*three stages*) que este último distingue no trabalho do tradutor. Levý (2011, p.65) tenta assim formular algumas das exigências impostas ao tradutor na sua tarefa e as resume em três categorias: a apreensão do texto fonte (*apprehension of the source*), a interpretação do texto fonte

(*interpretation of the source*) e a re-estilização do texto fonte (*re-stylisation of the source*). Quanto à apreensão do texto fonte tanto na sua dimensão linguística como literária, o tradutor atua primeiramente como leitor: “The translator is first of all a reader. The text of a work is realised as a social fact, and produces an artistic effect, only when it is read” (LEVY, 2011, p. 27). Mais uma vez, o pensamento de Levy coincide com o de Berman (1995), que afirma que a tradução exige leituras vastas e diversificadas e que essas leituras são uma pré-tradução: “La lecture de l’original est déjà une pré-translation, une lecture effectuée dans l’horizon de la traduction” (p. 68).

A seguir, o tradutor deve interpretar o texto original com o qual se propõe trabalhar; nessa etapa deve se abster de impor a sua interpretação subjetiva se mantendo o mais próximo possível dos valores expressados no original (LEVY, 2011, p.40); estabelecendo uma diferença entre o leitor-tradutor e um leitor comum:

Unlike the ordinary reader, who tends to focus more or less intuitively on the most prominent components of a work, a good translator adopts, usually consciously, a particular interpretative position and forms a clear idea of the message the translation is to convey to the reader. (ibid., p. 43)

No entanto, o mesmo autor reconhece que os tradutores deixam marcas da sua leitura e interpretação do texto fonte:

Practically all translators, and translators of poetry in particular, to a greater or lesser extent leave the stamp of their own stylistic tone on the work, and consequently their personal conception of it. Stylistic revaluation should, however, not go so far as to distort the sense of the original. (p. 47)

A interpretação é o estágio que precede à re-estilização e, se entre a apreensão e a interpretação observamos uma diferença entre o leitor e o leitor-tradutor; agora a diferença aparece entre escritor – autor da obra original – e o tradutor-escritor ou o tradutor-autor já que “From the original author we expect an artistic stylisation of reality, and from the translator we expect an artistic re-stylisation of the source” (ibid., p. 47). Neste terceiro ponto, aparecem as diferenças entre a língua, a literatura e a cultura do texto original e a língua de chegada. E, portanto, é aqui onde devemos examinar de maneira aprofundada em que consiste a

proposta de uma tradução *intra-românica* e em que medida essa dá conta (ou não) dos problemas e desafios apontados por Levý no processo de re-estilização.

3.4. *Uma proposta de tradução intra-românica*

Como já foi exposto diversas vezes, tomamos as semelhanças entre os idiomas do nosso trabalho como elemento que auxilia a tradução; entretanto, tais semelhanças não excluem as assimetrias linguísticas derivadas do fato de que nenhuma língua é isomórfica a outra, por mais próximas que elas sejam nos seus níveis fonéticos, morfológicos, sintáticos, semânticos etc. E existem sempre entre elas aspectos divergentes: “*Linguistic asymmetry* [non-isomorphism]. The language of the source and the language of the translation are not directly commensurable. The verbal means of the two languages are not ‘equivalent’, so they cannot be converted mechanically” (LEVÝ, 2011, p. 48). Vale salientar que essas não são apenas de natureza linguística, mas que, entre duas tradições literárias, o tradutor também encontrará assimetrias nos gêneros textuais, nas estruturas métricas, rítmicas, estróficas dentre outras. Fato que cria uma tensão estilística no ato tradutório:

Stylistic tension. Apart from difficulties caused by incommensurability between the two languages and the influence of the linguistic characteristics of the source on the translation, translators are at a disadvantage because the translation is not original in its expression, i.e. because ideas are re-stylised *ex post facto*, using verbal material by means of which and for which they were not originally created. (LEVÝ, 2011, p. 52)

Finalmente, as tensões linguísticas e estilísticas produzem interferências que impactam na tradução: “*Linguistic interference.* The language of the original is actively involved not only in the constitution of the source work; it also has an impact on the translation” (ibid., p. 51).

Partimos das assimetrias e das tensões entre as diferentes tradições românicas, entre as diferentes línguas neolatinas, para nortear o projeto de tradução na busca do “coração materno da língua materna”

e do espaço de “polifonia dialetal”, enunciados por Berman (2007). A proximidade linguística e as afinidades culturais reúnem o que aparentemente se estimaria avulso, conformam uma rede capaz de absorver as tensões que acabamos de descrever, e fornecem as ferramentas para uma tradução que se proponha ficar próxima à *letra*. Isto é o que chamamos de *elementos* para uma tradução *intra-românica*, adstrita a um grupo linguístico (*language-group restricted theories*), de acordo com o mapa de Holmes (1972-1988-2000). Salientamos que o adjetivo *intra-românico* nos parece adequado para definir o horizonte porque aqui não se estudam as relações do grupo românico com outros grupos linguísticos, mas sim as relações linguísticas, culturais e literárias ao interno do *orbis latinus*, da esfera das línguas neolatinas; ou seja, do espaço da *Romania* apresentado no item 2.2.

No horizonte de tais relações, que não são outra coisa além do que o grau e a maneira que essas línguas – e as respectivas comunidades de falantes – têm de participar da Latinidade, entende-se a tradução de autores occitanos e catalães para o português brasileiro como a tradução desde o âmbito da *Romania Minor* para o da *Romania Maior*, assim como a translação – entendida como deslocamento – de tradições culturais da *Romania Continua*, radicada no Sul da Europa, para o contexto cultural da *Romania Nova*, ou seja, o âmbito brasileiro e latino-americano. Ao colocar o nosso trabalho nesse contexto, nos deparamos com um problema que frequentemente ocorre quando os textos procedentes de uma cultura minoritária, subalterna, são traduzidos para um contexto linguístico-cultural majoritário e/ou hegemônico. Como já foi acenado na seção 1.2., e concordando com Robinson (1997), esses textos podem aparecer como produções exóticas, misteriosas ou alheias, criadas para satisfazer os interesses de pequenos grupos de especialistas na área que, não obstante, resultam complicadas e difíceis para os leitores não familiarizados. O autor escreve que os membros de culturas hegemônicas nunca se veem expostos à verdadeira diferença, questão decorrente da tradução de línguas minoritárias para línguas majoritárias:

Members of hegemonic cultures are therefore never exposed to true difference, for they are strategically protected from the disturbing experience of the foreign – protected not only through assimilative translations but also through five-star hotels in third-world countries, and the like. Members of peripheralized cultures in turn are forced to ‘write for translation’, to preshape

their cultural expressions to meet hegemonic expectations. In this way diversity is gradually leached out of the world, and we are all immeasurably impoverished. (ibid., p. 109)

Em contraste com isto, adotar uma proposta de tradução *intra-românica* pode servir no processo de re-contextualização, pois supera a visão das línguas neolatinas como sistemas linguísticos discretos e retorna ao *continuum* medieval, quando todas as variedades românicas constituíam um panorama ecolinguístico de limites permeáveis, uma rede linguística, literária e cultural porosa que torna a experiência do estrangeiro (surpreendentemente) familiar. E depende apenas do devir histórico, que determinada variedade tenha recebido o *status* de língua, dialeto ou linguajar.

Prengam coma basa çò que sonarem "parlar", forma linguistica utilizada per un grop uman e que se pòt considerar coma practicament omogenèa. Dins una primièira concepcion, "lenga" e "dialècte" (e mai eventualament "patés") son d'estatuts que pòdon escaire, segon l'azard e las endevenças istoricas, a tota forma linguistica, a tot "parlar". Tot parlar en principi pòt èsser o dialècte o lenga (o "patés"). (SAUZET, 2008, p. 111)

Dessa forma, é necessário deixar à parte as relações apresentadas no item 2.1., que estruturam e hierarquizam a família neolatina para assim *despir* as falas românicas e fazer delas *lengas nusas* – línguas nuas – adotando a proposta do occitanista Sauzet (2008). Coincidimos com Bagno (2011a) quando afirma que toda língua é um *objeto*, um “construto cultural que logo é envolvido numa rede de representações sociais, crenças, superstições, num imaginário coletivo” (BAGNO, 2011a, p. 358). E, conseqüentemente, entendemos que, ao colocar qualquer variedade românica como *lenga nusa*, se subverte o imaginário estabelecido desde as grandes línguas vinculadas aos Estados-nação.

Neste ponto, interessam os papéis que os Estudos Pós-coloniais atribuem para a tradução, aprofundando algumas das reflexões apresentadas no primeiro capítulo que contemplavam as diferenças de poder entre línguas. A tradução pode ser percebida como canal de colonização, como *para-raios* das desigualdades culturais depois do colapso do colonialismo e, em última instância, como canal de descolonização. Para Robinson (1997, p. 31), esses três papéis seriam

estágios sucessivos de uma narrativa utópica; no primeiro deles, a língua considera-se como despojo de guerra, o conquistador marcha sobre o texto original cativo. Por sua vez, Cronin (1998) entende a tradução como a triangulação entre os vértices do universalismo e da diferença; definição que equivale ao segundo e ao terceiro dos papéis de Robinson. A tradução fica a serviço de uma língua minoritária e da sua comunidade para abrir uma via de difundir, e *desprovincializar*, a produção literária, sem ameaçar a língua original ao mesmo tempo em que cria novos canais de difusão nas línguas de chegada, tanto ao se traduzir de uma língua minoritária para uma majoritária como ao se traduzir entre duas línguas minoritárias. A tradução *intra-românica* procura estabelecer um diálogo nos seguintes termos: “the hope of dialogue, free and **open conversation between equals**, the core of democracy” (ROBINSON, 1997, p. 71).

Entretanto, Cronin (1998) salienta que a língua pode virar um objeto fetiche da identidade coletiva e, assim, qualquer contato externo passaria a ser entendido como uma forma de contaminação. Como vimos que acontece em contextos de bilinguismo e dominação cultural, aparece aqui o mito da língua *pura* – no caso occitano-catalão, decalque dos modelos dos trovadores medievais – que se deve preservar da *contaminação*, da *hibridação*, do contexto plurilíngue em que os autores estão imersos. Assim, a disputa entre o *català acadèmic* (catalão acadêmico) e o *català que ara es parla* (literalmente *o catalão que agora se fala*, que toma por base a língua usada pelo povo) é motivo de profícuos debates durante toda a *Renaixença*. Em todo caso, os intelectuais românticos conseguiram instituir apenas um espaço poético, uma espécie de *gueto estético*, recuperando a expressão de Cronin (1998): “The desired presence of the minority language in all areas of life, in all disciplines, the refusal of the aesthetic ghetto, demands a much greater reflection than has hitherto been undertaken on the role of scientific, technical and commercial translation in identity formation of minorities” (p. 253).

Em suma, as duas comunidades linguísticas incorporam seus falares populares e locais, pesquisam nas suas raízes linguísticas e estabelecem diálogos com outras comunidades mais ou menos vizinhas com o intuito de criar uma literatura nacional integrada à arte nacional,

uma arte nacional que pode se exprimir indiferentemente pela poesia e pela pintura, propondo-nos uma mesma arte de viver. Essa arte

nacional é a arte de uma **nação sem fronteira**, de uma **nação que nunca existiu e que existe**, no entanto, além das aparências e como num mundo invisível. Para compreendê-la, para apreendê-la em sua unidade, sua continuidade mais que milenária, é preciso poder descobrir o que, no fim de sua vida, Mistral chamava “o puro símbolo”. (CHAMSON, 1973, p. 34, grifos meus)

Segundo o autor, esse *puro símbolo* constitui “um dos atributos maiores de toda nação verdadeira, de toda nação real, encarnada: o da língua” (ibid, p. 34). Assim, a língua, o occitano, neste caso, é um dos elementos que dão valor literário a essa poesia, como um processo que se retroalimenta, evidenciando seu *status* de *lenga nusa*. Por esse motivo, os textos das línguas minoritárias não devem ser avaliados apenas pelo seu valor estético ou a sua qualidade literária, mas também pelo seu papel social, cultural e político. No momento recortado pela antologia, nem o occitano, nem o catalão tinham expandido o seu uso a todas as áreas da comunicação, mas foi essa legitimação literária, esse primeiro *gueto artístico* e saudosista, que possibilitou novos espaços para esses idiomas nas décadas posteriores. E assim os poemas da antologia devem ser entendidos como alicerces de uma consciência indenitária ligada à língua.

Dentro do recorte que a proposta de uma tradução *intra-românica* oferece, se afigura necessário questionar também que língua é essa para a qual vão ser traduzidos os textos originais. Recentemente saiu publicado um livro intitulado *O português no século XXI cenário geopolítico e sociolinguístico* (2013), nele o professor Luiz Paulo da Moita Lopes organiza trabalhos oriundos da academia brasileira e de pesquisadores de outras comunidades lusófonas. As considerações, definições e ideias vertidas pelos vários pesquisadores ajudam a construir um retrato polifônico desse(s) artefato(s) normativo(s) que chamamos de *português* – nos termos do primeiro dos autores desta obra, o professor Gilvan Müller de Oliveira (2013)⁶⁶. Ele resume um panorama geopolítico no qual o português é língua oficial em dez países, dos quais oito são membros da CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa)⁶⁷, “mais a Guiné Equatorial, que a oficializou em

⁶⁶ Diretor executivo do IILP Instituto Internacional da Língua Portuguesa na época da publicação desse livro.

⁶⁷ Por ordem alfabética esses são Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Na Cimeira de

2011 ao lado do espanhol e do francês, e da China, ou mais exatamente da RAEM, Região Administrativa Especial de Macau, onde é cooficial ao mandarim até o ano de 2049” (ibid., p. 55), além disso é língua oficial e/ou de trabalho em diversos organismos internacionais, dentre eles o Mercosul e a União Europeia. Este autor apresenta cifras de interesse:

A língua ocupa oficialmente 10,7 milhões de km² e está presente na América, África, Europa e Ásia – nesta ordem em termos demolinguísticos – e tem de 221 a 245 milhões de falantes como primeira ou como segunda língua em variados graus de proficiência, número que cresce em velocidade moderada, (...) Entre 5 e 7 milhões de falantes da língua portuguesa estão nas diásporas, especialmente nos Estados Unidos da América e no Canadá, em diferentes países europeus, no Japão, na África do Sul e na Venezuela. Essas bases geográficas são pontos de apoio e de criação de interesse para a manutenção e o ensino da língua de herança no exterior e importante razão para o intercâmbio comercial e cultural com aqueles países. (...) Na internet, o português alcançou recentemente a cifra de 87 milhões de usuários, passando a ser, em 2010, a quinta língua mais usada na rede – à frente do japonês –, em crescimento que vai *pari passu* com a situação de letramento ou literacia das populações lusófonas. (ibid., p. 55)

Entre as línguas românicas, o português é a segunda mais falada, depois do espanhol e à frente do francês. E assim como outras das denominadas *grandes línguas* de comunicação global, o português reúne uma *fonía*; isto é, os territórios onde é língua materna e/ou oficial, as diásporas lusófonas que mantêm a língua de herança, as regiões onde se

Dili, Timor Leste, em 23 de julho de 2014 foi aceite a entrada de Guiné Equatorial, que tinha oficializado o português em 2007 junto ao espanhol e o francês, como nono estado-membro. A CPLP conta ainda em 2014 seis membros observadores, a saber: Maurícia, Senegal, Namíbia, Turquia, Japão e Geórgia. Outros países como a Índia, a Indonésia, o Peru, a Venezuela e o Marrocos manifestaram o interesse de entrar como membros observadores na organização.

fala alguma variedade sua como língua minoritária ou minorizada (a Galiza, Goa, norte do Uruguai, Malaca entre outras), os falantes de português como língua estrangeira e, por fim, o espaço virtual. Dentro da lógica da globalização⁶⁸, esse conjunto gera um *mercado linguístico transnacional* que visa à produção e circulação de produtos linguísticos e/ou semióticos, como apontado por Signorini (2013, p. 76). E, neste ponto, faz-se necessária uma política linguística capaz de regular as relações culturais, artísticas, econômicas, científicas, sociais e econômicas dessa comunidade. Para esse fim, Signorini (2013) propõe repensar a política da língua para o português “em função de uma referência transnacional, transcultural e transidiomática, ao invés da referência nacional, monocultural e monoglótica” (p. 99). O imperativo de repensar a comunidade lusófona é apontado por outra autora:

Por esse viés, imaginar um espaço lusófono, unificado pela língua portuguesa, seria um contrassenso, pois ele não se ajusta ao mundo atual nem às sociedades e experiências diversas que abriga. A ideia de lusofonia como categoria transcontinental precisa, então, ser reinventada, emancipando-se tanto de sua origem/centro colonial quanto da estereotipia implicada na utopia da comunidade. (FALABELLA FABRÍCIO, 2013, p.156)

Por sua vez, Bagno (2013) não apresenta o português brasileiro como uma realidade discreta, mas como um somatório de modalidades e linguajares – uma *lenga nusa* – através da qual é possível retrazar o seu devir histórico:

Em suas mais diversas modalidades escritas e faladas, prestigiadas ou estigmatizadas, rurais ou urbanas, é então, como toda e qualquer língua viva, uma língua em que é possível retrazar uma longa história de adoções, elaborações, rupturas e recomposições: latim galaico fenício suevo árabe basco espanhol tupi guarani quimbundo quicongo umbundo ioruba talián pomerano japonês coreano

⁶⁸ Signorini (2013) define a ideologia do globalismo como “um conjunto bem articulado de ideias, crenças e valores emprestados, sobretudo, ao liberalismo e ao conservadorismo da tradição anglo-saxã” (p. 77).

hünsrükisch francês caripuna [...] PORTUGUÊS
BRASILEIRO (ibid., p. 339)

Ora, entendemos a citação de Bagno como especialmente interessante por colocar em foco o português brasileiro especificamente. O mesmo autor, na sua *Gramática pedagógica do português brasileiro* (2011b), ao apresentar a história dessa língua propõe “critérios de classificação que não correspondem ao que se faz tradicionalmente nos estudos da linguística histórica” (ibid., p. 201). Assim sendo, a classificação assumida:

“se baseia numa concepção de LÍNGUA que não se restringe aos aspectos exclusivamente linguísticos (fonologia, sintaxe, léxico, etc.), mas inclui os aspectos históricos, geográficos, culturais, antropológicos, identitários etc. Essa concepção é coerente com a ideia, defendida nessa gramática, de que o PB é uma língua plena, e não uma “modalidade” ou “variedade” de uma língua chamada genericamente de *português*. (ibid., p. 201-202)

Em seguida, classifica o português brasileiro no grupo que ele denomina *portugalego*, cujos integrantes são continuções históricas do galego falado no noroeste da Península Ibérica durante o período medieval que, por sua vez, é o resultado da miscigenação do latim falado com outras línguas do citado território. Igualmente integra o *portugalego* na família neolatina. Consideramos que Bagno fornece uma definição coerente para a língua de chegada do nosso trabalho, o português brasileiro ou ainda melhor o *portugalego brasileiro*, porque atrela o conceito de língua a vários aspectos – dentre eles, os identitários –, além dos meramente linguísticos, e porque a sua classificação das línguas românicas em grupos as *despe*, apaga os limites que as separam, que as tornam isoladas e discretas e as reposiciona em um *continuum* de traços mais ou menos próximos dialogando assim com a teoria (pela qual advogávamos no item 2.1.) de quebrar a fronteira dos Pireneus para integrar o occitano e o catalão em um grupo românico-pirenaico. Finalmente, em um artigo também publicado em 2011, Bagno traça o seguinte perfil para o português brasileiro entre as línguas do seu grupo:

De todas essas línguas, evidentemente, o português brasileiro ocupa um posto de liderança

que o distancia grandemente das demais. Falado por 200 milhões de pessoas, é a terceira língua materna mais empregada no Ocidente (depois do espanhol e do inglês). Com a recente e rápida ascensão do Brasil como potência emergente num cenário em que Estados Unidos e Europa enfrentam profundas crises, é inevitável reconhecer a importância geopolítica e socioeconômica do país e, conseqüentemente, de sua língua majoritária. (BAGNO, 2011c, p. 39)

De acordo com os dados examinados, pareceria difícil considerar o português como uma língua periférica ou subalterna. No entanto, isto contrasta com a situação que Volker Noll, professor de linguística românica na Universidade de Münster⁶⁹, na Alemanha, expunha poucos anos atrás⁷⁰, quando considerava que o desenvolvimento de pesquisas sobre o português brasileiro dependia de dois fatores: “a posição marginal da Lusitanística, de modo geral, e a fixação existente [...] com relação ao português europeu em particular” (ibid., 2008, p. 27). Com tal asserção, este autor se coloca – a nosso ver – como observador de uma academia (alemã, europeia e ocidental) em uma posição *central*. O autor baseia a sua argumentação em obras às quais se supõe um rigor científico indiscutível e que, porém, ignoram o português brasileiro quando não cometem incorreções na sua descrição. Dentre os exemplos, citamos o seguinte, por considerá-lo representativo da falta de um foco específico que existe mesmo nos estudos da Romanística *tradicional* a respeito desse idioma:

O português brasileiro também desempenha, com frequência, um papel marginal em outras publicações ambiciosas sobre o português. O volume voltado ao português e ao galego do *Lexikon der Romanistischen Linguistik* (LRL VI, 2), com oito volumes, **dedica ao português**

⁶⁹ A universidade de Münster (Westfälische Wilhelms Universität), fundada em 1780, é uma das maiores e das mais antigas e prestigiosas da Alemanha, disponível em <<www.uni-muenster.de>>).

⁷⁰ O ano de publicação da tradução para o português que usamos é 2008, como referenciado neste trabalho; entretanto a obra original em alemão foi publicada em 1999, sob o título de *Das brasilianische Portugiesisch: Herausbildung und Kontraste* e faz referência a obras e eventos dos anos noventa.

brasileiro apenas dezessete das setecentas páginas. (p. 29, grifos meus)

Vale lembrar que Cronin (1998) falava da invisibilidade das línguas minoritárias e dos trabalhos que tratam delas na comunidade acadêmica. Hall (1990) defende que o sujeito fala, sempre, a partir de uma posição histórica e cultural específica. Levando em consideração esses posicionamentos, justificamos a pertinência de trabalhos como o nosso dentro do atual processo de mundialização que impõe a língua inglesa na maioria dos ambientes (economia, ciência, cultura, tecnologia, política etc.) se embrenhando nos recôncavos de todos os espaços de produção material e espiritual. Sendo assim, todas as outras línguas, inclusive o português que conta com milhões de falantes como língua materna ou como língua adquirida, se encontram em uma situação de diglossia. Isto faz com que as línguas não ocupem uma posição estática, movidas por forças centrípetas e centrífugas que as deslocam sobre o eixo do par hegemonia/subalternidade.

A língua portuguesa emerge (...), agora no século XXI, [como um recurso criativo] útil para a mobilidade em nichos da vida social. Uma vez vista como língua mundial de estados-nação (Portugal, Brasil ou outros países de língua oficial portuguesa), língua oficial europeia, parte integrante do multilinguismo europeu ou língua oficial de organizações internacionais como as Nações Unidas, língua internacional africana que, a par do inglês, e, por vezes, do francês e do árabe, funciona como língua de trabalho das grandes organizações africanas, desde a União Africana, SADC (Comunidade para o Desenvolvimento da África Ocidental), ECOWAS (Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental), o português é língua de instituições, burocráticas ou estruturas – relacionada com projectos nacionais e transnacionais mais a sul do que a norte do globo. Outras vezes, ela é vista como língua menor, subordinada, associada a nichos de deslocalização e relocalização (urbana, rural, ou outra em movimento, mas sempre radicalmente local) de falantes de português que vivem vidas de resistência e sobrevivência informal a outras línguas de maior prestígio (e até

mesmo, como língua europeia reconhecida como menos usada, junto do húngaro, do búlgaro, do polaco ou do letão). Reproduzindo prestígios alternativos no âmbito de racionalidades diaspóricas associadas a exílios ou a “comunidades lusofalantes”, encontramos a força do português a agir nas linhas de fuga de lugares de poder, colaborando para a construção de cosmopolitismos alternativos ou contra-hegemônicos. (KEATING, SOLOVOVA, BARRADAS, 2013, p. 227-228)

Segundo a exposição das autoras, o português assume posições hegemônicas ou subordinadas segundo os contextos. Para Robbins (1991), as velhas estruturas dos Estados e das comunidades nacionais entraram em crise e estão sendo progressivamente absorvidas pela internacionalização da vida econômica e cultural, integradas ao processo de Globalização ou Mundialização. Este está causando mudanças nos padrões de produção e consumo, as quais, por sua vez, afetam às identidades:

A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade (WOODWARD, 2005, p. 19).

Seguindo a exposição, nesses espaços instáveis, novas identidades contribuem e condicionam ditas mudanças: “A discussão sobre identidades sugere a emergência de novas posições e de novas identidades, produzidas, por exemplo, em circunstâncias econômicas e sociais cambiantes” (ibid., p. 19). A análise e a discussão da construção, crise e desconstrução das identidades são – por certo – uma das questões centrais dos debates acadêmicos atuais; desde os Estudos Culturais – nos seus desdobramentos sucessivos; Estudos Pós-coloniais, Estudos de Gênero (crítica feminista, *queer studies*) etc. – até a psicanálise e a análise do discurso têm se debruçado sobre este assunto desde posicionamentos e abordagens bem diversos. Silva (2005) diz que a

identidade não é fixa, estável, coerente, unificada e permanente; também não é homogênea, definitiva, acabada, idêntica nem transcendental. Ao contrário, a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo; e assim ela é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente e inacabada. Também afirma que a identidade está ligada a estruturas discursivo-narrativas e a sistemas de representação.

Assim sendo, identificamos duas dinâmicas que estão agindo nas nossas comunidades. A primeira tende à Globalização, à homogeneização *centrípeta* e assume a ideologia do *anonimato*:

Oferece fundamentos para a autoridade de línguas hegemônicas, relacionando a língua não com os falantes enquanto indivíduos concretos, mas com o “público”, de forma geral e abstrata. Para essa “ferramenta ideológica”, a autoridade reside no fato de a língua não pertencer a ninguém, ser de todas as partes e de nenhum lugar. (LAGARES, 2013, p. 346)

Já a outra, contraposta, tende ao multiculturalismo *centrífugo* e assume a ideologia da *autenticidade*. Isto é:

Situa o valor da língua em sua relação com uma comunidade particular, na medida em que se considera que ela expressa de forma genuína a sua essência, as suas raízes e memória. Esse tipo de ideologia é comum, em determinados contextos, em processos de legitimação de línguas minoritárias ou de variedades estigmatizadas. (LAGARES, 2013, p. 346)

De acordo com o autor, essa última manifesta-se na emergência dos movimentos de reafirmação de identidades étnicas, culturais, sexuais, raciais ou das comunidades surdas. Sobre a primeira cabe dizer que, desde um ponto de vista linguístico-cultural, tal homogeneização leva para um centro hegemônico anglo-saxão; enquanto a segunda se dispersa em todas as especificidades e a diversidades humanas. Nesse contexto, a família das línguas neolatinas é tensionada, por um lado, pela promoção de umas poucas grandes línguas – pertencentes ao *clube* românico, de acordo com Posner (1998) – e, por outro lado, pela defesa da diversidade de línguas, dialetos, variedades, falares e linguajares. Por

não ser algo fixo a identidade pode ser maleável e, desse modo, pode servir não apenas para explicar quem *somos* ou quem *fomos*, mas para explicar quem *erimus* “quem seremos” a partir de quem *eramus* “éramos”:

As identidades têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar” e “com essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”. Elas têm tanto a ver com a invenção da tradição quanto com a própria tradição. (HALL 2005, p. 109)

Dialogando com a linha que norteia esta seção, Berman (2002) pergunta “o que somos, se somos um povo de tradutores?” (p. 65) Nesse *somos* é difícil saber quem inclui: a academia francesa? A tradição ocidental que parte das traduções que os romanos fizeram da língua e da cultura grega? E acenando uma resposta, o autor descreve um movimento talvez necessário quando questiona se “não deveríamos, de preferência, voltar-nos para o que, em nossa cultura, tornou-se estrangeiro para nós, mas constitui, na realidade, nossa ‘natureza’ mais própria – nosso passado?” (ibid., p. 65-66). E em seguida coloca o problema da tradução de uma cultura *latino-americana* oral para uma cultura francesa, (*latino*) *européia* letrada:

Do mesmo modo que os autores do século 16 europeu, Roa Bastos, Guimarães Rosa, J.-M. Arguedas – para citar só os maiores – escrevem a partir de uma tradição oral e popular. Eles trazem, assim, um problema para a tradução: como restituir textos enraizados na cultura oral para uma língua como a nossa, que seguiu uma trajetória histórica, cultural e literária inversa? (p. 42)

Os problemas apresentados pela tradução latino-americana para o francês “não são de forma alguma setoriais; eles são encontrados facilmente em outros domínios da tradução” (ibid., p. 43). Em suma, Berman formula perguntas para o tradutor e o pesquisador que trazem a

problemática cultural na prática tradutória. Nesse sentido, a tradução *intra-românica* abre o diálogo entre identidade e alteridade que, a nosso ver, não responde tanto à discussão das diferenças e semelhanças entre *nós* e o *outro* quanto um diálogo entre *nós outros*, todos partícipes, de múltiplas maneiras, da *Latinidade*. Existe ainda uma rede mais profunda e intrincada entre o occitano, o catalão e o português brasileiro; compartilham a origem linguística e um desenvolvimento histórico marcado pelas contínuas trocas em todas as direções e influências recíprocas. Nesse sentido, é necessário considerar que as línguas romances “salvo el rumano, nunca estuvieron aisladas entre sí, ni comercial ni culturalmente, y las fronteras de los estados siempre han sido móviles, incluso en el periodo moderno” (POSNER, 1998, p. 343). É possível igualmente sublinhar uma similitude artística entre os escritores catalães e occitanos do século XIX e os escritores românticos brasileiros já que tanto um grupo como outro precisou adaptar as ideias do Romantismo e o Nacionalismo, surgidas em outros contextos linguístico-culturais, para a própria comunidade – colocada em uma posição periférica – como parte de um projeto de construção nacional⁷¹. Desse modo, todos eles precisaram traduzir tradições alheias aos moldes locais: mediterrâneos e latinos no caso do occitano e do catalão, latino-americanos no caso dos escritores brasileiros.

Como em qualquer outro processo de identificação, a herança compartilhada e as tradições análogas descritas podem julgar-se como *excessivo* ou *muito pouco*. De acordo com Furlan (2002, p. 20), “La verdad es que a distintas concepciones corresponden historias distintas. Ello se explica en el marco del pensamiento de Thomas Kuhn y su concepto de paradigma (1962): la imagen que los científicos tienen del mundo depende del paradigma que defienden”. O nosso posicionamento – ou seja, os paradigmas aqui empregados – julgam que existe sim uma rede entre línguas envolvidas que norteia nossa experiência de tradução. Cabe ao tradutor procurar os pontos onde *liberdade e literalidade se unem*, as formas em que o português brasileiro – língua de chegada – pode *naturalmente* (re)tornar-se occitano e catalão dos textos fonte, retomando e adaptando ao nosso horizonte as palavras de Berman

⁷¹ O Império do Brasil, conseguida a sua independência, precisava criar uma consciência nacional e se identificar com uma língua para completar a emancipação cultural da ex-metrópole. (Assim), o soneto “Língua Portuguesa” que o parnasianista e nacionalista Olavo Bilac dedica ao idioma português, por exemplo, parece-nos ideológica e artisticamente próximo aos poemas que compõem o *corpus*.

(2007, p. 122). E, finalmente, integrar – talvez de uma maneira longínqua e indireta – os autores da antologia na tradição linguístico-literária latino-americana.

Capítulo IV

LEITURA, EDIÇÃO, TRADUÇÃO E ESCRITA

Uma vez coletado o *corpus* da antologia seguindo os filtros apresentados no capítulo precedente e estabelecido um projeto de tradução que busca manter as marcas e as especificidades dos textos de partida na língua de chegada apoiando-se nos elementos linguísticos, literários e culturais que as reúnem; no presente capítulo, nosso trabalho se debruça nos processos de leitura, edição, tradução e (re)escrita dos mesmos, nos termos que serão apresentados em seguida. Entendemos esses processos como intimamente atrelados uns aos outros; razão pela qual ao abordarmos cada um deles deveremos referir-nos aos restantes. Ao descrever o arcabouço teórico-metodológico que sustenta o presente estudo, tínhamos estabelecido uma interface entre *os estudos descritivos orientados ao processo* e *os estudos teóricos parciais restritos a uma área* dentro do mapa proposto por Holmes (1972-1988-2000) para os Estudos da Tradução. Igualmente, já expressamos quão difícil resulta distanciar na nossa experiência o comentário *orientado ao processo* do comentário *orientado ao produto*, isto é, a tradução resultante.

Primeiramente, a fim de evitar a justaposição automática dos princípios teóricos – examinados anteriormente – ao atual exercício de tradução poética do *corpus*, cabe esboçar uma reflexão sobre o que é traduzir poesia. Staiger (1975, p. 51) entende que “a poesia autenticamente lírica *seja* singular e irreproduzível”. Entretanto, e de acordo com os postulados do pensamento romântico expostos por Berman (2002), a poesia “implica a linguagem apenas como seu suporte, seu inevitável e imperfeito começo” (p. 160). Isto é, haveria uma primeira *tradução* operada sobre a linguagem enquanto linguagem e uma segunda operada “sobre a língua na qual a linguagem foi assim tratada” (p. 181), na língua em que foi composta a obra lírica. Esse fato nos leva à “audaciosa afirmação de Novalis segundo a qual, ‘no final das contas, toda poesia é tradução’” (ibid., p. 180). Entendendo a poesia como tradução, resolvemos o problema do irreproduzível colocado por Staiger e advogamos por uma tradução posta a serviço da poesia, uma tradução que se proponha ser um ato poético, parafraseando a asserção de Berman (1995, p. 216): “La traduction poétique est au service de la poésie ; est un acte poétique”. E chegamos assim ao postulado de Meschonnic, já citado em outras partes desta tese, que disse que traduzir um poema é, em primeiro lugar, *escrever* um poema (BERMAN, 2007,

p. 38). Uma vez assumida essa aproximação à tradução poética, faz-se necessária a triagem precisa de um *método*, entendido como o caminho a ser traçado, percorrido, esquadrinhado e cultivado (BERMAN, 2002, p. 270). Tal método, lembramos, fica demarcado nesta pesquisa pelos elementos que a tradução *intra-românica* disponibiliza para criar um texto autônomo na língua de chegada que consiga albergar os valores estéticos e o conteúdo semântico do original.

Destarte, a grande proximidade entre o occitano e o catalão articula um espaço comum para as línguas de partida, codificadas segundo regras morfológicas e ortográficas diferentes, no qual se agrupam versões poéticas de duas tradições linguísticas e literárias adjacentes. Igualmente os textos reunidos no *corpus* pertencem a uma fase identificável na retomada de tais idiomas como veículos de expressão literária, servindo assim de suporte à nossa reflexão⁷². Além disso, por formar uma ponte entre duas literaturas mediante a tradução, a nossa antologia pode ser qualificada como *interliterária*, de acordo com Rábade Villar (2007). Dedicaremos as sucessivas seções do presente capítulo ao exame e comentário dos problemas que tais especificidades levantaram no ato tradutório.

4. 1. *A escrita de línguas sem padrão.*

Como já foi anteriormente apontado, a reivindicação da língua – na qual se engaja o grupo de poetas do *Felibritge* e da *Renaixença*– é feita a partir da própria língua que, conseqüentemente, deve se constituir como veículo de expressão artística. Esse processo de construção identitária e de criação de uma norma linguística não está isento de conflito e de exaltadas disputas literárias, culturais e políticas. Os poetas escrevem uma língua sem padrão no sentido que não existe uma norma bem definida e nem uma autoridade que imponha essa norma, portanto, cada um se sente livre para introduzir no seu texto toda uma série de possibilidades e variações, às vezes, com fins estéticos. Tal estado de emergência deixa uma série de *marcas* no *corpus* enquanto produções de línguas não *normatizadas* ou parcialmente *normatizadas*. Uma tradução que verta esses textos na variedade padrão da língua de

⁷² A antologia, editada em língua original e traduzida para o português brasileiro, pode ser consultada pelo leitor no Anexo que acompanha à tese. Os poemas foram numerados para facilitar a consulta; de I a IX são occitanos e de X a XX catalães.

chegada apagaria as mencionadas marcas; por esse motivo, a tarefa do tradutor deverá considerar as especificidades mergulhando no *continuum* românico que varia em múltiplos níveis conforme a seguinte reflexão:

There can be no question of choosing between adhering to the constants that linguistics extracts from language or placing them in continuous variation because language is a continuum of dialects, registers, styles, and discourses positioned in a hierarchical arrangement and developing at different speeds and in different ways. (VENUTI, 1998, p.29-30)

No mesmo sentido, Levý (2011) chama a atenção a respeito do empobrecimento do texto na língua de chegada se a norma padrão substitui os valores do original: “If the foreign language is simply substituted by the target language in its standard form, its characterizing value is lost” (p. 97). Igualmente enumera algumas tendências lexicais que o tradutor adota; a saber: a generalização (*generalisation*), o nivelamento (*nivelisation*) e a variação lexical limitada (*limited lexical variation*). O primeiro, generalização, é definido como a designação geral – dentre um conjunto de sinônimos ou quase sinônimos – que aparece com maior facilidade: “In translation it is the general designation, the least vivid amongst the set of near-synonyms, that comes to mind most readily” (ibid., p. 108). A generalização faz-se inevitável no caso de expressões regionais que acostumam ser traduzidas por expressões próprias da língua padrão (ibid., p. 110). A segunda tendência provoca o nivelamento, uma neutralização dos traços mais marcantes do original que assim perdem, por vezes, o seu valor expressivo: “Emotionally coloured expressive means sometimes lose their stylistic value in translation if rendered by a neutral, colourless expression” (ibid., p. 111). E finalmente a variação lexical limitada se apresenta como tendente a não explorar todos os recursos que a variação entre sinônimos e nuances de significado que disponibiliza o léxico da língua de chegada: “In translation, the resources of a language in terms of synonyms for subtle differentiations of meaning are generally under-exploited” (ibid., p. 113). Assim sendo, é necessário classificar as marcas que a falta de um padrão deixa nos textos fonte a fim de poder definir uma estratégia tradutória que dê conta delas. Cabe dizer que a escolha de tal ou tal forma pelos autores de nossa antologia não pode ser

entendida como um fato fortuito ou aleatório e, muitas vezes, essas são fruto de decisões conscientes condicionadas pelo projeto glotopolítico desse grupo de intelectuais; isto é, por *ideologias linguísticas*⁷³ que permeiam esses dois processos paralelos de padronização. Enquanto autores de línguas minoritárias, todos eles procuram, em maior ou menor medida, determinar modelos linguísticos legítimos.

Nesta altura devemos observar com maior detalhe o processo de padronização. “A padronização consiste na imposição de uniformidade a uma classe de objetos” (MILROY, 2011, p. 51) que antes eram informes, variáveis, particulares, ou instáveis. Parte-se de um estado anterior à padronização considerado pelas culturas de língua padrão como um *estado natural*:

Partindo de certo paternalismo etnocêntrico, o falante minoritário é visto como uma espécie de bom selvagem linguístico, um falante felizmente desregrado, não submetido às imposições normativas das sociedades modernas. As tentativas de construção e elaboração de uma língua nesse contexto são percebidas como uma aberração que viria tirar o falante minoritário do seu “estado natural” pré-normativo. (LAGARES, 2011, p. 172)

As vacilações no processo de padronização respondem por vezes à vontade de certos autores ou grupos de não se submeterem à uniformização que, entretanto, avança progressivamente. De fato, no caso da língua, a padronização não é universal. Uma língua submetida a um processo de padronização assume a preeminência da variedade padrão por sobre todas as outras, se estabelecendo assim uma dicotomia entre padrão e não padrão. Por conseguinte, os falantes passam a considerar que “quando houver duas ou mais variantes de alguma palavra ou construção, somente uma delas pode estar certa” (MILROY, 2011, p. 58); aquela que corresponda à forma *canônica* do idioma. O mesmo autor ainda acrescenta que “as autoridades (geralmente não nomeadas) das quais dependem os falantes (e seus professores) têm

⁷³ A professora Alvaro Longorio (2011, p. 201) define esse termo para expor as políticas linguísticas empreendidas na América-Latina durante o período colonial e a formação dos Estados nacionais latino-americanos. Qualquer projeto glotopolítico outorga determinado papel à língua; ou seja, gera determinada ideologia linguística.

acesso privilegiado aos mistérios da língua e têm algo do *status* de sumo sacerdotes” (ibid., p. 60). No contexto linguístico, cultural e literário descrito nos capítulos precedentes, o grupo de intelectuais catalães e occitanos cumpre essa função de autoridades linguísticas autoproclamadas com a missão de determinar quais formas devem ser valorizadas (consideradas *legítimas*) e quais devem ser evitadas. Porém, a padronização da língua, “em todos os níveis e em ambos os canais da transmissão, nunca está plenamente acabada, e o padrão está sempre num processo de manutenção” (ibid., p. 68). Mais ainda no momento incipiente que recorta o período do nosso trabalho.

Como qualquer outra língua histórica, o occitano e o catalão apresentavam na época de seu ressurgir literário variações no domínio geográfico e no âmbito social. E no mencionado processo de padronização alguns dos traços considerados marcantes ou característicos dessas línguas salientaram-se a fim de melhor defini-las, “balizando as fronteiras entre tal língua e outras com as quais ela está geneticamente aparentada ou se acha em contato” (MONTEAGUDO, 2011, p. 27). O eminente gramático catalão Pompeu Fabra expõe a questão em detalhe:

Els nostres escriptors es trobaren, en iniciar-se la Renaixença, amb una llengua empobrida, deformada, malmesa per innumbrables castellanismes, la qual no podien pas adoptar com a llengua literària sense tractar de depurar-la, d'enriquir-la, de realçar-la. I això no es podia realitzar sense una coneixença perfecta de la llengua antiga i dels dialectes actuals, que ens guiés en la tasca difícilíssima de descobrir i remeiar les desviacions sofertes per la llengua; no es podia realitzar sense una coneixença exacta de les lleis de l'evolució del llenguatge i de la història de les altres llengües literàries. Els nostres escriptors, doncs, havien de desitjar ardentment l'aparició del filòleg i gramàtic, que vingués a ajudar-los en l'obra patriòtica de refer la llengua, la qual, a través de tants segles de decaïment literari i de subjugació al castellà, ens havia arribat tota malaltissa i empobrida, i la qual tots ambicionàvem de veure altra vegada ocupant el rang que li pertoca dins la família de les llengües neollatines. (FABRA, 1980, p. 135-136)

Desta maneira, o gramático assume a missão de auxiliar os escritores procurando um modelo literário entre as diferentes camadas (diatópicas, diastráticas, diacrônicas, diafásicas) e essa tarefa é considerada uma *obra patriótica*. A seguir, aprofundaremos a exposição da variação enunciada por Fabra a partir de exemplos extraídos do *corpus*.

4.1.1. *Dialetalismos*

Começaremos examinando a variação representada pela convivência de palavras que mudam de um território a outro. O *diccionari.cat* (recurso em linha, 2014) ⁷⁴ define as vozes dialetais (*dialectalisme*) como “Tret lingüístic propi d'un dialecte”; ou seja, traços linguísticos próprios de um dialeto. Resulta fundamental a imbricação geográfica na produção artística do grupo de poetas aqui estudado que se nutre de todo um acervo de falares. A variação lexical ligada à geografia é entendida pelo grupo como uma riqueza, como um verdadeiro *tesouro*, termo que Mistral emprega para dar título ao dicionário provençal-francês que ele compôs: *Lou Tresor dóu Félibrige*. O intuito desses intelectuais corresponde com o trabalho de outros escritores românticos. Nesse sentido, Berman (2002, p. 286) fala da procura do “*Sprachlichkeit*, a força falante da língua comum, força falante que vem de seu enraizamento pluri-dialetal”. O processo de escolher uma variedade por sobre as outras cria uma dicotomia, uma tensão entre padrão e dialeto:

As variedades padrão, na medida em que podem ser claramente caracterizadas, têm propriedades a mais que os assim chamados dialetos não padrão (na medida em que *estes* podem ser claramente caracterizados), e nossa discussão sugeriu fortemente que as línguas que têm variedades padronizadas são, em alguns aspectos, entes diferentes das que não as têm. (MILROY, 2011, p. 70)

⁷⁴ Esta obra, publicada pelo grupo editorial *Enciclopèdia Catalana*, está disponível em << <http://www.diccionari.cat/> >>.

A fim de ilustrar como os dialetalismos fazem parte do *corpus* e, conseqüentemente, representam uma especificidade do processo tradutório, analisaremos alguns exemplos.

No caso do occitano, os *felibres* deram preferência às falas provençais, língua materna da maior parte deles que, além disso, lembrava os trovadores provençais da Idade Média. Ao longo da sua história, o occitano nunca contou com uma norma padrão (à diferença do catalão que durante a Idade Média havia sido normatizado para servir como língua da chancelaria e da corte do Reino de Aragão). A caracterização secular do occitano como *lenga nusa* gerou enorme variação e só no século XIX o IEO (Institut d'Estudis Occitans) tentou estabelecer uma norma pan-occitana que mais do que um padrão unitário propunha regras comuns para escrever as diversas variedades. O *Felibrige*, anterior a esse processo, é um movimento fundamentalmente provençal. Um exemplo representativo do horizonte linguístico, cultural e literário dos *felibres* aparece no verso 52 do poema *En l'ounour de Jasemin* (número III da antologia), no qual Frederic Mistral diz: “*Catalan o Gascoun, entènd la lengo nostro*”; ou seja, “*Catalães ou Gascões, entendem nossa língua*”. Coloca assim o gascão (hoje em dia considerado parte do domínio occitano) e o catalão (hoje considerado uma língua diferente) no mesmo *continuum* lemosim como idiomas próximos, porém diferentes: eles entendem nossa língua, mas não fazem parte de nossa língua *stricto sensu*. Demarcado o espaço geográfico da língua dos *felibres*, não estranha que as formas provençais sejam predominantes em todos os textos da antologia. Conseqüentemente, outros dialetos mais afastados, foram escassamente contemplados. Algumas dessas marcas diatópicas permeiam toda a parte occitana da antologia; esse é o caso das contrações de artigos definidos com a preposição *a* (*a+ lou= au a+ li= i*), cabe salientar que elas têm um papel importante para a métrica pois são monossílabas; e, noutros dialetos occitanos, que não apresentam essas contrações, as mesmas combinações produziriam cômputos silábicos diferentes. Outra característica própria do provençal é a vocalização de /l/ em coda silábica em /w/⁷⁵, representado pela grafia *u*. Encontramos formas como *soulèu, Provençau, aquéu, portau, eu* (lengadociano *solelh, Provençal, aquel, portal, el*; português *sol, Provençal, aquele, portão, ele*). Ainda

⁷⁵ Fenômeno que também se registra no português brasileiro em palavras como *mal, papel, Brasil, sol, azul*. Traçando assim uma analogia entre uma variedade do diassistema português (a brasileira) e uma variedade do diassistema occitano (a provençal).

formas grafadas como *istòri, bòri, glòri, Rússi* representam as formas do padrão atual *istòria, bòria, glòria, Rússia* (português: *história, granja, glória, Rússia*), cujo *a* final não é pronunciado na Provença. Os dois casos apresentados, vocalização de /l/ em coda silábica e redução de –ia> –i, afetam igualmente o cômputo silábico e a rima, pois no primeiro se criam novos ditongos e no segundo se modifica a sílaba final da palavra. Por outro lado, a preposição *com* apresenta grande variação em occitano: *amb, ambe, embe, emb, anmé, eme, emé, bei, mei, ab dab, dap*. A norma atual do IEO prefere a forma *amb*, mas Mistral faz uso exclusivo da forma *emé* que pode se apóstrofar se a seguinte palavra começa por vogal: *em'ounour*.

A exuberância de formas e palavras locais nos poemas em occitano pode produzir uma série de dúvidas que dificultem o trabalho do tradutor. E a consulta de um dicionário moderno de occitano nem sempre resolveria a dúvida já que este adota formas padronizadas e as escreve de acordo com as atuais convenções ortográficas do Instituto d'Estudis Occitans. Porém, em nosso exercício tradutório, *Lou Tresor dóu Félibrige*⁷⁶ representa um recurso de grande valor para estabelecer o significado das palavras. Oito dos nove poemas da parte em occitano do *corpus* foram escritos por Mistral e o nono foi escrito pelo *felibre* Teodor Aubanel. Isto cria uma situação particular no nosso trabalho já que o autor dos poemas a serem traduzidos é o mesmo que compilou o dicionário de consulta. Pode-se dizer que, de certa forma, consultar *Lou Tresor dóu Félibrige* equivaleu *quase* a consultar o próprio autor para esclarecer ou estabelecer significados e usos das diversas vozes. A forma provençal *rampau* (*ramo*) do atual padrão *ram, ramèl* permite ilustrar os fatos expostos. Mistral usa essa palavra em *I Trobairè Catalan* (segundo poema da antologia):

Fraire de Catalougno, escoutas ! Nous an dich
que fasia peralin revieüre e resplendi
Un di rampau de nosto lengo: (versos 1-3)⁷⁷

Fraire de Catalougno, à Diéu sias ! Nous an di
que fasia peralin revieüre e resplendi
un di rampau de nosto lengo: (versos 1340-142)⁷⁸

⁷⁶ Uma cópia digitalizada dos dois volumes íntegros do dicionário encontra-se disponível em <http://gallica.bnf.fr/> (2014).

⁷⁷ Tradução para o português brasileiro do trecho citado: Irmãos da Catalunha, escutem! Nos falaram/ que faziam por aí reviver e luzir/ um dos ramos de nossa língua:

E nos versos 12 a 14 de *A la Roumanío* (poema VII):

E t'apelant germano,
la Prouvènço roumano
te mando, o Roumanio, un rampau d'òulivié.⁷⁹

A consulta no dicionário em linha *panoccitan.org*⁸⁰ não auxiliou a tradução já que não continha uma entrada para *rampau*; mas, uma busca em *Lou Tresor dóu Félibrige*, define essa palavra da seguinte maneira:

RAMPAU, RAMPAUM (a.), RAMPAN (l.), RAMPAL (lim.), RASPAN (viv.), RAPON (d.), (rom. *rampalm, rampam*, cat. *rampalm*, b. lat. *ramispalma*, lat. *ramus palmae*), s. m. Rameau bénit, rameau qu'on porte à l'église, girandole de fruits confits et de sucreries, v. *ramèu, ram*; laurier d'Apollon, v. *laurié*; bouchon d'un débit de vin, v. *ramas*; marmouset em pâte qu'on suspend à un *rampau*, v. *estève*; jeu d'enfants où l'on creuse neuf fossettes dans lesquelles on jette une boule, en Dauphiné, v. *goubelet*; Rampal, Rampalle, noms de fam. prov. dont le fém. est *Rampalo*.

Pèr Rampau, le jour des Palmes; dimanche de Rampau, das Rampans (l.), dimanche de Rameaux, v. *Ram*.

Rampau de Diéu, sorte de jurement; *pourta la co en rampau*, porter la queue en éventail; *acò vai coume rampau à oacoun*, cela va comme laurier à porc salé; *vai fregi de rampau*, va te faire paître; *garni coume un rampau*, bien garni. Un synode provincial tenu à Aix en 1585 condamne l'usage, encore existant, de pendre aux rameaux d'olivier portés par les enfants des gâteaux et des fruits.

⁷⁸ Irmãos da Catalunha, fiquem com Deus! falaram/ que faziam por aí reviver e luzir/ um dos ramos de nossa língua:

⁷⁹ E chamando-te irmã,/ a Provença romana/ te manda, ó Romênia, um ramo de oliveira

⁸⁰ Recurso editado por uma associação de professores de occitano, disponível em << www.panoccitan.org >>

« *Curati ne permittant esculenta appendi olivis benedicendis.* »

Uno fiho de riche oustau
Qu'es touto flourido coume un bèu rampau.

VIEUX NOEL.

PROV. Flouri coume un rampau,

- A bon vin noun fau rampau.

- Quand lou vènt-terrau

Boufo pèr Rampau,

Li magnan reüssisson.

- L'auro qu'es pèr Rampau signado

Duro touto l'annado.

- Quand fai vènt lou jour di Rampan,

Fai lou meme vènt tout l'an.

PROV : LIM. Quand plèu pèr Rampau

Plèu sur la faus (faux).

(*Lou Tresor dóu Félibrige ou Dictionnaire provençal-français*, vol. II 1979, p. 695)

A entrada no dicionário contém, em primeiro lugar, a forma que o vocábulo adota em outras variedades diatópicas: Alpes (a.), lengadocian (l.), limosino (lim.), vivarês (viv.), daufinês (d.); assim como a forma registrada na língua medieval que Mistral chama de *roman* (rom. vieux provençal), em catalão (cat.), em latim vulgar que Mistral chama *bas-latin* (b. lat.) e finalmente em latim clássico (lat.). Em seguida, apresenta várias definições que a voz tem segundo o contexto: *rampau* não é apenas um galho ou um ramo, mas um ramo bento e assim oferecer ou dar um *rampau* significa entregar um objeto sagrado. Finalmente, elenca ditados, canções de Natal e versos populares em que aparece a palavra.

No poema *I Felibre* (VIII) de Teodor Aubanel, encontram-se marcas análogas às reveladas nos textos de Mistral: contrações de artigos provençais, vocalização de /l/ em coda silábica (*solèu, auto, provençau*) ou ainda *sian*, primeira pessoa do plural do presente de indicativo do ver *estre* (*ser*) que corresponde ao languedociano *sèm*. No campo léxico aparece *uiau* (relâmpago, brilho, esplendor) que em *Lou Tresor dóu Félibrige* é documentado sob as seguintes formas: “UIAU, EIAU (rh.), AIAU, IAUS. ELHAUS, ILHAUS, EILIAU, LIAUS (l.), ULHAU (l. niç), ELIÉU, EILIEU, ESLIÉUS, LIÉUS, LIEUSE (g.), (rom. cylhaus)” (íbid., p. 1070). Em suma, esta breve exposição mostra como, por um lado, a força expressiva da poesia dos *felibres* bebe de seu

enraizamento pluri-dialetal e, por outro, a consciência da variação diatópica da língua que eles tinham e que Mistral sistematizou na sua obra lexicográfica.

Na parte em catalão da antologia, Barcelona, como grande urbe industrial, teve um peso considerável durante o processo de codificação servindo, em boa medida, de base para a língua padrão; não por acaso, o dialeto catalão da região de Barcelona é chamado na atual distribuição da linguística de *catalão central*. Para auxiliar nosso trabalho, contamos com duas obras de consulta em linha: o *diccionari.cat*, já apresentado, e o *Diccionari català-valencià-balear* (DCVB) de Alcover e Moll, editado pelo Institut d'Estudis Catalans⁸¹. Esse último só foi consultado quando um termo não aparecia recolhido no *diccionari.cat*. A seguir examinemos alguns exemplos para assim evidenciar a variação diatópica nos poemas.

Nos versos 153 e 154 de *A la llengua catalana* de Bonaventura Pons i Fuster (poema XIII da antologia), encontramos um adjetivo pouco usual no padrão catalão contemporâneo:

Per ella molts m'han deixat
com a tonta i mal *girbada*⁸²

A busca do adjetivo *girbada* nos dois dicionários mencionados forneceu as seguintes informações:

Girbat, -ada [variant del rossellonès *gerbit*, *girbit* 'arreglat, engiponat', der. de l'ant. *gerd* 'herba, gleva' (v. *gerber*)]
adj Forjat. *Com va girbada, aquella dona.*
(disponível em <<diccionari.cat>>)

GIRBAT, -ADA *adj.* que s'usa sempre precedit d'un dels adverbis ben o mal (ben girbat, mal girbat): ben arreglat, mal arreglat. *Era una dona*

⁸¹ Esse dicionário é um inventário lexical da língua catalã, publicado entre 1943 e 1959 em dez volumes; desenvolvido por Antoni Maria Alcover i Sureda e Francesc de Borja Moll i Casanovas com a colaboração de Manuel Sanchis i Guarner e de Aina Moll i Marquès. Como o título sugere esse se propõe abranger as principais variedades do idioma. Disponível em <<<http://dcvb.iecat.net>>>

⁸² Tradução para o português brasileiro do trecho citado: Por ela muitos me deixam/ como tola e desleixada.

alta i mal girbada, Ruyra Parada 76. (disponível em <<dcvb.iecat.net>>)

A primeira fonte informa a variante à qual pertence essa voz: o rosselhonês, dialeto mais setentrional do catalão oriental⁸³; ao mesmo tempo, recolhe outras variantes e a origem da palavra. A segunda fonte, por sua vez, não explica nem a localização geográfica da palavra nem a origem e se limita a descrever os usos que essa possui: sempre precedida dos advérbios *mal* ou *ben*; acrescentando ainda um exemplo literário. Em síntese, *girbat*, *-ada* é uma palavra rosselhonense equivalente ao mais geral *plantat*, *-ada*, *arreglat*, *-ada*. Uma vez delimitada a especificidade da palavra, podemos procurar estratégias tradutórias para o português brasileiro. No presente caso, escolhemos o adjetivo *desleixada* que contém a carga semântica de *mal girbada* e ademais possui o mesmo número de sílabas e mantém a assonância (aCa) do verso original. Porém, o valor localizado geograficamente do original fica diluído na tradução.

Neste ponto, os dois poemas de Marià Aguiló i Fuster (*La llengua materna* XVII e *L'arbre de la pàtria* XVIII) merecem especial interesse já que o autor era de Maiorca; isto é, usuário de uma variante fortemente caracterizada dentro do *continuum* catalão. Os dois poemas estão permeados de formas próprias do catalão baleárico. Marià Aguiló usa formas de segunda pessoa do plural com a desinência pessoal *-au*, onde o catalão padrão atual apresenta *-eu*; assim, em *La llengua materna*, temos *escoltau*. Também usa sistematicamente formas de primeira pessoa sem desinência pessoal, como *ompl*, *aim* (no padrão *omplo*, *amo*), que nesses poemas assumem uma função métrica já que a desinência pessoal acrescentaria uma sílaba quebrando o cômputo silábico. Além de formas morfológicas baleáricas, merecem nossa análise alguns exemplos léxicos extraídos de *L'Arbre de la Pàtria*. Nos versos 19 e 20 aparece o substantivo *esponera*: “de l'esponera que feia/ no ens en resta una meitat” (“do viço que outrora tinha/ resta-nos metade só”, em nossa tradução). O *diccionari.cat* indica que *esponera* é “mot propi del mallorquí”; isto é, palavra própria maiorquina. E fornece como sinônimo da língua padrão *ufana*. O DCVB por sua vez traz a seguinte definição como terceira acepção da palavra:

ESPONERA f. 3. **Ufania, exuberància; eixamplament abundós d'una cosa cap a**

⁸³ Vide Mapa 3.

l'exterior; especialment, abundància de fullatge, de brancam, i per ext., d'ornaments i adherències del vestit (Mall.); cast. ufanía, lozanía. «Madò Bet, s'aufabeguera | que tenui en es portal | haureu mester sa destral | per tallar-li sa ramera; | ella duu més esponera | que qualsevol olivera | de dins s'hort de La Real» (cançó pop. Mall.). Ningú sap com era | que dins l'esponera | de l'hort senyorívol, | fent-lo més ombrívol, | creixia la rama d'antiga olivera, Alcover Cap al tard 56. Damunt la ribera | hi ha tombs de bambú cabanyes fenyent; | els arbres ho ensostren amb verda esponera, Carner Lluna 178. Posar-ho tot en esponera: treure massa fullatge i fer poc fruit. «Aquest blat duu molta d'esponera»: es diu d'un blat ufanós, que creix amb molta força. 4. fig. Cosa abundant i inútil o de poca substància; cast. hojarasca. La noblesa de nom no és més que esponera, Penya Mos. III, 32. Avuy s'usa una altra gent | que du molta d'esponera, Ignor. 35. (disponível em <<dcvb.iecat.net, 2014>> grifos meus)

De acordo com o segundo dicionário, *esponera* pode ser traduzido por *viço* como aparência exuberante de uma planta, vigor e florescência dos vegetais. No verso 82 do mesmo poema encontramos outro dialetalismo: “que el vent se’n duu redolant” (“que o vento leva rodando,”). O verbo *redolar* aparece no *diccionari.cat* como variante dialetal de *rodolar*, rodar, dar voltas sobre um eixo.

Não é objetivo da presente seção apurar todas as vozes de origem dialetal que concorrem na antologia, mas apenas sublinhar tal especificidade. E evidenciar, considerando a dificuldade de traduzir para o português brasileiro, língua que conta com uma sólida tradição normativa, o espaço pluri-dialetal do catalão e do occitano da época em que foi composto o *corpus*. E, se, por um lado, entendemos de acordo com Levý (2011, p. 98) que um dialeto em particular ou uma língua estrangeira está suficientemente próxima ou unida a uma particular região para ser um substituto desejável; por outro, concordamos com a asserção de Berman (2002) segundo a qual “a relação da língua com *seus* dialetos é uma relação mútua e diferenciada; os dialetos são dialetos *dessa* língua, só têm sentido de serem dialetos no espaço desta última” (p. 297). A justaposição das duas afirmações conduz a certa contradição demonstrando assim que não existe um posicionamento

único para compreender o papel da pluralidade dialetal no ato tradutório e que, as escolhas do tradutor, transitam através de um terreno híbrido e poroso. Finalmente não devemos esquecer que aquelas palavras que os dicionários padronizados de hoje descrevem como vozes dialetais podiam ser percebidas de forma diferente na época dos autores do *corpus*.

4.1.2. *Vulgarismos*

A presença de marcas dialetais não apura as especificidades linguísticas relevadas nos poemas de nossa antologia onde também ocorrem palavras que, se as buscássemos em um dicionário moderno de catalão e de occitano, não as encontraríamos. Trata-se de vulgarismos; usos populares que diferem das formas padronizadas e emanadas da academia e conseqüentemente carecem de prestígio. Os vulgarismos são fenômenos internos, endógenos, de variação e mudança linguística nos quais a analogia das formas mais comuns exerce sua influência sobre formas irregulares de acordo com as tendências inerentes às estruturas morfossintáticas, léxico-semânticas e fonético-fonológicas do idioma. O *diccionari.cat* define vulgarismo da seguinte forma e coloca alguns dos vulgarismos socialmente mais difundidos ou marcados do catalão: “Expressió o fenomen lingüístic de caràcter vulgar, no admès en la llengua normativa. Ex.: *sapigut per sabut, crusos per crus, havés per hagués*”. Neste ponto, é importante salientar que obras como *Lou Tresor dóu Felibrige* de Mistral ou *Diccionari Català-Valencià-Balear* fornecem uma listagem de formas para a mesma palavra habitualmente com comentários que adscvem cada uma delas a determinada variante geográfica ou social, trazendo também a origem do étimo. A apresentação de cada entrada nessas obras é diferente dos dicionários atuais que, se monolíngues, fazem corresponder uma palavra e uma definição ou, se bilíngues, fazem corresponder o correspondente da palavra nas duas línguas, mas raramente apresentam uma abundância de formas para uma entrada só. Parece que aquelas obras não entendem a variação como secundária, estigmatizada e carente de relevância, mas como uma parte central na definição e caracterização de cada voz, um recurso à disposição do escritor e do falante.

Examinemos alguns exemplos extraídos tanto dos poemas da antologia escritos em occitano pelos *felibres* como dos poemas escritos em catalão pelos poetas da *Renaixença*. No poema *A la Raço Latino* (VI) localizamos dois casos interessantes. Em primeiro lugar, o verso

43, “a ti triounfle, à ti lagremo” (“teus triunfos e tuas lágrimas”), contém a palavra *triounfle* (triunfo) da qual *Lou Tresor dóu Félibrige ou Dictionaire provençal-français*, volume II, fornece as seguintes formas: “*triounfle*, *trounfle* (rh.), *triounfe*, *treounfe* (l.), *triounf* (niç.), *tienfle* (m.), *trinfle*, *trinfe* (g. l.)” e na língua medieval “rom. *trionfle*, *triomfe*” (p. 1050). Consultado um dicionário occitano atual *panoccitan.org* aparece apenas uma forma: *trimfe*. A forma usada por Mistral, *triunfle* apresenta um *l* não etimológico que, todavia, já aparecia na língua medieval. As academias e os lexicógrafos costumam classificar como vulgarismos aquelas formas que acrescentam ou elidem sons *desrespeitando* a etimologia; provavelmente, por causa disso, o IEO prefira hoje a forma *trinfe* sem *l* não etimológico. Outro exemplo aparece na mesma estrofe do poema, no verso 46 “e dins l’esclússi de ta glòri” (“e no eclipse de tua glória”). A forma *esclússi* (eclipse) é definida pelo próprio Mistral assim:

ESCLÛSSI, CLÛPSIS (g.), ESCLÛRSI, ESCLÛSI, ESCLÛCHI (l.), ECLISSI (niç.), ESCLÛPSI, ESCLIPSE, (toul.), ESCLISSE, ECLISSE (d.), (rom. *Eclipse*, *clipse*, *eclipsi*, *eclipsis*, piém. *ecclissi*, auv. *eiclipsa*, it. *ecclisse*, cat. lat. *eclipsis*) s. m. Et f. Eclipse.

Esclússi de solèu, de luno, éclipse de soleil, de lune ; *esclússi parciau*, éclipse partielle ; *esclússi toutau*, éclipse totale ; *faire esclússi, hè clùpsis* (g.), s’eclipser ; *faire d’esclússi*, faire du bruit, du dégât, rompre, briser, casser.

(*Lou Tresor dóu Félibrige ou Dictionaire provençal-français II*, 1979, p. 995)

Evidencia-se grande quantidade e diversidade nas realizações adotadas por essa palavra, para a qual dicionário *panoccitan.org*, de acordo com as normas do IEO, fornece apenas *eclipsi*, evidentemente mais próximo do étimo latino. Em suma, esses exemplos ilustram como, em todo caso, resulta difícil aplicar a noção de vulgarismo à obra dos *felibres*, que tendem a se servir daquelas formas que têm à sua disposição.

Já na parte em língua catalã, no primeiro poema –*Oda a la Pàtria* (X) de Carles Arribau – encontramos várias palavras que a atual norma linguística não reconhece. Assim *superbe* por *soberg* (soberbo) ou *innocenta* forma hipercharacterizada do adjetivo *innocent*, que apresenta uma desinência feminina por analogia como outros adjetivos que na

língua padrão têm uma forma masculina e feminina como *fort/forta*, *comú/comuna* ou *verd/verda*. O título do poema de Rubió i Ors *Mos Cantars* (XI) apresenta o substantivo *cantars*, considerado vulgarismo onde a língua padrão prefere *cant* o *càntic*. Igualmente o título de *Los Cants del Laletà* (XII) de Blanch Cortada contém uma palavra que requisita uma análise detalhada: o adjetivo *laletà*. Essa forma só aparece no *Diccionari Català Valencià i Balear* (DCVB) como variante vulgar de *laietà*, forma que também possui uma entrada na mesma obra:

LALETÀ, -ANA *m. i f.* Nadiu o propi de les tribus ibèriques que en temps de la invasió romana ocupaven la costa oriental de la Península Ibèrica des d'Empúries fins al Llobregat; cast. *laletano*. Aydats dels laletans los feyen cruel guerra, Boades Feys 12.

ETIM.: pres de Laletani, nom que els historiadors romans donen a les dites tribus. (disponível em <<dcvb.iecat.net>>)

LAIETÀ, -ANA *m. i f.* Nadiu o propi d'una tribu ibèrica que en temps de la dominació romana ocupava la Regió on actualment està situada Barcelona; cast. *layetano*. LAIETÀ, -ANA *m. i f.* (disponível em <<dcvb.iecat.net>>)

Laletà, -ana é, pois, um adjetivo pátrio referido às tribos que ocuparam uma parte da atual Catalunha antes da invasão romana que veio unificar todos esses territórios na província da *Hispania Citerior Tarraconensis*. Os poetas românticos recuperam esse nome vinculado à essência do *patriota catalão* em um exercício análogo ao que une o adjetivo *luso*, *lusitano* a Portugal ou *íbero* a Espanha (ou até ao conjunto da Península Ibérica). Todavia *Laletà*, -ana não aparece no *diccionari.cat* onde só se registra a forma *laietà*, -ana com igual valor:

Laietà, -ana: 1 adj Relatiu o pertanyent als laietans. 2 *m i f* HIST Individu d'un poble preromà, ibèric, establert a les comarques del Maresme, el Barcelonès, el Baix Llobregat i el Vallès. (disponível em <<diccionari.cat>>)

Ao fazer a tradução para o português, escolhemos a forma *laietano*. Igualmente passamos para o plural o título do poema *Los Cants del Laletà* com o intuito de reforçar no leitor a ideia de que se

trata de uma comunidade – os *laietanos* – pois, de outro modo, poderia ficar velada pela opacidade do adjetivo pátrio. Colocamos *cantos* em singular com o sentido do canto, sinônimo da voz, a canção, a epopeia desse povo expressada pelos versos do trovador. Como resultado obtivemos *O canto dos laietanos*. A partir dos textos do *corpus* podemos observar que outro autor, Rubió i Ors, também usa o nome desse povo pré-romano em *Mos Cantars* (XI) nos versos 22 (Oh Laletània! Si a ton nom ses ales), 32 (dels herois laletans) e 45 (prestem son foc de Laletània el geni). Nessa composição Laletània serve de *alter ego* de Catalunha e sempre aparece como *Laletània* e não com a forma padronizada atualmente *Laietània*.

Avançando na apresentação dos vulgarismos levantados nos poemas em catalão, devemos examinar a composição de Víctor Balaguer, destacado defensor da padronização da língua, que, no entanto, usa formas hoje consideradas vulgares em poemas como *Ausias March* (XVI) onde aparece, por exemplo, *pretenguda* (forma vulgar do participípio passado feminino *pretesa* do verbo *pretendre*; tencionar, pretender). A forma *aixís* do adverbio de modo *així* (assim), presente no verso 100 do mesmo poema: *aixís a mos oïdos ressonà*; aparece também em outros textos do *corpus*. Este advérbio apresenta grande variação no domínio da língua catalã segundo o DCVB:

Var . form. -1 . Aixic (Ciutadella) . -2 . Aixiques , forma usada sevamajoria dels al · lots (ibid.) . -3 . Aixin (Perpinyà , Canet de Ross .) . -4 . Aixina (Recollida al Lluçanès , Ponts , Massalcoreig , Reus , Peníscola , Morella , Benassal , Forcall , Plana de Castelló , Onda , Val . , Gandia , St Lluís de Men . , EIV . , Formentera) . I a sos peus agenollant - me , | aixina li vaig pregar , Llorente Versos , ii , 126 . « Més m'estim veure'm aixina , | no desconfiant de Déu , | que no posseir riqueses | si han d' esser contra gust meu » (cançó pop . , EIV .) . -5 . Aixines , forma intensiva (Lluçanès , Penedès , Solsona , Tremp , Massalcoreig , Manacor , Artà , Men .) . « És aixi que ho tenc de fermentació ? - Aixines » (Ciutadella) . -6 . Aixinos , forma intensiva que altres sols s'empra absolutament , sense lligar - se AMB Altra partícula (Mall) . -7 . Aixinetes , forma intensiva que altres sols s'usa de manera absoluta (Mall) . 8 . Aixins (Ross . , Barc . , Penedès , Isavarri , Pla d'Urgell , Men .) . Ei ,

axins al Menys ho Diuen , Oller Rur . urb . , 47. -9 . Aixinses (Cardona) . Axínses ray ! sospirà la Quíusa , Girbal Oratjol 88. -10 . Aixintes (Tortosa) . -11 . Aixit (Vilaller , Pont de S. , Bonansa) . -12 . Aixuíxí , forma intensiva (Mall , Men .) . Te usos especials , que explicam al lloc alfabètic DE PAGAMENT (V. aixuíxí) . -13 . Aixuíxic , forma intensiva con los mateixos usos d' aixuíxí (Men.) . -14 . Aixuíxiques , forma usada sevamajoria entre a els al · lots (Ciutadella) . -15 . Aixuíxines , forma intensiva (Mall , Men .) . -16 Aixuíxinos , forma intensiva con los mateixos usos d' aixuíxí (Mall) . -17 . Aixuíxinetes , forma diminutiva que s'empra per expressar les conformitat i Satisfacció per la manera de fermentació una cosa (Mall) . -18 . Aixuatxí , forma intensiva usada a Menorca Amb la mateixa aplicaci que feme assignada a aixuíxinetes . « És així que ho vols ? - Aixuatxí » (Ciutadella) . -19 . Assetsuaixí o assetssuaixí (Mall) , con els mateixes aplicacions de aixuíxí ; però Més intensiva (V. Assus - suaixí) . -20 . Jutxuíxí : forma molt expressiva , deformació per just suaixí (Mall) . (disponível em <<dcvb.iecat.net>>)

Várias dessas formas consideram-se vulgares (como *aixís* ou *aixina*) enquanto outras são expressivas (*aixuatxí* ou *jutxuíxí*) mostrando como variação diatópica, diastrática e diafásica confluem, às vezes, numa mesma voz. Em síntese, ao carecer ainda da forte consciência normativa do escritor de uma língua padronizada, os autores da antologia partem da língua materna como modelo assumindo as marcas linguísticas que essa possui. A diferenciação entre norma padrão e língua popular não está nitidamente definida e, conseqüentemente, tampouco observamos uma diferenciação marcada entre forma culta e forma vulgar.

4.1.3 Arcaísmos

Em terceiro lugar, observamos no *corpus* uma dinâmica que contrasta com a língua poética baseada na língua falada; isto é, o recurso a vozes e construções morfossintáticas que não correspondem nem a variações geográficas nem sociais, mas sim a estágios mais antigos das mesmas línguas. Estes são os arcaísmos, definidos no *diccionari.cat*

como “1. Mot, forma o construcció antiquats, caiguts en desuetud 2. Ús de mots, de formes o de construccions antiquats”. O arcaísmo não abrange apenas palavras caídas em desuso ou consideradas antiquadas, mas também expressões ou construções sintáticas que se afastam do uso comum. Na seção 3.2, já descrevemos a relação que o grupo de poetas occitanos e catalães teve com a filologia e com o estudo das fontes medievais. Fato que possibilitou um conhecimento aprofundado do estado das respectivas línguas durante o período medieval que eles atribuíam à *Idade d’Ouro*. A rica tradição lírica dos trovadores fornecia modelos e conformava um marco para o cultivo da poesia. Como já foi explicado na seção 3.2., a empresa criativa do *felibres* foi precedida algumas décadas pelo trabalho filológico de edição dos textos medievais, empreendido por François Just Marie Raynouard e, mais tarde, por Friedrich Diez. A inspiração nos modelos medievais levou a que alguns intelectuais considerassem tudo aquilo que se afastava desses como produto da corrupção ou da degradação da língua, resultado em última instância da dominação estrangeira, enquanto que todas as formas que se correspondiam com as aparecidas nos textos dos trovadores, mesmo podendo soar afetadas ou ser simplesmente desconhecidas, recebiam a preferência. De acordo com Milroy, “a historicização é um fator-chave na legitimidade” (2011, p. 77); assim “*dar uma história a uma forma era, no mesmo gesto, legitimar essa forma*” (ibid., p. 81). Pouco a pouco surge um debate sobre a necessidade de aproximar a língua literária ao idioma falado pela maior parte da população, temendo, senão, ficar confinados em um gueto estético. Consideramos que a maneira com a qual Mistral apresenta cada um dos termos contidos no seu dicionário busca fornecer a para cada um deles historicidade que se apoia na transmissão da voz do latim clássico ao latim vulgar (*bas-latin*, nos termos do autor) e ao occitano medieval das cortes dos trovadores (chamado por ele de *roman*). Em suma, o trabalho lexicográfico mistraliano tem como intuito a legitimação das palavras que descreve.

Na parte do *corpus* escrita em occitano, salientamos o uso de um arcaísmo que merece um comentário pormenorizado. Em *I Trobair Catalan* (II), verso 21, lemos: “e (que Paris noun s’escalustre!)” (“e (sem que isso ofenda Paris!)”, em nossa tradução) e em *Au Baroun Gastoun de Floto* (IV), verso 9, lemos: “Noun fau, peréu, vous estouna” (“Não deve, porém, surpreender”, na tradução) em ambos os casos *noun* é o advérbio de negação equivalente ao português *não*: “NOUN, NOU (l. g. lim.), NO (l. auv.), NAN (Menton), (rom. *non*, cat. esp. *no*, it. *no*, *non*, val. *nu*, lat. *non*), part. nég. Non, v. *Nàni*; ne, ne pas, v. *ne*, *pas*.”

(*Lou Tresor dóu Félibrige ou Dictionnaire provençal-français II*, 1979, p. 416). No entanto, a língua moderna substituiu esse advérbio por partículas pós-verbais que, na origem, serviam para reforçar a negação; tais como *pas*, *jamai*, *pus*, etc. Dentre as quais se destaca *pas*: “PAS, PAI (a.), PA (lim. rh.), POS (Aude), (rom. cat. *pas*), part. nég. Pas, point, v. *gens*, *manco*, *mingo*, noun.” (*Lou Tresor dóu Félibrige ou Dictionnaire provençal-français II*, 1979, p. 489). Cabe dizer que em francês popular aconteceu um processo análogo, mas a norma escrita dessa língua continua obrigando a fazer a dupla negação *ne+ verbo+ pas/jamais/plus* etc. Frente a isso, os gramáticos do século XX do Institut d’Estudis Occitans (IEO) sancionam a forma *non* (*noun* na grafia mistraliana) como pertencente à língua antiga e fora dos usos orais:

141. Non: fr. non, ne, representa la negacion de la vièlha lenga d’Òc. L’usatge ancian subsistís encara dins un grand nombre d’expressions. Ex. : *Qui non fotja quand pòt, fotja pas quand vòl. / Qui non mòstra, non vend. / Non sai que far. / Fau mai que non pòdi*. Sovent *non* es completat per un mot negatiu : *pas*, *ges*, *gaire*, *jamai*, *cap*, *degun*, *nat*, *mai*, *enlòc*, *tampauc* etc. (...) Dins la lenga modèrna, la negacion **non... pas** se reduís lèumens a **pas** Ex. : *Avèm pas d’argent. / Anirem pas enlòc. / N’aurem pas gaire. / Ne vesi pas cap*. (ALIBÈRT, 1976, p. 227)

Em todo caso, a possibilidade de usar um advérbio de negação anteposto ao verbo ou posposto deve ser considerada como um recurso com a qual contavam os poetas do *Felibrige*. Em outras palavras, o arcaísmo é um recurso estético e literário a serviço do escritor.

Já na parte do catalão, intelectuais como Bofarull tiveram acesso ao imenso Arquivo da Coroa de Aragão que guardava documentos pertencentes aos séculos medievais e também às centúrias da nomeada *Decadència*. E, de fato, nunca se interrompeu completamente a transmissão da tradição literária, de acordo com Courouau (2005, p. 78):

En plein XVIIe siècle, le souvenir de Raymond Lulle et d’Ausiàs March n’est pas éteint. Il manifeste, au contraire, la continuité de laquelle l’écrit catalan contemporain peut se prévaloir. Même si, comme le fait remarquer Josep M.

Badal, il y a une certaine rupture dans la perception de la tradition littéraire catalane, il n'en demeure pas moins vrai que les apologistes du catalan peuvent au moins se référer à quelques noms prestigieux.

Essa memória dos autores clássicos é retomada pelos poetas da *Renaixença* que, além de admirar a obra dos trovadores occitanos antigos, se declaram discípulos de Ausiàs March e reivindicam o desenvolvimento cultural da língua catalã durante o Medievo. Este escritor valenciano do século XV, Ausiàs March, introdutor no âmbito peninsular de formas poéticas procedentes da Itália como o soneto, recebe nos versos que Balaguer lhe dedica (*Ausiàs March*, XVI) os títulos de “Petarca llemosí” e “rossinyol dels trobadors”. Nesse poema, os versos de Balaguer se misturam com fragmentos tomados do próprio March. Salientamos aqui dois termos usados pelo poeta do século XV e retomados por Balaguer: *aimia* e *esparsa*, que aparecem nos versos 49 e 50: “que palpitar sentia en cada esparsa/ ton greu amor per la que fou ta aimia,” (“que palpitar sentia a cada estrofe/ teu grave amor pela que foi tua amiga,” na tradução). Assim *aimia* (amiga) designa a mulher amada pelo poeta enquanto *esparsa* é um tipo de estrofe usado por Ausiàs March. Essas vozes não se encontram no *diccionari.cat*, mas sim no DCVB que as define da seguinte forma:

AIMIA f. ant. Dona amada. E fe'm morir per ma cruel aymia, Leonard de Sors (Cançon. Univ. 122). Cascuna donzela e dona maridada e aymia, Graal 15. Hoint que les lurs aymies haurien si açò seguir volien, Decam., jorn. 4a, nov. 3a. Al que la mort toll la muller aymia | sabran jutjar part de la dolor mia, Ausias March XCII. Què't daré jo, dolça aymia, Verdaguer Idilis.
ETIM.: de l'ant. prov. amia, ‘amiga’, amb la inicial ai- de aimar. (disponível em <<dcvb.iecat.net>>)

ESPARS, -ARSA adj. Solt, separat; que no forma part d'un conjunt; cast. suelto, separado. Cascuna peyl de lúria e cascuna peyl de bou, si venen sparses per vendre, un diner, Leuda Puigcerdà 1288 (RLR, IV, 504).Compte espars: compte especial, separat del llibre general. Que'n sien fetes letres sparses de cascun capítol, doc. a. 1362

(Botet Mon. III, 337). Que faran e tendran compte esparç en lo libre de la nau de quascun espatxament, ops o necessitat, Ordin. Segur. mar. Nostre prothonotari sia tengut tenir libre sparç per scriure los dits actes, Ordenacions del rei Martí. Que sien perbullits en una olla esparsa, Flos medic. 227 vo. Lo senyor de Setalia si's mès dins la sua [tenda] e si's féu la donzella en la sua, per ço com és de costuma que los grans senyors van sparsos de les dones, Jacob Xalabin 10 vo. Ençà, per l'herba esparsa, les orelletes fines | d'aquells conillets joves, Salvà Retorn 17. Hom espars: (ant.) home que vivia totsol, Iluny de població? Bernat Peraylada, hom esparç del terme del castell de Benviure, Nomb. fochs Cat. 1359, pàg. 11. **Cobla esparsa, o simplement Esparsa (substantivat):** cobla solta, separada, que no formava part d'una composició llarga. Cobla esparza invocant auxili divinal, Trobes V. Maria [192]. Donar-te jo volguera esparces d'Ausiàs March, Llorente Versos, I, 86. Lo rossinyol cantava al dia sa darrera esparsa, Genís Quadros 161. (disponível em <<dcvb.iecat.net>>)

Neste ponto, vale salientar a onipresença do artigo definido masculino *lo/s* considerado hoje “Forma arcaica, dialectal i ocasional de l'article definit o determinat masculí” (disponível em <<diccionari.cat>>); sendo a forma padrão desse *el/s*. Vemos no presente caso que forma dialetal e forma arcaica aparecem associadas. A alternância de *lo* e *el* está motivada às vezes pelas necessidades do computo silábico. De novo aqui, o arcaísmo é um recurso a serviço da métrica do poema. Algo similar acontece na *Oda a la Pàtria* de Carles Aribau com algumas primeiras pessoas de verbos (*transport, parl*) que em catalão medieval haviam perdido a desinência pessoal (-o), mas que em catalão central padrão foi recuperada. Essas formas apocopadas contêm uma sílaba a menos e assim podem se ajustar às necessidades métricas. No caso de *Oda a la Pàtria*, consideramos as formas verbais sem desinência de primeira pessoa como arcaísmos e não como dialetalismos –diferente ao explicado sobre a ocorrência de tais formas nos poemas de Aguiló i Fuster – pois o autor, Carles Aribau, se adscrive à Catalunha onde a desinência de primeira pessoa maioritária nos verbos da primeira conjugação é –o.

No mesmo poema, a terceira oitava de *Oda a la Pàtria* (X) começa com o verso “Què val que m’haja atret una enganysosa sort” (“Que vale se me trouxe enganadora sorte”, na tradução), usando a forma arcaica *haja* do verbo auxiliar *haver* (cat. central. *hagi*). De forma análoga ao caso da desinência de primeira pessoa, *haja* é usada em outros dialetos (valenciano) e se assemelha ao castelhano *haya* e é igual ao português atual: *haja*. Evidencia-se de novo que na escolha de determinada forma confluem várias possibilidades e só optamos por qualificá-la, nesse caso, como arcaica por causa da origem do autor (não era valenciano) e do seu estrato (era um escritor culto que deveria reconhecer e rejeitar formas estrangeiras). Ainda no mesmo poema, achamos a forma *muira*, arcaísmo do presente de subjuntivo do verbo *morir* (cat. padrão *mori*). E *Ix*, imperativo do verbo *eixir* (sair) substituído pelo verbo *sortir* (originalmente *surgir* que assumiu o sentido de *sair*). Todavia o verbo *eixir* se mantém vigente nalgumas áreas do domínio linguístico, principalmente em Valência; mostrando mais uma vez quão complicado resulta deslindar dialetalismo e arcaísmo dentro do contexto linguístico e cultural recortado.

Outro arcaísmo bastante comum que aparece nos poemas em catalão é *mes* conjunção adversativa com o sentido do hoje mais usual *però*. As duas conjunções convivem dentro de um mesmo poema, como em *Los Cants del Laletà* (XII) de Blanch Cortade pelo que podemos entender que a escolha de um ou do outro se deve à métrica: *mes* monossílaba, *però* dissílaba. O uso do verbo *dar* em vez de *donar* que aparece em *Mos Cantars* (XI) de Rubió i Ors pode ser classificado também como solução para manter o cômputo silábico.

Embora algumas formas na Catalunha se considerassem arcaicas, preservavam a sua vigência nas Ilhas Baleares; nos poemas do maiorquino Aguiló i Fuster documentam-se outras vozes que devemos interpretar em qualquer caso como arcaicas. Assim em *L’arbre de la pàtria* encontramos o advérbio *tantost* definido como:

Tantost: [s. XIV; de *aitant* i *tost* (v. *aitambé*)]
1 adv 1 Tot seguit, immediatament. *Entrà a dins i la porta tantost es tancà.* 2 De poc. *He caigut, i tantost em trencò el cap. Tantost que no em pega: no s’ha enrabiat pas poc!* **2** conj 1 Tot just. *Se n’anà tantost apuntava el dia.* (disponível em <<diccionari.cat>>)

TANTOST adv. i conj. 1. adv. ant. Tan prompte; cast. tan pronto. Tantost l’ome no vol pujar a vós

per oració, que sempre no siats vós devallant a ell, Lluï Cont. 92, 14. 2. adv. Tot seguit; immediatament; cast. enseguida. Si vida volete, dues coses havets de fer tantòs [sic], Muntaner Cròn., c. 113. Saltà en lo pou, lo qual après tantost se tanchà, Genebreda Cons. 12. Les dites portes me foren tantost ubertes, Metge Somni III. E aquelles coses dites, tantòs morí, Eximplis, II, 310. 3. conj. Tot seguit que; tot just; cast. así què, apenas, enseguida que. a) Formant la combinació tantost com. Lexaren les lances tantost con foren denant nós, Jaume I, Cròn. 251. Que sia posat en escrits entre ells tantost com seran elegits, doc. a. 1455 (Col. Bof. VIII, 468).—b) Formant la combinació tantost que. Sent Pere e Sent Andreu pescaven, e tantost que Déus los appellà, tantost lo seguiren, Sermons SVF, II, 47.—c) Usat simplement, sense conjunció auxiliar. L'infant Jesús un matí, | tantost apuntava el dia, | baixà amb la Verge Maria, Verdaguer Flors Mar. 34. Els reguerons tantost nascuts cuiten a fugir del devant meu, Massó Croq. 11. 4. adv. Gairebé, amb un poc més (Empordà, Urgell, Conca de Barberà, Camp de Tarr., Gadesa, Maestrat); cast. por poco, casi casi. «Això tantost és igual com allò altre». «Para compte, que tantost caus». «He caigut, i tantost em trencó el cap».

FON.: tantòst (or., occ., men.).
 VAR. FORM.: tantot, tantostes.
 ETIM.: aglutinació de tan i tost (disponíbel em <<dcvb.iecat.net>>)

O advérbio *tantost* equivale ao mais comum *tot seguit* com o sentido de *imediatamente*, *em seguida*, ao mesmo tempo em que lembra outros advérbios derivados do étimo *tosto* (cedo): francês *tantôt* (logo, em seguida) ou *plustôt* (antes que, em lugar de, em vez de) e do italiano *piuttosto* (preferentemente, em lugar de). Aguiló emprega igualmente estruturas morfossintáticas arcaicas; como o auxiliar *ser* por *haver* na formação do pretérito perfeito de verbos intransitivos⁸⁴ “no és post per

⁸⁴ A língua medieval preferia o verbo *ser* como auxiliar das formas compostas dos verbos intransitivos (como ocorre hoje em dia em italiano e em francês) e o verbo *haver* como auxiliar das formas compostas dos verbos transitivos. Porém, o catalão contemporâneo usa apenas o verbo *haver* para a formação dos tempos

tu encara el sol!” (ainda não se pôs teu sol!), verso 20 de *La Llengua Materna* (XVII).

A partir dos exemplos extraídos do *corpus*, podemos concluir que a presença de arcaísmos caracteriza a antologia como uma coleção de *textos fundacionais* já que o uso que os autores fazem deles lhes permite articular um diálogo com a tradição e, ao mesmo tempo, disponibiliza novas vias para a criação artística e novos recursos estéticos. A tradução deverá considerar tais especificidades a fim de manter essas características sem cair em soluções artificiosas de acordo com a asserção de Berman (1995): “L’archaïsme ponctuel ne se soutient pas et est toujours conduit à devenir archaïsme systématique : seule façon d’éviter le disparate et l’artificiel” (p. 186).

4.1.4 *Estrangeirismos*

Finalmente, nos textos aparecem elementos lexicais e construções morfossintáticas procedentes das línguas oficiais dos Estados centralistas onde viviam os autores de nossa antologia; do francês, no caso dos poetas occitanos e do castelhano, no caso dos catalães. Certamente a proximidade linguística – por serem todos esses idiomas românicos – e a convivência secular – que se manifesta em empréstimos de longa data e influências recíprocas – faz com que os escritores empreguem algumas vozes estrangeiras para cantar as essências da nação própria, fato que pode ser entendido como uma forma de hibridação linguística e cultural. Tais estrangeirismos no âmbito catalão recebem o nome de *barbarismes* (barbarismos) que não são necessariamente palavras ou expressões em desacordo com as normas gramaticais ou erros de grafia, significado ou pronúncia, mas segundo o *diccionari.cat* “Forma lingüística, particularment lèxica, dins una llengua determinada, d’origen estranger, i normativament rebutjada”. Palavras cuja fonética revela que não fazem parte do fundo léxico occitano e catalão. A diferença desses empréstimos antigos, para os que a língua vernácula não dispõe de um correspondente, os barbarismos são rejeitados pela norma culta que advoga por recorrer ao acervo léxico e morfossintático vernáculo. Nesse sentido, o linguista francês Hagège (2000) faz uma diferenciação entre o empréstimo léxico (*l’emprunt lexical*), entendido como “une condition de la vie des langues” e o empréstimo massivo que acontece em situações de diglossia e pode

compostos, traço que o aproxima do espanhol onde só existe *haber* como auxiliar.

ameaçar a continuidade da língua minoritária: “l’emprunt n’est pas en soi une cause de l’extinction des langues. Il en est une signe inquiétant lorsqu’il est envahissant et ne laisse intact aucun domaine” (ibid., p. 97). Caberia também se questionar a respeito da consciência que os autores do *corpus* tinham na hora de usar uma palavra ou construção suspeita de ser estrangeira, já que a repetição de certos empréstimos e certos decalques é recorrente no *corpus*. Encontramos um exemplo no poema de Mistral *En l’ounour de Jansemin* (III), no verso 36: “Pièi, se quauque marchand d’endormo” (“Mas, se algum vendedor de pílulas”) onde aparece a palavra *marchand* (mercante, comerciante, vendedor) igual ao seu equivalente francês: *marchand*. Uma busca no dicionário traz a seguinte informação:

MARCHAND, MERCHAND, (l.), MERCHOND (rouerg.), ANDO (rom. *marchant, marchand, merchant, mercadan*, cat. *marxant*, esp. it. port. *mercante*, lat. *mercans, antis*), s. et adj. Marchand, ande, v. *fieraire* ; acquéreur, v. *croumpaire*. (*Lou Tresor dóu Félibrige ou Dictionaire provençal-français II*, 1979, p. 274)

As informações que Mistral expõe como lexicógrafo não dizem que a palavra seja um empréstimo do francês; porém, chama a atenção que ele dê as formas que essa palavra tem em catalão, espanhol, português, italiano e latim omitindo a forma que essa palavra teria na língua medieval e sem explicar a palatalização de /k/ (*mercante*>*marchand*), fenômeno característico da língua francesa dentro do *continuum* galo-românico e, em todo caso, alheio às variedades vernáculas da Provença. Cabe lembrar que Mistral foi coetâneo ao surgimento do método comparativo aplicado à linguística histórica e, portanto, a etimologia ocupava uma posição de destaque na pesquisa linguística da época e nos próprios interesses do autor como lexicógrafo. Assim, podemos lançar a hipótese de que há uma intencionalidade por parte do autor nessa omissão.

Por outro lado, o conhecimento da língua imposta fez com que, às vezes, linguistas, gramáticos, lexicógrafos e escritores do âmbito occitano e do catalão tenham procurado formas mais castiças para fugir do calco linguístico. E assim no atual dicionário *panoccitan.org* a palavra francesa *marchand* é traduzida ao occitano da seguinte forma:

Marchand (1), **marchande** *nom* 1. fixe, mercadièr, mercadièra; 2. forain, feirejaire, feirejaire; *composés*: petit ~ *loc.* mercadairet *nom* *m.*; ~ petit ~ *loc.* mercadairon *nom* *m.*; ~ forain *loc.* feirejaire, feirejaire *nom*; ~ d'orge *loc.* ordièr *nom* *m.*; ~ d'oublies *loc.* neulaire *nom* *m.*; ~ de blé *loc.* bladièr *nom* *m.*; ~ de ceintures *loc.* cenchièr, cenchièra *nom*; ~ de céréales *loc.* baltièr, baltièra *nom*; ~ de chevreaux *loc.* cabridièr *nom* *m.*; ~ de cire *loc.* bodoscaire, bodoscaira *nom*; ~ de coton *loc.* cotonièr, cotonièra *nom*; ~ de gâteaux *loc.* cocaire, cocaira *nom*; ~ de gaufres *loc.* embodoscaire, embodoscaira *nom*; ~ de grain *loc.* granudièr, granudièra *nom*; ~ de peaux d'hermine *loc.* erminièr *nom* *m.*; ~ de poivre *loc.* pebrièr *nom* *m.*; ~ de poix *loc.* agapairon, agapairona *nom*; ~ de toile *loc.* filatièr, filatièra *nom*; ~ de verre *loc.* rafièr, rafièra *nom*; ~ de vêtements *loc.* vestimentièr *nom* *m.*; ~ de victuailles *loc.* vitalhièr, vitalhièra *nom*; ~ de vieux vêtements *loc.* FAM pelhièr *nom* *m.*
marchand (2), **marchande** *adj.* mercadal, mercadala; (acessível em <<panoccitan.org>>)

Essa preferência por aquelas palavras ou construções que resultem mais genuínas não se encontra só na escolha de substantivos ou adjetivos, mas abrange também outras classes de palavras como os advérbios como, por exemplo, *quando*. A língua promovida desde o Institut d'Estudis Occitans prefere o advérbio *quora* e rejeita *quand*. Porém, Mistral recolhe os dois no seu dicionário:

QUAND, QUANTE (périg.), QUANTO (a.), COUAND (g.), QUEND, QUEN (b.), QUOND (Velay, d.), (rom. *quant, quan, cant, can, qan, quoand, quoan*, cat. *quan*, it. esp. port. lat. *quando*), adv. Quand, lors-que, v. *quouro, se'n-cop*.

Quand ié pense, quand j'y pense; *quand iè sarès*, pendant que vous serez em train; *tournaren quand tournaren*, nous reviendrons je ne sais quand; *quand même, quand bèn* (d.), quand même, lors

même ; *quand partiguessias*, quand vous partiriez ; *quand plóuguèsse*, quand même il pleuvrait ; *quand noun reüssigue*, quand même je ne réussirais pas ; *quand sias paure*, lorsqu'on est pauvre ; *quand travaïas*, lorsqu'on est au travail ; *i'a rên à quand sias jouïne*, rien de tel que la jeunesse ; *quand veïras, quand beges* (g.), quand vous verrez ; *de quand en quand, de couand en couand* (b.), de temps en temps.

(*Lou Tresor dóu Félibrige ou Dictionnaire provençal-français II*, 1979, p. 667)

QUOURO, AQUOURO (d.), AQUÒURO (niç.), ACORO (for.), QUOUR (Grasse), (rom. *quora, quoras, cora, coras, quor*, it. *qualora*), adv. Quand, lorsque, v. *quand*; tantôt, v. *tantost*. (*Lou Tresor dóu Félibrige ou Dictionnaire provençal-français II*, 1979, p. 678)

Nos poemas da antologia, o mesmo autor usa *quand*, como vemos nos versos 15 e 16 de *I trobair Catalan* (II) “e quand avian dins Magalouno./ quand avian dins Marsiho, à-z-Ais, en Avignoun” (“e quando havia em Maguelona./ quando havia em Marselha, em Aix, em Avinhão”). As influências linguísticas não ficam restritas apenas ao influxo da língua do Estado central e no *corpus* aparecem palavras que o occitano tomou de outras línguas românicas. No verso 50 do poema *A la Raço Latino* (VI), lemos: “Ta lindo mar, la mar sereno” (“Teu lindo mar, o mar sereno”, na tradução) onde o adjetivo *lindo* é registrado no dicionário de Mistral como empréstimo que poderia proceder do português, do espanhol ou do italiano:

LINDE, LINDO (it. port. *lindo, límpido*, esp. *lindo, limpio*, lat. *limpidus*), adj. Limpide, clair, aire, transparent, ente, v. *cande*; mince, grêle, v. *linge*. *L'aire es linde*, l'air est transparent, le ciel est pur, net ; *aigo lindo*, eau limpide. N'as que de te proucura

Un pau d'aigo lindo e fresqueto.

M. DE TRUCHET.

L'aigo lindo, dins lou gres,

Ris e tèn noste vin fres.

A. BIGOT

(*Lou Tresor dóu Félibrige ou Dictionnaire provençal-français II*, 1979, p. 219)

No verso 5 de *Au Poble Noste* (VIII) lemos “A l'escolo te derrabon” (“Nas escolas te arrancam”) onde o verbo *derraba* é classificado por Mistral como um empréstimo do espanhol já que *derrabar* significaria ‘arrancar o rabo, a cauda’ e daí teria passado a denotar ‘arrancar, extrair, decepar’:

DERRABA, ARRABA (l. niç.), DERABA, DARABA, DERAPA, DERAUA (l.), (rom. *esdaravar, arrabar, arabar*), v. a. Arracher, déraciner, extraire, v. *arranca, derreiga, péutira, tira*; t. d’agriculture, v. *derratat. Derraba’no dènt*, arracher une dent; *derraba’n agacin*; extirper un cor; *derraba d’argènt*, extorquer de l’argent; *es pas de bon derraba*, il est dur à la desserre; *n’ai pouscu derraba ni ferre, ni clavèu*, je n’ai rien pu en tirer; *mistrau à derraba la co dis ase*, mistral à arracher la queue des ânes.

SE DERRABA, v. r. S’arracher, se dépêtrer, v. *despegoui. Me n’en sièu derraba*, je m’en suis tiré. DERRABA, DERRABAT (l.), ADO, part. Arraché,ée.

Ce mot paraît venir de l’espagnol *derrabar* (arracher la queue) qui dérive lui-même de l’espagnol *rabo* (queue). (*Lou Tresor dôu Fèlibrige ou Dictionnaire provençal-français I*, 1979, p. 728)

Passando a examinar a parte em catalão do *corpus*, verificamos o recurso constante a palavras procedentes do espanhol. Esse é o caso do adjetivo *hermós,-a*, onipresente nas poesias catalãs (encontramo-lo em *Oda a la Pàtria, Los Cants del Laleit, A la llengua catalana* entre outros) e muito usado de acordo com o gosto dos românticos que parecem ignorar a sua procedência estrangeira e que fazem um uso da palavra adaptada aos padrões de flexão do catalão (*hermós,-a,os,-es*) e não do espanhol (*hermoso,-a,-s,-as*). No primeiro poema da antologia, *Oda a la Pàtria* (X), aparecem outras palavras procedentes do espanhol como *agravis* (espanhol, *agravios*, catalão padrão *greuges*, português *afronta, agravo*) alocada na quarta oitava:

Plau-me encara parlar la llengua d’aquells savis
que ompliren l’univers de llurs costums i lleis,

la llengua d'aquells forts que acataren los reis,
 defengueren llurs drets, venjaren llurs agravis.
 Muira, muira l'íngnat que al sonar en sos llavis
 per estranya regió l'accent natiu, no plora,
 que, al pensar en sos llars, no es consum
 /ni s'enyora,
 ni cull del mur sagrat las lires dels seus avis!

A palavra *agravis* rima com *savis*, *llavis* e *avis* e responde a certa analogia: onde o castelhano tem –io o catalão apresenta –i (*diccionario ~ diccionari*). Consequentemente o autor pode ter dado preferência ao barbarismo por sobre a palavra vernácula (e hoje maioritária) *greuges* para satisfazer a metrificação e a rima. Em outros poemas da antologia, encontramos de novo o uso de barbarismos para satisfazer as necessidades métricas e rítmicas. Por exemplo, em *Los Cants del Laletà* (XII) no verso 55: “los millors, haig de sentar-me” (“os melhores, sentarei;”, na tradução), aparece *sentar-me*, espanholismo, em vez do verbo catalão *seure* que não é pronominal e que, de estar presente daria um cômputo silábico bem diferente. A influência da língua espanhola se demonstra igualmente em alguns decalques de estruturas forâneas; por exemplo, no verso 97 de *A la llengua catalana* (XIII) lemos: “i allí li doní petons” (em português *dar beijos*, em espanhol *dar besos*) no sentido de *beijar* é uma construção própria do espanhol sendo que em catalão se prefere *fer petons* (literalmente *fazer beijos*). É interessante acrescentar um barbarismo localizado no verso 24, terceira estrofe de *Epigrames* (XIV) de Vinader i Nubau:

Quan ha tornat a Calella
 l'indiano poderós,
 ha dit que del català
 no en conservava record,⁸⁵

Aqui o autor satiriza a figura dos jovens pobres que partem para fazer fortuna na América e voltam, ao cabo dos anos, como estrangeiros na própria terra. Nas culturas da Península Ibérica essas pessoas eram chamadas de *indianos* como o *Diccionario de la Real Academia de la Lengua Española* define: “adj. Dicho de una persona que vuelve rica de América” (disponível em <<rae.es>>). Neste caso resultaria difícil

⁸⁵ fez fortuna nas Américas/ e vestiu-se de senhor./ Quando voltou a sua aldeia/ o colono poderoso,

encontrar uma palavra vernácula tanto em catalão como em português brasileiro. Já seja por necessidades de métrica ou de rima, por uso inconsciente de uma palavra não vernácula ou por ação deliberada (como talvez seja o caso de *hermós*), a presença de estrangeirismos é maciça também na parte catalã da antologia. A seguir listamos palavras que aparecem nos poemas do *corpus* e que sustentam esta exposição; tais como o barbarismo *despreci* pelo padrão *menyspreu* (desprezo, menosprezo); *patranya* por *contalla falsa, mentida* ou *faula* (patranha); *recadat-ada* por *amagat, que defuig d'exhibir-se* (pacato); *carinyós -osa* (*carinhoso -osa*) considerado pelo DCVB como “castellanisme inadmissible” para definir “Amor molt tendra i fonda; cast. Cariño”. Ou ainda os que apresentamos dois poemas de Joan Maragall *Oda a Espanha* (XIX) e *Els focs d'aquest Sant Joan* (XIX) ainda que compostos em uma época algo posterior – na passagem ao século XX – em que o processo de padronização já tinha avançado bastante e os gostos estéticos se aproximavam ao Modernismo. Tal é o caso do barbarismo *pervindre* pelo padrão *esdevenidor* (castelhano *porvenir*, português *porvir* ou *futuro*), *oïdo* por *oïda* (ouvido), *desgarrar* por *esqueixar* (rasgar, esmagar), *mariposa* por *papallona* (borboleta), *assombrar* por *espantar, esglaiar* (espantar). Para concluir com a seção dos barbarismos cabe mencionar que no primeiro poema da parte catalã, a *Oda a la Pàtria* (X) de Carles Aribau, encontramos um galicismo (*gal·licisme* na tradição lexicográfica catalã) *parents* por *pares*: os pais⁸⁶, no verso 10: “com conèixer pogués lo front de mos parents” (“como conhecer posso a testa de meus pais;”, em nossa tradução).

Em síntese, todas as categorias que até aqui foram balizadas permeiam o *corpus* occitano-catalão de nosso trabalho. Também devemos acrescentar que a existência de um padrão aproxima as produções dos falantes em determinados registros, principalmente naqueles que fazem um uso culto da língua; entretanto, a falta desse, ou o fato de encontrar-se em um processo de construção do padrão, faz com que os textos sejam muito mais sensíveis à variação. Segundo Monteagudo (2011), em uma situação de diglossia e conflito linguístico, a variação *intersistêmica* e *intrassistêmica* aparecem “estritamente interligadas, a ponto de não haver maneira de distinguir nitidamente uma da outra” (p. 18). De forma que resulta extremamente complexo deslindar vulgarismos, barbarismos, arcaísmos e dialetalismos, como foi

⁸⁶ Note-se que nas línguas ibero românicas o casal formado por pai e mãe recebe o nome de *pais* (es. *padres*, cat. *pares*) enquanto em francês e em italiano não é assim (fr. *père + mère*= *parents*; it. *padre + madre*= *genitori*).

revelado na nossa análise. E assim uma voz considerada vulgar pode ser consagrada pelos usos majoritários, ao mesmo tempo em que algo que nos falares centrais se considere arcaico pode ter vigência ainda em um falar periférico. Vejamos um exemplo do catalão; desde a perspectiva da atual norma, formas do presente do subjuntivo como *diga* por *digui* ou *haja* por *hagi* possuem valores dialetais (adscritas à área do valenciano principalmente), diacrônicos (entendidas como arcaísmo já que a língua medieval conservava desinências diferentes para a formação do presente de subjuntivo da primeira, e da segunda e terceira conjugação que depois confluíram no catalão central) e, inclusive, podem resultar vulgares (na perda de prestígio das formas antigas) ou estrangeiras (por serem mais próximas aos equivalentes do castelhano, *diga, haya*). Em suma, as categorias expostas aparecem intimamente imbricadas já que a língua sempre contém uma multiplicidade de formas presentes e passadas (VENUTI, 1998, p.10). Entendemos que existe ainda um problema ao usar essas categorias para se referir à forma atual que têm os dois idiomas do *corpus* e, portanto, na época essas palavras provavelmente não fossem consideradas pelos autores da mesma forma que podem ser classificadas hoje.

Nessa altura, resulta interessante retomar a reflexão de Levý (2011, p. 107) a respeito de como frequentemente o tradutor seleciona a palavra que possui um significado mais geral e que é menos vívido e vibrante; os tradutores tendem a optar pela generalização, a neutralização e a repetição provocando certo empobrecimento lexical (*lexical impoverishment*). Problematizar as marcas lexicais do *corpus* deve servir para adotar estratégias na língua de chegada que ultrapassem as formas mais usuais do vocabulário ativo e mergulhem no acervo léxico do português brasileiro.

4.2. A tarefa da edição da antologia

Como já foi mencionado diversas vezes, o tradutor é, primeiramente, um leitor que se debruça na apreensão do original, isto é, a compreensão e a interpretação do texto fonte desenvolvendo uma série de leituras sucessivas:

Firstly the author formed an interpretation of reality; secondly the translator formed an interpretation of the original work and thirdly the reader formed an interpretation of the translation.

Just as the translator's point of departure should be not the text of the original but the ideological and aesthetic values it contains, so also the translator's goal should be not a text but a certain content which the text is to communicate to the reader. (LEVÝ, 2011, p. 30)

Destarte é possível salientar três aspectos na interpretação do tradutor: a busca da ideia objetiva da obra, a posição interpretativa do tradutor e a interpretação dos valores objetivos do trabalho consonantemente com dito posicionamento (ibid., p. 39). No entanto, existe uma diferença importante entre o tradutor-leitor e um leitor comum do original já que o leitor tende a centrar-se nos componentes principais do texto enquanto que o leitor-tradutor deve ter uma ideia clara da mensagem que a sua tradução vai passar:

Unlike the ordinary reader, who tends to focus more or less intuitively on the most prominent components of a work, a good translator adopts, usually consciously, a particular interpretative position and forms a clear idea of the message the translation is to convey to the reader (LEVÝ, 2011, p. 43).

Em síntese, a leitura repetida e cuidadosa do *corpus* fornece a base para o trabalho da tradução. Uma primeira leitura, serviu para mapear os traços estilísticos mais marcantes dos textos fonte; ou seja, aqueles que de preferência deveriam ser recontextualizados na língua de chegada. Uma segunda centrou a atenção na interpretação dos poemas, os vários significados que esses contêm, assim como as diversas interpretações que aceitam.

Berman (1995, p. 40) afirma que o tradutor age como crítico da obra que traduz em todos os níveis. No nosso caso, os textos que conformam o *corpus* provinham de diversas antologias e obras e, por causa disso, requisitavam o trabalho do tradutor como editor prévio ao processo estrito de tradução.

Segundo Renzi e Andreose (2009), a edição de textos (antigos ou modernos, literários ou não literários) faz parte do trabalho do filólogo e precisa de um método que siga critérios científicos para fixar o texto a partir de um ou vários manuscritos ou impressos precedentes. Ou seja, a edição crítica de um texto pressupõe um trabalho de reconstrução que o (re)aproxime o máximo possível do que o tradutor considere ser as

intenções do autor. Nas antigas edições príncipes de um texto, o editor costumava basear o seu trabalho na *correção* de um manuscrito, porém atualmente as edições críticas consultam os diversos manuscritos que estejam disponíveis a fim de reconstruir o texto original. Na edição de textos do século XIX e XX, recebem especial atenção as primeiras edições por considerar-se que elas estão mais próximas da fonte e porque, em caso de apresentarem erros, esses podem ser transmitidos às edições subsequentes. Igualmente, a tarefa da edição crítica, quando empreendida por um filólogo, deve aplicar rigorosamente critérios científicos e cumprir as fases de preparação, análise comparativa e estabelecimento do texto. Nesse sentido, consideramos que o trabalho de edição requisita uma interpretação que pode conduzir a mudanças ou transformações no texto e, desse modo, a edição influi, em certa medida, sobre o processo de tradução do qual faz parte.

A codificação da estrutura morfossintática do occitano e do catalão, as ações de padronização empreendidas por nossos autores, acompanhou-se da codificação de um sistema de escrita próprio e autônomo para cada uma das duas línguas; pois em toda ação de recuperação de uma língua como veículo de expressão literária, o estabelecimento de umas normas ortográficas ocupa um papel fundamental:

O processo de transformar uma língua numa hipóstase passa sempre pela sistematização da forma escrita dessa língua, pela criação de uma *ortografia*. A escrita confere à “língua”, mera abstração, uma aparência concreta, de coisa tangível, material, que se pode tocar, ler, ouvir, desenhar, apagar, copiar, bordar, gravar no metal, esculpir no mármore etc. (BAGNO, 2011a, p. 363-364)

A padronização, a gramatização, a criação de uma ortografia para um idioma representa “um processo de *seleção* e, como todo processo de seleção, um processo simultâneo de *exclusão*” (ibid., p. 365). Assim, à falta de normas ortográficas unanimemente aceitas, acrescenta-se às especificidades apresentadas na seção precedente, já que os textos do *corpus* seguiam convenções ortográficas pouco sistematizadas que diferiam, em vários aspectos, das regras ortográficas que hoje em dia

vigoram em cada um desses idiomas⁸⁷. A opção que assumimos, como passo prévio à tradução, foi não reproduzir os textos tal e como apareciam nas antologias e coletâneas que consultamos, mas editá-los problematizando as normas ortográficas que deveriam reger nos poemas originais de nossa antologia.

Na antologia bilíngue que acompanha em anexo o presente trabalho, aparece apenas a versão editada em língua original e a tradução para o português brasileiro como *testo a fronte*. Cada poema foi numerado com algarismo romano; os nove primeiros estão escritos em occitano e os onze seguintes em catalão, o sumário das duas partes reúne um total de vinte poemas. Abaixo do título aparece a fonte desde a qual o poema foi transcrito. Finalizamos a edição numerando os versos para facilitar a consulta; esses seguem intervalos que podem corresponder às estrofes (a cada quatro, seis, oito versos) ou de cinco em cinco quando a composição não estiver dividida em estrofes.

4.2.1. *Critérios de edição adotados para a parte em occitano da antologia*

Como já foi explicado no segundo capítulo, o occitano é uma *língua nua – lenga nusa* – por não ter constituído em nenhum momento de sua história o veículo de um poder político forte e centralizado. Fato que teve como consequência a fragmentação do idioma em um mosaico de variedades locais ou, talvez, seja mais apropriado dizer, que nunca chegasse a se impor um modelo padrão por sobre esse mosaico pluri-dialetal: lemosim, provençal, gascão, alpino, lengadociano, auvernhat, etc. A essa variação da língua deve acrescentar-se a existência de duas normas ortográficas para a escrita. A ortografia nomeada *clássica* retoma as principais convenções adotadas já durante o período medieval pelos trovadores; no século XX, a *grafia clássica* permitirá aos linguistas e gramáticos do Institut d’Estudis Occitans codificar o occitano estabelecendo umas normas ortográficas comuns às principais variedades. Entretanto, existe outro sistema ortográfico nomeado *mistraliano* precisamente por ter sido usado e defendido por Frederic Mistral e os *felibres*. Esse sistema, desenvolvido por José Romanilha, mentor de Mistral, promulgava umas normas de escrita que, por um

⁸⁷ O IEO (Institut d’Estudis Occitans) regula as normas ortográficas comuns e válidas para todas as variedades do occitano (gascão, provençal, lengadociano etc.) enquanto no caso do catalão é o IEC (Institut d’Estudis Catalans) o órgão responsável pela normatização da língua.

lado, se aproximavam da pronúncia das variedades provençais (onde muitas consoantes finais e etimológicas são omitidas); e, por outro lado, adotavam convenções ortográficas oriundas do francês, já que o público leitor de occitano havia sido alfabetizado nesse outro idioma e, conseqüentemente, uma grafia próxima à francesa facilitaria o acesso a textos em occitano e a popularização do hábito de leitura em *língua d'òc*. Hoje em dia, a ortografia *mistraliana* é pouco usada nas publicações em occitano e maioritariamente se considera que a *grafia clássica* é mais adequada para padronizar a escrita. Não obstante, reproduzimos a parte do *corpus* occitano na *grafia mistraliana* sem tentarmos verter os textos para a *grafia clássica* por várias razões. Primeiramente porque o próprio Mistral foi quem optou por usar essas convenções ortográficas e a mudança de grafia durante a edição dos poemas teria mudado também a forma visual deles. Cabe dizer que comumente as publicações atuais de textos do autor de *Miréia* continuam respeitando a *grafia mistraliana*. Em segundo lugar, a mudança de grafia obrigaria a estabelecer uma forma escrita para as palavras dialetais, os estrangeirismos, os vulgarismos e os arcaísmos que Mistral usa em abundância e que nem sempre estão recolhidos nos trabalhos lexicográficos atuais. Isto provocaria que a rima, o andamento dos versos e o cômputo silábico dos poemas originais mudassem substancialmente. Finalmente, ao carecermos de um corretor de texto em occitano com *grafia clássica* aumentavam as possibilidades de estabelecermos um texto que contivesse erros ou corrupções enquanto que os textos escritos com grafia *mistraliana* garantiam uma edição cuidadosa já que, as obras de onde foram extraídos os poemas haviam sido editadas pelo CIEL (Centre International de l'Écrit en Langue d'Òc) albergado na Universidade de Provença, França, instituição de ensino superior que conta com um departamento de estudos occitanos⁸⁸.

As especificidades da edição de nossa antologia requisitaram uma consulta constante a dicionários entendidos esses não só como obras que reúnem o acervo léxico de um idioma, mas que frequentemente explicam a origem etimológica das palavras, sua localização geográfica ou histórica, suas conotações sociais etc., informações valiosas para orientar o trabalho do tradutor. Nesse sentido, o processo tradutório que aqui se expõe, contém uma especificidade à qual já fizeram referência vários autores: a tradução de *segunda mão*; isto é, aquela que não

⁸⁸ Os poemas em occitano provêm de *Lou Tresor dóu Felibrige*, *Lis Isclo d'Or I e II* e *Lis óulivado* todas elas assinadas por Frederic Mistral. O poema de Teodor Aubanel pertence a *Li fiho d'Avignoun*.

acontece apenas na passagem do texto fonte para a língua de chegada, mas que é mediatizada por várias línguas e linguagens ao longo do processo:

Second-hand translation was not always a simple task, as **the translator often worked from several texts**, either using translations into a foreign language as a guide to help resolve semantic or technical issues, or subsequently using them to check his second-hand translation against the original version. (LEVÝ, 2011, p. 172, grifos meus)

Em alguns casos, o recurso do dicionário pode esclarecer dúvidas a respeito do significado de uma palavra ou os usos que essa tem em um par linguístico dado. Assim, por exemplo, ao realizar uma tradução do francês para o português o tradutor recorrerá a um dicionário bilíngue desses dois idiomas. Porém, ao trabalhar com a tradução do occitano para o português, isto não é possível devido à falta de dicionários bilíngues e, conseqüentemente, a consulta é mediada por outras línguas. Nessa parte em occitano, contamos com o dicionário em linha *panoccitan.org* como ferramenta que alberga um dicionário bilíngue occitano/francês e francês/occitano e possibilita também a consulta de um compêndio gramatical breve e das tabelas de conjugação dos verbos em occitano. No entanto, esse dicionário está escrito de acordo com a *grafia clássica* do Institut d'Estudis Occitans e isto dificultava a localização de palavras escritas no *corpus* em *grafia mistraliana*. Como já foi mencionado em seções precedentes, outro dicionário auxiliou a consulta dos poemas em occitano, *Lou Tresor dóu Felibrige*. Este explica cada entrada em francês e oferece exemplos dos seus usos. Ao ser o autor do dicionário o mesmo dos poemas que traduzimos – Frederic Mistral –, contamos com uma explicação detalhada de todas aquelas palavras que geravam dúvidas. Assim, fez-se necessária a passagem por uma terceira língua, o francês, da qual há extensos dicionários bilíngues português/francês e francês/português. Porém para esclarecer o sentido de certas palavras em francês, consultamos um dicionário monolíngue: a versão em linha do Dictionaire Larousse; e contrastamos as definições com as dadas em dicionários monolíngues em português como o Aurélio e Houaiss, nas versões em linha.

4.2.2. Critérios de edição adotados para a parte em catalão da antologia

Para os textos escritos em catalão, adotamos uma solução diferente durante o processo de edição. As obras do gramático Pompeu Fabra, na primeira metade do século XX, deram à língua catalã a fisionomia ortográfica que apresenta hoje em dia mudando o sistema de acentuação e algumas grafias que haviam sido de uso geral durante a *Renaixença*. As antologias –*Los Trobadors Nous*, editada por Antoni Bofarull i Brocà em 1858 e *Los Trobadors Moderns*, publicada no ano seguinte por Víctor Balaguer i Cirera–, das quais recolhemos a maior parte dos textos do *corpus* em catalão, apresentavam nos originais formas ortográficas diferentes das que vigoram atualmente. Os poemas de Marià Aguiló i Fuster tinham a mesma característica. Ao editarmos os textos, adotamos as atuais regras ortográficas promulgadas pelo Institut d’Estudis Catalans, por um lado, pelo conhecimento dessas regras por parte do tradutor e autor desta tese enquanto falante de catalão; e, por outro, porque o programa informático usado para editar os textos, Word 2010, possuía corretor ortográfico para catalão baseado na norma atual, ferramenta que facilitou nosso trabalho neste aspecto. O seguinte exemplo extraído do poema *Oda a la Pàtria* (X) permitirá ilustrar como foi editado. Na versão digital de *Los Trobadors Nous*, a primeira estrofe aparecia da maneira que reproduzimos a seguir:

A Dèu siau, turòns, per sèmpre ***á Dèu*** siau;
o serras desiguals, que, allí en la patria ***mia***,
dels núbols ***e*** del cel de lluny vos distingia
per lo repòs etern, per ***lo*** colòr més blau!

Estão evidenciadas em itálico e negrito as grafias que não concordam com as regras ortográficas atuais. Aquelas palavras (como o arcaísmo *mia* ou vulgarismos como *innocenta*) que não são aceitas pela norma padrão atual foram transcritas tal e como apareciam no texto original. Em seguida, aplicamos as seguintes intervenções:

Adéu-siau, turons, per sempre adéu-siau;
o serres desiguals, que, allí en la pàtria mia,
dels núvols i del cel de lluny vos distingia
per lo repòs etern, per lo color més blau!

A respeito da consulta em dicionários para a edição dos poemas, no caso do catalão, o processo foi mais simples do que em occitano, pois pudemos consultar o dicionário bilíngue catalão/português e português/catalão publicado pela *Enciclopèdia Catalana* (2007) que reúne um total de cinquenta mil entradas. As informações recolhidas no dicionário bilíngue, naqueles casos que provocavam mais dúvidas, foram contrastadas com as definições do dicionário monolíngue em linha *diccionari.cat* (editado pelo mesmo grupo *Enciclopèdia Catalana*) e os dicionários monolíngues brasileiros mencionados acima: Aurélio e Houaiss, nas versões em linha. A proximidade entre o occitano e catalão também foi usada como ferramenta de consulta em alguns casos, observando a forma que uma palavra tinha em um e outro idioma para apurar não só o seu significado, mas também os valores fonéticos e rítmicos.

Em síntese, a consulta a dicionários se desdobra neste trabalho em uma cadeia que atravessa vocabulários monolíngues e bilíngues e que precisa recorrer a uma terceira língua para estabelecer as correspondências entre as vozes das línguas de partida e seus correlatos em português brasileiro. Essa passagem através do *continuum* românico marcou os textos editados e serviu para preparar a subsequente tarefa da tradução.

4.3. *Uma tradução intra-românica de poesia: paralelismos, divergências e convergência*

Com o objetivo de fazer uma tradução que desse conta do espaço plurilíngue captado pelos textos fonte, foram avaliadas as possibilidades de aclimatação do discurso dos escritores à língua de chegada e se questionou quais dentre as várias possibilidades de recontextualização de conceitos culturais locais eram mais *respeitosas* com os idiomas envolvidos e quais plasmavam com acerto maior as ideias do discurso original. Cientes da grande complexidade decorrente dessas questões e os vários pontos de vista desde onde pode ser observado e problematizado esse objeto, a nossa análise possui um caráter fundamentalmente propositivo e se apoia sobre o eixo que conformam os paralelismos, divergências e convergências entre os idiomas dos textos fontes e a língua de chegada de nossa tradução, conforme os critérios apresentados nas seções precedentes. Como já foi apontado, as semelhanças linguísticas entre os idiomas do nosso estudo fornecem elementos para uma tradução cujo ideal seja o de ficar próximo à letra e

se constituir como *albergue do longínquo*, de acordo com Berman. Em outras palavras, o âmbito histórico, cultural e literário que permeia as comunidades neolatinas no seu conjunto serve aqui como “*le seuil et le sol*”, parafraseando Berman (1995, p.116). Certamente esse âmbito latino é uma abstração que se sobrepõe às inúmeras vicissitudes de cada grupo e de cada território específico, às divergências e cisões, para reconstruir um devir histórico comum. Consequentemente, esse grupo românico ou latino é uma *comunidade imaginária* que, em todo caso, proporciona certa durabilidade no contexto de mudança e fluidez incessantes em que todo grupo, povo, nação, sociedade e cultura se encontram permanentemente envolvidos. De acordo com essa exposição, cabe sublinhar a dimensão cultural como condicionante do processo de tradução; a translação de uma língua para outra implica a transposição do texto em outro horizonte literário. Deste modo, tradução interlinguística e tradução cultural ficam mutuamente atreladas, como se evidencia a seguir:

‘Cultural translation’ in ethnography is the process, in other words, not of translating specific cultural texts but of consolidating a wide variety of cultural discourses into a target text that in some sense has no ‘original’, no source text –at least no single source text- and the relationship between the source-cultural discourses that ethnographers study and the target texts they produce is far more problematic than that between the traditional source text and target text in translation studies (ROBINSON, 1997, p. 43).

Entretanto, não consideramos que o tradutor deva assumir o papel de etnógrafo ou antropólogo que explique os autores da antologia. Deste modo, a partir dos conceitos apresentados, faz-se necessário definir a posição do nosso projeto de tradução para entendermos melhor os objetivos, os desafios, as limitações e o horizonte que norteiam a nossa tarefa. Em primeiro lugar, fazendo referência ao que tange o processo tradutório, podemos dividi-lo em várias etapas:

La translation en question a ses formes et ses moments : une œuvre étrangère est lue, par exemple, en France, ou révélée chez nous ; elle est signalée, elle peut être même intégrée dans un corpus d’enseignement de littérature étrangère telle ou telle sans être traduite ; elle peut être publiée sous une forme « adaptée » si elle

« heurte » trop les « normes » littéraires autochtones ; **puis vient le temps d'une courageuse introduction sans prétention littéraire (destinée généralement à ceux qui étudient cette œuvre)** ; puis vient le temps des premières traductions à ambition littéraire, généralement partielles et, comme on sait, les plus frappées de défektivité ; puis vient celui des (multiples) retraductions, et, alors, celui de la traduction de la totalité de l'œuvre. Ce processus est accompagné, soutenu par tout un travail critique. Puis vient *–peut venir –* une traduction canonique qui va s'imposer et parfois arrêter pour longtemps le cycle des re-traductions. La *translation* littéraire s'est accomplie dans ses phases essentielles, qui, naturellement, peuvent se distribuer différemment selon les œuvres, les domaines d'œuvres, les époques, les langues-cultures réceptrices. (BERMAN, 1995, p. 57, destaques meus)

Por serem os textos do *corpus* inéditos no Brasil e nossa tradução ser a primeira, ela só poderá ser *imperfeita* e *impura* já que “comme le suggère Derrida toute première traduction est imparfaite et impure” (BERMAN, 1995, p. 84). O resultado do exercício prático de tradução acima do qual disserta este capítulo é uma tradução-introdução destinada ao âmbito acadêmico e sem pretensões literárias, que se propõe apenas a questionar a traduzibilidade de tais obras para o português brasileiro⁸⁹. A esse respeito vale acrescentar o seguinte:

A obra é essa produção linguística que *solicita* a tradução como um destino próprio. Vamos nomear provisoriamente essa solicitação de *traduzibilidade*. É importante distinguir essa noção de traduzibilidade da traduzibilidade comum ou daquela que a linguística procura determinar. Esta última é um fato: as línguas são traduzíveis, ainda que o espaço da traduzibilidade seja investido de intraduzibilidade. A

⁸⁹ Vale declarar, nesta altura, como autor, as minhas limitações como tradutor derivadas de não possuir o português brasileiro nem o occitano como língua materna e contar com o catalão como língua de alfabetização e escolarização, sendo a minha língua materna o espanhol peninsular.

intraduzibilidade linguística reside no fato de que cada língua é diferente de uma outra; a traduzibilidade linguística, no fato de que cada uma é linguagem. Daí ocorre que, nesse domínio, traduzibilidade e intraduzibilidade permanecem noções relativas. (...) Mas a traduzibilidade *literária* é diferente, embora a tradução literária também conheça, bem entendido, a traduzibilidade (e a intraduzibilidade) linguística. Ela consiste no fato de que a obra, surgindo como obra, institui-se sempre por um certo *afastamento* de sua língua: o que a constitui como *novidade* linguística, cultural e literária é precisamente esse espaço que permite sua tradução para uma outra língua e, ao mesmo, torna essa tradução necessária e essencial. (BERMAN, 2002, p. 224)

Certamente a tradução obscurece o panorama descrito, mas na experiência tradutória para o português brasileiro deverão se revelar as possibilidades e os limites dos elementos de uma tradução *intra-românica*⁹⁰. Em todo caso, a tradução resultante deve *fazer texto* – isto é, *tenir tête* ao original – como salienta Berman (2002) em oposição a uma *má* tradução, aquela “que, geralmente sob pretexto de transmissibilidade, opera uma negação sistemática da estranheza da obra estrangeira” (p. 18). E assim a tradução não se propõe mediatizar as obras estrangeiras, mas objetiva ser uma “experiência que diz respeito tanto aos traduzidos quanto aos traduzintes” (ibid., p. 120).

Começaremos nossa análise comentando as analogias mais destacadas entre os textos de partida e de chegada. Todos os textos do *corpus* são poemas que contêm passagens narrativas e líricas; o projeto de tradução que adotamos se propunha verter esses poemas em verso. Certamente, não existe uma única maneira de traduzir nem um único resultado e, ao trabalhar com poemas, se abrem as possibilidades (dentre outras) de traduzi-los em prosa poética, em versos prosificados; como apontado por Berman (1995):

Tant pour le poète que pour le traducteur de poésie – même traditionnelle – il est impossible de recourir *simplement* à la versification ancienne. Pour le traducteur de poésie, c'est courir le risque

⁹⁰ De acordo com os termos em que a proposta de tradução *intra-românica* foi descrita na seção 3.3 do presente trabalho.

(mais tout dépend des cas, des domaines aussi) d'échecs poétiques, de pastiches, de « vers de mirliton ». (ibid., p.132)

Outro teórico, Levý (2011) dedica integralmente a segunda parte do seu *The art of translation* a fazer uma exposição da tradução poética. O autor considera que, em contraste com a prosa, a poesia demanda uma atenção maior para o tratamento de cada uma das palavras: “Rhymed verse exhibits its own quite specific tendencies and its own specific translation problems. The language is even more stylised here, and similar devices are employed in the respective national literatures” (LEVÝ, 2011, p. 190). Já que o ritmo não é apenas uma característica isolada do poema, mas, pelo contrário, um componente no complexo jogo entre valores semânticos e acústicos que permeia qualquer poema e assume três funções na versificação: semânticas, rítmicas e eufônicas (ibid., p. 232). De acordo com Chociaj (1974), entendemos que nas sílabas se encontram as potencialidades que “dão a cada verso *andamento* característico e fazem surgir na estrofe as cadências *silábica, acentual e fônica*” (p. 4). Assim, e dependendo da natureza rítmica das diferentes línguas, há sistemas de versificação que primam a quantidade das sílabas (breves ou longas), enquanto outros se baseiam no timbre e no acento:

The principle [of syllabic verse] on which the structure of syllabic verse rests is that the number of syllables per line is constant and that the lines follow a regular pattern within the stanza. This means that either the entire poem is composed in lines with an equal number of syllables. (...)or that lines with different syllable counts alternate according to a fixed composition pattern. (ibid, p. 210)

Occitano, catalão e português, assim como os outros idiomas neolatinos, possuem sistemas de versificação cognatos, baseados no número de sílabas, no acento e no timbre das vogais que fazem a rima. Então é mister examinar o funcionamento desses sistemas rítmicos, assim como suas analogias e diferenças. Na fonética das línguas neolatinas predomina o componente vocálico já que, nessa família linguística, as vogais constituem o núcleo silábico. “The predominance of the *vocalic* component of the rhyme is particularly marked in Romance literatures. In the earliest stages of the historical evolution of

Provençal, Old French and Old Spanish literature assonance served quite adequately” (LEVÝ, 2011, p. 252). Na família neolatina, as vogais se diferenciam pelo timbre, podendo ser fechadas, semifechadas ou abertas. Além disso, na maioria delas, como o português, o italiano ou o espanhol, predominam as palavras paroxítonas ou graves; já o francês, e em certa medida o occitano e o catalão, conheceram a perda de várias vogais finais e apresentam uma quantidade importante de palavras monossilábicas. Esses fatos, atrelados à evolução fonética dos diversos romances, afetam a versificação e a construção histórica dos respectivos sistemas de versificação:

There are linguistic reasons why, with regard to rhyme, traditions vary amongst the respective European versification systems.

1. Disyllabic rhyme is the norm in languages in which the stress falls on the penultimate syllable in the vast majority of words, like Italian, Spanish and Polish. In these languages monosyllabic rhyme is felt to be stylistically marked.

2. Monosyllabic rhyme is the norm in languages in which the stress falls on the final syllable in the vast majority of words, whether it is because there is a predominance of monosyllabic words (as in English) or whether it is because the stress is fixed on the final syllable in a word (as in French – today, ‘feminine’ rhymes in French poetry are based on convention rather than on phonetics). In English poetry stylistically marked rhyme is disyllabic; in French the alternation of masculine and feminine rhymes is the norm, a violation of this norm being perceived as intentional stylisation.

3. Both types of rhyme are equally valid in languages in which the stress falls on the first syllable (Czech, Hungarian) or in polysyllabic languages in which stress is in principle free (German, Russian). (LEVÝ, 2011, p. 238)

Tais diferenças originam por sua vez modos distintos de computar as sílabas dos versos; o primeiro toma como base o *padrão agudo*, oriundo do francês, e assim não leva em consideração na contagem as sílabas posteriores à última forte de cada verso; já o segundo, se baseia no *padrão grave*, oriundo do espanhol e do italiano,

computando sempre uma sílaba além da última forte. “O primeiro é conhecido, usualmente como *contagem francesa*, o outro, como *contagem espanhola*” (CHOCIAY, 1917, p. 11). Segundo o mesmo autor, as línguas românicas estão divididas no modo de fazer o cômputo silábico; de um lado, encontramos o francês, o provençal e o catalão que seguem a *contagem francesa* baseada no *padrão agudo* e, por outro, o italiano e o espanhol que assumem como princípio o *padrão grave*. Dessa forma, um verso paroxítono heptassilábico segundo a *contagem francesa* será considerado octossilábico se contado seguindo *contagem espanhola*, fato que modifica o nome e as definições que estrofes e metros recebem nas diferentes tradições poéticas. Se examinarmos o português, veremos que ele manteve a sílaba final do latim e nele são numericamente maioritárias as palavras paroxítonas ou graves⁹¹. Então, qual sistema de contagem é assumido na poesia composta nessa língua? “Até há pouco menos de dois séculos, a contagem dos versos nas literaturas portuguesa e brasileira era feita pelo padrão grave, tendo em seguida surgido a instituição da *contagem francesa*” (CHOCIAY, 1974, p. 12). Ou seja, até o século XVII o português seguiu a contagem das línguas cognatas que possuíam um padrão silábico maioritariamente paroxítono e uma rica tradição poética, isto é, o italiano e o espanhol; mas, a partir do século XIX a influência cultural francesa fez com que os poetas e críticos substituíssem esse padrão pela contagem baseada nos versos agudos ou acabados em palavra oxítona, embora os versos em português continuassem sendo maioritariamente paroxítonos. Em todo caso, a contagem das sílabas em português hoje em dia coincide com a contagem das sílabas em occitano e catalão, evitando equívocos ao nomear os versos pentassilábicos, heptassilábicos, decassilábicos etc.

Ainda, vale lembrar que seja qual for o sistema aceito por uma tradição linguística e literária determinada, todos eles “são apenas *sistemas de contagem*, posteriores e não diretamente pertinentes à criação poética” (CHOCIAY, 1974, p. 13). Mesmo se eles refletem os padrões rítmicos predominantes no idioma. Igualmente, o domínio de rimas agudas (em línguas como o francês) ou graves (como em português) não faz parte das escolhas do autor, mas sim dos padrões de cada um desses idiomas. Isto pode provocar que, ao traduzir poemas de língua cujo potencial rítmico seja limitado, apareçam com uma

⁹¹ Considere-se a conservação de –o nos substantivos e adjetivos masculinos como pt. es. lobo, it. lupo frente ao fr. loup, oc. lop, cat. llop ou pt. maravilhoso, es. maravilloso, it. meraviglioso frente ao fr. merveilleux, oc. meravilhós, cat. meravellós.

frequência tipos de rimas marcadas histórica ou/e estilisticamente na língua de chegada. “A different stylistic shift occurs in translations into languages with limited rhyming potential, because in such cases an unusual type of rhyme frequently represents a marked, historically specific style” (p. LEVÝ, 2011, p. 240). Entretanto, o mesmo autor, explica que a partir do século XIX, ou seja, desde o Romantismo até a atualidade, ampliaram-se as possibilidades de experimentar diversos recursos rítmicos na produção poética. “In the poetry of the European nations, rhyme has experienced periods of stricter and less strict normativity. Particularly since the end of the 19th and the beginning of the 20th century, tendencies to relax the canonical rules of rhyme have multiplied” (LEVÝ, 2011, p. 258). Bom exemplo disso são os poemas de Mistral que fazem parte do *corpus*. No tratado *La versification de Frédéric Mistral*, Emile Ripert examina de maneira monográfica os diversos recursos de versificação utilizados pelo o cantor de *Mireia* para criar a sua obra poética:

La poésie de Mistral a suscité d’innombrables études, mais quels moyens techniques Mistral a-t-il su mettre au service de son inspiration, c’est là ce que peu de gens ont songé à se demander. Il est plus aisé de faire quelques couplets sur la vertu du soleil et le chant des cigales que de lire patiemment des vers en cherchant à savoir comment ils sont faits ; il est plus agréable d’écouter le chant d’une flûte que d’en démonter le mécanisme.

Ce mécanisme pourtant, il ne manque point d’intérêt, tant pour le public que pour les poètes curieux de connaître toutes les ressources de leur art.

En cet art, Mistral, tout inspiré qu’il fût, a été un ouvrier très habile, à feuilleter ses œuvres on est étonné d’abord de la variété des formes rythmiques qu’elles présentent de leur nouveauté tout aussi bien, enfin de leur justesse et de leur noble harmonie. (RIPERT, 1918, p.9)

Segundo o crítico, Mistral conseguiu combinar harmoniosamente formas rítmicas de diferentes origens. Uma experimentação artística inovadora que, ao mesmo tempo, estabelece uma relação dialética com a

tradição poética provençal, occitana, francesa e italiana, tanto popular quanto culta, que o mestre dos *felibres* conhecia:

Ainsi donc la plus nette, la plus juste, la plus pure des techniques, la plus traditionnelle, sans que ce respect de la tradition empêche la liberté et l'innovation, la plus hardie parfois, sans que cette hardiesse rompe jamais avec l'héritage du passé poétique, qu'est-ce à dire sinon d'un mot la plus harmonieuse technique, où des qualités presque contradictoires se fondent et se fortifient l'une l'autre, la technique enfin la mieux appropriée à une poésie qui se rattache étroitement au passé, tout en gardant sa profonde originalité, voilà ce qu'il nous faut admirer dans toute l'œuvre de Mistral. (RIPERT, 1918, p. 158)

Traduzir esses poemas que se colocam entre a tradição e a inovação, entre a reivindicação da língua historicamente marginalizada e a construção de uma literatura nacional supõe um desafio. Nessa tarefa tomamos como guia respeitar o princípio de eufonia de forma que supere as barreiras linguísticas, literárias e culturais que, em todo momento, ameaçam bloquear o trabalho do tradutor. “Artificial barriers are sometimes placed in the way of translators by literary historians who seek to identify a direct connection between sound sequences in words and their meanings” (LEVÝ, 2011, p. 267). Certamente, no verso existe uma estreita conexão entre as palavras, os sons e conteúdo que se vê afetada na tradução; no entanto, consideramos que esse delicado equilíbrio entre forma e conteúdo não impede a possibilidade de verter ambos em outro idioma (no caso que aqui examinamos, uma língua próxima à língua do original com a qual compartilha uma série de elementos literários, linguísticos, culturais e históricos). Igualmente, como já foi mencionado, durante o processo de tradução poética, deu-se preferência à transposição das características acústicas e fonéticas acima do conteúdo semântico. Podemos ilustrar isto com apenas dois exemplos; um extraído da parte da antologia escrita em occitano e o outro extraído da parte escrita em catalão. Começamos por examinar o verso número 70 do poema *A la raço latino* (VI) “lou vin de Diéu gisclara lèu”. O advérbio *lèu* aparece em posição final do verso e rima com *soulèu!* no verso 68. O advérbio *lèu* significa rápido, rapidamente, cedo, em breve, logo. Dentre as possibilidades de tradução optamos por *logo* por ser um advérbio em português com um conteúdo semântico

semelhante, mas principalmente por lembrar, até certo ponto, o som do original. O resultado desse verso foi “vinho de Deus manará logo”. Na parte em catalão, o verso 102 do poema *Ausiàs March* (XVI) ilustra a escolha da palavra traduzida focada na reprodução dos valores acústicos do original. O verso em catalão é “Després de mi, solcar vull les esferes” onde encontramos a primeira pessoa do presente de indicativo do verbo *voler* (querer); literalmente o verso diz “Depois de mim, quero sulcar as esferas”. Ou seja, o poeta expressa o seu desejo de sulcar os céus após a morte terrenal. Porém consideramos que *quero* não era a forma mais adequada; primeiramente por ser dissílaba, quebrando o cômputo silábico do verso, e, em segundo lugar, porque *voler* lembra foneticamente a *volar* (voar) e a estrofe na qual o verso se encontra evoca que o poeta, uma vez libertado das cargas da vida mortal, quer atravessar os céus como um ser vaporoso. Por esse motivo, em vez de *quero*, escolhemos *vou*, monossílabo e foneticamente muito semelhante a *voo* (do verbo *voar*): “Depois de mim, vou sulcar as esferas”. A primeira pessoa do presente de indicativo do verbo *ir* (*vou*) serve como auxiliar do futuro perifrástico; o conteúdo semântico do verso se vê mudado, pois no original a voz poética expressava o desejo de sulcar os céus, as esferas; enquanto na tradução esse desejo se torna a certeza de algo que irá acontecer.

A preservação ou recriação de valores acústicos e estéticos obriga o tradutor a fazer uma reprodução do conteúdo semântico do poema mais flexível já que raramente um par de palavras possui um correspondente rítmico e semântico entre a língua de partida e a língua de chegada. De acordo com a nossa exposição, o tradutor trabalha sobre um eixo no qual se ele avança para se aproximar dos valores rítmicos inevitavelmente se afasta do conteúdo semântico, e vice-versa: “The poet’s intention may be much more noticeably distorted if the rhyme is achieved at the cost of unavoidably introducing entirely new semantic components” (LEVY, 2011, p. 193). Todavia, e de acordo com o mesmo autor, traduzir entre línguas próximas representa uma *circunstância favorável* que possibilita que beleza (associada aqui aos valores acústicos e rítmicos) e fidelidade (associada aqui à manutenção do conteúdo semântico) não sejam valores excludentes, em contradição com o velho mito das belas infieis:

A specific and generally unavoidable feature of rhyme in translated poetry is its looser association with the poem’s semantic composition. Only rarely does a rhyming pair of words in the target

language correspond semantically to a rhyming pair of words in the source language. Generally speaking, such **favourable circumstances occur only in translation between closely related languages.** (ibid., p. 192, grifos meus)

Observemos no *corpus* como isto aconteceu. Em geral, a escolha foi respeitar o número de sílabas dos versos originais na tradução; o poema *A la Llengua Catalana* (XIII) de Pons i Fuster está composto por duzentos e oitenta e quatro versos heptassílabos nos quais os pares recuperam a assonância *aCa* como ecos do mesmo título. O argumento do poema apresenta a língua encarnada em uma pastora da qual desconhecemos o nome até o último verso no qual ela revela ser *la llengua catalana*. Assim, a assonância *aCa* que atravessa o poema antecipa o desfecho do último verso e prefigura a resposta do enigma. O próprio título está formado por sete sílabas, apresenta assonância *aCa* e adota a forma de dedicatória: *A la Llengua Catalana*. Essa forma de dedicatória em português brasileiro pode se expressar mediante a preposição *a* e a preposição *para*⁹². Se na tradução optássemos pelo calco da preposição *a* do original o título resultante teria seis sílabas (*À Língua Catalã*) quebrando o jogo do original. Assim, preferimos a preposição *para*, pois permite respeitar o metro do original e a assonância *aCa* (mesmo sendo a última nasal) ao tempo que sublinha a fórmula da dedicatória: *Para a língua catalã*. Vemos, pois, como as semelhanças coadjuvam para produzir uma tradução que tem autonomia do original (muda uma preposição e a rima grave em catalão resulta aguda em português) e consegue reproduzir os valores acústicos e semânticos. Em suma, entendemos que as formas estróficas e métricas do *corpus* encontram formas análogas ou semelhantes na língua de chegada. Além disso, optamos pelo verso branco na língua de chegada, pois essa forma nos permitiu manter o número de sílabas do original sem exigir reproduzir a rima⁹³.

Mas podem aparecer diferenças no uso de determinado metro ou rima na tradição literária da língua de partida e da língua de chegada, como aponta Levý (2011). “As a result of differences in semantic

⁹² Assim, por exemplo: *a meus país, para meus país*.

⁹³ É comum que as traduções poéticas adotem esse tipo de verso. No caso que aqui examinamos, a tradução de *Mireia*, do occitano para o português brasileiro, realizada pelo poeta Manuel Bandeira em verso branco nos convenceu da idoneidade dessa forma para a tarefa que nos havíamos proposto.

density, a given metrical form is not always associated with identical stylistic values and historical traditions in two different literatures”. Vários poemas do *corpus* em occitano (a saber: *I Trobair Catalan* II, *Au Pouèto Italian dall’Ongaro* V, *A la Romanio* VII, *I Felibre* IX) e em catalão (*Oda a la Pàtria* X) estão compostos em versos de doze sílabas; o verso dodecassílabo recebe também o nome de alexandrino em catalão, occitano e português já que o romance francês de Alexandre Magno, escrito no século XII com o título *Roman d’Alexandre*, foi uma das primeiras obras das nascentes literaturas românicas que usou sistematicamente essa forma métrica. Os tratados de versificação explicam que verso alexandrino está formado por dois hemistíquios tendo a cesura na metade, após a sexta sílaba (6/6); ainda que essa regra geral possa aceitar certas variações (7/5, 3+3/3+3, dentre outras). Assim como o soneto surgiu na literatura siciliana e toscana e se difundiu posteriormente a todas as outras literaturas neolatinas e europeias, o sucesso do verso dodecassílabo francês também atingiu outras literaturas mais ou menos próximas através da tradução:

The alexandrine is the typical verse form in poetry translation. The French syllabic alexandrine is a 12- or 13-syllable verse form with a caesura, in which the line and the half-line end in the stressed syllable of a word. In German, Russian, English and other poetry the 12-/13-syllable pattern incorporates a rhythm which has no point of reference in the French alexandrine, resulting in the establishment of its domestic varieties through and in translations. (LEVÝ, 2011, p. 284)

Todavia nem todas as tradições literárias românicas o adaptaram de igual modo sendo que em italiano e, principalmente, em espanhol o alexandrino define hoje em dia um verso de quatorze sílabas dividido em dois hemistíquios de sete sílabas cada um. Em português, o verso alexandrino possui uma longa tradição:

Merecem a denominação de *alexandrino* dois tipos de verso distintos pela receita, embora traíam alguns pontos análogos pela formação:
1º) alexandrino *antigo* ou *arcaico* ou *espanhol*: estruturado a partir de hemistíquios hexassílabos graves, computado em 14 sílabas (*tetradecassilabo*);

2º) alexandrino *clássico* ou *francês*: estruturado a partir de hemistíquios agudos, num cômputo regular de 12 sílabas (*dodecassílabos*). Existe também o *dodecassílabo trimétrico* ou *romântico* ou *moderno*, esquema 4-8-12. (CHOCIAY, 1974, p. 138)

Segundo o mesmo autor, na literatura brasileira, autores como Machado de Assis usaram o alexandrino francês durante o Romantismo e, mais tarde, os simbolistas acabam empregando sem restrições o esquema 4-8-12 sem realizar obrigatoriamente a sinalefa na sexta sílaba. Assim, traduzir os versos alexandrinos compostos pelos poetas occitanos e catalães para o português brasileiro respeitando o número de doze sílabas remete a uma forma própria da literatura da língua de chegada e igualmente usada por poetas românticos. Se até aqui apresentamos as formas métricas e rítmicas como uma rede que permeia de forma análoga os textos de partida e de chegada, no restante da seção a exposição se debruça no exame dos pontos de convergência e de divergência entre os textos fonte e a tradução dos mesmos.

Começamos observando o trabalho realizado para reacomodar os pronomes de tratamento na língua de chegada. Os poetas românticos occitanos e catalães assumiram o papel de *vate da nação*, de trovador que dirige sua palavra ao povo, aos antepassados, também à paisagem e aos elementos da natureza. Estabelece-se assim em muitos poemas um diálogo balizado pelos frequentes vocativos, e a presença de segundas pessoas discursivas⁹⁴. Por exemplo, na primeira estrofe de *Oda a la Pàtria* (X) de Carles Aribau aparece tanto o pronome de primeira pessoa de singular *jo*, correspondente à voz do poeta, quanto uma segunda pessoa expressa em “*ton superbe front*”, que representa a pátria, encarnada nas serras desiguais do Montserrat e do Montseny:

Adéu-siau, turons, per sempre adéu-siau;
o serres desiguals, que, allí en la pàtria mia,
dels núvols i del cel de lluny vos distingia
per lo repòs etern, per lo color més blau!
Adéu, tu vell Montseny, que des ton alt palau,
com guarda vigilant, cobert de boira i neu,

⁹⁴ Isto é, o ouvinte, o interlocutor. Como segundas pessoas formais o português brasileiro conta com *você/s*, e *tu* e *vós* usados em determinados gêneros discursivos ou encontrados em algumas variedades diatópicas, diafásicas e diastráticas.

guaites per un forat la tomba del Jueu,
i al mig del mar immens la mallorquina nau!⁹⁵

Alibèrt (1976) dedica o capítulo II da segunda parte da sua gramática a abordar o sistema pronominal do occitano. Como pronomes de segunda pessoa apresenta *tu* (informal), *vos* (pronome de respeito) e *vosautres/as* (pronome de segunda pessoa plural) (ibid. pag. 61). De forma bastante semelhante Colomina i Castanyer (2008, p. 568) expõe a segunda pessoa em catalão: *tu* como forma informal, *vós* formal e *vosaltres* como pronome de segunda pessoa do plural. O catalão conta ainda com *vostè/s*, mais formais do que *vós*. Já o português brasileiro usa preferentemente *você* para referir o alocutor (BAGNO, 2011, p. 738) cujo plural é *vocês*. De acordo com o mesmo autor, em grande parte do país, e principalmente nos estados mais populosos São Paulo e Minas Gerais, o emprego de *você* se ampliou de tal modo que substituiu o uso de *tu* como forma não marcada. Desta maneira, o emprego de *tu*, hoje, se encontra restrito a determinadas variedades regionais e registros; embora *tu* tenha sido muito usado na literatura clássica. Levando em consideração essas diferenças e paralelismos entre as línguas de partida e a língua de chegada, decidimos traduzir o *tu* dos originais por *tu* de português brasileiro como um ponto da gramática em que, ao aprofundarmos nas camadas menos usuais ou marcadas da língua de chegada, conseguimos convergir com a *letra* dos textos fonte.

Frente às convergências discutidas até aqui, em outros pontos observamos cisões e divergências entre os textos de partida e a tradução realizada. Assim, por exemplo, recursos poéticos que nas línguas de partida apareciam como neutros ou estilisticamente não marcados, ganhavam na tradução determinados valores ao serem transferidos mecanicamente para o português brasileiro. Cabe considerar que essa dinâmica pode frustrar os objetivos do projeto de tradução de acordo com Levý (2011). Os inúmeros possessivos que aparecem nos poemas escritos em catalão, às vezes dirigidos ao interlocutor da voz poética, servem para ilustrar esta questão e colocam um problema que requisita ser resolvido sistematicamente de acordo com o nosso projeto

⁹⁵ Com Deus fiquem, outeiros, e para sempre adeus;/ ó serras desiguais, lá na pátria minha,/ das nuvens e do céu de longe eu distinguiá/ pelo repouso eterno e pelo intenso azul!/Adeus, velho Montseny, do alto palácio teu, vigiante guardião,/ coberto de bruma e neve,/por uma fenda espreitas a tumba do Judeu,/e, no meio do amplo mar, a maiorquina barca!

de tradução. Primeiramente, é necessário dizer que o sistema de possessivos do catalão – no conjunto do seu domínio linguístico – está composto por uma série de formas tônicas e uma série de formas átonas:

Els possessius del català deriven dels llatins i s'articulen en dos paradigmes diferents: un de formes tòniques, que és d'ús general, i un altre de formes àtones, que sempre ha estat menys productiu i que avui dia és residual, ja que només es conserva en esquemes fixos. (BRUCART, 2008, p. 1497-98)

Segundo o mesmo autor, a série dos possessivos tônicos precisa da presença de artigo obrigatoriamente como determinante do sintagma nominal; assim *el meu, el teu, el seu, el nostre, el vostre*; com as respectivas flexões. O mesmo autor apresenta alguns fenômenos de variação dentro da série das formas tônicas; dentre elas as formas femininas da norma padrão (*la meva, la teva, la seva*) que têm outras formas hoje em desuso.

Per a expressar un sol posseïdor, el català tingué un segon ordre de pronoms possessius femenins tònics, format per *mia/tua/sua* i els plurals corresponents. Aquestes formes es troben en desús i únicament es mantenen en el parlar de la ciutat sarda de l'Alguer. La seva presència a la literatura oral i escrita és freqüent fins al primer quart del segle XX. (BRUCART, 2008, p. 1499)

Coincidindo com a descrição feita pelo autor, o possessivo *mia* aparece em vários poemas do *corpus* (*Oda a la Pàtria X* e *A la llengua catalana XIII*). As duas séries de possessivos, tônicos e átonos, podem se resumir da seguinte forma: “Davant del nom, em lloc de *el meu, el teu, el seu*, podem emprar-se els possessius inaccentuats *mon* (f. *ma*; plu. M. *mos*, f. *mes*), *ton* (f. *ta*; plu. M. *tos*, f. *tes*), *son* (f. *sa*; plu. M. *sos*, f. *ses*)” (FABRA, 2002, p. 30). A princípio, é possível alternar possessivos átonos e tônicos (assim *mon germà, el meu germà*) mesmo que o catalão contemporâneo tenha estendido o uso dos tônicos em detrimento dos átonos na maior parte do seu domínio:

Els possessius àtons només s'empren en la parla amb noms de parentiu (sobre tot a les Balears i a

València), i en el sintagma *en {ma/ta/sa} vida*. Forma fixada amb valor de terme de polaritat negativa (...) i en el sintagma *ma casa*, emprat a València. (BRUCART, 2008, p. 1501)

Observa-se que nos poemas do *corpus* são usados tanto possessivos tônicos quanto átonos; desse modo, a variação é um recurso à disposição do poeta que pode optar por uma forma ou outra em função do cômputo silábico já que os tônicos têm duas (*el meu*) ou três sílabas (*la meva*) enquanto os átonos são monossilábicos. De forma que, em *Mos Cantars* (XI), aparece no verso 1 um possessivo átono (*mos*) e um tônico (*mia*): “Si amb mos cantars senzills, oh Pàtria mia”; e em *A la llengua catalana* (XIII) encontramos um possessivo átono no verso 36 “corri valguda sa fama” e no verso 39 aparece um possessivo tônico “mai vol dir-me lo seu nom”. Em português brasileiro os possessivos podem estar precedidos de artigo ou não:

Do ponto de vista formal, os pronomes possessivos do PB, ao contrário de outras línguas, não apresentam diferença com relação aos determinantes possessivos: quando pronomes, eles apenas recebem um artigo: *o meu, o teu, o nosso* etc. Compare com o espanhol – *mi, tu, su; el mío, el tuyo, el suyo* – e o francês – *mon, ton, son; le mien, le tien, le sien*. O italiano se assemelha ao PB nesse aspecto, pois não há alteração de forma: *mio, tuo, suo; il mio, il tuo, il suo*. Curiosamente, e talvez por causa dessa semelhança de forma entre determinantes e pronomes, tanto o PB quanto o italiano usam o artigo diante do possessivo: *a minha casa (la mia casa), o meu amigo (il mio amico)* etc. (BAGNO, 2011b, p. 767-768)

Catalão e português brasileiro (e italiano) apresentam nesse aspecto um ponto de convergência. Além disso, o catalão pode expressar a possessão da terceira pessoa do plural com dois possessivos diferentes: *el seu*, que coincide com o possessivo da terceira pessoa do singular, e *llur(s)* usado sem artigo e que é uma forma exclusiva (análogo ao possessivo do francês *leur(s)* e do italiano *loro*).

El català té l'opció de recórrer al pronom *llur(s)* per designar més d'un posseïdor. Aquesta forma

procedeix del genitiu plural llatí ILLORUM. Desproveïda de la flexió de gènere, està atestada en la literatura de totes les èpoques, però l'ús actual d'aquesta forma se sent com a arcaic i no pertany a la parla espontània, sinó que és més propi dels registres escrits cultes i del llenguatge administratiu. (BRUCART, 2008, p. 1499-1500)

O possessivo *llur* aparece na literatura de todas as épocas; e consequentemente se encontra nos poemas do *corpus* como, por exemplo, no verso 28 *Oda a la Pàtria* “defengueren llurs drets, venjaren llurs agravis”, no verso 10 de *Mos Cantars* (XI) “jo arrencaré de llurs humits sepulcres” e no verso 15-16 do mesmo poema “los comtes i antics reis, i llurs famoses/ batalles, cantaré” e no verso 64 “dels mots propis en llurs cants” de *La Llengua Materna* (XVII)⁹⁶. Como já foi apontado no presente trabalho, o processo criativo do tradutor tende a ficar mais próximo às expressões habituais da literatura da língua de chegada e assim resulta mais restritivo nas suas escolhas do que o processo criativo do original:

To sum up, we can say that by contrast with the author of the original, the translator faces a more restricted range of choice in the target language (category A), while on the other hand he attempts to expand this range beyond the repertoire exploited by the original writer (i.e. from A + C to A + B + C). (LEVY, 2011, p. 51)

Em todo caso, qualquer tradução contém uma proporção, mais ou menos elevada, de derivação introduzida pelo tradutor: “every translation – depending on how precise it is – contains a higher or lower proportion of deviations from the original introduced by the translator” (LEVY, 2011, p. 173). O português não possui um possessivo cognado de *llur(s)*, mas na língua de chegada, temos *dele, dela* que funcionam ora como pronomes possessivos, ora como determinantes possessivos, ora como desambiguadores de *seu, sua*. Assim nalguns casos optamos por traduzi-lo por *seu(s)* “eu arrancarei de seus humildes túmulos” (verso 10 de *Mos Cantars* XI) enquanto, outras vezes, simplesmente foi

⁹⁶ Não reproduzimos a tradução desses versos já que eles servem para apresentar ocorrências do possessivo *llur/s* e não enjuiciamos, neste ponto, o conteúdo dos mesmos.

elidido deixando subentendida a relação de posseção pelo contexto e condicionados a respeitar o cômputo silábico “os condes e antigos reis, e as famosas/ batalhas [suas/deles], cantarei” (versos 15 e 16 de *Mos Cantars* XI).

A partir desses exemplos, observamos que o sistema de possessivos em catalão e em português brasileiro converge na possibilidade de combiná-los com artigos definidos; e tanto os poetas da antologia quanto o tradutor valeram-se desse recurso para acrescentar ou diminuir sílabas nos seus versos de acordo com as necessidades métricas. Todavia, a presença de um possessivo específico para a terceira pessoa do plural em catalão *llur(s)* marca um ponto de divergência entre a língua de partida e de chegada, sendo que esta última deve acionar mecanismos alternativos. A partir dos dados examinados, podemos apontar que um exercício de tradução *intra-românica* com outro par linguístico teria dado resultados diferentes neste aspecto, já que nem todas as línguas aceitam essas combinações nem contam com os mesmos mecanismos para indicar a posse.

Da mesma maneira que o uso de possessivos tônicos e átonos permite ao poeta certa liberdade de escolha a fim de acompanhar a métrica, o sistema de demonstrativos também oferece uma variação entre formas monossilábicas e dissilábicas. Examinemos o paradigma de demonstrativos em catalão; de acordo com a Brucart (2008), esse apresenta duas variantes: a primeira mantém o sistema de três graus de proximidade (*aquest, aqueix, aquell*; com as respectivas flexões), e uma outra que reduziu esse sistema a dois graus a partir da confluência do 1º e 2º grau (*aquest, aquell*; com as respectivas flexões). Assim, as formas do 2º grau (*aqueix/a/os/es*) “han sofert un retrocés general, fins al punt que avui dia són pràcticament inexistent, i allà on són utilitzades tendeixen a tenir el mateix valor que les formes de 1r grau” (ibid., p. 1492). Deste modo, “el sistema resultant d’aquesta simplificació oposa formes que impliquen proximitat al parlant o a l’oient a les que impliquen allunyament d’ambdós” (ibid., p. 1492). Porém o mesmo autor explica que desde as origens da língua se desenvolveu um sistema reduzido de demonstrativos que conviveu com esse primeiro e majoritário. O paradigma desse segundo sistema mantém os três graus (*este, eixe, aquell*; com as respectivas flexões); “les formes d’aquest segon paradigma procedeixen dels mateixos ètims llatins que van originar les formes generals, però desproveïts del reforç ECCE em els dos primers graus” (ibid., p. 1494). Esse paradigma sem o reforço

ECCE é geral hoje nas falas de Valência e em alguns lugares norte-ocidentais da Catalunha⁹⁷. Como a maioria dos poetas da antologia é da Catalunha é mais comum o uso do sistema de demonstrativos reforçado com dois graus (próximo *aquest/* longe *aquell*); entretanto, o sistema reduzido também aparece no verso 17 de *Epigrames* (XIV) de Vinader i Nubau: “Què tal farà amb **eixa** llengua”. Fato que se explica considerando a origem valenciana do autor. Maior interesse merece o uso dos demonstrativos que faz Quintana i Combis em *Lo trovador Romeu* (XV), já que ele é catalão, mas alterna as formas *aqueixa* e *eixa* com fins estilísticos e métricos. No verso 41, usa a forma reduzida: “I pensa que **eixa** terra”, no verso 45, a forma reforçada “**Aqueixa** llengua hermosa”, no verso 49, a forma reforçada de novo “**Aqueixa** llengua diva” e no verso 57, reaparece a forma reduzida “Mes ai! no és **eixa** terra”. Nesta altura, vale fazer uma apresentação sucinta dos pronomes dêiticos em português brasileiro tanto na língua falada quanto os usos da língua literária. De acordo com Bagno (2011b): “o português clássico apresentava, dentro do grupo das línguas românicas, uma interessante característica que é compartilhada pelo espanhol: uma distribuição tripartite dos demonstrativos: este(s)/ esta(s)/isto; esse(s)/ essa(s)/isso; aquele(s)/ aquela(s)/aquilo” (p. 791). Porém, a realidade dos usos do português brasileiro não corresponde com esse quadro do português clássico:

O quadro-resumo I [sistema clássica tripartite dos demonstrativos] é mais teórico do que real, visto que a distinção entre *este/esse*, mesmo na língua escrita formal, só se observa com rigor quando é necessário deixar clara a referência a um objeto situado no âmbito do enunciador (este) por oposição ao que se situa no âmbito do interlocutor (esse) (...).

Usualmente, por tanto, emissor e destinatário constituem um só âmbito – o da interlocução – por oposição a um segundo – o da terceira pessoa, externo à interlocução. (AZEREDO, 2008, p. 248)

O uso geral de um sistema bipartite em português brasileiro e catalão demarca mais um ponto de convergência, uma mudança análoga nos dois idiomas dos vários demonstrativos que as línguas românicas receberam do latim. Em contraste, hoje em catalão são as formas

⁹⁷ Pode-se consultar o mapa do domínio linguístico catalão na seção 2.1.

reforçadas maioritárias (*aquest* frente a *este*) em quanto que já há vários séculos que essas formas deixaram de ser empregadas em português.

Em síntese, se no sistema de possessivos observamos que o português brasileiro e o catalão admitiam a possibilidade de combiná-los ou não com artigos, no sistema de demonstrativos existe uma analogia (sistema bipartito) e uma diferença (formas reforçadas) entre a língua de partida e língua de chegada. Destarte, evidenciamos que em certos casos a concorrência de forma e conteúdo é divergente em nosso exercício tradutório. E, de fato, uma ideia particular é expressa em dois idiomas com uma disparidade relevante no número de sílabas:

The poetry translator often encounters the problem that a particular idea is rendered by different syllable counts in different languages. A discrepancy in semantic density between source and target language forces the translator either to compact the semantic meaning into a concise expression or, in contrast, to resort to padding, with implications for the overall interpretation of the poem. (LEVY, 2011, p. 196)

Essa asserção de Lévy resulta especialmente pertinente dentro do atual exercício de tradução no que tange a existência em occitano e em catalão dos pronomes adverbiais *i/hi* e *ne*, próprios das línguas românicas centrais (o grupo galo-romance, o romance pirenaico e o ítalo-romance) e ausentes nas áreas periféricas (como o balcano-romance e o ibero-romance, abrangendo aqui o português) de acordo com Bassetto (2010, p. 241). Alibèrt (1976, p. 63) apresenta as seguintes formas dos dois advérbios pronominais do occitano moderno: *ne*, '*n*, *n*', *en*, *i*; enquanto Bonet (2008) oferece as formas seguintes para esses mesmos advérbios pronominais em catalão padrão no capítulo da *Gramàtica del Català Contemporani* dedicado aos clítics: *ne*, '*n*, *n*', *en*, *hi*.

Devemos considerar que esses pronomes podem substituir sintagmas completos afetando tanto o conteúdo do poema quanto o metro. A seguir examinaremos alguns exemplos; primeiramente, os versos 15-18 de *I Trobairè Catalan* (II) ilustram os usos de *ne*:

e quand avian dins Magalouno,
quand avian dins Marsiho, à-z-Ais, en Avignoun
quauco bèuta de grand renom,
n'en parlavias à Barcilouno.

O advérbio pronominal que aparece no verso 18 *n'en*, retoma o que foi dito nos três versos precedentes: *à Barcilouno parlavias de la bèuta de grand renom*. Como em português brasileiro não dispomos de um recurso semelhante, traduzimos o verso da seguinte forma:

e quando havia em Maguelona,
quando havia em Marselha, em Aix, em Avinhão,
uma beleza de renome,
dela se falava em Barcelona.

Na tradução, *dela* cumpre a mesma função que *ne* retomando ‘a beleza de renome’. Cabe esclarecer que a forma que Mistral usa sistematicamente desse pronome *n'en*, em vez de *ne*, aparece nas variedades faladas na Provença e representa uma reduplicação do pronome. “L’advèrbi pronominal *ne* es sovent redoblat dins la lenga parlada: (*ne’n vole / dunatz-me-ne’n*)” (ALIBÈRT, 1976, p. 66). Os autores da *Renaixença* também usam o pronome *ne* igualmente existente em catalão; em *A la llengua catalana* (XII) aparece nos versos 48-52:

en lo sol que n’eixugava
les llàgrimes de sa filla,
que, de dolor o de ganes,
n’havia llençat un riu
en aquella matinada;

A forma apostrofada *n’* do pronome *ne*, recupera o objeto direto (*llàgrimes*) interpretando-se esse verso como: *n’havia llençat um riu [de llàgrimes]*. Ao não dispormos dessa possibilidade na língua de chegada, optamos por traduzir da seguinte forma:

no sol onde se enxugavam
as lágrimas de sua filha,
que um rio **delas** jogara,
não sei se por dor ou anseio,
nessa mesma madrugada;

No verso *que um rio delas jogara*, *delas* cumpre a mesma função de *ne*, porém conta como duas sílabas. Para manter ainda a assonância aCa permutamos a posição dos versos 50-51 do original para 51-50 na tradução. A solução adotada nesse poema em catalão é análoga à solução que tomamos para os versos do poema *I Trobair Catalan* (II);

fato que revela certa sistematicidade concomitante ao nosso projeto de tradução.

A respeito do pronome adverbial *i/hi* em occitano e em catalão, tem usos muito semelhantes e assim acompanha o verbo *aver/haver* quando não funciona como auxiliar, mas para denotar existência *i a/hi ha*; essa construção equivale ao português *há* ou *tem*, os dois são monossilábicos. Em suma, os exemplos apresentados ilustram estratégias adotadas pelo tradutor. Tais estratégias podem se encaixar na listagem proposta por Levý (2011, p 196-199), a saber: seleção das palavras que metricamente melhor se adaptem dentre os sinônimos disponíveis, condensação de múltiplos significados em uma só expressão e omissão de alguns dos componentes semânticos. Em todo caso, evitamos recorrer ao acréscimo do número de versos de um poema, que o mesmo autor listava entre as estratégias, mantendo número de versos e número de sílabas como princípio fundamental em todas e cada uma das poesias.

Até aqui fizemos um mapeamento dos elementos em que se produzem semelhanças e cisões entre as estruturas morfossintáticas do occitano, catalão e português brasileiro; mas para completar a exposição da tradução realizada devemos abordar as divergências, analogias e convergências reveladas no campo lexical. Nos poemas do *corpus* aparecem nomes de personagens históricos (habitualmente vinculados com marcos da história desses povos) assim como topônimos não só do âmbito geográfico occitano, catalão e mediterrâneo, mas também da Antiguidade greco-romana e da Bíblia. Como pode observar-se no Anexo que acompanha o presente trabalho, aqui seguimos uma estratégia híbrida. Quando os topônimos ou os nomes de pessoas possuíam uma forma em português, eles foram traduzidos. Encontramos abundantes exemplos em *I Trobair Catalan* (II) tanto de topônimos; Catalunha, Provença, Barcelona, Avinhão, Tolosa, Marselha, Arles, Sevastópol, Ródano, Alpes, Pireneus; como de personagens Conde Berengário, Luiz Oitavo, Simão de Montforte, Pedro de Aragão. Em contraste, quando não existia em português uma forma para esse nome, optamos por deixá-lo com sua forma e grafia originais; assim no mesmo poema aparecem outros nomes de cidades como Tarascoun, Bèu-caire, Beziés, Muret etc. e de pessoas como a princesa Doucinello. Só nalguns casos decidimos adaptá-los considerando a importância que o topônimo tinha para a compreensão do poema; assim foi feito com ‘Laletânia’ em todas as ocorrências já que esse nome pre-romano funciona como *alter ego* da Catalunha do século XIX sendo central na formulação do discurso nacionalista.

Em outros casos, a distância cultural, histórica e literária dos textos de partida produziram certos estranhamentos que também aconteceriam em um leitor occitano-falante ou catalão-falante atual. Por exemplo, os versos 81-82 de *La Llengua Materna* (XVII) fazem menção ao *éfeta*: “Digueu, Èfeta, el coratge/ de la ignorant multitud” (“Dê-lhes, Éfeta, a coragem/ da ignorante multidão”). Essa palavra tem escasso uso em português brasileiro e, por esse motivo, pode resultar estranha para o leitor da tradução. Uma busca no dicionário dá a seguinte definição: “juiz dos tribunais do crime instituídos na antiga Atenas por Drácon e modificados por Sólon. F. gr. *Ephetes*. (disponível em <<aulete.com.br>>). A palavra em catalão tem o mesmo significado, de acordo com o *diccionari.cat*. “Membre d'un tribunal d'Atenes que tenia competència en els delictes que no restaven sota jurisdicció de l'areòpag”. Consideramos que *éfeta* tem um valor importante no poema pois o *éfeta*, o salvador, o bardo será a personagem destinada a devolver a linguagem ao povo, descrito como triste e mudo, trazendo a redenção da nação através da poesia e do idioma. Igualmente a eleição específica desse termo por parte do autor, Aguiló i Fuster, inscreve essa missão não só no marco local ou continuador dos bardos e trovadores medievais, mas também no legado da Antiguidade clássica e do mundo mediterrâneo. *Por esse motivo, decidimos manter o termo como aparecia no original sem substituí-lo por outro mais geral (como magistrado ou juiz) que esclarecesse o sentido nem explicá-lo através de paráfrases.*

Em outros casos, fez-se necessário recorrer a algum tipo de paráfrase; nos versos 47-48 de Epigrames (XIV) “Content estigui l’home,/ lo demás rai” encontramos a partícula rai, que é de difícil tradução se tomamos em consideração o seu significado:

Rai: Partícula intensiva que, unida a un membre de proposició (nom, pronom, infinitiu, oració subordinada, etc.), forma, sense l'ajut de cap verb, una proposició completa en què s'expressa que allò que hom tem, plany, que sap greu, etc., no és gens o tant de témer, de plànyer, etc., i, si s'adjunta a un adverbí o una frase adverbial, no ho és almenys en la circumstància expressada per aquest adverbí. Equival *abé, prou, no és res, tant se val*, segons els casos. *Són molt de plànyer les dones que han perdut el marit. La Maria rai, que és rica: la Joana, és de plànyer, que ha quedat pobra i amb quatre fills! Hi haurà noies per a*

ballar? Noies rai, no en mancaran: el que mancarà seran les ganes de ballar. M'han cobrat seixanta euros pel dinar. Tu rai, que ets ric! He trencat la cadira. Això rai! No et preocupis. (disponível em <<diccionari.cat>>)

Assim *rai* é uma partícula intensiva usada em catalão para indicar que algo não tem importância ou que não tem importância a respeito de outra coisa; no exemplo do verso, o importante é a felicidade do homem, as outras coisas – o resto – não têm importância. Cabe salientar que *rai* não precisa acompanhar nenhum verbo. Não conhecendo em português brasileiro uma partícula que cumprisse uma missão semelhante, escolhemos parafrasear o verso considerando o cômputo silábico do original e procuramos uma fórmula na qual fosse possível omitir o verbo: “Ficando o homem feliz, /o resto lorotas” que, a nosso juízo, mantém a carga negativa e o desprezo que inspiram ao autor do poema os comportamentos satirizados ao longo dos epigramas.

E ainda encontramos ocasiões em que o trabalho do tradutor requisitou acessar camadas da língua portuguesa que se afastavam dos usos mais frequentes para poder dar cabida aos versos da antologia. Em *Lo Trobador Romeu* (XV) os versos 13 e 14 dizem “I la nit dels misteris és l'hora,/i s'apaga per tot de vida el crit:”. Aparece um advérbio no original *pertot* que o *diccionari.cat* define do seguinte modo: “En tot lloc, a tot arreu, per totes bandes”; ou seja, *por todo lugar, em todo o que é canto, por todas partes*. As possibilidades de tradução a princípio mais evidentes – *por todo lugar, por todas partes* – alongariam o advérbio dissílabo do original em um sintagma preposicional formado por três palavras acrescentando um número de sílabas grande demais para o verso. Procuramos então uma solução alternativa: “E a noite dos mistérios é a hora,/ e apaga-se algures da vida o grito:”. Foi introduzindo o advérbio *algures* que o dicionário define como “em algum lugar; em lugar que não se sabe ou não se quer indicar nem designar diretamente” (disponível em <<aulete.com.br>>). Existe uma diferença semântica entre o catalão *pertot* (em todo lugar) e o português *algures* (em algum lugar), mas consideramos que, mesmo modificando parcialmente o conteúdo do poema, esse advérbio dava conta do número de sílabas requisitado e, ao ser uma palavra pouco usada, acarretava valor poético próprio.

Certamente, introduzir expressões pouco comuns apresenta o risco de criar uma tradução extravagante; no entanto, a falta de inventiva por parte do tradutor contrapõe o risco de produzir uma tradução pobre:

Comentar a partir desse exemplo este trecho de Levý: Lack of inventiveness, the mark of the poor translator, is the more common. By contrast, creative and linguistically adept translators may fail to respect the author's intentions by insensitively introducing extravagant expressions. (LEVÝ, 2011, p. 55)

Duas tendências que, a nosso ver, se correspondem com *a prova do estrangeiro e a aprendizagem do próprio*, corrigindo reciprocamente aquilo que cada um possui de excessivo. Cientes de dever trabalhar na margem que há entre esses dois riscos, entre esses dois movimentos, entre o estranhamento e a domesticação, foram analisados nesta seção diversos pontos de convergência e divergência entre as línguas de partida e a língua de chegada, analogias e estratégias híbridas. Não tentamos aqui totalizar um projeto tradutório⁹⁸, mas apenas analisar alguns dos resultados que dele se derivam. A partir dos elementos examinados, podemos apontar que existe uma complexa rede de escambos, paralelismos, analogias e influências mútuas entre as línguas envolvidas pertencentes a uma mesma família linguística e inseridas em âmbitos culturais próximos. Dificilmente o tradutor que tivesse por propósito trabalhar com um par linguístico não românico ou com uma língua românica e uma língua de um outro grupo poderia se servir de tais trilhos para balizar o seu labor. Em contrapartida, o tradutor que se proponha trabalhar com um outro par neolatino encontrará no nosso exercício caminhos e processos análogos. Em suma, o presente capítulo revelou um percurso tradutório *intra-românico* sustentado no exercício que realizamos com os poemas do *corpus*.

⁹⁸ Por outro lado, a formulação de nosso projeto já ocupou boa parte da seção 3.3.

CAPÍTULO V

REIVINDICAR A LÍNGUA A PARTIR DA LÍNGUA: A ANTOLOGIA POÉTICA

O presente capítulo está integrado pelos textos que conformam a nossa antologia, o *corpus* sobre o que se baseou nosso trabalho de tradução entre línguas românicas. Os textos do *corpus* auxiliam a leitura dos capítulos precedentes de nossa tese de doutorado, pois deles procedem todos os exemplos que ilustram o projeto de tradução que realizamos, e auxiliam a leitura do capítulo sexto já que fornecem reflexões sobre a língua como veículo comunitário de cultura e identidade e como ferramenta de criação artística que, frente a uma situação de diglossia, requisita defesa e promoção. A decisão de alocar a antologia poética nas páginas centrais do trabalho tem por objetivo contribuir a valorizar a experiência tradutória, integrando-a no coração da pesquisa. Assim o *corpus* não ocupa uma posição periférica, própria dos anexos nos trabalhos académicos, e sim constitui um capítulo, aquele sobre o qual se baseia a construção empírica dos outros e que, portanto, permite a compreensão dos mesmos.

Os poemas aparecem editados na língua original, com a tradução para português brasileiro como *texto a frente*. Todos eles foram transcritos segundo as fontes citadas no começo de cada um e estão numerados com algarismo romano sendo os nove primeiros poemas occitanos e os onze seguintes catalães; de forma que as duas partes reúnem um total de vinte poesias. Ademais, para ajudar na consulta, os versos estão numerados com intervalos que podem seguir as estrofes (a cada quatro, seis, oito versos) ou de cinco em cinco versos quando a composição não estiver dividida em estrofes.

Por fim, esperamos que, ao disponibilizá-los em edição bilíngue, as ideias que esses expressam a respeito da linguagem e das línguas estimulem futuras pesquisas neste âmbito dentro da academia brasileira em diálogo com outros âmbitos académicos em um momento em que se debate o papel da língua portuguesa no século XXI.

I
AU MIEJOUR

Frederic MISTRAL, 1878

MISTRAL, Frederic. *Lou Trésor dóu Felibrige*. 1979, p. 5
<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k74854/f5.image.langES>

ESCRI EN TÈSTO
DÓU TRESOR DÓU FELIBRIGE

Sant Jan, vèngue meissoun, abro si fi de joio,
amount sus l'aigo-vers lou pastre pensatiéu
en l'ounour dóu païs enausso uno mount-joio
e marco li pasquié mounte a passa l'estiéu. 4

Emai iéu, en laurant – e quichant moun anchoio,
pèr lou noum de Prouvènço ai fa ço que poudiéu;
e, Diéu de moun pres-fa m'aguènt douna la voio,
dins la rego à geinouï vuei rènde gràci à Diéu. 8

En terro, fin-qu'au sistre, a cava moun araire;
e lou brounze rouman e l'or dis empeiraire
treluson au soulèu dintre lou blad que sort... 11

O pople dóu Miejour, escouto moun arengo:
se vos recounquista l'empèri de ta lengo,
pèr t'arnesca de nòu pesco en aquéu Tresor. 14

I
AO MERIDIÃO

Frederic MISTRAL, 1878

(Tradução para o português)

ESCRITO NO ÍNCIPIT
DO TRESOR DÓU FELIBRIGE

São João, chegada ceifa, queima fogos de gozo,
acima da vertente o pastor pensativo
em honra do país empilha um memorial
os pastos abandona e sobe a passar o estio. 4

Assim eu, lavrando – apertando a sardinha,
em nome da Provença fiz aquilo que eu pude;
e Deus desta tarefa me havendo libertado,
no rego de joelhos quero lhe agradecer. 8

Na terra, até a rocha cavou o meu arado;
e aqui bronze romano e ouro de imperador
reluzem sob o sol entre o trigo que abrolha... 11

Povo meridional, escute minha arenga:
para reconquistar o império da sua língua,
e se enfeitar de novo, pesque neste Tesouro. 14

II I TROBAIRE CATALAN

Frederic MISTRAL, 1861

MISTRAL, Frederic. *Lis isclo d'Or I*.

Centre International de l'Écrit en Langue d'Oc. 1997, p. 27-31

<http://www.lpl.univ-aix.fr/guests/ciel>

*No pot estimar sa nació,
qui no estima sa província.*

MILÀ I FONTANALS

Fraire de Catalougno, escoutas! Nous an di
que fasias peralin revieüre e resplendi
Un di rampau de nosto lengo:
Fraire, que lou bèu tèms escampe si blasin
sus lis óulivo e li rasin
De vòsti champ, colo e valengo! 6

Dóu Comte Berenguié, fraire, bèn nous souvèn,
quand, de la Catalougno, adu pèr un bon vènt,
emé si velo blanquinello
intrè dins noste Rose, e reçaupè la man
e la courouno e li diamant
de la princesso Doucinello. 12

Prouvènço e Catalougno, unido pèr l'amour,
mesclèron soun parla, si coustumo e si mour;
e quand avian dins Magalouno,
quand avian dins Marsiho, à-z-Ais, en Avignoun,
quauco bèuta de grand renoum,
n'en parlavias à Barcilouno. 18

II

ODE AOS TROVADORES CATALÃES

Frederic MISTRAL, 1861

(Tradução para o português brasileiro)

*Não pode amar sua nação,
quem não ama sua província.*
MILÀ I FONTANALS

Irmãos da Catalunha, escutem! Nos falaram
que faziam por aí reviver e luzir
um dos ramos de nossa língua:
irmãos, que o bom tempo derrame suas chuvas
sobre as olivas e as videiras
de vossos campos, cumes e vales! 6

De Berengário o conde, irmãos, bem lembramos,
quando, da Catalunha levado por bons ventos,
com as suas velas branquinhas
entrou no rio Ródano, e recebeu a mão
e a coroa e os diamantes
da princesa Doucinello. 12

Provença e Catalunha, unidas pelo amor,
miscigenada a fala, costumes e modos;
e quando havia em Maguelona,
quando havia em Marselha, em Aix, em Avinhão,
uma beleza de renome,
dela se falava em Barcelona. 18

Cènt an li Catalan, cènt an li Prouvençau,
se partejèron l'aigo e lou pan e la sau:
e (que Paris noun s'escalustre!)
jamai la Catalougno en glòri mountè mai,
E tu, Prouvènço, plus jamai
as agu siècle tant illustre! 24

Li Troubaire, e degun lis a vincu despièi,
a la barbo di clergue, à l'auriho di rèi,
aussant la lengo populàri,
cantavon amourous, cantavon libramen
d'un mounde nòu l'avenimen
e lou mesprés di vièis esgàari. 30

Alor i'avié de pitre e d'aspre nouvelun:
la republico d'Arle, au founs de si palun,
arresounavo l'empeire;
aquelo de Marsiho, en plen age féudau,
moustravo escri sus soun lindau:
Tóuti lis ome soun de fraire. 36

Alor, d'eilamoundaut, quand Simoun de Mount-fort,
Pèr la glòri de Diéu e la lèi dóu plus fort,
descaussanavo la Crousado,
e que li courpatas, abrasama de fam,
voulastrejavon, estrifant
lou nis, la maire e la nisado; 42

Tarascoun, e Bèu-caire, e Toulouso, e Beziés.
fasènt bàrri de car, Prouvènço, li vesiés.
Li vesiés bouie e courre is armo
e pèr la liberta peri tóuti counsènt...
Aro, nous agroumoullissèn
davans la caro d'un gendarmo! 48

Cem anos catalães, cem anos provençais,
compartilharam a água, e o pão e também o sal:
e (sem que isso ofenda Paris!)
jamais Catalunha alcançou tamanha glória,
e tu, Provença, nunca mais
tiveste século tão ilustre! 24

Os Trovadores, e ninguém ganhou deles depois,
até a barba do monge, até a orelha do rei,
levantando a língua popular,
cantavam amorosos, cantavam livremente
a chegada de um mundo novo
e o desprezo dos medos velhos. 30

Então havia valor e áspero renascer:
a república de Arles, no fundo dos pântanos,
contestava ao imperador;
e aquela de Marselha, em plena era feudal,
mostrava escrito no dintel:
Todos os homens somos irmãos. 36

Então, vindo do Norte, o Simão de Montforte,
pela glória de Deus, pela lei do mais forte,
desencadeou ele a Cruzada,
corvos, abrasados de fome,
vojavam, despedaçando
o ninho, a mãe e a ninhada; 42

Em Tarascoun, Bèu-caire, Tolosa, e Beziés,
viste fazer barragem de carne, ó Provença.
Viste o povo correr às armas
e pela liberdade todos pereceram...
Agora, nos arrepiamos
diante dos gendarmes! 48

Segur i' avié de chaple a Drand cop de destrau,
e la lucho de longo, e pertout plago e trau;
mai lou fio caufó, se devoro!
Alor avian de Conse, e de grand ciéutadin
que, quand sentien lou dre dedin,
sabien leissa lou rèi deforo. 54

Fuguessias rèi de Franço e Louis Vue veste noum,
e cènt milo Crousa vosto armado, Avignoun
a si pourtau metie la tanco.
La vilo èro esclapado, èro espóutido à plat...
mai noste libre Counsulat
avié fa tèsto à l'armo blanco. 60

De Pèire d'Aragoun, fraire, bèn nous souvèn:
seguí di Catalan, venguè coume lou vènt,
brandant sa lanço bèn pounchudo.
Lou noumbre e lou malastre aclapon lou bon dre:
davans li bàrri de Muret
soun tóuti mort à nosto ajudo! 66

Tambèn, coume lou clergue emé lou capelan,
despièi, lou Prouvençau respond au Catalan
a travès l'oundo que souspiro;
atravès de la mar, tambèn, i'a de moumen,
vers Barcilouno tendramen
Barcilouneto se reviro. 72

II

Aro pamens se vèi, aro pamens sabèn
que dins l'ordre divin tout se fai pèr un bèn:
li Prouvençau, flamo unanimo,
sian de la grando Franço, e ni court ni coustié;
li Catalan, bèn voulountié,
sias de l'Espagno magnanimo. 78

Aconteceu, é certo, confusão e pancadas,
 luta sem pausa e feridas em todos os cantos;
 mas, pra aquecer, o fogo devora!
 Então tínhamos magistrados e cidadãos
 que, quando sentiam o direito dentro,
 sabiam por o rei afora. 54

Fostes vós o rei de França, Luiz Oitavo,
 foi vossa armada, mil cruzados, Avinhão
 botou trancas em seus portões.
 Mas a cidade foi vencida, destruída...
 porém nosso governo livre
 combateu só com armas brancas. 60

Do Pedro de Aragão bem lembramos, irmãos,
 seguido dos catalães, chegou como o vento,
 erguendo a lança bem pontuda.
 O número e o azar derrotaram o direito:
 e ante as muralhas de Muret
 todos morreram em nossa ajuda! 66

Assim como fazem monge e capelão,
 também, o Provençal responde ao Catalão
 através as ondas que suspiram;
 através do mar, também, em certos momentos,
 para Barcelona afetuosa
 Barceloneta se revira. 72

II

Mas agora bem se vê, agora sabemos
 que na ordem divina tudo ocorre pra o bem:
 nós provençais, chama unânime,
 somos da grande França, francos e leais;
 os catalães, de boa vontade,
 são da magnânima Espanha. 78

Car enfin à la mar fau que toumbe lou riéu
e la pèiro au clapié, di tràiti Vaqueiriéu
lou blad sarra miéus se preservo;
e li pichot veissèu, pèr navega segur,
quand l'oundo es encro e l'aire escur,
fau que navegon de counservo. 84

Car es bon d'èstre noumbre, es bèu de s'apela
lis enfant de la Franço, e, quand avès parla
de vèire courre sus li pople,
de soulèu en soulèu, l'esperit renadiéu
e trelusi la man de Diéu
de Solferino à Sebastople ! 90

Mai uno fes passa li jour de broufounié,
uno fes qu'au timoun canto lou timounié
e que la mar es aplanado,
pèr segre soun estello o traïro soun fielat,
Chasque veissèu d'aqui, d'eila,
A soun plasé se desmanado. 96

Ansin, arribè l'ouro ounte chasco nacioun,
countènto de sa part e franco d'òupressioun,
espigara coume un bèl òrdi
ounte podon aucèu, parpioun e mai flour,
mescla si cant e si coulour,
sèns vitupèri ni discòrdi; 102

E la Franço e l'Espagno, en vesènt sis enfant,
i rai de la patrio ensèn se recaufant,
canta matino au meme libre:
“Lis enfant, se van dire, an certo proun de sèn:
leïssen-lèi rire e jouga' nsèn,
aro soun d'age d'èstre libre.” 108

Pois enfim para o mar devem ir os rios
e a pedra para a canteira, do frio o trigo
guardado melhor se preserva;
e os pequenos navios, pra navegar seguros,
quando a onda é cinza e o vento escuro,
devem navegar guarecidos. 84

Pois é bom sermos muitos, belo é se chamar
filhos da França; e mais tarde, falaram
de ver correr entre os povos,
de sol a sol, o espírito renascendo
e reluzir a mão de Deus
de Solferino até Sevastópol! 90

E uma vez passados os dias de procela,
uma vez que no timão o timoneiro canta
e o mar fica calmo e aplanado,
pra seguir sua estrela ou lançar suas redes
do seu jeito, pra lá e acolá,
cada navio se dispersa. 96

Assim, chega o momento em que cada nação,
contente de sua parte e farta de opressão,
se levante como o centeio
onde pode o pássaro, a borboleta e a flor,
misturar cantigas e cores,
sem vitupério nem discórdia; 102

E a França e a Espanha, olhando para seus filhos,
no lume da pátria juntos se aquecendo,
cantando no mesmo livro
dirão: “não falta bom senso a nossos meninos:
podem sorrir e brincar juntos,
já têm idade de serem livres.” 108

E veiren, iéu vous dise, à la mendro ciéuta
redescèndre o bonour! l'antico liberta
e l'amour soul jougne li raco;
e quouro que negreje uno arpo de tiran,
tóuti li raco boumbiran
pèr coussaia la tartarasso! 114

Alor li Prouvençau emé lou tambourin
que fara trefouli la barco e li marin,
nous gandiren à vòsti targo;
i vigno d'Alicant prendren nòsti maiòu,
e quand farés courre li biou
vous n'adurren de la Camargo. 120

Alor li Catalan d'òulivié freirenau
courounant vòsti front, courounant vòsti nau,
au mes de Mai vendrés nous vèire:
e charraren d'amour, di vin e di meissoun,
e cantaren nòsti cansoun
e parlaren de nòsti rèire. 126

Dis Aup i Pirenèu e la man dins la man,
troubaire, aubouren dounc lou vièi parla rouman.
Acò's lou signe de famiho
acò's lou sacramen qu'is àvi joun li fiéu,
l'ome à la terro ! Acò's lou fiéu
que tèn lou nis dins la ramiho. 132

Intrepide gardian de noste parla gènt,
garden-lou franc e pur e clar coume l'argènt,
car tout un pople aqui s'abéuro;
car, de mourre-bourdown,
qu'un pople toumbe esclau,
se tèn sa lengo, tèn la clau
que di cadeno lou deliéuro. 139

Veremos, com certeza, até na menor vila
retornar as alegrias! a antiga liberdade
e só o amor unir as raças;
e se aparecerem as garras de um tirano,
todas as raças saltarão
para expulsar esse urubu! 114

Então nós, Provençais, tocando o pandeiro
que fará tremer o navio e os marujos,
iremos a vossos torneios;
das vinhas de Alicante colheremos bachelos,
quando façam correr os touros
levaremos bois da Camarga. 120

Então os Catalães de oliveira fraternal
coroando as testas, coroando os navios,
no mês de maio virão nos ver:
e falaremos do amor, do vinho e da ceifa,
cantaremos nossas canções
e lembraremos os avós. 126

Desde os Alpes até os Pirineus, de mãos dadas,
trovadores, levanta-se a fala romana.
Esse é o sinal da família,
Esse é o sacramento que une os avós aos netos,
e o homem à terra! Esse é o fio
que segura no ramo o ninho. 132

Intrépidos guardiões de nossa gentil fala,
guardem-na franca e pura e clara como argento,
pois todo um povo aqui abebera;
quando de bruços no chão,
um povo cai escravo,
se tem sua língua, tem a chave
que das cadeias o liberta. 139

Fraire de Catalougno, à Diéu sias ! Nous an di
que fasias peralin reviéure e resplendi
un di rampau de nosto lengo:
Fraire, que lou bon Diéu escampe si blasin
sus lis óulivo e li rasin
de vòsti champ, colo e valengo! 145

A Damas Calvet, figueiren.

Calvet, moun bèl ami, jouine pin escalant,
di valoun maiourquin, di serre catalan
tu qu'amadures l'epoupèio
au Counsiòri gai de vòsti Jo Flourau
presènto aquèsti vers courau
dóu calignaire de Mirèio. 151

Irmãos da Catalunha, fiquem com Deus! falaram
que faziam por aí reviver e luzir
um dos ramos de nossa língua:
Irmãos, que o bom tempo derrame suas chuvas
sobre as olivas e as videiras
de vossos campos, cumes e vales! 145

Para Damas Calvet.

Calvet, meu amigo, jovem pinheiro crescente,
dos vales de Maiorca, da serra catalã
tu amadureces a epopeia,
ao Consistório alegre dos Jogos Florais
apresenta estes versos cordiais
do namorado de Mireia. 151

III

EN L'OUNOUR DE JANSEMIN

Frederic MISTRAL, 1870

MISTRAL, Frederic. *Lis isclo d'Or I.*

Centre International de l'Écrit en Langue d'Oc. 1997, p. 41-43

<http://www.lpl.univ-aix.fr/guests/ciel>

ELOGE PRONOUNCIA DAVANS LIS AGENÉS, LOU JOUR QU'INAUGURÈRON L'ESTATUO D'AQUÉU POUÈT

A la memòri d'Adrian Donnodevie

Pèr la nacioun e pèr li fraire
que rèston à l'oustau e que menon l'araire,
e parlon voulountous la lengo dóu terraire,
es un triounfle aqueste jour.

Vaqui perqué, iéu de Prouvènço,
vène di Prouvençau paga la redevènço
au grand troubaire dóu Miejour.

7

E tout d'abord, à la Gascougno
que, fasènt soun devé sèns crento ni vergougno,
mantèn sa vièio lengo e pèr elo temougno,
salut emé li bras dubert!

Mau-grat lou flot que vèn la batre,
dou biès de Jansemin au païs d'Enri Quatre
vosto noublesso noun se perd.

14

III
EM HONRA DE JANSEMIN

Frederic MISTRAL, 1870

(Tradução para o português brasileiro)

ELOGIO PRONUNCIADO PERANTE O POVO DE AGEN,
NO DIA QUE INAUGURARAM
A ESTÁTUA DAQUELE POETA

Em memória de Adrian Donnodelvie

Para a nação e para os irmãos
que ficaram em casa e levam o arado,
e falam à vontade a língua da terrinha,
é um triunfo este dia.

Eis porque, eu de Provença,
vim dos provençais pagar-lhe meu tributo
ao grande trovador do nosso Meridião. 7

E primeiramente, à Gasconha,
cumprindo seu dever sem temor nem vergonha,
mantém sua velha língua como testemunha;
de braços abertos, saúde!
A pesar do marulho que sobre ela se abate,
do lado do Jansemin até o país de Enrique Quarto
vossa nobreza não se perde. 14

Oh! gramaci, raço valènto!
Blesi, des persouna pèr la toueso insoulènto
de Paris, e nega dins la foulo doulènto,
vous cridavian: Ajudas-nous !
E, de Bourdèus fin-qu'à Marsiho,
Agèn nous a larga tau flum de pouèsio
que n'en sian tóuti luminous. 21

Cantant l'amour mies qu'uno femo,
e boulegant dóu cor li plus dous lerro-tremo,
avèn vist Jansemin nous tira li lagremo...
Mai l'amavian, sabès perqué ?
Coume Pindare de sa Tèbo,
éu nous parlavo fièr d'Agèn, de Bilo-nèbo,
d'Auch, e dóu maine d'Estanquet. 28

Ardènt, lusènt e populàri,
demandant soulamen la glòri pèr salari,
disié *Mous Soubenis, Lous Frais bessous, Alàri,*
l'Abuglo de Castèl-Culié;
e, pietadouso vo risènto,
sa voues, dins *Françoneto* o *Maltro l'innoucènto,*
fasié di cor ço que voulié. 35

Pièi, se quauque marchand d'endormo
le venié, pèr coumplaire à la modo uniforme:
« Pouèto, à l'ouro d'uei ta noto es descounformo;
« Pouèto, gascounes pas mai !
“Es lou Prougrès que lou coumando...”
- “*La pichouno patriò es bièn abans la grando.*
Respoundié, *Francimand ? jamai!*” 42

E'n pelerin de Coumpoustello
anavo degrunant soun capelet d'estello,
pèr li paure e pèr Diéu dounant à canestello;
e lou país reviscoula

Obrigado, ó raça valente!
 Murchava o povo ante o tamanho insolente
 de Paris, negado na multidão malvada,
 e gritavam: Ajudem-nos!
 Então de Bordéus a Marselha,
 Agèn jorrou um vasto rio de poesia
 e ficamos todos luminosos. 21

Cantando o amor melhor do que as mulheres,
 e mexendo no peito os mais doces louvores
 vimos o Jansemin arrancar-nos as lágrimas...
 E o amávamos, sabem porque?
 Como Píndaro de Tebas,
 ele falou altivo de Agèn, de Bilo-nèbo,
 d' Auch, e da aldeia de Estanquet. 28

Lúcido, ardente e popular,
 pedindo simplesmente a glória por salário,
 dizia *Mous Soubenis*, *Lous Frais bessous*, *Alàri*,
L'Abuglo de Castèl-Culié;
 e, piedosa ou risonha,
 sua voz, em *Françouneto* ou *Maltro l'innoucènto*,
 fazia sua vontade nos corações. 35

Mas, se algum vendedor de pílulas
 falava pra satisfazer a moda uniforme:
 “Poeta, hoje em dia tua nota destoa;
 Poeta, não tem mais gascão!
 É o Progresso que assim manda...”
 - “*A pátria pequena vem antes que a grande.*
 Respondia ele, *afrancesado? nunca!*” 42

Peregrino de Compostela
 ia esbagoando o rosario de estrela,
 pelos pobres e por Deus dando a canastra;
 e todo o país revivido

bevié l'ounour à soun calice;
e Paris, e lou rèi, e tóuti, pèr delice
voulien ausi noste parla. 49

Dis àuti cimo que soun vostro,
dóu front di Pirenèu, tout ço que l'iue nous mostro,
Catalan o Gascoun, entènd la lengo nostro:
Eh bèn! d'amount, à plen camin,
iéu vese un pople brun se mòure...
E di viéu, e di mort, li courouno van plòure
sus lou brounze de Jansemin. 56

Car nòsti mort e nòsti paire
e nòsti dre sacra de pople e de troubaire
que trepejavo, aièr, lou pèd de l'usurpaire.
E que bramavon óutraja,
revivon aro dins la glòri!
Aro, entre si dos mar, la lengo d'O fai flòri...
O Jansemin, nous as venja ! 63

bebia a honra no cálice dele;
e Paris, e seu rei, e todos, por deleite
queriam ouvir nossa fala. 49

Dos altos cumes que são vossos,
de frente aos Pireneus, tudo quanto avista o olho,
Catalães ou Gascões, entendem nossa língua:
Bem! do alto, no meio do caminho,
eu vejo um povo bruno mover-se...
E dos velhos e dos mortos chovem coroas
sobre o bronze de Jansemin. 56

Pois nossos mortos, nossos pais
e os santos direitos de povo e trovadores
que ontem esmagavam os pés do usurpador.
Eles bramavam ultrajados,
e agora revivem na glória!
E, entre os dois mares, floresce a língua d'Òc...
Ó Jansemin, tu nos vingaste! 63

IV
AU BAROUN GASTOUN DE FLOTO

Frederic MISTRAL, 1868

MISTRAL, Frederic. *Lis isclo d'Or I.*

Centre International de l'Écrit en Langue d'Oc. 1997, p. 137-138.

<http://www.lpl.univ-aix.fr/guests/ciel>

*En responso i vers ounte nos dis :
Jusqu'à ce jour, chose fatale !
L'ouvrier manque à l'instrument:
Vous venez : la langue natale,
Longtemps vile, obscène et brutale,
Se revêt d'un rayonnement.*

Cuiès la flour à travès champ,
adusès-la, pièi, à la vilo,
segur, baroun, en vous couchant,
la trouvarés passido e vilo. 4

Mai leissas-la sus lou brout verd :
la flour, baroun, pourtara grano,
e la veirés, avans l'ivèr,
Que sara poumo vo mióugrano. 8

Noun fau, peréu, vous estouna
se, pecaire! trop lèu culido,
nosto lengo, au-li de grana,
dins li ciéuta s'es avilido... 12

Mai, au mitan dis óulivié
de quau la ramo au vènt s'argènto,
a counserva l'ounour qu'avié
e s'es gardado puro e gènto. 16

IV
AO BARÃO GASTON DE FLOTA

Frederic MISTRAL, 1868

(Tradução para o português brasileiro)

*Respondendo os versos onde ele me disse :
Jusqu'à ce jour, chose fatale !
L'ouvrier manque à l'instrument:
Vous venez : la langue natale,
Longtemps vile, obscène et brutale,
Se revêt d'un rayonnement.*

Colhes a flor através dos campos,
leva-la, depois, até a cidade,
certamente, barão, ao deitar,
descobrirás essa vil e murcha. 4

Mas deixa essa entre os brotos verdes:
a flor, barão, virará grão,
e verás, antes do inverno,
ela será maçã ou romã. 8

Não deve, porém, surpreender
pecador! se cedo demais colhida,
nossa língua, em vez de granar,
nas cidades tornou-se vil... 12

Mas, no meio das oliveiras
cujos galhos o vento argenta,
conservou aquela honra que tinha
guardando-se pura e gentil. 16

Baroun, sabès qu'émé fierta,
se vuei rustico emé lou pople,
a, quand falié, sachu pourta
coulour d'azur o de sinople. 20

De rustica i'es pas afront !
Pòu em'ounour treva li bòri,
qu'espaso en man, estello en front,
a proun chapla sa part de glòri. 24

E li plus bello d'autre-tèms
l'an courounado, en estènt jouino;
e Roumanin, chasque printèms,
la plouro encaro dins si rouino... 28

E quand, à Sant-Jan-dóu-Desert,
vous, i'avès fa la benvegudo,
en vous cantant un de sis èr,
en Court d'Amour s'es cresegudo. 32

Car èron bello, m'ensouvèn,
li damisello escoutarello;
e de coume éli se souvènt
venien ausi ma cantarello. 36

E ié sourrire coume acò,
iéu vous lou dise sèns mistèri:
dins tout lou mounde, sus-lou-cop,
lou prouvençau farié l'empèri. 40

Barão, sabes que com orgulho,
ainda hoje rústica no povo,
quando precisou, soube levar
cor azul ou cor de sinople. 20

Rústica não é nenhuma afronta!
com honra visita as granjas,
espada em mão, estrela em testa,
bem agarrou sua parte de glória. 24

E as mais belas de outro tempo
coroaram-na, com gozo;
e Roumanin, a cada abril,
chora por ela entre as ruínas... 28

E quando, em São João do Deserto,
deram-lhe as boas-vindas todos,
cantando uma de suas áreas,
ali cresceu a Corte de amor. 32

Pois eram belas, eu me lembro,
as donzelas quando escutavam;
e elas lembram de quando vinham
ouvir a minha cantarola. 36

E eu sorrio desta forma
para dizer sem mistério:
no mundo todo, finalmente,
o provençal terá seu império. 40

V

AU POUÈTO ITALIAN DALL'ONGARO

Frederic MISTRAL

MISTRAL, Frederic. *Lis isclo d'Or I*.

Centre International de l'Écrit en Langue d'Oc. 1997, p. 147.

<http://www.lpl.univ-aix.fr/guests/ciel>

Ami, nòsti parla soun tóuti dous rouman;
poudèn nous dire fraire e nous touca la man:
toun Po, la miéu Durènço,
na tóuti dous d'un soulet mount,
van abéura, l'un lou Piemount
e l'autro la Prouvènço.

V

AO POETA ITALIANO DALL'ONGARO

Frederic MISTRAL

(Tradução para o português brasileiro)

Amigo, nossos falares são os dois romanos;
podemos dar-nos a mão e chamar-nos de irmãos:
teu rio Pó, meu Durance,
nascidos de um cume só,
vão abreviar, um o Piemonte
o outro toda a Provença.

5

VI
A LA RAÇO LATINO

Frederic MISTRAL, 1878

MISTRAL, Frederic. *Lis isclo d'Or I*.
Centre International de l'Écrit en Langue d'Oc. 1997, p. 14-16.
<http://www.lpl.univ-aix.fr/guests/ciel>

PÈÇO DICHO A MOUNT-PELIÉ,
SUS LA PLAÇO DÓU PEIROU,
LOU 25 DE MAI DE 1878

Aubouro-te, raço latino,
souto la capo dóu soulèu!
Lou rasin brun boui dins la tino,
lou vin de Diéu gisclara lèu.

Emé toun péu que se desnouso 5
a l'auro santo dóu Tabor,
tu siés la raço lumenouso
que vieú de joio e d'estrambord,
tu siés la raço apoustoulico
que sono li campano à brand: 10
tu siés la troumpo que publico
e siés la man que trais lou gran.

Aubouro-te, raço latino.

Ta lengo maire, aquéu grand flume
que pèr sèt branco s'expandis, 15
largant l'amour, largant lou lume
coume un resson de Paradis,
ta lengo d'or, fiho roumano,

VI
PARA A RAÇA LATINA

Frederic MISTRAL, 1878

(Tradução para o português brasileiro)

POEMA RECITADO EM MONTPELLIER,
NA PRAÇA DO PEIROU,
NO 25 DE MAIO DE 1878

Levanta, ó raça latina,
sob a testa do alto sol!
Uvas roxas fervem na tina,
vinho de Deus manará logo.

Com a cabeleira desnuda 5
na aura sangrada do Tabor,
és essa raça luminosa
que vive de joia e paixão,
és essa raça apostólica
que soa os sinos a pancadas: 10
és a trombeta que apregoa
e és a mão que cata o grão.

Levanta, ó raça latina.

Tua língua mãe, enorme rio
por sete braços se expande, 15
jogando amor, jogando lume
como um eco do Paraíso,
língua de ouro, filha romana,

dou Pople-Rèi, es la cansoun
que rediran li bouco umano, 20
tant que lou Verbe aura resoun.

Aubouro-te, raço latino.

Toun sang illustre, de tout caire,
pèr la justiço a fa rajou;
pereilalin ti navegaire 25
soun ana querre un mounde nòu;
au batedis de sa pensado
as esclapa cènt cop ti rèi...
Ah! se noun ères divisado,
quau poudrié vuei te faire lèi? 30

Aubouro-te, raço latino.

A la belugo dis estello
abrant lou mou de toun flambèu,
dintre lou mabre e sus la telo 35
as encarna lou subre-bèu.
De l'art divin siés la patrio,
e touto gràci vèn de tu:
siés lou sourgènt de l'alegrìo
e siés l'eterno jouventu!

Aubouro-te, raço latino. 40

Di formo puro de ti femo
li panteon se soun poupla;
a ti triounfle, à ti lagremo
tóuti li cor an barbela;
flouris la terro, quand fas flòri; 45
de ti foulié cadun vèn fòu;
e dins l'esclüssi de ta glòri
sèmpe lou mounde a pourta dòu.

do Povo-Rei, és a canção
que falarão as bocas humanas, 20
enquanto os Verbos ressoarão.

Levanta, ó raça latina.

Teu sangue ilustre, em tantas terras,
pela justiça foi jorrado;
e além do mar teus navegantes 25
foram buscar um mundo novo;
aos adejos do pensamento
teus reis cem vezes estalaram...

Ah! se não fores dividida,
quem podia hoje te contestar? 30

Levanta, ó raça latina.

E na faísca das estrelas
ardendo no miolo da tocha,
no mármore e acima da teia
encarnaste quanto há de belo. 35
Da arte divina, a pátria és,
e toda a graça que vem é tua:
és a nascente da alegria
e és a eterna juventude!

Levanta, ó raça latina. 40

Das formas puras de tuas mulheres
os panteões povoaram-se;
teus triunfos e tuas lágrimas
os corações fazem vibrar;
floresce a terra e nasce a flor; 45
enlouquecemos nas tuas loucuras;
e no eclipse de tua glória
o mundo sempre ficou em luto.

Aubouro-te, raço latino, etc.

Ta lindo mar, la mar sereno 50
ounte blanquejon li veissèu,
friso à ti pèd sa molo areno
en miraiant l'azur dóu cèu.
Aqelo mar toujour risènto,
diéu l'escampè de soun clarun 55
coume la cencho trelusènto
que dèu liga ti pople brun.

Aubouro-te, raço latino.

Sus ti coustiero souleiouso
crèis l'óulivié, l'aubre de pas, 60
e de la vigno vertuiouso
s'enourgulisson ti campas:
Raço latino, en remembranço
de toun destin sèmpre courous,
aubouro-te vers l'esperanço, 65
afrairo-te souto la Crous!

Aubouro-te, raço latino,
souto la capo dóu soulèu!
Lou rasin brun boui dins la tino,
lou vin de Diéu gisclara lèu. 70

Levanta, ó raça latina.

Teu lindo mar, o mar sereno 50

onde branquejam os batéis,
roça em teus pés areia mole
e espelha todo o azul do céu.

Deus espalhou no seu clarão 55

aquele mar, sempre risonho,
como o cinto mais rutilante
que deve unir teus povos brunos.

Levanta, ó raça latina.

Cresce na beira ensolarada 60

a oliveira, árvore de paz,
e das videiras virtuosas
bem se orgulham estas campinas:

Raça latina, em relembração 65

de teu destino sempre digno,
levanta e vai com esperança,
irmanada abaixo da Cruz!

Levanta, ó raça latina,

sob a testa do alto sol!

Uvas roxas fervem na tina, 70

vinho de Deus manará logo.

VII
A LA ROUMANIÒ

Frederic MISTRAL, 1880

MISTRAL, Frederic. *Lis isclo d'Or II*.
Centre International de l'Écrit en Langue d'Oc. 1997, p. 34.
<http://www.lpl.univ-aix.fr/guests/ciel>

Quand lou chaple a pres fin, que lou loup e la rùssi
an rousiga lis os, lou soulèu flamejant
esvalis gaiamen lou brumage destrùssi
e lou prat bataié tourno lèu verdejant. 4

Après lou long trepé di Turc emai di Rùssi,
t'an visto ansin renaisse, o nacioun de Trajan,
coume l'astre lusènt que sort dóu negre esclùssi,
emé lou nouvelun di chato de quinge an. 8

E li raço latino,
a ta lengo argentino,
an counèigu l'ounour que dins toun sang i'avié. 11

E t'apelant germano,
la Prouvènço roumano
te mando, o Roumanio, un rampau d'òulivié. 14

VII
PARA A ROMÊNIA

Frederic MISTRAL, 1880

(Tradução para o português brasileiro)

Quando a chacina acabou, lobos e urubus
roeram os ossos, o alto sol flamejante
dissipa alegre o nevoeiro destruidor
e o prado batido logo vira verdejante. 4

Após o longo pavor do Turco e do Russo,
te vimos renascer, ó nação de Trajano,
como astro luzente que surge do negrume,
com vida renovada de moças de quinze anos. 8

E estas raças latinas,
em tua língua argentina,
conheceram a honra que teu sangue levava. 11

E chamando-te irmã,
a Provença romana
te manda, ó Romênia, um ramo de oliveira. 14

VIII
AU POPLÈ NOSTÈ

Frederic MISTRAL

MISTRAL, Frederic. *Lis óulivado*.

Centre International de l'Écrit en Langue d'Oc. 1996, p. 18-19.

<http://www.lpl.univ-aix.fr/guests/ciel>

Paure pople de Provènço,
sèmpe mai entamena.
Sènso sousto ni defènso,
is óufrage abandouna. 4

A l'escolo te derrabon
lou lengage de ti grand
e toun desounour acabon,
pople, en te desnaturant. 8

Di vièi mot de toun usage,
ounte pènses libramen,
un arlèri de passage
t'enebis lou parlamen. 12

Te mastrouion li cervello,
t'endóutrinon coume un niais,
pèr fin que la manivello
vire tóuti au meme biais. 16

Toun Istòri descounèisson,
te la conton d'à rebous;
e te drèisson, te redrèisson
tau qu'un pople de gibous. 20

VIII
A NOSSO POVO

Frederic MISTRAL

(Tradução para o português brasileiro)

Pobre povo da Provença, a cada vez mais minguido. Sem abrigo nem defesa, ao vexame abandonado.	4
Nas escolas te arrancam a linguagem dos avós e para a desonra acabas, ó povo, desnaturado.	8
Das palavras de teu uso, onde livremente pensas, um palhaço tolo à solta proíbe tua velha fala.	12
Amassam todos os cérebros, te doutrinam como a um bobo, a fim de que a manivela mexa todos de um só jeito.	16
Tua História desconhecem, contam essa pelo avesso; e te entortam e endireitam como um povo corcovado.	20

Te fan crèire que sa luno briho mai que toun soulèu, e toun amo s'empaluno, aplatido em'un roulèu.	24
Te fan crèire que ti paire n'an jamai rèn fa de bon e, reguergue à l'usurpaire, jamai res que ié respond!	28
Ti bèlli cansoun bouniasso, lis óublides, o badau! pèr li vilanié bestiasso que te plovon d'amoundaut.	32
Sabes plus ourdi ti fèsto, Sabes plus jouga ti jo: Pièi quand as chanja de vèsto, Rèstes pigre coume Jo.	36
E pamens es tu la meno, lou grouïn de la nacioun, ounte Aquéu d'amount semeno soun èterno creacioun.	40
Tu, sauvant lis abitudo e lou gàubi dou Miejour, sauves la coumparitudo de la raço e dóu sejour.	44
Nosto lengo e si prouvèrbi an soun nis à toun fougau e nous gardes la supèrbi de ti fiho que fan gau.	48

- Fazem crer que a lua deles
brilha mais do que teu sol,
e tua alma vai sumindo,
achatada com um rolo. 24
- Fazem crer que teus pais
nada fizeram de bom
e, em trocas ao usurpador,
nunca ninguém lhe responde! 28
- Tuas belas canções bondosas,
as esqueces, ó idiota!
Pelas mesquinhas besteiras
que te desabam encima. 32
- Não sabes mais fazer festas,
nem sabes jogar teus jogos:
após mudar de casaco,
ficaste pobre que nem Jó. 36
- E entretanto tens a chance,
miudinho de nação,
de ir onde Aquele semeia
sua eterna criação. 40
- Tu, conhecendo os costumes
e o feitio meridional,
salva pois a paridade
do povo e de seu sojorno. 44
- Nossa língua e seus provérbios
têm o ninho no teu lar
e guardas a altanaria
de tuas filhas garbosas. 48

Pèr te faire dire sebo
tout te cougno : mai, testard,
rèn qu'em'un fuiet de cebo
te remountes bon sòudard. 52

Tu soulet foses la terro
e rebroundes l'òulivié :
cerques lou bonur ounte èro
e la joio ounte n'i' avié, 56

Quand li gènt se countentavon
de crussi lou pan d'oustau
e que tout lou jour cantavon
sus l'araire e lou dentau. 60

Mai, bèu pople, lou pos vèire :
li rasclèt, li margoulin,
que mespreson vuei si rèire
noun se croumpon de moulin. 64

Memamen l'aucèu de gàbi
Qu'a de grano soun sadou,
fau que more de l'enràbi
davans soun abéuradou. 68

Que ta visto dounc s'alargue,
pople, sus toun païs dous,
car se dis qu'un chin de pargue
Sus sa sueio n'en bat dous. 72

Fose ti cantoun, refose!
parlo fièr toun prouvençau,
qu'entre mar, Durènço e Rose
fai bon viéure, Diéu lou saup ! 76

- Para abandonar a luta
tudo empurra: mas, teimoso,
basta mesmo uma folhinha
e levanta o bom soldado. 52
- Sozinho lavras a terra
e podas as oliveiras:
buscas alegria onde haja
e joia lá onde houver, 56
- Quando o povo se contentava
de comer o pão da casa
e o dia todo cantava
acima o dental do arado. 60
- Mas, povo bom, podes ver:
trapaceiros, vigaristas,
desprezam hoje os avós,
compram um cesto furado. 64
- Mesmo o pássaro na jaula,
tendo semente à vontade,
prefere morrer de raiva
na frente do comedouro. 68
- Que tua vista se alargue,
povo, no doce país,
pois se diz que um cão do parque
no chão dele bate dois. 72
- Faz as cantigas, refaz!
fala altivo provençal,
entre o mar, Durance e Ródano
viver é bom, Deus bem sabe! 76

IX
I FELIBRE

Teodor AUBANEL

AUBANEL, Teodor. *Li fiho d'Avignoun*.
Centre International de l'Écrit en Langue d'Oc. 2001, p. 99.
sites.univ-provence.fr/tresoc/libre/integral/libr0336.pdf

Se nous sian rescountra sènso plega li ciho,
sus li cimo, au trelus dóu soulèu, au trelus
enca mai plen d'uiiau de l'auto pouèsio,
aro nous separaren plus. 4

D'abord qu'avèn au cor uno egalo arderesso
pèr li glòri couchado e pèr lou fièr passa,
dins la memo cresènço e la memo tendressa,
ami, tenen-nous embrassa. 8

Aparen nosto lengo e que noste vers bounde!
Quand li pople s'envan ounte degon lou saup,
emé l'aflat de Diéu, à la fâci dóu mounde,
canten lou país prouvençau ! 12

X
AOS FELIBRES

Teodor AUBANEL

(Tradução para o português brasileiro)

Se nos encontramos sem franzir a testa,
acima do cume, baixo o clarão do sol,
baixo o clarão cheio de luz da alta poesia,
agora não nos separamos mais. 4

Primeiramente temos igual ardor no peito
tendido pelas glórias e o passado orgulhoso,
e uma mesma certeza e uma mesma ternura,
amigos, nos mantêm abraçados. 8

Defendamos a língua e que nosso verso silve!
Quando os povos se esvaem onde ninguém sabe,
com o favor de Deus, sobre a face do mundo,
cantemos o país provençal! 12

X
ODA A LA PÀTRIA

Bonaventura Carles ARIBAU, 1833

BOFARULL, Antoni. *Los trovadors nous*. 1858, p. 17-18
<http://books.google.com.br>
(Texto editado segundo as normas ortográficas atuais do IEC)

Adéu-siau, turons, per sempre adéu-siau;
o serres desiguals, que, allí en la pàtria mia,
dels núvols i del cel de lluny vos distingia
per lo repòs etern, per lo color més blau!
Adéu, tu vell Montseny, que des ton alt palau,
com guarda vigilant, cobert de boira i neu,
guaites per un forat la tomba del Jueu,
i al mig del mar immens la mallorquina nau! 8

Jo ton superbe front coneixia llavors,
com conèixer pogués lo front de mos parents;
coneixia també lo so de los torrents,
com la veu de ma mare o de mon fill los plors.
Mes, arrencat després per fats seguidors,
ja no conec ni sent com en millors vegades;
així, d'arbre migrat a terres apartades,
son gust perden los fruits i son perfum les flors. 16

Què val que m'haja atret una enganyosa sort
a veure de més prop les torres de Castella,
si el cant dels trobadors no sent la mia orella,
ni desperta en mon pit un generós record?
En va a mon dolç país en ales jo em transport,
i veig del Llobregat la platja serpentina,
que, fora de cantar en llengua llemosina,
no em queda més plaer, no tinc altre conhort. 24

X
ODE À PÀTRIA

Bonaventura Carles ARIBAU, 1833

(Tradução para o português brasileiro)

Com Deus fiquem, outeiros, e para sempre adeus;
ó serras desiguais, lá na pátria minha,
das nuvens e do céu de longe eu distinguia
pelo repouso eterno e pelo intenso azul!
Adeus, velho Montseny, do alto palácio teu,
vigiante guardião, coberto de bruma e neve,
por uma fenda espreitas a tumba do Judeu,
e, no meio do amplo mar, a maiorquina barca! 8

Outrora eu conhecia tua soberba testa,
como conhecer posso a testa de meus pais;
conhecia também o som de tuas nascentes,
como os cantos da mãe ou do meu filho o pranto.
Arrancado depois por perseguidor fado,
já não conheço mais como em tempos melhores:
assim da árvore migrante a terras apartadas
seu gosto perde o fruto e seu perfume a flor. 16

Que vale se me trouxe enganadora sorte
para ver de mais perto as torres de Castela,
se a voz do trovador não sente a minha orelha,
nem acorda em meu peito lembrança generosa?
Ao meu doce país nas asas me transporto,
vejo do Llobregat a praia serpentina,
que, além de cantar em língua lemosina,
não tenho outro prazer, não resta mais conforto. 24

Plau-me encara parlar la llengua d'aquells savis
que ompliren l'univers de llurs costums i lleis,
la llengua d'aquells forts que acataren los reis,
defengueren llurs drets, venjaren llurs agravis.
Muira, muira l'íngnat que al sonar en sos llavis
per estranya regió l'accent natiu, no plora,
que, al pensar en sos llars, no es consum ni s'enyora,
ni cull del mur sagrat las lires dels seus avis! 32

En llemosí sonà lo meu primer vagit,
quant del mugró matern la dolça llet bevia;
en llemosí al Senyor pregava cada dia,
i càntics llemosins somniava cada nit.
Si, quan me trobo sol, parl amb mon esperit,
en llemosí li parl, que llengua altra no sent,
i ma boca llavors no sap mentir, ni ment,
puix surten mes raons del centre de mon pit. 40

Ix, doncs, per expressar l'afecte més sagrat
que puga d'home en cor gravar la ma del cel,
o llengua a mos sentits més dolça que la mel,
que em tornes les virtuts de ma innocent edat.
Ix, i crida pel món, que mai mon cor íngnat
cessarà de cantar de mon patró la gloria;
i passi per ta veu son nom e sa memòria
als propis, als estranys, á la posteritat! 48

Gosto ainda de falar a língua desses sábios
que encheram o universo com seu costume e leis,
a língua desses fortes que acataram os reis,
defenderam seus diretos, vingaram as afrontas.
Morra, morra o ingrato se ao soar em seus lábios
numa estranha região o acento natal, não chora,
se, ao pensar em seu lar, as saudades ignora,
nem toma do muro santo as líras dos avós. 32

Em lemosim soou meu primeiro gemido,
ao beber doce leite do mamilo materno;
em lemosim ao Senhor pregava todo dia,
e cantos lemosins sonhava toda noite.
Se, quando fico só, falo com meu espírito,
falo-lhe em lemosim, outra língua não sente,
e minha boca então não sabe mentir, nem mente,
pois surgem as razões do centro do meu peito. 40

Sai, pois, para expressar o mais sagrado afeto
que o céu possa gravar no coração humano,
ó língua a meus sentidos mais doce do que o mel,
devolves-me as virtudes de minha inocente idade.
Sai, grita pelo mundo, que nunca esta alma ingrata
cessará de cantar de meu patrão a glória;
passe por tua voz seu nome e sua memória
pra os outros, para aos nossos, para a posteridade! 48

XI
MOS CANTARS

Joaquim RUBIÓ i ORS, 1839

RUBIÓ ORS, J. *Lo gaiter del Llobregat*. 1841, p. 29-32
<http://books.google.com.br>
(Texte editado segundo as normas ortográficas atuais do IEC)

Si amb mos cantars senzills, oh Pàtria mia,
terra sagrada on mon bressol sens gales
balandrejà, al trist to de ses balades,
una mare amb amor;
si cantant de record jo puc un dia
ta corona refer, que, fulla a fulla,
dispersà per tes planes regalades
dels segles lo rigor. 8

Dels antics trobadors la muda lira
jo arrencaré de llurs humits sepulcres;
i el geni que divaga entre llurs lloses
plorant invocaré.
I despertant-ne les que el món admira
ombres sagrades, noms cenyits de glòria,
los comtes i antics reis, i llurs famoses
batalles, cantaré. 16

Jove sóc, oh Pàtria! Sí, i la mà encara
tremola sobre l'arpa on la cigala
brillà dels trobadors, on ressonaren
los cants dels Cabestanyes:
jove sóc; mes, què importa si m'ets cara?
Oh Laletània! Si a ton nom ses ales
bat mon trist cor, em sobra en patri amor

XI
MEUS CANTARES

Joaquim RUBIÓ i ORS, 1839

(Tradução para o português brasileiro)

Se meus cantares simples, ó Pátria minha,
terra sagrada onde berço sem galas
balouçou, ao tom triste das antigas,
uma mãe com amor;
se cantando as lembranças posso um dia
refazer a coroa que, folha a folha,
dispersou pelos vales regalados
dos anos o rigor.

8

De antigos trovadores a muda lira
eu arrancarei de seus humildes túmulos;
e o gênio que divaga entre as lájeas
chorando invocarei.
E ao acordar aquelas que o mundo admira
sombrias sagradas, nomes gloriosos,
os condes e antigos reis, e as famosas
batalhas, cantarei.

16

Jovem sou, ó Pátria! Sim, a mão ainda
treme acima da harpa onde a cigarra
brilhou dos trovadores, onde ressoaram
os cantos do Cabestany:
jovem sou; e não importa se a pátria é cara?
Ó Laietânia! Se com esse nome
bate o triste coração, sobra amor pátrio

allò que em falta en anys. 24

Durs seran mos cantars. Sense harmonia
saltaran de mon cor mos sentits versos,
com de l'acer rogent salten, hermosos,
trossos de foc brillants.
Mes no se'ls titllarà de bastardia,
puix llemosins seran encara que aspres,
i en records rics i en fets cavallerosos
dels herois laletans. 32

Durs, sí, mes nobles com lo vol de l'àliga;
mes lliures com los monts que llurs nevades
crestes, que roures de mil anys ceneixen,
aixequen fins al cel.
Ni en sonoroses voltes assentades
en lleugeres columnes d'or i marbre
daran venals llaors als qui mereixen
Sols despreci cruel. 40

Ni temes, Pàtria, que amb cantars joiosos
tes llàgrimes insulti de viudesa,
ni recordi els vils noms dels que trencaren
lo ceptre de tos reis:
prestem son foc de Laletània el geni,
i al món recordaré la saviesa
dels antics i bravura que un jorn li daren
llur dialecte i llurs lleis. 48

Prestin-me llur geni els trobadors que dormen
en llits de marbre en pau i exempts de pena,
i en melós llemosí, puix és l'idioma
amb que parlo al Senyor,
cantaré tes grandeses, Catalunya,
tos comtes i reis braus que per l'arena
lo pendó arrossebaren de Mahoma,
del sarraí traïdor. 56

onde me faltam anos. 24

Rudes serão meus cantares. Sem harmonia
 saltarão do peito meus simples versos,
 como do aço ardente saltam, vivas,
 as faíscas de fogo.
 Mas ninguém chamará de bastardos,
 pois lemosins serão, mesmo sendo ásperos,
 e ricos em memórias e em feitos sublimes
 dos heróis laietanos. 32

Rudes, sim, mas nobres como o voo das águias;
 mas livres como os montes que suas nevadas
 cristas, cingidas por árvores de mil anos,
 levantam até o céu.
 Nem nas sonoras cúpulas erguidas
 sobre leves colunas de ouro e mármore
 darão banal louvor a quem merece
 só desprezo cruel. 40

Não tema, Pátria, que com canto alegre
 tuas lágrimas de viuvez insulte,
 nem lembre os ruins nomes dos que quebraram
 o cetro dos teus reis:
 demos ao fogo da Laietânia o gênio,
 e ao mundo lembrarei a sabedoria
 dos antigos e bravura que um dia deram
 seu dialeto e suas leis. 48

Deem-me o gênio os trovadores que dormem
 em leitos de mármore alheios às penas,
 e em meloso lemosim, pois é a língua
 em que falo ao Senhor,
 cantarei tua grandeza, Catalunha,
 teus condes e reis bravos que pela areia
 a bandeira arrastaram de Maomé,
 do mouro traidor. 56

Cantaré els paladins que en les riberes
del Jordà venerat, l'arena santa
amb sang tenyiren, que amb sa sang divina
lo fill de Déu regà,
i al jovenet galant que amb àgil planta,
penjada l'arpa al coll que al vent gemega,
baix lo daurat balcó d'on dorm sa nina
venia a sospirar.

62

I cantaré l'amor i ses dolçors
de les filles gentils de les muntanyes;
les del cos més airós que una urna grega,
més que un gerro de flors.
Puix no sempre ressona en les altures,
ni sota sostres daurats, ni en castells gòtics;
puix no desdenya les humils cabanyes,
l'arpa dels trobadors.

70

Cantarei os capitães que nas ribeiras
do Jordão venerado, a areia santa
com sangue tingiram, com sangue divino
que o filho de Deus jorrou,
e o moço galante que com ágil planta,
pendurada a arpa que no vento geme,
baixo da varanda onde dorme a menina
vinha a suspirar.

62

E cantarei o amor e a doçura
das filhas gentis daquelas montanhas;
as do corpo gracioso como uma urna grega,
como um vaso de flores.
Pois nem sempre ressoa nas alturas,
baixo os tetos dourados dos castelos;
e não desdenha singelas cabanas,
a arpa dos trovadores.

70

XII
LOS CANTS DEL LALETÀ

Adolf BLANCH CORTADA

BOFARULL, Antoni. *Los trovadors nous*. 1858, p. 31-33
<http://books.google.com.br>
(Texto editado segundo as normas ortográficas atuais do IEC)

Jo vull cantar-te, oh llengua llemosina,
ma dolça llengua, amada,
que és català mon cor i no et menyspreny,
i ell s'inspirarà en tos cants, llengua divina,
com s'inspirà a l'estendre la mirada
sobre el blanc front del nuvolós Montseny. 6

Jo vull cantar-te, oh dolça pàtria mia,
amb tes salvatges serres,
amb tos immensos boscos de verdor,
i amb tos torrents de màgica harmonia,
i amb tos records de mil glorioses guerres
que han vist lo Montserrat i el Canigó. 12

Mes en mos pobres cants, pàtria adorada,
no oiràs les harmonies,
tan tendres altre jorn, del gai saber;
ni en mi veuràs la inspiració sagrada
de Jordis, Bergadans, Marchs i Garcias,
dolç Aribau i deliciós Gaiter. 18

XII

O CANTO DOS LAIETANOS⁹⁹

Adolf BLANCH CORTADA, 1858

(Tradução para o português brasileiro)

Quero cantar a língua lemosina,
 minha doce língua, amada,
 catalão é meu peito e não te menospreza,
 e ele inspirou-se em teus cantos, língua divina,
 como se inspira ao estender o olhar
 sobre a branca testa do Montseny nubloso. 6

Eu quero cantar-te, doce pátria minha,
 com tuas selvagens serras,
 com teus imensos bosques de verdor,
 e com tuas nascentes de mágica harmonia,
 e com memórias de mil gloriosas guerras
 que viram o Montserrat e o Canigó. 12

Mas em meus pobres cantos, pátria adorada,
 não ouvirás as harmonias,
 tão tenras outrora, da gaia ciência;
 nem verás em mim a inspiração sagrada
 de Jordis, Bergadans, Marchs e Garcias,
 doce Aribau e o delicado Gaiter. 18

⁹⁹ Povo pré-romano que habitou algumas comarcas da atual Catalunha, dentre elas as terras que hoje ocupa Barcelona.

No et parlaré, oh ma llengua, com mos avis,
tan pura, tan hermosa;
serà ma veu d'un tendre infant lo crit;
però encara que tosca de mos llavis
sortís, ma pàtria és mare generosa
i al tendre infant li donarà son pit. 24

Jo buscaré en los racons
d'estes antigues muntanyes,
les tradicions misterioses,
les més senzilles balades;
i de castell en castell,
i de cabanya en cabanya, 30
aniré com trobador,
penjada l'arpa a l'espatlla,
deixant anar aquí un lai,
i allí un record a ma pàtria.

Jo m'inspiraré en los boscos,
al ric, ric, de la cigala, 36
o a la vora d'un torrent
a on se precipita l'aigua,
i allà, en lo cim d'algun puig,
o en la fatigosa platja,
sentiré el jugar del vent
amb les cordes de mon arpa, 42
com los crits dels mariners,
com d'algun pastor la gaita.

Mes, a l'arribar cansat
a un castell de vella fàbrica.
Quin alcaid m'obrirà allí?
Quin ha d'escoltar mes balades, 48
si el castell ja estarà obert?
Si no hi haurà en ell una ànima,
i espantaré als esparvers,
amb mos cantars i amb mon arpa?

Não sei falar como os avós, ó língua,
 tão pura, tão formosa;
 minha voz será de tenro infante o grito;
 porém embora tosca de meus lábios
 surgindo, a pátria é mãe generosa
 e ao tenro infante oferecerá o peito. 24

Procurarei nos recantos
 dessas antigas montanhas,
 as tradições misteriosas,
 as mais singelas canções;
 e de castelo em castelo,
 e de cabana em cabana, 30
 irei como trovador,
 no ombro pendurada uma harpa,
 deixando ir um lied aqui,
 e ali uma lembrança da pátria.

Vou me inspirar nas florestas,
 no cri-cri de uma cigarra, 36
 ou à beira das nascentes
 por onde baixam as águas,
 e lá, no cume de um pico,
 ou na fadigosa praia,

sentirei brincar o vento
 com as cordas de minha arpa, 42
 como gritos de marujos,
 como de um pastor a gaita.

Mas, em chegando cansado
 num castelo de velha fábrica.
 Que alcaide me abrirá ali?
 Quem há de escutar meus hinos, 48
 Se o castelo já está aberto?
 Se nele não há vivalma,
 e espantarei os gaviões,
 com meus cantos e minha arpa?

Però no: en sos murs antics,
que blasons són de ma pàtria 54
los millors, haig de sentar-me;
allí ses glòries passades
cantaré, i potser s'aixequi
d'alguna fossa oblidada
algun antic cavaller,
que m'agraesqui mos càntics! 60

XIII
A LA LLENGUA CATALANA

Bonaventura PONS i FUSTER, 1858

BOFARULL, Antoni. *Los trovadors nous*. 1858, p. 348-357
<http://books.google.com.br>
(Texto editado segundo as normas ortográficas atuais do IEC)

Sota del vell Pirineu,
la muntanya de dues cares,
que a França amb la de neu mira,
i amb la de mel a l'Espanya;
en la vall dels rossinyols, 5
de les fontetes gelades,
de les ribes de gra d'or,
i dels formatgets de plata;
trista viu una pastora
tant modesta com galana, 10
que si no es veu perseguia,
quasi plora abandonada.
Encara que porta ret,
i l'espardenyeta calça,
amb lo gipó de vellut, 15
i la veta a mitja cama,
no li falten bons vestits,
ni gràcies tampoc li falten,
ni els records d'amics fidels,
ni l'amor de les muntanyes. 20
No és de les que per son tall
al primer cop d'ull agraden,
però penetrant-li el pit,
ben coneguda i tractada,
mes que galana pastora, 25
és una dama que encanta.

XIII
PARA A LÍNGUA CATALÃ

Bonaventura PONS i FUSTER, 1858

(Tradução para o português brasileiro)

Embaixo dos Pireneus, montanhas de duas caras, que com neve à França olham, e com mel olham à Espanha; no vale do rouxinol,	5
dessas fontinhas geladas, dessas margens de grão de ouro, e das alhetas de prata; triste vive uma pastora tão modesta como casta,	10
e se não é perseguida, quase chora abandonada. Embora que malha leva, e de chinelinho anda, com o gibão de veludo,	15
nas pernas fitas laçadas, não lhe faltam bons vestidos, nem carece ela de graças, nem lembranças dos amigos, nem o amor dessas montanhas.	20
Não é das que pelo jeito a primeira vista agradam, mas penetrando-lhe o peito, se conhecida e tratada, mais do que gentil pastora,	25
é uma dama que encanta.	

D'un mateix bressol eixits,
 l'estimo més que germana,
 i amb ella vaig a passeig,
 i amb ella passo les tardes, 30
 rient de l'home infeliç
 les polítiques patranyes,
 i plorant d'ulls i de cor
 les desgràcies de la Pàtria.
 Encara que per lo món 35
 corri valguda sa fama,
 si bé per molts deprimida,
 si bé de pocs ensalçada,
 mai vol dir-me lo seu nom
 per més esforços que faça, 40
 no sé si d'averkonyida,
 o de massa recatada.
 Un dia que estàvem sols,
 contemplant una cascada 45
 que entremig de ses escumes
 tira brillants en lloc d'aigua;
 mentre miràvem a Déu
 en lo sol que n'eixugava
 les llàgrimes de sa filla,
 que, de dolor o de ganes, 50
 n'havia llençat un riu
 en aquella matinada;
 repetint-li mos desigs,
 mon amor, i mes pregàries,
 me dispensà carinyosa 55
 eixa dolça confiança.

- Per més que em vegis pastora
 sobre una roca sentada,
 amb mocadoret al cap
 i la fandilleta blava, 60
 encara tinc los vestits
 de quan de senyora anava,

Do mesmo berço saímos,
amo-a como a minha irmã,
juntos passamos as tardes,
e fazemos caminhadas, 30
rindo do homem infeliz
as políticas patranhas,
e chorando de alma e de olhos
as desgraças desta Pátria.
Ainda que pelo mundo 35
corre válida sua fama,
por muitos desestimada,
e por poucos elogiada,
nunca me diz o seu nome
por mais esforços que eu faça, 40
por estar envergonhada,
ou por ser muito acanhada.
Um dia que estávamos sós,
contemplando uma cascata
que no meio das espumas 45
brilhantes joga em vez d'água;
e contemplávamos Deus
no sol onde se enxugavam
as lágrimas de sua filha,
que um rio delas jogara, 50
não sei se por dor ou anseio,
nessa mesma madrugada;
repetindo os meus desejos,
as palavras que eu pregava,
dispensou-me carinhosa 55
esta doce confiança.

- Você me vê aqui pastora
sobre uma rocha sentada,
com um lenço na cabeça,
com uma saia azulada, 60
mas guardo ainda os vestidos
de senhora que trajava,

los pergamins de comtessa,
 i mantó de sobirana.
 De molts sempre pretenguda, 65
 de ningú mai trepitjada,
 la noblesa m'escrivia,
 los poetes me cantaven,
 me predicaven los bisbes,
 i em respectaven los papes. 70
 Los rics-homs, que d'algun temps
 sembla que em giren la cara,
 me rendien los genolls
 i les meves mans besaven;
 i jo firmava les paus, 75
 i lleis eren mes paraules,
 i per mi manava el rei
 i amb mi donava ambaixades,
 i en tot i per tot em deien
 la reina de la comarca. 80
 Així passaven los temps,
 i així centúries passaven,
 fins un dia que, no sé
 si per ma sort o desgràcia,
 ma meva amistat volgué 85
 una hermosa castellana,
 pura com un serafí,
 tendra com infantils llàgrimes,
 noble com la cort del rei,
 i dolça com melmelada. 90
 Coberta de grans tresors,
 de majestat i elegància,
 a la llum dels seus brillants,
 coronada d'esmaragdes,
 l'estrenyí, més que en mos braços, 95
 en mes fogoses entranyes;
 i allí li doní petons,
 allí l'omplí d'abraçades,
 allí regnà per llarg temps

pergaminhos de condessa,
e manto de soberana.
Por muitos fui pretendida, 65
Por ninguém jamais domada,
a nobreza me escrevia,
os poetas me cantavam,
me predicavam os bispos,
me respeitavam os papas. 70
Os ricos, que há algum tempo
ante mim viram a cara,
me rendiam os joelhos
e as minhas mãos beijavam;
então eu assinava a paz, 75
e leis eram minhas palavras,
e por mim mandava o rei
comigo fazia embaixadas,
e lá onde for sempre era
a rainha da comarca. 80
Assim passava-se o tempo,
e assim centúrias passavam,
até um dia em que, não sei
se por sorte ou por desgraça,
minha amizade buscou 85
uma bela castelhana,
pura como um serafim,
tenra como infantis lágrimas,
com a nobreza dos reis,
doce como goiabada. 90
Coberta de mil tesouros,
de majestade e elegância,
sob a luz dos seus brilhantes,
coroadas de esmeraldas,
apertei-a, entre meus braços, 95
entre as fogosas entranhas;
e ali lhe dei tantos beijos,
e de abraços a colmava,
ali reinou muito tempo

la princesa de les gràcies.	100
Mes ai! pobreta de mi!	
Que jo llavors no pensava	
vingués un dia també,	
(com ha vingut pla bé massa)	
que amb negres ingrituds	105
em pagués les abraçades,	
em robés los meus amors,	
em deixés tota eclipsada,	
i a força de mil afronts	
em portés a la muntanya.	110
- Perdona, bella pastora,	
si, interrompent tes desgràcies,	
una pregunta et fa el cor	
per eixir de pena i ànsia.	
Serà cert que vulguis dir	115
Amb tes paraules amargues	
que en la cort de Berenguer	
governa una <i>Castellana</i> ?	
-No em queixo, pastor, d'això,	
ja que Déu així ho mana,	120
i que entre dames rivals	
sempre guanya la més guapa;	
mes ja que alabant-la amb gust,	
i besant-la sobirana,	
veig que sempre fuig de mi,	125
i em tracta com a vassalla,	
em desterra de sa cort,	
i no em vol en les grans sales,	
i fins en públics consells	
em priva de la paraula,	130
o per matar-me a pesars,	
o perquè mori afrontada,	
es per ço, lo bon pastor,	
que em trobes aquí sentada,	

como princesa da graça. 100

Mas ai! Coitada de mim!

Então eu não pensava

que viesse um dia também

(como os que depois chegaram)

que com negra ingratidão 105

me pagasse os abraços,

me roubasse meus amores,

me deixasse eclipsada,

e a força de mil afrontas

me levasse até a montanha. 110

- Desculpe, bela pastora,

se, interrompo suas desgraças,

mas a pergunta que tenho

quer sair com pena e ânsia.

Será que você quer dizer 115

com palavras tão amargas

que em cortes de Berenguer

governa uma *Castelhana*?

-Não me lamento, pastor,

pois Deus assim o manda, 120

e entre duas damas rivais

sempre a mais bela é que ganha;

mas embora eu a elogie,

e a beije soberana,

vejo que foge de mim, 125

e me trata de vassala,

me desterra da sua corte,

não quer que eu fique nas salas,

até nos conselhos públicos

me despoja da palavra, 130

pra me matar de pesares,

ou pra que eu morra afrontada,

por isso, ó bom pastor,

você me vê aqui sentada,

amb mocadoret al cap 135
i la fandilleta blava;
i ja que anyellets pastura
la que un dia manà esquadres,
no vulguis saber lo nom
de la reina abandonada. 140

- Quant més abatuda et veig,
més de saber-lo tinc ganes,
que encara que antic pastor
i amb la cabellera blanca,
sembla que em dona lo cor 145
un crit de noble venjança,
al veure fills i vassalls
que així abandonen ta causa.

- Molt cert és que amb mos tresors
podrien bé defensar-la, 150
més tu no saps el que pot
l'hermosura castellana!

Per ella molts m'han deixat
com a tonta i mal girbada
uns me parlen amb disgust, 155
altres amb la cara baixa,

i alguns pocs que de fidels
sempre em protesten amb cartes
me motegen tot sovint,
i lo que més sento encara, 160
em posen noms que no tinc,

i gales emmanllevades,
sento així que de les meves
en tinc prou, si bé les gasten.

Sols del fabril Llobregat 165
en les vores enramades
canta pura, alt i joiosa
una dolcíssima gaita
de mos vassalls lo poder,

com um lenço na cabeça, 135
 com uma saia azulada;
 pastorando cordeirinhos
 quem um dia mandou esquadras,
 não queira saber o nome
 da rainha abandonada. 140

- Quanto mais triste te vejo,
 mais de sabê-lo vem ânsia,
 mesmo sendo pastor velho
 e já tendo a barba branca,
 sinto que meu coração 145
 grita de nobre vingança,
 ao ver filhos e vassalos
 abandonarem tua causa.

- Por certo que meus tesouros 150
 bem podiam ampará-la,
 mas você ignora o poder
 da beleza castelhana!

Por ela muitos me deixam
 como tola e desleixada
 uns me falam com desgosto, 155
 outros abaixam a cara,
 e alguns poucos fieis

sempre protestam com cartas
 apelidam-me a miúde,
 e ainda o que mais me cansa, 160
 dão-me nomes que não tenho,

e outras galas emprestadas,
 entendo que com as próprias
 se bem as usam, me basta.

Só do fabril Llobregat 165
 nas beiras enramadas
 canta pura, alta e alegre
 uma docíssima gaita
 de meu vassalo o poder,

- dels meus fills nobles hassanyes, 170
la dolçura de ma veu,
i el valor de mes plomades.
Oh! Gaiter que et tinc al cor!
Oh! Bon gaiteret de l'ànima!
Content sempre amb mon amor 175
i amb la corona que et guarda,
Déu te doni imitadors
com ja crec que algun n'aguaita.
- Retira, hermosa, la veu
que d'amor se t'ha escapada, 180
perquè si ara no fa molt
sentia crits de venjança,
veig que el gelós escurçó
rosegant va mes entranyes,
ja que sens forces ni veu, 185
ni amb l'ajuda de la gaita,
no puc ser lo teu amant,
ni cantar tes alabances.
- No series dels primers
que dama i corona guanyen, 190
si treballa amb zel lo cor,
i la voluntat no falta;
perquè molt fa aquell que vol
i molt poc el que desmaia;
tudo pode coração e zelo 195
quando os dois juntos trabalham.
- Si los cants surten del cor,
i lo zel fa la tonada,
amb la voluntat que et tinc
podria dir coses altes; 200
mes com cantarà un pastor
si no té veu ni té flauta,
que quasi no pot xiular,

- dos meus filhos as façanhas, 170
 a candura de minha voz,
 e de minha pluma a audácia.
 Gaiteiro do coração!
 Gaiteirinho de minh'alma!
- Contente com meu amor 175
 e a coroa que te guarda,
 Deus te dê imitadores
 como alguns que agora surgem.
- Retira, senhora, a voz
 que de amor te escapava, 180
 pois se bem agora a pouco
 senti gritos de vingança,
 vejo o ciumento aguilhão
 roendo minhas entranhas,
 já que sem forças nem voz, 185
 nem com a ajuda da gaita,
 não posso ser seu amante,
 nem te louvar com palavras.
- Você não seria o primeiro
 que dama e coroa ganha, 190
 se trabalha com desvelo,
 e a vontade não falta;
 pois muito faz quem quer
 e pouco faz quem desmaia;
 mes tot ho fan cor i zel 195
 quan tots dos amb gust treballen.
- Se os cantos saem do peito,
 e o zelo faz a toada,
 com a vontade que eu tenho
 posso dizer coisas altas; 200
 mas, como cantará o pastor
 se não tem nem voz nem flauta,
 mal consegue assobiar,

ni sap fer sona' una canya? No veus glaçats mos cabells?	205
- Jo te'n daré d'or i plata. - I si vull entra' en torneig? - T'armaré d'espasa i llança. - I si parlar tinc al Rei? - Pren lo meu respecte i gràcia. - I si tot això no és prou? - Aquí tens totes mes gales.	210
- Allà vaig, doncs, gran senyora, allà vaig ple d'esperances, ja que amb tes joies me'n duc les nou muses replegades.	215
Incansable trompeter, vaig a publicar ta fama, del Tordera fins al Cinca, des de la serra a la platja, per lo salat Cardoner i la sèquia manresana, que de tos antics brillants porta la llum en ses aigües ¹⁰⁰ .	220
I fins que vegi per tot tes glòries reconquistades, no tornaré satisfet a besar les teves plantes.	225
- Mes no abans que pleit homatge em juris com és usança, i deu fer tot cavaller	230

¹⁰⁰ La ciutat de Manresa sofrí un interdit per raó de sa sèquia, que cessà amb la vinguda de tres llums que, partint de Montserrat, se posarem en lo convent del Carme, a on se venera com a miracle.

nem fazer soa' uma cana? Não vê a neve em meu cabelo?	205
- Eu vou te dar voz de prata. - E se eu entrar em torneio? - Vou te armar de espada e lança. - Se devo falar ao Rei? - Tome o meu respeito e graça. - E se não basta com isto? - Aqui tem todas as galas.	210
- Lá vou, pois, grande senhora, lá vou cheio de esperanças, já que levo junto as joias as nove musas prendadas. Incansável trombeteiro, vou publicar sua fama, do Tordera até o Cinca, desde a serra até a praia, no salgado Cardoner pela acéquia manresana, que dos antigos brilhantes leva a luz nas suas águas ¹⁰¹ .	215
Até não ver em toda parte as glórias reconquistadas, não voltarei satisfeito a beijar as suas plantas.	220
Até não ver em toda parte as glórias reconquistadas, não voltarei satisfeito a beijar as suas plantas.	225
- Mas não antes que homenagem me jure como é usança, e dever do cavalheiro	230

¹⁰¹ A cidade de Manresa sofreu uma interdição per causa da seu açude, que cessou com a vinda de três luzes que, partindo do mosteiro de Montserrat, pousaram no convento do Carmo, onde se venera como milagre. [nota no original]

- se luta entre duas damas
que lhe darão mil pesares,
se a morte antes não acha. 235
Bem conheço seu valor,
e sei da sua constância;
em todo lance e perigo
em torneio e na batalha,
jura ficar fiel a mim?
- Por Deus juro e por sua estampa. 240
- E se um dia for traído?
- Por isso brilha esta espada.
- E se perde a batalha?
- Ninguém vence a sua lança.
- E se a justiça te prende? 245
- Levo certa tua graça.
- Se te escarnecem nas ruas?
- Eu confio em tuas galas.
- E se a graça não alcança,
nem a espada, nem a lança, 250
e te encanta num palácio
a bonita *castelhana*?
- Humilde beijo o pé dela,
mas fico fiel a minha dama.
- Adeus, pois, bom cavalheiro. 255
- Adeus, condessa indomada.
- Ele coroe seu valor.
- E você a testa do que ama.
- Duas horas há que o peito
e meu cavalo trotavam, 260
não sei se trás da glória,
ou porque atrás a deixava,
quando a sentimento agudo
com uma forte pontada
viro a grupa meio círculo 265
e fui de volta à cascata,

a on encara la trobo
que ses llàgrimes rentava.

- Perdó, li dic, pel cavall,
si el cavaller no l'alcança, 270
tornant amb ànsia als teus peus
per la joia que li falta,

si vols sia ben rebut
de la cabellera banda.

Quan entri en noble torneig, 275
o surti de gran batalla,

a qui daré lo meu cor,
i la corona guanyada?

Quin nom tindrà mon escut?
Qui serà la meva dama? 280

- Si lo nom has menester
de la Reina abandonada,
digues que ets lo paladí
de la *llengua catalana*.

onde ainda encontro a pastora
que suas lágrimas lavava.

- Perdão, falo, pelo cavalo,
se o cavalheiro não alcança, 270
com ânsia torna a seus pés
de trás da joia que falta,

para ser bem recebido
entre cavalheira banda.

Ao entrar nos nobres torneios, 275
ou sair de grã batalha,

a quem darei o coração,
junto à coroa ganha?

Qual nome terá meu escudo?

Quem será a minha dama? 280

- Se o nome for mister
da Rainha abandonada,
fale que é o capitão
desta: a *língua catalã*.

XIV

EPIGRAMES

*D'un espanyol català,
contra els catalans mal castellanitzats*

Joan VINADER i NUBAU, 1858

BOFARULL, Antoni. *Los trovadors nous*. 1858, p. 473-475

<http://books.google.com.br>

(Texto editado segundo as normas ortográficas atuais do IEC)

En lloc de buscar bon mestre
que en castellà parli al noi,
pren la moda per sistema
l'especial Don Anton,
i en castellà vol que parli 5
amb criades i amb tothom...
Los fills que tinguin tals pares,
no seran mals traductors.

Per a donar-se més to, 10
un minyó del Priorat
diu que no se li recorda
lo parlar en català,
al·legant per gran motiu
que ha estat en Itàlia un any,
i així en castellà a tothom 15
parla sense pietat.
Què tal farà amb eixa llengua,
si ha oblidat la natural?

En Jaumet Taula, que n'era 20
rata de barco quan noi,
feu fortuna en les Amèriques

XIV

EPIGRAMAS

*De um espanhol catalão,
contra os catalães mal castelhanizados.*

Joan VINADER i NUBAU, 1858

(Tradução para o português brasileiro)

Em vez de buscar bom mestre
que em espanhol fale ao filho,
pega a moda por sistema
o esquisito seu Anton,
quer que fale em castelhano 5
com empregadas, com todos...
filhos que têm pais assim,
não serão maus tradutores.

Pra se dar importância,
um menino do Priorat 10
fala que não lembra mais
a linguagem catalã,
alegando por motivo
que ficou um ano na Itália,
desse modo em castelhano 15
sem piedade a todos fala.
O quê fará nessa língua,
se já esqueceu a natural?

O Jaumet Taula, era
um ratinho de navio, 20
fez fortuna nas Américas

i es va vestir de senyor.
Quan ha tornat a Calella
l'indiano poderós,
ha dit que del català 25
no en conservava record,
i en prova, que fins traduït
ha portat son propi nom.
Ara es diu *Don Santiago*
de Mesa, mes, per això, 30
no cregueu que ell s'ho escrigui,
puix mai ha sabut la O.
Quina llàstima que tornin
catalans de tan gran cor!

Vol descendir de Wamba 35
don Sebastià,
i ara, al passar-se noble,
s'ha fet donar
un títol en que explica
que n'eren ja 40
sos avis en Segarra
senyors feudals;
més al pensar-se el títol,
no ha calculat
que és un nom de Castella... 45
Què tal? Què tal?
Content estigui l'home,
lo demás rai.

e vestiu-se de senhor.
Quando voltou a sua aldeia
o colono poderoso,
falou que do catalão 25
não conservava lembrança,
e em prova até traduzido
trouxe mesmo o nome dele.
Chama-se agora *Don Santiago*
de Mesa, mas, mesmo assim, 30
nem pensem que ele o escreva,
pois nunca soube uma letra.
Que dor que voltem catalães
de tamanho coração!

Quer descender do rei godo 35
seu Sebastião,
para se fazer de nobre,
conseguiu que lhe dessem
um título onde explica
que fora o avô 40
na vila de Segarra
senhor feudal;
mas ao pensar o título,
não calculou
que é nome castelhano... 45
Que tal? Que tal?
Ficando o homem feliz,
o resto lorotas.

XV

LO TROBADOR ROMEU

(*Adéus a la pàtria*)

Albert de QUINTANA i COMBIS, 1856

BERDAGUER, Antoni. *Los trovadors moderns*. 1859,
p. 203-205 <http://books.google.com.br>
(Texto editado segundo as normas ortográficas atuais do IEC)

França. Lo primer jorn.

Un immens platanal ombra em donava
omplint d'un aire pur i fresc mon pit
la campana de vespres ja sonava...
camina, trobador, que ve la nit! 4

Los arbres cap al cel llur braç alçaven
com volent-ne dona' el món a l'oblit:
les brises de la tarda ja em deixaven...
camina, trobador, que ja és de nit! 8

Un Déu pren a grapats les estrelletes
pel firmament llançant-les atrexit:
fugen les unes, altres queden quietes...
camina, trobador, que ja és de nit! 12

I la nit dels misteris és l'hora,
i s'apaga per tot de vida el crit:
ple el món és de poesia, el cel ne plora...
camina, trobador, que ve la nit! 16

XV

O TROVADOR ROMEU

(Adéus a la pàtria)

Albert de QUINTANA i COMBIS, 1856

(Tradução para o português brasileiro)

França. O primeiro dia.

Uma imensa acácia sombra dava
enchendo de ar puro e fresco meu peito,
o sino vespertino já soava...
caminha, trovador, a noite vem! 4

As árvores pro céu o braço alçavam
querendo esquecer o mundo dormido:
as brisas da tarde já me deixavam...
caminha, trovador, já anoiteceu! 8

Um Deus cata punhados de estrelas
lançando-as atrevido ao firmamento:
fogem algumas, outras ficam quietas...
caminha, trovador, já anoiteceu! 12

E a noite dos mistérios é a hora,
e apaga-se algures da vida o grito:
cheio o mundo está da poesia que o céu chora...
caminha, trovador, a noite vem! 16

I era una nit quieta, hermosa, pura,
com l'oració de la innocència a Déu;
un vent suau va divagant, murmura,
murmura amors pels valls del Pirineu. 20

Dormint la mar sobre el llençol d'arena,
i reflectint la reina de la nit,
que allà en lo cel brillant-ne va serena,
com és seré d'una nineta el pit. 24

Esmaltades de blau i argent les ones
melancòlicament mira el cantor:
ai! No han cenyit son front de llor corones,
ni en sa gorra s'hi veu cigala d'or! 28

I va cantant, cantant a Déu que envia
al poeta humil la santa inspiració...
barrejant ton record, oh pàtria mia!
Als sons de l'arpa plena de tristor. 32

Record ple de dolçor
qual cant de Filomena,
que sobreeixint de pena
gemega dins lo bosc; 36

i encara que gemega
sos cants són d'harmonia,
que al cel també els envia
qual pobre trobador. 40

I pensa que eixa terra
no és terra molt estranya,
pel pla, per la muntanya
s'hi parla llemosí! 44

Aqueixa llengua hermosa
en que amb amor cantava
ma mare quan gronxava
al que la plora avui! 48

E era uma noite quieta, linda, pura,
como a reza de inocência a Deus;
vento suave divaga murmurando,
murmura amor nos pirenaicos vales. 20

Dormente o mar sobre o lençol de areia,
refletindo alta a rainha da noite,
que lá no céu brilhante vai serena,
como é sereno o peito das meninas. 24

Esmaltadas de azul e argento as ondas
melancólico mira este cantor:
ai! Não cinge a testa coroa de loiro,
nem tem cigarra de ouro no chapéu! 28

E vai cantarolando a Deus que envia
ao poeta humilde a santa inspiração...
misturando a lembrança, pátria minha!
com os sons da arpa cheia de tristeza. 32

Doce recordação
qual canto de Filomena,
que transbordando pena
geme na floresta; 36
e embora gementes

seus cantos são harmonia,
que ao céu também envia
qual pobre trovador. 40

E pensa que essa terra
não é terra muito estranha,
no plano, na montanha
fala-se lemosim! 44

Aquela língua bela
que amorosa cantava
minha mãe quando abanava
quem por ela hoje chora! 48

Aqueixa llengua diva, la glòria del poeta, que a l'arpa amoroseta s'uneix tant dolçament;	52
i en fi, la rica llengua per qui mon cor sospira, la llengua que m'inspira la que m'ha fet cantor.	56
Mes ai! no és eixa terra la plana que el Ter banya, voltant mans la cabanya a on ma filla viu;	60
i la mia veu no canta sinó la pàtria mia... L'estim tant, que voldria Que fos per mi tot sol!	64

Aquela língua diva, a glória do poeta, que com a harpa amorosa se une docemente;	52
e enfim, a rica língua por quem a alma suspira, a língua que me inspira e ela me fez cantor.	56
Mas ai! não é essa terra o vale que o Ter banha, ao redor da cabana onde minha filha mora;	60
e a minha voz não canta senão a pátria minha... Tanto a amo que quisesse que fosse só pra mim!	64

XVI

AUSIÀS MARCH

*(Poesia premiada amb l'englantina d' or
en los Jocs Florals de Valencia)*

Víctor BALAGUER i CIRERA

BEALAGUER, Víctor. *Los trovadors moderns*. 1859,
p. 306-313 <http://books.google.com.br>
(Texto editado segundo as normas ortográficas atuais do IEC)

*Als nobles senyors mantenidors dels jocs florals de Valencia en lo any
de 1859.*

ENDREÇA

Cançons d'amor murmuraran mos llavis
si em donau lloc dels jocs en lo festí.
La llengua de mos avis
jo sols conec; só un bardo llemosí. 4

Los jocs florals són fills de la Provença,
i puix la porta obriu als jocs florals,
seria fer d'allò passat ofensa
en desdenyar les arpes provençals. 8

Jo bé sé que la llengua de Castella
és dolça a fe com de l'Himet la mel;
l'escolta el cor perquè la rep l'orella
com un cant harmoniós baixat del cel: 12

XVI

AUSIÀS MARCH

(Poesia premiada com a englantina de ouro nos Jogos Florais de Valência)

Víctor BALAGUER i CIRERA,

(Tradução para o português brasileiro)

Aos nobres senhores organizadores dos jogos florais de Valência no ano de 1859.

DEDICATÓRIA

Canções de amor murmurarão meus lábios
se darmos passo aos jogos no festim.
A língua de meus avós
só conheço; sou um bardo lemosim. 4

Os jogos florais são filhos da Provença,
então abram a porta aos jogos florais,
seria fazer ao passado ofensa
desdenhar as arpas provençais. 8

Eu bem sei que a língua de Castela
é doce como do monte Himet o mel;
escuta a alma, recebem os ouvidos,
harmônico canto descido do céu: 12

Mes ma llengua és la llengua en que algun dia
compongueren llurs lais los trobadors,
i el món trobava dolça l'harmonia
de llurs descords i llurs cançons d' amors. 16

Poetes que del Túria en la ribera
obriu gloriós camí a la joventut
a sos ulls arvolant noble bandera,
salut! Poetes coronats, salut! 20

Als qui, guardant dels avis la memòria,
honren sa llengua, que és tresor natal,
puix són llurs dignes nets, Déu los dó gloria!
Jo els envio un saludo fraternal! 24

Cançons d'amor murmuraran mos llavis
si em donau lloc dels jocs en lo festí,
mes, cantaré en la llengua de mos avis,
que altra no sap lo bardo llemosí. 28

A AUSIÀS MARCH HOMENATGE I TRIBUT

Jo et conec, Ausiàs March, puix de la glòria
plena ne va la pàtria llemosina;
per tu guarda una pàgina la història
i un altar per ton nom guarda mon cor.
Petrarca llemosí, com no estimar-te
quant tant has estimat? Ah! Què fou ta vida,
entre dolors i penes englotida,
sinó un llarg dia de passió i d'amor? 36

Mas minha língua é a língua que um dia
compuseram seus lied os trovadores,
e o mundo achava doce a harmonia
de seus descords e suas canções de amores. 16

Poetas do rio Túria na ribeira
abram glorioso caminho à juventude
a seus olhos alçando nobre bandeira,
saudações, ó poetas coroados! 20

Aqueles que, guardando dos avós a memória,
honram sua língua, natal tesouro,
pois são dignos netos, Deus glória lhes dê!
Eu lhes envio saúdo fraterno! 24

Canções de amor murmurarão meus lábios
se darmos passo aos jogos no festim,
mas, cantarei na língua de meus avós,
que outra não sabe o bardo lemosim. 28

PARA AUSIÀS MARCH HOMENAGEM E TRIBUTO

Conheço-te, Ausiàs March, pois da glória
cheia vai a pátria lemosina;
pra ti guarda uma página a história
e um altar pra teu nome guarda o peito.
Petrarca lemosim, como não amar-te
quando tanto amaste? O quê foi tua vida,
entre dores e penas engolida,
além de um longo dia de paixão e amor? 36

Si el lloc sabés de ta ignorada tomba,
jo hi aniria en romeria santa;
de ta fossa los ecos amb sa planta
despertar gosaria el peregrí,
i sentiria a pler gronxar-se l'ànima,
i, ans ta tomba, romandre satisfeta,
que jo et conec, poeta:
encara nin, tos versos aprenguí. 44

Aprenguí que ta glòria era la glòria
de tota una nació, ton nom sa fama:
llegint tos versos, que l'amor inflama,
aprenguí ta memòria a venerar,
que palpitava sentia en cada esparsa
ton greu amor per la que fou ta aimia,
i en cada vers sentia
ton cor, ton noble cor llagrimejar. 52

Deixa'm. Ah! respirar de tes esparses
lo dolç perfum d'amor. Ma fantasia
sobre d'elles volteja cada dia
com una papallona sobre flors.
Llegint tos versos, llemosí Petrarca,
l'encens respiro de cent flors hermoses...
Tes trobes amoroses
què dolces són, oh rei dels trobadors! 60

Jamai ningú sabrà pintar com pintes
la passió de l'amor i son martiri:
tos versos són la febre del deliri
i són tos cants l'anàlisi del cor.
Què bé parlen tos cants, rics en imatges,
a l'ànima que bat d'amor inquieta!
Ton llibre, dolç poeta,
és per cert lo breviar de l'amor. 68

Se o lugar soubesse de tua ignorada tumba,
 eu iria em romaria santa;
 de tua cova os ecos com sua planta
 despertar ousaria o peregrino,
 e sentiria com prazer balouçar a alma,
 e, ante tua tumba, permanecer satisfeita,
 pois eu te conheço, poeta:
 quando rapaz, teus versos aprendi. 44

Aprendi que tua glória era a glória
 de toda uma nação, teu nome fama:
 lendo teus versos, que o amor inflama,
 aprendi tua memória venerar,
 que palpitar sentia a cada estrofe
 teu grave amor pela que foi tua amiga,
 e a cada verso sentia
 teu nobre coração lacrimejar. 52

Deixa-me. Ah! respirar nos teus versos
 o doce perfume do amor. Minha fantasia
 sobre eles volteja a cada dia
 como uma borboleta sobre as flores.
 Lendo teus versos, lemosim Petrarca,
 respiro incenso de cem flores belas...
 Tuas trovas amorosas
 quão doces são, ó rei dos trovadores! 60

Jamais ninguém pintará como pintas
 a paixão do amor e seu martírio:
 teus versos são a febre do delírio
 e são teus cantos análise da alma.
 Como falam teus cantos, cheios de imagens,
 pra alma que bate de amor inquieta!
 Teu livro, doce poeta,
 por certo é breviário de amor. 68

Un jorn de estiu en que lo Sol vestia
amb sa daurada llum camps i verdura,
d' uns salzes abrigat per l'espessura
a mon plaer jo estava fantasiant,
i lo vent escoltava entre el brancatge,
i escoltava los coros harmoniosos
dels ocellets graciosos,
de branca en branca lleugerets saltant. 76

De prompte, un cant, hermós com llum de l'alba,
i dolç com de l'Olimp l'ambrosia,
féu sentir entre tots sa melodia:
era lo tendre cant del rossinyol.
Los ocellets, retuts per la hermosura
d'aquell cant harmoniós, d'acord callaren,
i atents tots escoltaren
dels llocs ombrils a lo cantor tot sol. 82

Així quan cantes tu, tots los poetes
t' escolten, encorbats sobre llurs lires,
que a tots amb tos cantars atraus i admires,
puix ets lo rossinyol dels trobadors.
Seductors són tos cants d'amor glòria,
hermoses són tes pures melodies...
Ton llibre de poesies
és un harem de pensaments d'amor. 90

Poeta, jo et conec. En nits d'insomni
t'he vist i t'he sentit. Moltes vegades
m'apareguí, del vent en les ratxades,
sentir ton cant, més fort que el huracà.
Jo, fantasiant, t'he vist en nit obscura,
i ta veu, com de un arpa l'harmonia,
amb dolsa melodia
aixis a mos oïdos ressonà: 98

Um dia de estio quando o Sol vestia
 com seu dourado lume campos e verdura,
 entre salgueiros oculto na espessura
 a meu prazer eu estava fantasiando,
 e o vento escutava entre a ramagem,
 e escutava os coros harmoniosos
 de pássaros graciosos,
 de galho em galho ligeiros saltando. 76

Então, um canto, belo como a luz d'alba,
 e doce com do Olimpo a ambrosia,
 fez sentir entre todos a melodia:
 era o tenro canto do rouxinol.
 Os passarinhos, presos da beleza
 daquele canto harmonioso, calam,
 e atentos todos escutam,
 desde lugares sombrios, o cantor. 82

Assim se cantas tu, todos os poetas
 escutam, corcovados sobre as liras,
 que a todos com teus cantares admiras,
 pois és o rouxinol dos trovadores.
 Sedutoras canções de amor e glória,
 belas são tuas puras melodias...
 Teu livro de poesias
 é um harém de pensamentos d'amor. 90

Poeta, conheço-te. Muitas vezes
 já te vi e senti nas noites de insônia;
 pareceu-me, do vento nas rajadas,
 sentir teu canto, mais forte que o tufão.
 Eu, fantasiando, te vi em noite obscura,
 e tua voz, com de uma arpa a harmonia,
 com doce melodia
 assim a meus ouvidos ressoou: 98

«Jo só! Feriu! Per quant, tempestats feres,
gardeu los llamps? Què més voleu? Feriu!
Jo us sentiré gronxar-me falagueres
si en la nit de la tomba m'adormiu.
Després de mi, solcar vull les esferes
banyant-me en tempestats. Mes vestidures
seran núvols flotants, los llamps mes gales...
A córrer les altures,
porteu-me, vents, de l'huracà en les ales! 106

«Para't i escolta'm, tempestat! Les penes
mon cor han traspasat amb son fibló.
Los dies són per mi dures cadenes...
Lliure vull ser: la vida és ma presó.
Un llamp envia'm, tempestat, i festa
serà en mon cor! Lo viure m'és amarg.

*Jo som aquell que en lo temps de tempesta
vaig sobre neu, descalç, ab nua testa,
jo som aquell que diuen Ausiàs March! 114*

«Mon cor! mon pobre cor! Bé me'l desgarres,
ombra inclement de mos perduts amors!
Mon cor viu en les ungles dels dolors,
com lo colom de l'esperver en garres.
Oh! Deixeu-me cantar! Mos cants són plors.
Quan sent lo rossinyol que li regala
lo greu dolor, la fel de sa agonia,
cantars més dolços als espais envia;
quan la corda d'un arpa es romp, exhala
en comptes d'un gemec, una harmonia. 124

« Sou eu! Firam! Quantas tempestades feras
 guardam trovões? Que mais procuram? Firam!
 Sentirei balançar-me lisonjeiras
 se na noite da tumba me adormeço.
 Depois de mim, vou sulcar as esferas
 Banhado em tempestades. Meu vestido
 será a névoa, o trovão minhas galas...
 A correr nas alturas,
 levem-me, ventos, do furacão nas asas! 106

«Para e escuta, ó tempestade! As penas
 meu peito traspassaram com sua fivela.
 Os dias são pra mim duras cadeias...
 Quero ser livre: a vida é a prisão.
 Um relâmpago envia, procela, e festa
 fará meu coração! viver é amargo.

*Jo som aquell que en lo temps de tempesta
 vaig sobre neu, descalç, ab nua testa,
 jo som aquell que diuen Ausiàs March!* 114

«Meu pobre coração! Bem se desgarra,
 sombra inclemente de perdidos amores!
 Meu peito vive nas unhas das dores,
 pombinha nas garras do milhano.
 Deixem-me cantar! Meus cantos são prantos.
 Quando o rouxinol sente que lhe ganha
 a grave dor, a fel de sua agonia,
 a mais doce cantiga aos espaços lança;
 quando a corda da harpa quebra, exala
 em vez de um gemido, uma harmonia. 124

«Jo sóc la nau que per la mar portada
va per contraris vents, sens aturall,
i en va busca per tot una ensenada,
i fons mai troba en lloc son escandall;
jo sóc lleuva de neu, desencaixada
per l'huracà del cim de una alta serra,
que, baixant amb prestesa que mai minva,
l' abisme busca que li ha obert la terra,
furiosa rodolant de timba en timba. 133

« Oh greu dolor que tots los dolors passes
tu de mon cor n'has fet niu d'amargures,
tu que *ets al hom com al cavall mordasses*
per mi s'han acabat ja les ventures.
Fereix de mort, Déu meu, mon pensament!
Fugiu, fugiu de mi, mortals criatures!
Jo no só un home, só un dolor vivent! 140

«Cervo ferit a qui la set abrusa,
no desitja la font com jo la calma.
De mon dolor mon pensament abusa
i del martiri porta el cor la palma.
Senyor Déu meu, amb l'ànima transida
jo visc amortallat en mon dolor,
i, ai! Pel que té com jo mortal ferida,
Quant trista és la mortalla de la vida!
Quant dolça la mortalla de la mort! 149

«Sempre amb mon propi pensament en guerra,
visc de tristesa rodejat i dol:
la vida es per mon cor, pària en la terra,
un dia etern, etern i sense sol.
Voleu saber qui só?... Canya podrida
nascuda en mig del llot per desventura,
una espiga dels camps esmorteïda,
boia flotant del mar de l'amargura.

«Eu sou navio que pelo mar levado
 vai por contrários ventos, sem cabrestos,
 em vão procura alguma enseada,
 e o fundo nunca encontra sua âncora;
 sou alude de neve, desencadeado
 pelo trovão do cume da alta serra,
 descendo com presteza que não mingua,
 o abismo busca que lhe abriu a terra,
 furioso rodando de rocha em rocha. 133

«Ó grave dor que todas as dores passas
 no meu coração amargura fez ninho,
 tu que *ets al hom com al cavall mordasses*
 para mim acabou toda ventura.
 Fere de morte, meu Deus, o pensamento!
 Fugam, longe de mim, mortais criaturas!
 Eu não sou homem, mas uma dor vivente! 140

«Cervo ferido a quem a sede queima,
 não deseja a fonte quanto eu a calma.
 De minha dor meu pensamento abusa
 e do martírio traz o peito a palma.
 Senhor meu Deus, com a alma transida,
 vivo amortalhado em minha dor,
 Por aquele que tem como eu mortal ferida,
 Quão triste é a mortalha que dá vida!
 Quão doce a mortalha que dá morte! 149

«Sempre com meu pensamento em guerra,
 vivo de tristeza rodeado e luto:
 a vida é pra minha alma, pária na terra,
 um dia eterno, eterno e sem sol.
 Querem saber quem sou? Cana apodrecida
 nascida no meio da lama por desventura,
 uma espiga dos campos desmaiada,
 boiando pelo mar da amargura.

Jo no tinc fe, ni nord, ni tinc ventura...
Maleit lo jorn que ' m fou donada vida! 159

«Jo só! Feriu! Ah! Per quant, tempestats feres,
gardeu los llamps? Què més voleu? Feriu!
Jo us sentiré gronxar-me falagueres
si en la nit de la tomba m'adormiu.
Després de mi, solcar vull las esferes
banyant-me en tempestats. Mes vestidures
seran núvols flotants, los llamps mes gales...
A córrer les altures
porteu-me, vents, de l'huracà en les ales! 168

Pobre sublime bardo! De ses queixes
a torrents ne brotaren harmonies,
i més que cants de amor, són ses poesies
l'agonia mortal d'un noble cor.
En cada esparsa, delirant de febre
una llàgrima sua hi té incrustada
com gota de rosada
en lo calze puríssim de una flor. 176

Porteu-lo, vents, de l'huracà en les ales!
de les brises en braços fuig, hermosa,
banyant-se en raigs de sol la papallona,
deixant sa nimfa en un racó de món.
Lo poeta fuig també. La mort lo porta
com un vent de tardor porta les fulles,
deixant-nos per despulles
sos cants, ses obres, que sa nimfa són. 184

Porteu-lo, vents, de l'huracà en les ales,
però porteu-lo a la mansió divina
on té un palau la terra llemosina
pels que sa glòria foren i esplendor.
Porteu-lo allí on dels reis, herois i prínceps

Não tenho fé, nem norte, nem ventura...
Maleit lo jorn que ' m fou donada vida! 159

« Sou eu! Firam! Quantas tempestades feras
 guardam trovões? Que mais procuram? Firam!
 Sentirei balançar-me lisonjeiras
 se na noite da tumba me adormeço.
 Depois de mim, vou sulcar as esferas
 Banhado em tempestades. Meu vestido
 será a névoa, o trovão minhas galas...
 A correr nas alturas,
 levem-me, ventos, do furacão nas asas! 168

Pobre bardo sublime! De suas queixas
 caudalosas brolharam harmonias,
 e mais do que cantos de amor, são suas poesias
 a agonia mortal de um nobre coração.
 A cada estrofe, delirante de febre
 uma lágrima sua leva incrustada,
 como gota de orvalho
 no cálice mais puro de uma flor. 176

Levem-no, ventos, do trovão nas asas!
 das brisas em braços foge, formosa,
 banhando-se em raios de sol a borboleta,
 deixando a crisálida em um recanto.
 O poeta foge também. A morte leva
 como o vento de outono leva as folhas,
 deixando-nos por despojo
 obras e cantos, crisálidas são. 184

Levem-no, ventos, do trovão nas asas,
 mas levem-no para a mansão divina
 onde tem um palácio a terra lemosina
 para os que foram sua glória e esplendor.
 Levem-no lá onde dos reis, heróis e príncipes

tenen les ombres immortal morada,
que plaça reservada
hi allí entre tots pel màrtir de l'amor. 192

És Ausiàs March! és ell! sortiu-lo a rebre
savis que al món amb obres assombrareu,
i vosaltres, oh reis, que subjectareu
imperis grans al jou de vostra llei.
És Ausiàs March! És ell! Que li obre via
d'eixos morts coronats la turba inquieta.
Majestats del talent, plaça al poeta!
I majestats del trono, plaça al rei! 200

têm as sombras imortal morada,
que lugar reservado
ali haverá para o mártir do amor. 192

É Ausiàs March! Saiam a recebê-lo
sábios que o mundo com obras espantam,
e vocês, ó reis, que sustentaram
impérios grandes ao jugo desta lei.
É Ausiàs March! Abram-lhe o passo
os mortos coroados a turba inquieta.
Majestades do talento, lugar para o poeta!
Majestades do trono, deem passo ao rei! 200

XVII
LA LLENGUA MATERNA

Marià AGUILÓ i FUSTER, 1859

AGUILÓ Marià. <http://bib.cervantesvirtual.com>
(Texto editado segundo as normas ortográficas atuais do IEC)

Mes, qui ho sap? Què m'acoquina? Vida, fe i coratge tenc! Si el baf del mal no metzina lo foc que en mon pit encenc,	4
jorn vindrà que tant d'afecte, traient força del desig, lo que ara obir en projecte, lo que sols dins l'Ideal llig,	8
s'encarnarà en la paraula de la llengua que estim més i un llibre en serà el retaule on hi romanguí palès.	12
Noble parla benvolguda, dolça i rica llengua d'oc, tots te creuen abatuda i tu encara alenes foc!	16
Vine a refrescar mos llavis, llengua apresada en el bressol; si et menyspreen inflats savis, no és post per tu encara el sol!	20

XVII
A LÍNGUA MATERNA

Marià AGUILÓ i FUSTER, 1859

(Tradução para o português brasileiro)

<p>Mas, quem sabe? O quê me acanha? Vida, fé e coragem tenho! Se o bafo mau não envenena fogo que meu peito acende,</p>	4
<p>virá o dia que tanto apreço, tirando força do desejo, o que agora vejo em projeto, o que só no Ideal leio,</p>	8
<p>irá encarnar-se em palavras da língua que estimo mais e um livro será o retábulo onde permaneça claro.</p>	12
<p>Nobre fala benquista, doce e rica língua d'òc, todos te acham abatida e tu ainda alentas fogo!</p>	16
<p>Vem a refrescar meus lábios, língua aprendida no berço; se te desprezam os sábios, ainda não se pôs teu sol!</p>	20

Si ets esquerpa, i breu, i forta,
comportívola ets i suau;
als fills bords que et creuen morta,
crida, i diga'ls: Escoltau!... 24

Enrevoltat del bon poble
lo temps passat cantaré,
i el ressò de ta veu noble
dins cada pit sentiré. 28

Que si ara escarnida i muda
t'engeguen de la ciutat,
trepitjada i desvalguda
des que els reis t'han oblidat, 32

Illores rejuvenida
recobraràs tes colors,
per viure sempre enaltida
amb l'amor dels trobadors. 36

Com enyor, Mallorca, el dia,
dels meus jorns lo més bonic,
que eix mantell de poesia
que entreguait ta glòria abric...! 40

Mes, ai Déu!, en nostre idioma,
qui hi pot teixir tal mantell?,
¿on és l'enlairada ploma
que ses glòries renovell? 44

Tret d'aquells pocs qui l'alaben
sens voler-lo estudiar,
tots confessen que no el saben
i el gosen critiquejar. 48

Se és rude, e breve, e forte,
mas também suave e dúctil;
aos bastardos que te acham morta,
grita e diga-lhes: Escutem!... 24

Rodeado do bom povo
o tempo ido cantarei,
e o eco de tua voz nobre
em cada peito sentirei. 28

Pois se agora escarnecida
foste expulsa da cidade,
acalcanhada e desvalida
desde que os reis te esqueceram, 32

então rejuvenescida
recobrarás tuas cores,
para viver sempre erguida
com o amor dos trovadores. 36

Com saudade assim, Maiorca,
no mais lindo dos meus dias,
quando um manto de poesia
que enxergue tua glória espero...! 40

Mas, ai Deus!, na nossa língua,
quem pode tecer tal manto?,
¿cadê a pluma elevada
que suas glórias renove? 44

Além dos poucos que a alabam
sem querê-la estudar,
e confessam não sabê-la
embora ousem criticá-la. 48

Nostre desastruc llenguatge
tres centúries fa que es veu
que els forans ne fan ultratge
i els de casa en fan menyspreu. 52

Des que en sa trista orfenesa
l'exiliaren del Palau,
pels camins viu a la pagesa,
per les ciutats viu esclau. 56

Mesquineta desvalguda,
dolça llengua, qui et coneix?
L'ufaner que et ven ajudar
t'endogala i t'envileix. 60

Quants pocs són los qui et cultiven
i els que t'escarneixen quants!
Fins tos poetes te priven
dels mots propis en llurs cants. 64

Foraster llenguatge mena
la mà que en lo nostre escriu,
fent-li dringar la cadena
que el pensament duu captiu. 68

Lo llenguatge ardent i lliure
que enraona el català,
per què ha segles s'ha d'escriure
estrafent lo castellà? 72

Per vèncer tants grans obstacles,
on és l'elet trobador?
Mester fóra un dels miracles
que feia lo Salvador. 76

Nossa funesta linguagem
há três centúrias que está
ultrajada por estranhos,
e desprezada aqui em casa. 52

Depois que em triste orfandade
foi exilada do Palácio,
é camponesa no mato,
vive escrava nas cidades. 56

Mendicante desvalida,
doce língua, quem a sabe?
O ufanoso que te ajuda
te subjuga e envilece. 60

Poucos são os que te cultivam
e os que te escarnecem quantos!
Até os poetas te privam
dos próprios verbos nos cantos. 64

Forasteira linguagem leva
a mão que na nossa escreve,
e faz soar a corrente
que tem preso o pensamento. 68

A linguagem quente e livre
que conversa em catalão,
porque há séculos se escreve
remedando castelhano? 72

Pra vencer tamanhas provas,
cadê o eleito trovador?
Mister fosse um dos milagres
que fazia o Salvador. 76

Sols Ell pot girar l'estrella
del nostre parlar nadiu
si volgués dir a l'orella
de les gents sordes: oïu! 80

Digueu, Èfeta, el coratge
de la ignorant multitud
i cobrarà son llenguatge
mon trist poble sord i mut. 84

Cap nació pot dir-se pobra
si per les lletres reneix;
poble que sa llengua cobra
se recobra a si mateix. 88

Ele só mudará a estrela
do nosso falar nativo
se Ele falasse na orelha
das pessoas surdas: ouçam! 80

Dê-lhes, Éfeta, a coragem
da ignorante multidão
e cobrará sua linguagem
este triste povo mudo. 84

Nenhuma nação é pobre
se pelas letras renasce;
povo que sua língua cobra
recobra-se pra si mesmo. 88

XVIII
L'ARBRE DE LA PÀTRIA

Marià AGUILÓ i FUSTER, 1905

AGUILÓ Marià. <http://bib.cervantesvirtual.com>
(Texto editado segundo as normas ortográficas atuais do IEC)

ALEGORIA

En lo cor de nostra terra
quin arbre s'hi feu tan alt!
D'arbres com aquest a Europa
tantost pels dits són comptats.
Ses arrels que al fons s'endinsen, 5
s'escampen més que el brancam;
sa ampla soca rabassuda
pel menys lo menys té mil anys.
Del bell mig del tronc s'aixequen 10
drets i ardits grossos cimals,
com un gegant amb cent braços
que el cel vol abraonar.
Sa capçada de lluny sembla
mont altívol verdejant, 15
que ompl la immensa plana estesa
que té en gir d'olors suaus.
Mes, ara no és son brancatge
ni de molt lo que era abans;
de l'esponera que feia 20
no ens en resta una meitat.
Amb pues d'altra nissaga
la volgueren empeltar,
i l'heura i el rovell s'hi aferren

XVIII
A ÁRVORE DA PÁTRIA

Marià AGUILÓ i FUSTER, 1905

(Tradução para o português brasileiro)

ALEGORIA

Na entranha de nossa terra qual árvore cresceu tanto!	
Árvores assim na Europa com os dedos são contadas.	
Suas raízes se adentram,	5
mais do que se espalham os galhos;	
o amplo tronco volumoso pelo menos tem mil anos.	
E bem no meio se alçam direitos e ardidos caules,	10
é um gigante de cem braços que o céu busca abranger.	
A copa longe parece monte altivo verdejante,	
que enche esta imensa planície envolvida em cheiros suaves.	15
Mas, agora sua ramagem não é mais o que já foi;	
do viço que outrora tinha resta-nos metade só.	20
Com puas de outra linhagem quiseram-na enxertar,	
e a hera e a ferrugem aferram-se	

i l'ofeguen segles fa...
Tanta fulla li és caiguda, 25
tants rebrots s'han esqueixat,
li espellissen tant l'escorça,
que viu mústic i malalt.
Mes, encara s'hi aixopluga
tot un gran poble davall; 30
i ombra dolça i fullós jaç.
Tres milions són los qui l'aimen
si uns quants borts no l'aimen pas
hi ha milers n'escamparien
per defendre'l fins sa sang. 35
Que d'eixs arbres, si se'n troben,
són tan solius i tan clars,
que un només dins cada reialme,
només que un s'hi sol criar;
i n'és l'honra i la senyera 40
i lo trofeu pus preuat,
tant que amb sa ombra marca el regne
ses fites més naturals...

L'arbre de la nostra terra
no us diré que és lo més gran, 45
sé que l'amor n'és mal jutge,
per ço no el vull comparar.
Mes si us dic que és de la mena
del que aixoplugà els romans,
i dels pocs que d'ell nasqueren 50
n'és lo primer que fruità.
No l'aim, doncs, sols per que és nostre
ni per sa altesa sols l'aim;
sa dissort no merescuda
prou que em basta per aimà'l. 55
De tan bells ne sé alguns altres,
no cap de tan dissortat;

e há séculos que a afogam...
 Tanta folha foi caindo, 25
 tantos brotos se partiram,
 esfolam tanto sua côdea,
 que vive murcha e doente.
 Mas, ainda embaixo abriga
 um grande povo inteiro; 30
 sombra doce e farto leito.
 São três milhões estes que a amam
 se uns bastardos a detestam
 há centos que verteriam
 para defendê-la o sangue. 35
 Dessas árvores se encontram,
 são tão sólidas e claras,
 uma só em cada reino,
 uma costuma se criar;
 e sua honra e sua bandeira 40
 tanto é o troféu mais prezado,
 que com sua sombra baliza o reino
 seus marcos mais naturais...

A árvore da nossa terra
 não direi que é a maior, 45
 sei que amor é mal juiz,
 então não vou comparar.
 Mas falo que é da madeira
 da que abrigara os romanos,
 e das poucas que ela gerou 50
 foi a primeira que deu fruto.
 Não a amo só por ser nossa
 também não por sua alteza;
 seu azar não merecido
 basta-me para amá-la. 55
 Tão belas outras conheço,
 tão azarada, ela só;

lo que ha sofert sa brancada,
lo que ha sofert fa plorar!
Qui pot dir-la trencadissa 60
que hi han fet los temporals?
Un cop el torb lo fueiteja,
l'altre lo corseca el llamp;
i ell ferm, a peu dret fa cara
als vents que el van flagel·lant, 65
mes, si el malmeten i esfullen,
mai del món l'arrencaran.
Per això sol l'aimaria
si per altre no l'aimàs;
sols per ço els que en rebem l'ombra 70
lo deuríem venerar...

Mes, ai! que el temps duu al darrera
la boira i la fosquedat,
i tot jorn l'oblit n'esborra
la celístia del seu pas. 75
Qui en coneix la noble història
d'aquest arbre sobirà?
Qui estoja ses recordances?
Sa alta glòria qui la sap?
Ningú replega ses fulles 80
que el vent se'n duu redolant,
i gemeguen i se trenquen,
avui pols i demà fang...

tanto sofreram seus galhos,
o que sofreu faz chorar!
Quem pode dizer que é frágil? 60
O quê fez a tempestade?
Ora uma nevasca a açoita,
Ora a carcome o relâmpago;
e ela firme, em pé encara
ventos que a vão flagelando, 65
mas, se a estragam e desfolham,
nunca a arrancarão do mundo.
Só por isso devo amá-la
mesmo sem ter mais razões;
por isso quem ganha sombra dela 70
deveria venerá-la...

Mas, o tempo vai levando
a névoa e a escuridão,
todo dia o olvido apaga
o lampejo do seu passo. 75
Quem conhece a nobre história
dessa árvore soberana?
Quem recordação custodia?
Sua alta glória quem conhece?
Ninguém recolhe suas folhas 80
que o vento leva rodando,
e gementes se desfazem,
hoje pó e amanhã barro...

XIX
ODA A ESPANYA

Joan MARAGALL I GORINA,

Fonte: MARAGALL, <http://www.visat.cat/>
(Texto editado segundo as normas ortográficas atuais do IEC)

Escolta, Espanya, – la veu d'un fill
que et parla en llengua – no castellana:
parlo en la llengua – que m'ha donat
la terra aspra:
en 'questa llengua – pocs t'han parlat; 5
en l'altra, massa.

T'han parlat massa – dels saguntins
i dels que per la pàtria moren:
les teves glòries – i els teus records,
records i glòries – només de morts: 10
has viscut trista.

Jo vull parlar-te – molt altrament.
Per què vessar la sang inútil?
Dins de les venes – vida és la sang,
vida pels d'ara – i pels que vindran: 15
vessada, és morta.

Massa pensaves – en ton honor
i massa poc en el teu viure:
tràgica duies – a mort els fills,
te satisfieies – d'honres mortals, 20
i eren tes festes – els funerals,
oh trista Espanya!

XIX
ODE À ESPANHA

JOAN MARAGALL I GORINA, 1898

(Tradução para o português brasileiro)

Escuta, Espanha, –a voz de um filho
que fala em língua – não castelhana:
falo na língua – que me entregou
a terra áspera:
nesta língua – poucos falaram; 5
na outra, demais.

Demais falaram – dos saguntinos
e dos que pela pátria morrem:
as tuas glórias – e tuas lembranças,
lembranças, glórias – mas só de mortos: 10
viveste triste.

Eu quero falar – de outra maneira.
Porque jogar o sangue inútil?
Dentro das veias – o sangue é vida,
vida de agora – dos que virão: 15
jorrado, é morte.

Demais pensavas – na tua honra
e muito pouco em teu viver:
trágica levavas – à morte os filhos,
e satisfeita – de honras mortais, 20
e eram tuas festas – os funerais,
ó triste Espanha!

Jo he vist els barcos – marxar replets
dels fills que duies – a que morissin:
somrients marxaven – cap a l'atzar; 25
i tu cantaves – vora del mar
com una folla.

On són els barcos? – On són els fills?
Pregunta-ho al Ponent – i a l'ona brava:
tot ho perderes, – no tens ningú. 30
Espanya, Espanya, – retorna en tu,
arrenca el plor de mare!

Salva't, oh!, salva't – de tant de mal;
que el plor et torni fecunda, alegre i viva;
pensa en la vida que tens entorn: 35
aixeca el front,
somriu als set colors que hi ha en els núvols.

On ets, Espanya? – No et veig enlloc.
No sents la meua veu atronadora?
No entens aquesta llengua – que et parla entre perills? 40
Has desaprès d'entendre els teus fills?
Adéu, Espanya!

Eu vi os navios – partirem cheios
 dos filhos que levavas – para morrerem:
 sorrindo partiam – para o fado; 25
 e tu cantavas – à beira do mar
 com uma tola.

Onde estão os navios? – Onde os filhos?
 Pergunta ao Poente – e à onda brava:
 perdeste tudo, – ninguém ficou. 30
 Espanha, Espanha, – retorna em ti,
 arranca o pranto de mãe!

Salva-te, ó!, salva-te – de tanto mal;
 que o pranto te torne fecunda, alegre e viva;
 pensa na vida ao teu redor: 35
 levanta a testa,
 sorri às sete cores que têm as nuvens.

Cadê a Espanha? – Não está em nenhures.
 Não sentes minha voz trovejante?
 Não entendes esta língua – que fala entre perigos? 40
 Desaprendeste a ouvir os filhos?
 Adeus, Espanha!

XX

ELS FOCS D'AQUEST SANT JOAN

Joan MARAGALL i GORINA, 1907

Fonte: MARAGALL, <http://www.visat.cat/>
(Texto editado segundo as normas ortográficas atuais do IEC)

Ja les podeu fer ben altes
les fogueres d'aquest any:
cal que brillin lluny i es vegin
els focs d'aquest Sant Joan.
Cal que es vegin de València, 5
de ponent i de llevant;
i en fareu també a la Serra
perquè els vegin més enllà.
Que la terra està revolta 10
sota els peus dels occitans,
i convé que se'n recordin
de l'antiga germanat.
Des que fou esquarterada
no s'havia vist pas mai 15
redreçar-se alhora els trossos
cadascú pel seu costat.
Miracle, gent d'Occitània!
L'esperit d'Oc s'ha despertat,
tots la passarem en vetlla 20
eixa nit de Sant Joan.
Tots la passarem en vetlla
al voltant dels focs més alts,
perquè es parlin uns amb altres
com llengües de l'Esperit Sant.

XX
OS FOGOS DE SÃO JOÃO

Joan MARAGALL i GORINA, 1907

(Tradução para o português brasileiro)

Podem fazê-las bem altas
as fogueiras deste ano:
para brilharem bem longe
os fogos deste São João.
Têm que ver-se de Valência, 5
de poente e de levante;
façam-nas também na Serra
pra que se vejam além.
Pois a terra está revolta 10
baixo os pés dos occitanos,
e convém que eles relembrem
a nossa antiga irmandade.
Desde que foi esquartejada
não voltaram os pedaços 15
a endireitar-se de novo,
cada um pelo seu lado.
Milagre, povo occitano!
O espírito d'Òc acordou,
a gente passará velando 20
essa noite de São João.
A gente ficará velando
ao redor dos fogos altos,
pra falarmos uns com outros,
línguas de Espírito Santo.

Parlaran de serra en serra 25
i de la més alta als plans.
Pirineu si resplendissis
tot encès de mar a mar,
remembrant els fills en vetlla
les memòries del passat, 30
les fiances del pervindre
i els misteris d'eix atzar.
que fa que els fills d'una mare,
que els homes d'un sol parlar
tinguem els braços enlaire 35
tots alhora bracejant,
i el crit d'una sola llengua
s'alci dels llocs distants
omplint els aires encesos
d'un clamor de llibertat. 40

Falarão de serra em serra e do cume à planície.	25
Pireneus se resplandecem acesos de mar a mar, lembrando os filhos em vela as memórias do passado,	30
a confiança no porvir e os mistérios da fortuna, faz que os filhos de uma mãe, que os homens de uma só fala tenham os braços alçados	35
todos juntos braceando, e o grito da mesma língua se eleve em longínquas terras enchendo o ar aceso de um clamor de liberdade.	40

Capítulo VI

A CRIAÇÃO DE UMA CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA NO
DISCURSO NACIONALISTA E ROMÂNTICO

Após termos estabelecido o referencial teórico e as interfaces onde localizamos o presente estudo no capítulo primeiro, explicado os traços fundamentais do eixo espaço-temporal da antologia no segundo, exposto a recontextualização de poetas occitanos e catalães em português brasileiro desde uma proposta de tradução *intra-românica* no terceiro, levantado as sucessivas etapas de leitura, edição, tradução e (re)escrita do *corpus* no quarto e apresentada a antologia dos textos no quinto; alcançamos a sexta e última parte do nosso trabalho destinada ao comentário das soluções e dos limites que a nossa proposta de tradução encontrou. Em seguida, sistematizamos as ideias principais do pensamento linguístico expresso nos poemas vinculando esse à traduzibilidade das línguas de partida para a língua de chegada. Nesse sentido, a pergunta que serve para nortear o presente capítulo é se existe um referencial de identidade comum para os poetas da *Renaixença* e do *Felibritge*. Ou, em outras palavras, se é possível falar de uma unidade de pensamento transversal às reflexões dos autores. Se assim for, é possível inscrever a tradução do *corpus* para o português brasileiro nesse mesmo marco ou, pelo contrário, representa um movimento que realoca os textos em contextos diferentes? E, então, como se articula o diálogo entre a língua nacional portadora de identidade com os idiomas de outros povos mais ou menos próximos, mais ou menos semelhantes?

A construção de uma identidade nacional baseada em uma língua comum foi tema cultivado nas mais diversas regiões e épocas. Discursos defendendo os valores artísticos e culturais de determinado idioma e proclamando a sua supremacia sobre outros aparecem na Europa Latina durante o Renascimento quando algumas variedades românicas procuram consolidar uma posição semelhante à do latim e do grego. Já dois séculos antes, Dante tinha escrito o tratado *De Vulgari Eloquentia* no qual defendia o uso literário do dialeto florentino; com a formação de Estados centralistas como a França ou a Espanha durante o século XVI proliferaram obras desse gênero. Assim, Juan Valdés no seu *Diálogo de la lengua* (escrito em Nápoles em 1535, mas inédito até o século XVIII)

defende o valor do castelhano, enquanto Joachim Du Bellay faz um exercício análogo com a língua francesa em *Défense et illustration de la Langue Française* (1549), e assim por diante. Os diálogos e elogios à língua também conformam uma notável tradição nas letras lusitanas¹⁰² que inicia com as *Cartas* de António Ferreira e o *Diálogo em Louvor da Nossa Lingoagem*, de João de Barros no século XVI e chega até as teses de Fernando Pessoa da língua portuguesa como pátria. Segundo Da Rocha Pereira (2006, p. 257), “todos estes poetas são, pois, testemunhas do poder aglutinante da língua”. Essas obras aportam interessantes reflexões sobre as estruturas fonéticas e morfossintáticas do idioma, sobre a consciência linguística de seus falantes e inclusive sobre as ideias estéticas, artísticas e literárias de determinado período. No entanto, elas não devem ser lidas desde o espírito científico e positivista com que a linguística foi se formulando nos séculos XIX e XX, mas como *filhas* do Humanismo que partem da arte e da língua para refletir sobre a arte e a língua; vale lembrar que algumas dessas obras estão escritas em versos.

Consideramos que os poemas da antologia devem ser lidos e analisados dentro dessa tradição textual: compostos em um momento de efervescência cultural nas respectivas comunidades, se propõem como obras metalinguísticas ao serem meio e fim na reivindicação do occitano e do catalão. Destarte, esses dois idiomas funcionam como verdadeiras *lengas nusas* – línguas nuas – de acordo com o termo de Sauzet (2008), já que têm a literatura como única defesa e a produção poética e cultural como principal arma; eles procuram reaver a língua através da língua. As diferentes vozes espelham ideias, variadas e complementares, sobre a língua e sobre a linguagem como elemento de união de uma comunidade e suas especificidades históricas, sociais e geográficas. Nesse sentido, o grande desafio para os autores é ter que usar uma língua literária ao mesmo tempo em que a criam; ou, em outras palavras, em vez de se entreter em uma discussão teórica sobre as vantagens e os problemas que o uso do vernáculo podia gerar no ato de compor uma obra literária, eles tomam a palavra e se engajam na escrita em occitano e em catalão assumindo que a falta de um padrão, minuciosamente estabelecido, provocará de maneira inevitável a inclusão de termos e formas que um poeta de uma língua altamente padronizada provavelmente rejeitaria. O pensamento dos autores, ainda que formulado desde o lirismo romântico, resultou fundamental no desenho

¹⁰² Da Rocha Pereira (2006) percorre essa tradição de elogios à língua portuguesa através dos séculos.

e consolidação das respetivas identidades linguísticas e culturais durante as décadas seguintes. Igualmente, tais ideias demonstram a sua vigência desde o momento em que podem auxiliar a formulação de nossas próprias concepções sobre a língua e a identidade pelo menos no âmbito das sociedades falantes de línguas neolatinas e dos contatos entre elas, assim como suas trocas e escambos com outras culturas e famílias linguísticas.

Em síntese, consagra-se o último capítulo à exposição cabal, análise e comentário das reflexões sobre a própria língua, a sua natureza, a consciência e reivindicação de uma identidade linguística, a unicidade e originalidade do idioma nacional. Finalmente, as ideias referidas à língua, que de acordo com o pensamento romântico era portadora da alma de um povo, permitem balizar o espaço de nossa tradução: observar o que *abriu* e o que *encerrou* o ato tradutório de acordo com o horizonte que apresentamos na seção 3.3. Uma vez expostos os principais discursos que vinculam língua e identidade a partir de versos, trechos e exemplos extraídos da antologia nas duas primeiras seções deste capítulo, dedicaremos a última seção à análise das possibilidades de tradução para o português brasileiro e seus limites.

6.1. *Reflexões sobre a língua nos poemas da antologia*

As línguas não são apenas instrumentos de comunicação, já que todas elas possuem um importante valor simbólico e identitário para seus usuários; fato que provoca que esse conjunto de sons, de palavras e significados assuma, no seio da comunidade de falantes, uma posição de *objeto*, como construto cultural envolvido em uma rede de representações sociais e integrado em um imaginário coletivo; e de *sujeito*, como se fosse uma entidade dotada de vontade e poder de ação (BAGNO, 2011, p. 358). Assim, a reivindicação da língua própria se constrói por meio de duas vias; por um lado, a capacidade artística e literária do idioma se desenvolve ao ser empregado nas respectivas composições e, por outro lado, o idioma demonstra sua força geradora de metáforas que o mitificam. Em outras palavras, existem dois percursos paralelos que se influenciam mutuamente: a construção de uma norma padrão no formal e a reificação da língua no simbólico. Do mesmo modo, vale lembrar que as representações assumidas pela língua entre seus falantes podem alterar o processo que as gerou, principalmente no que tange à autoestima dos falantes e ao imaginário que esses associam ao próprio idioma. Nesse sentido, “se o uso da língua é transgressivo em toda criação literária, em regiões em que há

bilinguismo, plurilinguismo, diglossia ou falares populares, a mestiçagem linguística se impõe” (FIGUEIREDO, 2011, p. 235).

De acordo com Castelló (2008), na construção coletiva da identidade podem se distinguir diferentes momentos. No *momento teórico* a comunidade define seus valores discriminando o que é importante e o que não é, o que é essencial e o que é acidental. Uma vez elaborados esses axiomas, eles se movimentam e espalham no *momento axiológico* quando a maioria da comunidade assume certos referentes identitários e, finalmente, no *momento empírico* ou *momento da praxe* os membros da comunidade agem conforme esses axiomas para modificar, ou não, a realidade na qual vivem. No caso que aqui analisamos, o trabalho dos intelectuais occitanos e catalães coincide com os dois primeiros momentos e serve de prelúdio à ação política nacionalista. Porém, nos parece que os três momentos estão atrelados uns aos outros numa relação dialética onde pensamento e ação são concomitantes. De acordo com Toso (2008, p. 23), dificilmente um Estado colocará na sua agenda o reconhecimento e valorização das línguas minoritárias existentes no seu território se não for pressionado, de forma mais ou menos direta, pelas populações envolvidas. Por sua vez, tais populações sustentam suas reivindicações sobre a base proposta por uma elite cultural, responsável por elaborar uma reflexão, uma série de axiomas e uma agenda para desenvolver e implantar tais reivindicações. Por tal razão, o estudo dos discursos dos poetas da *Renaixença* e do *Felibritge* resulta interessante para compreender a criação de uma identidade catalã e occitana. Além disso, uma análise dos discursos elaborados por ambos os movimentos desde uma perspectiva comparativa permite relevar convergências, diferenças e especificidades que, em suma, mapeiam os dois contextos linguísticos, culturais, literários e políticos.

A seguir, separaremos as diferentes metáforas que os poetas usam no processo de reificação da língua, os nomes com os quais a identificam e as identidades que eles próprios assumem como cantores e artistas.

6.1.1. *Metáforas da língua*

Na presente seção apuraremos as principais metáforas e imagens com as que os autores da antologia identificaram a língua que reivindicavam e que utilizavam para compor suas obras. A fim de fazer uma exposição o mais clara possível, organizamos os poemas segundo

os motivos, representações e metáforas que o idioma adota em cada um deles: a chave, a árvore etc.

Primeiramente, o poema que abre nossa antologia, *Au Miejour* (I), foi composto por Mistral para servir de incipit do seu dicionário *Lou Tresor dóu Felibrige*. O soneto apresenta o lexicógrafo e o dicionário, o primeiro é descrito como pastor e como agricultor nos primeiros quartetos, metáforas dos trabalhos agrários tradicionais, enquanto o segundo é qualificado como tesouro que permite recuperar para os falantes o império – ou seja, o domínio – da própria língua. Além disso, o lexicógrafo agricultor cava com o arado na terra até chegar ao ouro e ao bronze dos imperadores romanos, ou seja, procura a etimologia das palavras até a sua origem latina. Observemos os dois tercetos do poema, versos 9 a 14:

En terro, fin-qu’au sistre, a cava moun araire;
e lou brounze rouman e l’or dis empeaire
treluson au soulèu dintre lou blad que sort...

O pople dóu Miejour, escouto moun arengo:
se vos recounquista l’empèri de ta lengo,
pèr t’arnesca de nòu pesco en aquéu Tresor¹⁰³.

Como já foi exposto, a produção de gramáticas e dicionários ocupa um papel preponderante no processo de padronização de um idioma; essas obras “são codificações autorizadas da *língua*, que fica custodiada ali quase como uma coisa tangível, em vez de como uma abstração” (MILROY, 2011, p. 63). Não estranha que os dicionários, coleções de palavras mais ou menos extensas monolíngues ou plurilíngues, recebam o nome de *thesauri* – tesouros – termo que Mistral usa no título da sua obra: *Tresor*. Desse modo, cobram especial relevância as imagens que o poeta usa: o ouro e o bronze que ele desenterrou do profundo para enriquecer a obra; isto é, a tarefa do lexicógrafo que procura e restaura a origem das palavras. No último verso do poema, a recuperação do idioma serve para recompor o povo, a nação, a comunidade.

¹⁰³ Apresentamos em nota de rodapé a tradução para o português brasileiro do trecho citado: Na terra, até a rocha cavou o meu arado; /e aqui bronze romano e ouro de imperador/ reluzem sob o sol entre o trigo que abrolha... // Povo meridional, escute minha arenga:/para reconquistar o império da sua língua, /e se enfeitar de novo, pesque neste Tesouro.

De maneira análoga, a língua é representada como chave que pode libertar a nação e fazê-la renascer em *I Trobair Catalan* (II) de Frederic Mistral – da parte em occitano – e em *La Llengua Materna* (XVII) de Marià Aguiló i Fuster – da parte escrita em catalão. Metáfora que dialoga com uma asserção de Hagège (2000) segundo a qual as sortes da língua e da nação estão conectadas. “La langue suit la nation : elle meurt avec elle. Elles ne peuvent donc renaître que solidairement” (p. 284). Observemos os seguintes fragmentos dos dois poemas mencionados; os versos 135 a 139 de *I Trobair Catalan* (II):

car tout un pople aqui s’abéuro;
car, de mourre-bourdoun,
qu’un pople toumbe esclau,
se tèn sa lengo, tèn la clau
que di cadeno lou deliéuro.¹⁰⁴

E os versos 85 a 88 de *Llengua Materna* (XVII):

Cap nació pot dir-se pobra
si per les lletres reneix;
poble que sa llengua cobra
se recobra a si mateix.¹⁰⁵

Consideramos que esses dois poemas condensam um pensamento que permeia a antologia e, inclusive o *Felibritge* e a *Renaixença* enquanto movimentos culturais: o valor da língua como instrumento de resistência frente à assimilação e chave da liberação nacional.

Já no terceiro poema da antologia, *En l’Ounour de Jansemin*, apresenta-se um tema que Mistral aborda também em outras obras suas: o orgulho de falar em occitano como forma de superar a vergonha e o estigma que o falante sentia por se servir da própria língua imposto pelas autoridades educativas e culturais desde Paris. Assim, começa agradecendo à Gascunha que sem vergonha mantém viva a língua dos avós nos versos 8 a 10:

E tout d’abord, à la Gascoungo

¹⁰⁴ Tradução para o português brasileiro do trecho citado: pois todo um povo aqui abebera;/ quando de braços no chão,/ um povo cai escravo,/se tem sua língua, tem a chave/que das cadeias o liberta.

¹⁰⁵ Nenhuma nação é pobre;/ se pelas letras renasce;/ povo que sua língua cobra/ recobra-se pra si mesmo.

que, fasènt soun devé sèns crento ni vergougno,
mantèn sa vièio lengo e pèr elo temougno,¹⁰⁶

Como apontado na seção 2.2, o *Felibritge* foi um movimento fundamentalmente rural. Por esse motivo parece lógico que Mistral contraste a degradação que o idioma sofre nas cidades e a vida da que goza no mundo agrário nas primeiras estrofes de *Au Baroun Gastoun de Floto* (IV). Assim, o autor de *Miréia* descreve o estado da língua como se essa fosse uma flor, versos 1 a 16:

Cuiès la flour à través champ,
adusès-la, pièi, à la vilo,
segur, baroun, en vous couchant,
la trouvarés passido e vilo.

Mai leissas-la sus lou brout verd :
la flour, baroun, pourtara grano,
e la veirés, avans l'ivèr,
Que sara poumo vo mióugrano.

Noun fau, peréu, vous estouna
se, pecaire! trop lèu culido,
nosto lengo, au-li de grana,
dins li ciéuta s'es avilido...

Mai, au mitan dis óulivié
de quau la ramo au vènt s'argènto,
a counserva l'ounour qu'avié
e s'es gardado puro e gènto.¹⁰⁷

¹⁰⁶ E primeiramente, à Gasconha,/ cumprindo seu dever sem temor nem vergonha,/ mantém sua velha língua como testemunha;

¹⁰⁷ Tradução para o português brasileiro do trecho citado: Colhes a flor através dos campos, /leva-la, depois, até a cidade, /certamente, barão, ao deitar,/ descobrirás essa vil e murcha.// Mas deixa essa entre os brotos verdes:/ a flor, barão, virará grão,/ e verás, antes do inverno,/ ela será maçã ou romã.// Não deve, porém, surpreender/ pecador! se cedo demais colhida,/ nossa língua, em vez de granar,/ nas cidades tornou-se vil...// Mas, no meio das oliveiras/ cujos galhos o vento argenta,/ conservou aquela honra que tinha/ guardando-se pura e gentil.

Observamos assim como, através da poesia, Mistral tenta superar o estigma que pesa sobre o occitano. Nesse sentido, cabe salientar *Au Pople Noste* (VIII), no qual o autor lista os diferentes âmbitos em que se manifesta a diglossia, dentre eles, a escola ocupa um lugar de destaque em um momento em que o estado francês estendeu a alfabetização à maior parte de sua população acompanhada da imposição da língua nacional por sobre as línguas maternas do Hexágono. A proibição de usar a língua na escola implica, para os falantes de occitano, na impossibilidade de exprimir o próprio pensamento. Assim aparece nos versos 5 a 12:

A l'escolo te derrabon
lou lengage de ti grand
e toun desounour acabon,
pople, en te desnaturant.

Di vièi mot de toun usage,
ounte penses libramen,
un arlèri de passage
t'enebis lou parlamen.¹⁰⁸

O processo da aculturação parte da perda linguística, mas abrange também o esquecimento das festas, das tradições e da forma de viver tradicional dos occitanos, nos versos 29 a 32:

Ti bèlli cansoun bouniasso,
lis óublides, o badau!
pèr li vilanié bestiasso
que te plovon d'amoundaut.¹⁰⁹

Em suma, *Au Pople Noste* (VIII), escrito na velhice do poeta, muda o lirismo e a exaltação da língua, da paisagem e da literatura predominantes nas outras composições mistralianas, por uma forte carga de denúncia do estigma que sofrem os occitanos dentro do estado francês por causa da língua e conclui lançando uma ordem ao seu povo (verso 74): falar orgulhoso na língua local; “parlo fièr toun prouvençau” (“fala altivo provençal”, em nossa tradução). Por fim, *I Felibre* (IX), de

¹⁰⁸ Nas escolas te arrancam/ a linguagem dos avós/ e para a desonra acabas,/ ó povo, desnaturado.// Das palavras de teu uso,/ onde livremente pensas,/ um palhaço tolo à solta proíbe tua velha fala.

¹⁰⁹ Tuas belas canções bondosas,/ as esqueces, ó idiota!/ Pelas mesquinhas besteiras/ que te desabam encima.

Teodor Aubanel, apresenta ideias análogas na formulação da língua como força criativa contra o esquecimento do povo e da nação, como manifesta na conclusão do seu poema, versos 9 a 12:

Aparen nosto lengo e que neste vers bounde!
 Quand li pople s'envan ounte degon lou saup,
 emé l'aflat de Diéu, à la fâci dóu mounde,
 canten lou país prouvençau!¹¹⁰

Na parte escrita em catalão, *Epigrames* (XIV), do valenciano Joan Vinader i Nubau, se caracteriza igualmente pela sua carga de denúncia que adota a forma do sarcasmo para escarnecer aqueles catalães que encontram na substituição linguística uma via de promoção social ou, na falta real dessa, uma simulação da posição social que carecem. Ou seja, para esse autor, a ostentação da língua espanhola e o despreço do catalão manifestam a ignorância dos que têm tal comportamento e são motivo de sátira e burla. Fato que justifica o título, já que o epigrama constitui um gênero poético breve de fundo irônico e satírico e conteúdo moral, social e político. O subtítulo explica o componente local que assumem estes epigramas: “*D’un espanyol català, contra els catalans mal castellanitzats*” (“*De um espanhol catalão, contra os catalães mal castelhanizados*”, em nossa tradução). Assim, a composição se destaca dentro da antologia pela forma com que aborda a diglossia; em vez de lamentar a situação subalterna em que se encontra o idioma, o autor recorre ao humor para recortar situações grotescas que acontecem na vida cotidiana de uma comunidade em processo de aculturação. De modo que apresenta vários perfis: o dos pais que almejam a promoção social dos filhos pelo castelhano, o dos emigrantes que voltam fingindo não lembrar mais a língua da terra natal, o das famílias que procuram sobrenomes em castelhano como via de acessar um prestígio maior, entre outros. Vinader i Nubau ridiculiza cada uma dessas atitudes. No primeiro dos epigramas, o autor satiriza os pais que querem afastar os filhos do contato com o catalão, tanto na instrução, através do professor hispano-falante, como na vida doméstica e no cotidiano, inclusive no trato com as empregadas da casa. Salientamos esses versos, pois no último da estrofe, verso número 8, aparece a

¹¹⁰ Defendamos a língua e que nosso verso silve!/ Quando os povos se esvaem onde ninguém sabe,/ com o favor de Deus, sobre a face do mundo,/ cantemos o país provençal!

palavra *traductors*, resultado ou efeito colateral do entorno bilíngue em que se desenvolveram essas crianças:

En lloc de buscar bon mestre
que en castellà parli al noi,
pren la moda per sistema
l'especial Don Anton,
i en castellà vol que parli
amb criades i amb tothom...
Los fills que tinguin tals pares,
no seran mals traductors.¹¹¹

Outros poemas escritos em catalão se servem de diferentes metáforas e imagens para cantar e contar a língua. A *Oda a la Pàtria* (X), de Bonaventura Carles Aribau, expõe com grande quantidade de imagens simbólicas a identidade reivindicada pela primeira *Renaixença* conservadora; isto é, a pátria, a fé, a terra, a família e o idioma. Por ser considerado esse poema como marco fundador da *Renaixença* pela historiografia catalã, merece um estudo mais aprofundado. De acordo com a *Enciclopèdia catalana* (2014), Bonaventura Carles Aribau escreveu *Oda a la Pàtria* quando morava em Madri e trabalhava no escritório de Gaspar de Remisa, banqueiro catalão que ocupou diversos cargos na administração espanhola. Carles Aribau pensou em oferecer para seu chefe, como presente pelo seu onomástico, no dia de Reis de 1832, um poema que tivesse como tema a língua que os dois compartilhavam e a saudade da pátria, observada desde Madri com um olhar próximo ao de um exilado. De acordo com Ribera Llopis (1982), esse é o poema mais importante da sua produção considerada bastante breve e circunstancial. O poema, que apresentava uma estética romântica de caráter culto, apareceu publicado pela primeira vez em 24 de agosto de 1833 no jornal *El Vapor* e imediatamente fez-se merecedor dos elogios de diversos grupos e tendências coetâneos, tanto conservadores quanto liberais. Como já foi mencionado anteriormente, na ode aparecem motivos tipicamente românticos tais como o destino perseguidor e a exaltação da paisagem (monte Montseny e rio Llobregat), que se identifica com a saudade do poeta pela pátria perdida (motivo presente em obras de Schiller e Novalis). A fidelidade para com

¹¹¹ Em vez de buscar bom mestre/ que em espanhol fale ao filho,/ pega a moda por sistema/ o esquisito seu Anton,/ quer que fale em castelhano/ com empregadas, com todos... / filhos que têm pais assim,/ não serão maus tradutores.

a língua, a cultura e as tradições e costumes conformam uma identidade comunitária. O poema é paradigmático, pois consegue articular a saudade e a nostalgia com a reivindicação da pátria a partir do território, da língua e da cultura. Em síntese, *Oda a la Pàtria* antecipa os principais valores programáticos do Romantismo e da *Renaixença*.

Desta composição salientaremos alguns trechos especialmente relevantes para nossa análise. A terceira oitava evoca o idioma a partir de um marcado caráter saudosista, a língua materna é a única via capaz de trazer memórias de outros tempos e a única consolação do poeta, trovador no estrangeiro; este valoriza mais ficar na terra onde habita a sua língua que procurar sortes pouco seguras em terras estrangeiras, versos 17 a 24.

Què val que m'haja atret una enganyosa sort
a veure de més prop les torres de Castella,
si el cant dels trobadors no sent la mia orella,
ni desperta en mon pit un generós record?
En va a mon dolç país en ales jo em transport,
i veig del Llobregat la platja serpentina,
que, fora de cantar en llengua llemosina,
no em queda més plaer, no tinc altre conhort.¹¹²

Na quarta oitava, Aribau vincula o catalão do século XIX à língua da coroa aragonesa medieval, que estendeu a sua influência pelo Mediterrâneo; aquele poder político medieval estaria formado – segundo o poeta – por sábios, doadores de costumes e leis, e de reis que defendiam o direito. Em seguida, na quinta oitava, continua desenvolvendo o tema da língua, agora voltada para si mesma, a língua aprendida no berço, absorvida com o leite materno; língua na qual o poeta sonha e fala consigo mesmo, o idioma do pensamento. Esta oitava descreve indiretamente um contexto diglósico no qual a língua materna é colocada como a verdadeira. Igualmente, o catalão é a língua que ele usa para rezar a Deus vinculando idioma e religião, versos 33 a 40:

En llemosí sonà lo meu primer vagit,

¹¹² Que vale se me trouxe enganadora sorte/ para ver de mais perto as torres de Castela,/ se a voz do trovador não sente a minha orelha, / nem acorda em meu peito lembrança generosa?/ Ao meu doce país nas asas me transporto,/ vejo do Llobregat a praia serpentina, / que, além de cantar em língua lemosina,/ não tenho outro prazer, não resta mais conforto.

quant del mugró matern la dolça llet bevia;
en llemosí al Senyor pregava cada dia,
i càntics llemosins somniava cada nit.
Si, quan me trobo sol, parl amb mon esperit,
en llemosí li parl, que llengua altra no sent,
i ma boca llavors no sap mentir, ni ment,
puix surten mes raons del centre de mon pit.¹¹³

Aribau dedica a última oitava a render uma homenagem ao chefe benfeitor. Nessa estrofe, a língua é personificada e o autor dá ordens a ela ao dizer ‘Ix’ (saí); essa língua, que ele define como mais doce do que o mel, deve sair para cantar a glória do seu patrão, estabelecendo-se assim um vínculo entre a *pàtria* e o *patrão*. Em síntese, o poema se torna uma ode, um louvor da pátria mimetizada no louvor ao patrão.

O segundo poema da parte escrita em catalão, *Mos Cantars* (XI), de Joaquim Rubió i Ors, também apresenta traços conservadores para cantar a pátria, a fé, a terra, a história, a família e a língua. A nação é terra sagrada do berço como observamos lendo os versos 2 e 3: “terra sagrada on mon bressol sens gales balandrejà,/ al trist to de ses balades” (“terra sagrada onde berço sem galas/ balouçou, ao tom triste das cantigas,” em nossa tradução) e, de novo, o catalão é a língua em que o poeta fala com Deus (versos 50 a 53), consequentemente, um veículo apto para cantar as glórias da Catalunha:

i en melós llemosí, puix és l’idioma
amb que parlo al Senyor,
cantaré tes grandeses, Catalunya,¹¹⁴

Em suma, salienta-se uma proximidade na formulação da identidade nacional e linguística nos dois primeiros poemas catalães, X e XI da antologia. Ambos representam os valores adotados pela *Renaixença* nos seus inícios. Um elemento a mais presente nessas duas poesias é a perda da riqueza cultural e linguística, a *erosão* que sofre o

¹¹³Em lemosim souo meu primeiro gemido,/ ao beber doce leite do mamilo materno;/ em lemosim ao Senhor pregava todo dia,/ e cantos lemosins sonhava toda noite./ Se, quando fico só, falo com meu espírito,/ falo-lhe em lemosim, outra língua não sente,/ e minha boca então não sabe mentir, nem mente,/ pois surgem as razões do centro do meu peito.

¹¹⁴ Tradução para o português brasileiro do trecho citado: e em meloso lemosim, pois é a língua/ em que falo ao Senhor,/ cantarei tua grandeza, Catalunha,

povo e também o poeta. Os autores comparam a língua que eles falam e escrevem com aquela que foi de *seus avós*, transmitida nas fontes medievais e dos séculos da *Decadência*¹¹⁵. Assim, os autores da antologia expressam a alienação linguística através do distanciamento para com o idioma que falam e escrevem, mas que não conseguem dominar com a mesma plenitude que tinham os escritores do passado, não submetidos à diglossia com o castelhano:

Allò que es diu alienació, en el sentit estricte de la paraula, és a dir, trobar-te alienat, separat, distanciat, tant que allò que és propi ho consideres estrany (fins i tot et fa com una cosa, com un reacció física contrària) i justament allò que és estrany, és a dir, la llengua que tu no parles la consideres pròpia perquè és l'única que tens escrita i visible. (MIRA, 2008, p. 72)

Em *Los Cants del Laletà* (XII), Adolf Blanc Cortada formula essa ideia ao desculpar-se perante a pátria pois essa não ouvirá do autor as harmonias antigas nem falará com a mesma pureza dos avós, versos 13 a 24:

Mes en mos pobres cants, pàtria adorada,
no oiràs les harmonies,
tan tendres altre jorn, del gai saber;
ni en mi veuràs la inspiració sagrada
de Jordis, Bergadans, Marchs i Garcias,
dolç Aribau i deliciós Gaiter.

No et parlaré, oh ma llengua, com mos avis,
tan pura, tan hermosa;
serà ma veu d'un tendre infant lo crit;
però encara que tosca de mos llavis
sortís, ma pàtria és mare generosa
i al tendre infant li donarà son pit.¹¹⁶

¹¹⁵ Na seção 2.2 definimos sucintamente a *Decadência* como o período compreendido entre o final da Idade Média e a *Renaixença*, que os historiadores da literatura catalã caracterizam pela notável redução do uso literário do catalão e pela mediocridade estética das obras que foram produzidas.

¹¹⁶ Mas em meus pobres cantos, pátria adorada,/ não ouvirás as harmonias,/ tão tenras outrora, da gaia ciência;/ nem verás em mim a inspiração sagrada/ de

No mesmo poema, e conforme as preferências estéticas do Romantismo, a decadência da língua e da pátria assume a forma das ruínas de um dos castelos medievais que se encontram na paisagem da Catalunha. Nos muros derruídos ainda se veem os brasões medievais e só as sombras dos antigos cavaleiros podem levantar-se para agradecer o canto ao trovador, versos 53 a 60:

Però no: en sos murs antics,
que blasons són de ma pàtria
los millors, haig de sentar-me;
allí ses glòries passades
cantaré, i potser s'aixequi
d'alguna fossa oblidada
algun antic cavaller,
que m'agraesqui mos càntics!¹¹⁷

Em *A la Llengua Catalana* (XIII), de Bonaventura Pons i Fuster, a língua toma a forma de uma dama para dialogar com o poeta-trovador que deve ser o capitão que defenda o idioma. O sentido de perda e aculturação aqui é representado pela condição da mulher que antigamente foi senhora e agora é só uma pastora; isso se manifesta nas roupas humildes que agora veste, na vida camponesa e em outras imagens que opõem a vida no campo à vida no palácio. Assim se apresenta a língua, encarnada na pastora, quando fala pela primeira vez, versos 57 a 64:

- Per més que em vegis pastora
sobre una roca sentada,
amb mocadoret al cap
i la fandilleta blava,
encara tinc los vestits

Jordis, Bergadans, Marchs e Garcias,/ doce Aribau e o delicado Gaiter.// Não sei falar como os avós, ó língua,/ tão pura, tão formosa;/ minha voz será de tenro infante o grito;/ porém embora tosca de meus lábios/ surgindo, a pátria é mãe generosa/ e ao tenro infante oferecerá o peito.

¹¹⁷Mas, em seus muros antigos,/ Quais brasões de minha pátria/ os melhores, sentarei;/ ali as suas glórias passadas/ cantarei, e talvez levante/ dalguma fossa esquecida/ algum velho cavaleiro,/ que me agradeça as cantigas!

de quan de senyora anava,
 los pergamins de comtessa,
 i mantó de sobirana.¹¹⁸

Observa-se aqui que, quando a língua foi expulsa dos palácios, achou abrigo no mundo rural, imagem semelhante à expressa por Mistral em *Au Baroun Gastoun de Floto* (IV). Igualmente parece que o autor aceita a posição subalterna em que o catalão se encontra, e, por esse viés, *naturaliza* a subordinação ao espanhol como se fosse o resultado de um fado adverso. Quando o poeta pergunta à pastora se é certo que na antiga corte da Catalunha governa uma estrangeira castelhana, a pastora responde que não se deve lamentar por isso, já que é normal que entre duas damas vença a mais bela, versos 119 a 132:

-No em queixo, pastor, d'això,
 ja que Déu així ho mana,
 i que entre dames rivals
 sempre guanya la més guapa;
 mes ja que alabant-la amb gust,
 i besant-la sobirana,
 veig que sempre fuig de mi,
 i em tracta com a vassalla,
 em desterra de sa cort,
 i no em vol en les grans sales,
 i fins en públics consells
 em priva de la paraula,
 o per matar-me a pesars,
 o perquè mori afrontada,¹¹⁹

Na dedicatória de *Ausiàs March* (XVI) Víctor Balaguer também faz uma comparação interessante entre os atributos da língua castelhana e catalã e, embora considere que a primeira é um idioma harmonioso e

¹¹⁸ - Você me vê aqui pastora/ sobre uma rocha sentada,/ com um lenço na cabeça,/ com uma saia azulada,/ mas guardo ainda os vestidos/ de senhora que trajava,/ pergaminhos de condessa,/e manto de soberana.

¹¹⁹ - Não me lamento, pastor,/ pois Deus assim o manda,/ e entre duas damas rivais/ sempre a mais bela é a que ganha;/ mas embora eu a elogie,/ e a beije soberana,/ vejo que fuge de mim,/ e me trata de vassala,/ me desterra da sua corte,/ não quer que eu fique nas salas,/ até nos conselhos públicos/ me despoja da palavra,/ pra me matar de pesares, / ou pra que eu morra afrontada,

belo, a segunda merece ainda maior respeito pelo autor, já que essa foi a que os trovadores usaram para compor suas obras, versos 9 a 16:

Jo bé sé que la llengua de Castella
és dolça a fe com de l'Himet la mel;
l'escolta el cor perquè la rep l'orella
com un cant harmoniós baixat del cel:

Mes ma llengua és la llengua en que algun dia
compongueren llurs lais los trobadors,
i el món trobava dolça l'harmonia
de llurs descords i llurs cançons d'amors.¹²⁰

Em *La Llengua Materna* (XVII), Marià Aguiló i Fuster explora també a perda de prestígio do idioma entre as classes mais altas da sociedade, que, mais uma vez, contrasta com a fidelidade do povo que continua falando a língua, versos 25 a 36:

Enrevoltat del bon poble
lo temps passat cantaré,
i el ressò de ta veu noble
dins cada pit sentiré.

Que si ara escarnida i muda
t'engeguen de la ciutat,
trepitjada i desvalguda
des que els reis t'han oblidat,

llavors rejuvenida
recobraràs tes colors,
per viure sempre enaltida
amb l'amor dels trobadors.¹²¹

¹²⁰ Tradução para o português brasileiro do trecho citado: Eu bem sei que a língua de Castela/ é doce como do monte Himet o mel;/ escuta a alma, recebem os ouvidos,/ harmônico canto descido do céu:// Mas minha língua é a língua que um dia compuseram seus lied os trovadores,/ e o mundo achava doce a harmonia/ de seus descords e suas canções de amores.

¹²¹ Rodeado do bom povo/ o tempo ido cantarei,/ e o eco de tua voz nobre/ em cada peito sentirei// Pois se agora escarnecida/ foste expulsa da cidade,/ acalanhada e desvalida/ desde que os reis te esqueceram, //então rejuvenescida/ recobrarás tuas cores,/ para viver sempre erguida/ com o amor dos trovadores.

No mesmo poema, o autor volta sobre essa ideia: a situação da língua no campo e nas cidades, versos 53 a 56:

Des que en sa trista orfenesa
l'exiliaren del Palau,
pels camins viu a la pagesa,
per les ciutats viu esclau.¹²²

Em *Lo Trobador Romeu (Adéu a la Pàtria)* (XV), Quintana i Combis também aborda o tema da língua como fonte de inspiração poética e instrumento que melhor se adapta à voz do autor, versos 45 a 56:

Aqueixa llengua hermosa
en que amb amor cantava
ma mare quan gronxava
al que la plora avui!
Aqueixa llengua diva,
la glòria del poeta,
que a l'arpa amoroseta
s'uneix tant dolçament;
i en fi, la rica llengua
per qui mon cor sospira,
la llengua que m'inspira
la que m'ha fet cantor.¹²³

A língua – ligada à identidade – assume outras imagens e outras identificações em *L'arbre de la Pàtria* (XVIII), do maiorquino Marià Aguiló i Fuster, é apresentada como uma árvore que protege todo o povo¹²⁴. O poema tem como subtítulo *Alegoria*, ou seja, representação simbólica em que um objeto é usado para significar outro. De acordo com Cardús i Ros (2009), os poetas da *Renaixença*, enquanto artistas

¹²² Tradução para o português brasileiro do trecho citado: Depois que em triste orfandade/ foi exilada do Palácio,/ é camponesa no mato,/ vive escrava nas cidades.

¹²³ língua bela/ que amorosa cantava/minha mãe quando abanava/ quem por ela hoje chora!/ Aquela língua diva,/ a glória do poeta,/que com a arpa amorosa/se une docemente;/ e enfim, a rica língua/ por quem a alma suspira,/ a língua que me inspira/ e ela me fez cantor.

¹²⁴ A metáfora da língua como árvore contrasta com a metáfora da língua como flor que Mistral apresentava em *Au Baroun Gastoun de Floto* (IV).

românticos, elaboraram e recriaram o mito da árvore e da raiz como alegoria da pátria. As raízes, parte da árvore soterrada e protegida, representam a fonte da estabilidade e da força; ainda hoje essa imagem faz parte do marco de referência da nação. Assim, os primeiros versos (de 1 a 12) dedicam-se a traçar a forma dessa árvore rara, gigante e antiga:

En lo cor de nostra terra
quin arbre s'hi feu tan alt!
D'arbres com aquest a Europa
tantost pels dits són comptats.
Ses arrels que al fons s'endinsen,
s'escampen més que el brancam;
sa ampla soca rabassuda
pel menys lo menys té mil anys.
Del bell mig del tronc s'aixequen
drets i ardots grossos cimals,
com un gegant amb cent braços
que el cel vol abraonar.¹²⁵

Porém os versos seguintes (de 17 a 31) descrevem as agressões seculares que a árvore sofreu, assim como a resistência, servindo-se de metáforas vegetais: ramagem, viço, puas invasivas de outra linhagem, hera, ferrugem, folhas, brotos e côdea:

Mes, ara no és son brancatge
ni de molt lo que era abans;
de l'esponera que feia
no ens en resta una meitat.
Amb pues d'altra nissaga
la volgueren empeltar,
i l'heura i el rovell s'hi aferren
i l'ofeguen segles fa...
Tanta fulla li és caiguda,
tants rebrots s'han esqueixat,

¹²⁵ Na entranha de nossa terra/ qual árvore cresceu tanto!/ Árvores assim na Europa/com os dedos são contadas./ Suas raízes se adentram,/ mais do que se espalham os galhos;/ o amplo tronco volumoso/ pelo menos tem mil anos./ E bem no meio se alçam/ direitos e ardidos caules,/ é um gigante de cem braços/ que o céu busca abranger.

li espellissen tant l'escorça,
 que viu mústic i malalt.
 Mes, encara s'hi aixopluga
 tot un gran poble davall;
 i ombra dolça i fullós jaç.¹²⁶

É possível interpretar a grandeza da árvore como figuração da medida da pátria, mas também cabe entendê-la como a grandeza da língua que nasceu e cresceu *no coração da terra*, que *marca os limites naturais do reino*, parafraseando o poema. Em suma, pátria e língua parecem fundir-se em *L'arbre de la Pàtria*; ou, em outras palavras, a língua do poeta é a sua pátria, em diálogo com o pensamento de Fernando Pessoa. A esse respeito vale dizer que nos alvares da linguística moderna e do método histórico-comparativo, os linguistas entendiam as línguas como famílias estruturadas em árvores genealógicas: uma língua mãe da qual emanavam vários galhos das línguas que essa primeira tinha gerado. E ainda hoje usamos termos como, por exemplo, *tronco linguístico*. Esses elementos são destacados nos versos 48 a 51 do poema, nos quais o autor expressa que a árvore que ele canta é do mesmo tipo que aquela que abrigou os romanos e que, nascida dela, foi a primeira em dar frutos. Isto é, o occitano-catalão ou românico-pirenaico foi a primeira das línguas neolatinas que gerou uma literatura própria durante o período trovadoresco medieval:

Mes si us dic que és de la mena
 del que aixoplugà els romans,
 i dels pocs que d'ell nasqueren
 n'és lo primer que fruità.¹²⁷

Em síntese, nesta seção examinamos as metáforas com as quais os poemas da antologia problematizam a natureza do occitano e catalão,

¹²⁶ Mas, agora sua ramagem/ não é mais o que já foi;/do viço que outrora tinha/
 resta-nos metade só./ Com puas de outra linhagem/ quiseram-na enxertar,/ e a
 hera e a ferrugem aferram-se/ e há séculos que a afogam.../ Tanta folha foi
 caindo,/ tantos brotos se partiram,/ esfolam tanto sua côdea,/ que vive murcha e
 doente./Mas, ainda embaixo abriga/um grande povo inteiro;/sombra doce e farto
 leito.

¹²⁷ Mas falo que é da madeira/ da que abrigara os romanos,/ e das poucas que
 ela gerou/ foi a primeira que deu fruto.

as suas capacidades artísticas, assim como a situação de diglossia em que as duas línguas se encontravam na época. Os autores se servem de metáforas e imagens que vinculam o idioma à terra, ao berço onde eles aprenderam a falar dessa forma; outras vezes, a língua se funde com a natureza local, com as árvores, a paisagem ou os antigos castelos medievais. Para concluir, cabe salientar que em *A la llengua catalana* (XIII) o catalão se encarna na forma de uma pastora para conversar com o poeta, imagem que lembra passagens da literatura clássica, quando as deusas tomavam forma de donzelas para conversar incógnitamente com os mortais¹²⁸.

6.1.2. *Os nomes da língua*

Ao longo do nosso trabalho, viemos falando do *occitano* e *catalão* tendo ciência que tais nomes não eram, na época estudada, nem assumidos pelas elites intelectuais, nem reconhecidos pela comunidade de falantes. Os autores da antologia referem-se diretamente à língua que estão empregando para compor suas obras em vários versos das mesmas. Como apontado em seções precedentes, no processo de reificação da língua, dar um nome a ela é um ato portador de forte carga simbólica; conseqüentemente, precisa um exame detalhado a respeito.

No âmbito occitano, já foi dito que o termo *patois*, considerado depreciativo, nunca foi aceito pelos *felibres*, que entendiam o seu projeto adscrito ao âmbito *provençal*. No entanto, nos nove poemas que compõem a parte occitana do *corpus*, em nenhum momento aparece tal nome. No pensamento de Mistral, há uma língua literária cultivada pelos *felibres* que estabelece relações estreitas com outros idiomas neolatinos, principalmente com o idioma falado na Catalunha, Ilhas Baleares e Valência. Assim, nos três primeiros versos de *I Trobair Catalan* (II), Mistral expressa com alegria que ficou sabendo que os poetas catalães faziam reluzir *um dos ramos de nossa língua*:

Fraire de Catalougno, escoutas! Nous an di
que fasia peralín reviéure e resplendi

¹²⁸ Lembre-se, por exemplo, o Livro I da *Eneida* quando Vênus aparece diante do seu filho Eneas sob a figura de uma virgem para lhe informar que as terras onde ele se encontra pertencem à rainha Dido.

Un di rampau de nosto lengo:¹²⁹

A estreita relação linguística entre a Provença e a Catalunha na poética mistraliana é evidenciada de novo nos versos 13 e 14 da mesma composição: “Prouvènço e Catalougno, unido pèr l’amour,/ mesclèron soun parla, si coustumo e si mour” (“Provença e Catalunha, unidas pelo amor,/ miscigenada a fala, costumes e modos;”, em nossa tradução). Entretanto, a língua provençal, occitana, lemosina e latina permite demarcar uma rede de relações bem maior com os outros povos latinos, como no verso 14 de *A la Raço Latino*(VI) “Ta lengo maire, aquéu grand flume” (“Tua língua mãe, enorme rio”, em nossa tradução), no verso 1 de *Au Pouèto Italian Dall’Ongaro* (V) “Ami, nòsti parla soun tóuti dous rouman;” (“Amigo, nossos falares são os dois romanos;”) e no verso 10 de *A la Roumanio* (VII) “A ta lengo argentino,” (“em tua língua argentina,”). A língua parece um rizoma que, na falta de um nome para defini-la e demarcar limites históricos e geográficos firmes, consegue abarcar um espaço maior; um modo de reificação acorde com a trajetória de *lenga nusa* que sempre carregou o occitano. Chama igualmente a atenção o uso recorrente que Frederic Mistral faz de possessivos (*ta, nòsti, nosto*) para sulinhar a posse do idioma. Em *Au Pople Noste* (VIII), aparece um sinônimo de língua, *linguagem*, verso 6 “lou lengage de ti grand” (“a linguagem dos avós”, em nossa tradução).

Já no caso do catalão, encontramos dois nomes usados para se referir à língua: *lemosim* e *catalão*. A pesar de Mistral usar sempre o termo *provençal* para nomear ao próprio idioma, dedica uma entrada para a voz *limousin* em *Lou Tresor dóu Félibrige ou Dictionnaire provençal-français II*, (1979, p. 248-49):

« La langue romane fut appelée *limousine* non seulement par les Italiens, mais encore et surtout par les Espagnols, chez lesquels elle fut longtemps en usage. » (Ducange). Cet usage de désigner la langue d’Oc ou langue provençale par le nom de langue limousine provient du lustre jeté sur elle par les troubadours limousins.

¹²⁹ Tradução para o português brasileiro do trecho citado: Irmãos da Catalunha, escutem! Nos falaram/ que faziam por aí reviver e luzir/ um dos ramos de nossa língua:

Como já foi mencionado, *lemosim* se adscrevia à região francesa de Limoges, importante foco cultural durante o período dos trovadores medievais. O termo *lemosim*, perdeu o seu valor geográfico estrito passando a designar o sistema linguístico falado no amplo arco do Mediterrâneo, domínio do grupo românico-pirenaico, como descrito na seção 2.1. A voz manteve-se viva durante os séculos da *Decadência* e, desse modo, chegou ao século XIX vinculado mais ao valor histórico medieval do que ao mero enclave geográfico. Devido aos contatos medievais entre o occitano e o português¹³⁰, a palavra foi adaptada neste último sob as formas de *lemosino*, *lemosim* e *lemovice*, todas as três lexicografadas no dicionário Aulete (disponível em <<www.aulete.com.br/>>) fornecendo, por essa via, o termo usado em nossa tradução:

Limosino- na: adj. || que diz respeito ao Limosim, região do centro da França, ou à sua cidade principal Limoges. || Diz-se do verso endecassílabo usado pelos poetas provençais da escola de Limoges. || -, s. m. natural ou habitante dessa região ou dessa cidade. || Dialeto do Limosim.

Lemosim s. m. || o mesmo que *lemovice*. Cf. Mário Barreto, *Factos da Ling. Port.*, c. 18, p. 253.

Lemovice: adj. || que diz respeito ao Lemovicino, região das Gálias (hoje *Limousin*, *Lemosim*). || - s. m. e f. natural ou habitante dessa região. Cf. *limosino* F. cf. lat. *Lemovices*.

Em *Oda a la Pàtria* (X), Bonaventura Carles Aribau usa essa palavra para se referir à sua língua materna, aquela na qual escreve. Para tal fim, dedica a quinta estrofe, do verso 33 e o 40, na qual ele evoca a profunda relação que tem com esse idioma:

En llemosí sonà lo meu primer vagit,
quant del mugró matern la dolça llet bevia;
en llemosí al Senyor pregava cada dia,
i càntics llemosins somniava cada nit.

¹³⁰ Usamos este termo de acordo com Bagno (2011c) para designar a variedade neolatina falada no noroeste da Península Ibérica nos territórios que hoje constituem a Galiza e o Norte de Portugal, da qual derivam todas as atuais variedades de português e o galego.

Si, quan me trobo sol, parl amb mon esperit,
 en llemosí li parl, que llengua altra no sent,
 i ma boca llavors no sap mentir, ni ment,
 puix surten mes raons del centre de mon pit.¹³¹

Também se servem dessa palavra Joaquim Rubió i Ors em *Mos Cantars* (XI), verso 30 “puix llemosins seran encara que aspres” (“pois lemosins serão [os versos], mesmo sendo ásperos,”); e Adolf Blanc Cortada nos quatro primeiros versos de *Los Cants del Laletà* (XII):

Jo vull cantar-te, oh llengua llemosina,
 ma dolça llengua, amada,
 que és català mon cor i no et menyspreny,
 i ell s’inspirarà en tos cants, llengua divina,¹³²

Vale considerar que nesse poema aparece *laietano* (*laletà*) como adjetivo pátrio de Laietânia, *alter ego* de Catalunha. Porém, o autor não usa em momento algum o adjetivo para designar a língua em que o *laietano* canta. Também encontramos uma ocorrência no verso 44 de *Lo Trobador Romeu (Adéu a la Pàtria)* (XV): “s’hi parla llemosí!” (“fala-se lemosim!”, em nossa tradução), e nos versos 3 e 4 de *Ausiàs March* (XVI), onde Víctor Balaguer i Cirera se chama a si mesmo *bardo lemosim*: “La llengua de mos avis/ jo sols conec; só un bardo llemosí” (“A língua de meus avós/ só conheço; sou um bardo lemosim”).

Frente ao valor histórico de *lemosim*, alguns autores começam a usar o termo *catalão*, que baliza um limite geográfico bem delimitado e propõe para o falante uma identificação imediata. No poema número XIII da nossa antologia, a voz se encontra no próprio título: *A la Llengua Catalana*; e, de fato, o longo poema é uma adivinhação da identidade da donzela-pastora que encarna a língua, resolvida só nos quatro últimos versos, do 281 ao 284, quando ela revela sua identidade à pedido do trovador:

¹³¹ Em lemosim soou meu primeiro gemido,/ ao beber doce leite do mamilo materno;/ em lemosim ao Senhor pregava todo dia,/ e cantos lemosins sonhava toda noite./ Se, quando fico só, falo com meu espírito,/ falo-lhe em lemosim, outra língua não sente,/ e minha boca então não sabe mentir, nem mente,/ pois surgem as razões do centro do meu peito.

¹³² Quero cantar a língua lemosina,/ minha doce língua, amada,/ catalão é meu peito e não te menospreza,/ e ele inspirou-se em teus cantos, língua divina,

- Si lo nom has menester
de la Reina abandonada,
digues que ets lo paladí
de la *llengua catalana*.¹³³

A palavra *catalão* é usada também por Joan Vinader i Nubau, mesmo sendo esse autor valenciano, em *Epigramas* (XIV), no qual o *catalão* (verso 12 “lo parlar en català,”) se contrapõe a *castelhano* (verso 2 “que en castellà parli al noi,”), apresentando assim as duas línguas que conviviam na época em uma situação de diglossia. O emprego do termo *catalão* por um autor de origem valenciana, que não obstante passou grande parte de sua vida em Barcelona, pode dar alguns indícios da relação entre aqueles autores e o idioma em que escreviam e buscavam defender, assim como evidencia a aceitação do termo *catalão* para designá-lo na época. A respeito da oposição *catalão-castelhano*, aparece de novo nos versos 69 e 72 de *La Llengua Materna* (XVII):

Lo llenguatge ardent i lliure
que enraona el català,
per què ha segles s'ha d'escriure
estrafent lo castellà?¹³⁴

Nesse mesmo poema, Marià Aguiló i Fuster usa a denominação de língua *d'òc* nos versos 13 e 14 “Noble parla benvolguda,/dolça i rica llengua d'oc,” (“Nobre fala benquista,/ doce e rica língua d'òc,”). Finalmente na *Oda a Espanya* (XIX), Joan Maragall i Gorina retoma a oposição entre o *catalão* e o *castelhano*, mas sem mencionar o nome explícito de cada um dos idiomas; uma diferença significativa nos versos 5 e 6 entre *esta* língua, o *catalão*, e a *outra*, o *castelhano* ou *espanhol*: “en 'questa llengua – pocs t'han parlat;/ en l'altra, massa.” (“nesta língua – poucos falaram;/ na outra, demais.”, em nossa tradução). De novo no verso 40 do mesmo poema, o *catalão* é *esta língua* que tenta falar com uma Espanha indiferente entre dificuldades e perigos: “No entens aquesta llengua – que et parla entre perills?” (“Não entendes esta língua – que fala entre perigos?”, em nossa tradução).

Em síntese, ao assumirem o projeto de reaver a língua por meio da língua, os autores se deparam com a necessidade de dar-lhe um nome

¹³³ - Se o nome for mister/ da Rainha abandonada,/ fale que é o capitão/ desta: a língua catalã.

¹³⁴ A linguagem quente e livre/ que conversa em catalão,/ porque há séculos se escreve/ remedando castelhano?

e se, por um lado, Mistral propõe reificar o occitano como encruzilhada românica aberta à intercompreensão, no âmbito da *Renaixença* o termo *lemosim* será progressivamente abandonado, mas não sem hesitações, em favor de *catalão*, língua comum de todos aqueles que participam das reivindicações políticas da Catalunha e, de forma mais ampla, dos *Països Catalans*.

6.1.3. Os cantores da língua: Trovadores Antigos e Novos

Se até aqui examinamos as metáforas que, nos textos da antologia, os autores associam à língua e aos nomes que ela recebeu no decorrer do processo de reificação, neste ponto centramos nossa atenção nos próprios autores. Na seção 3.2, a figura do trovador foi apresentada como parte basilar da construção do sistema mítico-simbólico que acompanhou os dois movimentos, *Felibritge* e *Renaixença*, e expusemos como nossos autores buscaram no trovadorismo medieval um referente que legitimasse as próprias produções poéticas e o papel assumido por eles como intelectuais e escritores. Por esse motivo, resulta lógica a presença da figura do trovador como referência constante nos textos do *corpus*. Consideramos que, nas literaturas modernas, o universalismo é baseado no intercâmbio de bens e valores culturais entre espaços linguísticos, culturais e sociais mais ou menos próximos, de acordo com a asserção de Levý (2011, p. 180): “Universalism in modern literatures is not based on shared cultural assets but on the exchange of these assets, on the establishment of communication between individual cultural regions”. Por isso, aqui nos ocupamos de examinar como esses intercâmbios se articulam nos poemas da antologia, quais identidades assumiram esses poetas, e que diálogos estabeleceram com outras figuras literárias dentro da tradição na qual se enquadravam ou em tradições adjacentes.

Em oposição à perda de prestígio e à subordinação característica das situações diglósicas, a existência de uma tradição literária através dos séculos é um fator-chave que legitima a língua porque lhe confere “uma história respeitável (quase “oficial”), ela nos dá a certeza de que a língua não brotou simplesmente da noite para o dia” (MILROY, 2011, p. 78). Assim, os intelectuais do século XIX reivindicam um nexos entre o occitano e o catalão coetâneos e a antiga língua dos trovadores que estava sendo recuperada através do estudo filológico dos textos medievais. Nesse sentido, devemos salientar o título das duas antologias catalãs estudadas: *Los Trovadors Nous* de Bofarull (1859) e *Los Trovadors Moderns* de Balaguer (1859).

Consideramos que os autores dessas obras buscavam unir as próprias produções e a obra dos trovadores medievais (ou seja, os trovadores *antigos* ou *velhos*), traçando assim uma tradição literária e linguística áulica e ininterrupta, uma ancestralidade respeitável. Milroy (2011) afirma que dar uma história a uma palavra – ou a uma língua – implica em validar essa palavra – ou essa língua – no mesmo gesto. O trabalho dos nossos autores cria história e legitimidade para a língua e para a poética dessa língua em um processo que se retroalimenta. Mistral expressa esse pensamento em *I Trobairè Catalan* (II) versos 133 a 135:

Intrepide gardian de noste parla gènt,
garden-lou franc e pur e clar coume l'argènt,
car tout un poble aqui s'abéuro;¹³⁵

Assim a primeira identificação dos poetas occitanos e catalães é com a tradição trovadoresca medieval, onde se gestou uma das líricas mais antigas da Europa. Nesse mesmo poema, *I Trobairè Catalan* (II), dedicado aos escritores da *Renaixença*, Mistral explica quais foram os méritos dos antigos trovadores: elevar a língua do povo até à orelha do rei e dos monges, representantes do poder terrenal e espiritual, versos 25 a 27:

Li Troubaire, e degun lis a vincu despièi,
a la barbo di clergue, à l'auriho di rèi,
aussant la lengo pòupulàri,¹³⁶

Mistral se auto-identifica com os trovadores provençais da Idade Média na medida em que compartilha com eles o mesmo objetivo: enobrecer e cultivar o occitano. Igualmente, identifica os autores da *Renaixença* como interlocutores e aliados na execução de tais objetivos. *I Trobairè Catalan* (II) é uma amostra das estreitas relações que existiram entre ambos os movimentos e das trocas que esses intelectuais fizeram, assim como das viagens que realizaram para participar de encontros comuns, como se evidencia nos versos 115 a 126:

¹³⁵ Intrépidos guardiões de nossa gentil fala,/ guardem-na franca e pura e clara como argento,/ pois todo um povo aqui abebera;

¹³⁶ Tradução para o português brasileiro do trecho citado: Os Trovadores, e ninguém ganhou deles depois,/ até a barba do monge, até a orelha do rei,/ levantando a língua popular,

Alor li Prouvençau emé lou tambourin
 que fara trefouli la barco e li marin,
 nous gandiren à vòsti targo;
 i vigno d'Alicant prendren nòsti maiòu,
 e quand farés courre li biou
 vous n'adurren de la Camargo.

Alor li Catalan d'òulivié freirenau
 courounant vòsti front, courounant vòsti nau,
 au mes de Mai vendrés nous vèire:
 e charraren d'amour, di vin e di meissoun,
 e cantaren nòsti cansoun
 e parlaren de nòsti rèire.¹³⁷

Igualmente, Mistral baliza o nexo que reúne os dois grupos, de novo é o idioma que abrange o Arco Mediterrâneo, dos Alpes aos Pireneus, como o sinal da família, como o fio que segura o ninho no galho, versos 127 a 132:

Dis Aup i Pirenèu e la man dins la man,
 troubaire, aubouren dounc lou vièi parla rouman.
 Acò's lou signe de famiho
 acò's lou sacramen qu'is àvi joun li fiéu,
 l'ome à la terro ! Acò's lou fiéu
 que tèn lou nis dins la ramiho.¹³⁸

Passando para a parte da antologia escrita em catalão, a figura do trovador aparece explicitamente em *Oda a la Pàtria* (X), de Bonaventura Carles Aribau, *Los cants del Laletà* (XII), de Adolf Blanc,

¹³⁷ Tradução para o português brasileiro do trecho citado: Então nós, Provençais, tocando o pandeiro/ que fará tremer o navio e os marujos,/ iremos a vossos torneios;/ das vinhas de Alicante colheremos bacelos,/ quando façam correr os touros/ levaremos bois da Camarga.// Então os Catalães de oliveira fraternal/ coroando as testas, coroando os navios,/ no mês de maio virão nos ver:/ e falaremos do amor, do vinho e da ceifa,/cantaremos nossas canções/ e lembraremos os avós.

¹³⁸ Tradução para o português brasileiro do trecho citado: Desde os Alpes até os Pireneus, de mãos dadas,/ trovadores, levanta-se a fala romana./ Esse é o sinal da família,/Esse é o sacramento que une os avós aos netos,/ e o homem à terra! Esse é o fio/ que segura no ramo o ninho.

A *la llengua catalana* (XIII), de Lluís Gonzaga Pons i Fuster, e *Lo trobador Romeu* (XV), de Albert de Quintana i Combis. No caso dos poetas catalães, além da tradição trovadoresca dos séculos XI a XIII, aparece a figura de Ausiàs March, importantíssimo poeta do século XV, nascido em Valência, cuja obra se adscrive unicamente ao âmbito da língua catalã e que, como introdutor do soneto na Península Ibérica, teve grande repercussão na lírica catalã (e espanhola) das centúrias posteriores. Víctor Balaguer i Cirera dedica um poema a *Ausiàs March* (XVI) no qual o poeta do século XIX conversa com seu mestre do século XV. Balaguer começa o poema se apropriando da identidade de bardo lemosim como via para legitimar a própria voz, versos 3 e 4: “La llengua de mos avis/ jo sols conec; só un bardo llemosí” (“A língua de meus avós / só conheço; sou um bardo lemosim”, em nossa tradução). A seguir, traz a memória dos trovadores medievais, e duas das composições mais representativas desse período: a canção de amor e o descord¹³⁹ versos 13 a 16:

Mes ma llengua és la llengua en que algun dia
compongueren llurs lais los trobadors,
i el món trobava dolça l’harmonia
de llurs descords i llurs cançons d’amors.¹⁴⁰

A partir daí, Balaguer coloca o foco em Ausiàs March reconhecendo-o como mestre e herói da *pátria lemosina*. Destaca-se

¹³⁹ A poesia trovadoresca pode se classificar em diversos gêneros segundo os versos usados ou os temas tratados. A saber: “la cançó, el vehicle més important de la poesia trovadoresca; el sirventès, gènere que servia per a expressar la ira, l’atac virulent, la polèmica literària o el discurs moralitzador del poeta; el planh o lament fúnebre per una persona estimada; l’alba, gènere que descriu l’enuig dels enamorats que, havent passat la nit junts, s’han de separar en despuntar el dia; la pastorel·la, diàleg amorós entre un cavaller i una pastora en ple camp; els gèneres que concerneixen el debat i el diàleg entre els trobadors; a part el sirventès, trobem la *tençó*, el *partiment* o *joc partit*, el *tornejament*. Però també hi ha gèneres condicionats bàsicament per la versificació o l’estructura del poema; la balada i la dansa, cançons per a cor i solista, aptes per a ésser ballades; o gèneres que es distingeixen per llurs característiques melòdiques, com l’*estampida* o el *descort*”. (*Enciclopèdia Catalana*, 2013)

¹⁴⁰ “Mas minha língua é a língua que um dia/ compuseram seus lied os trovadores,/ e o mundo achava doce a harmonia / de seus descords e suas canções de amores”.

também o qualificativo de “Petarca llemosí”, justificado por ter sido March o introdutor do soneto petrarquista nessa língua, versos 29 a 33:

Jo et conec, Ausiàs March, puix de la glòria
plena ne va la pàtria llemosina;
per tu guarda una pàgina la història
i un altar per ton nom guarda mon cor.
Petarca llemosí, com no estimar-te ¹⁴¹

A relação com March tem origem na infância de Valaguer, quando ele aprendeu aqueles versos antigos, 43 e 44: “que jo et conec, poeta:/ encara nin, tos versos aprenguí” (“pois eu te conheço, poeta:/ quando rapaz, teus versos aprendi”, em nossa tradução). Fato que, de ser verídico, demonstraria a transmissão do hábito de leitura em catalão e o conhecimento dos clássicos, inclusive durante o período que precedeu à *Renaixença*. Elogios a Ausiàs March no mesmo tom se sucedem ao longo do poema, versos 45 a 50:

Aprenguí que ta glòria era la glòria
de tota una nació, ton nom sa fama:
llegint tos versos, que l’amor inflama,
aprenguí ta memòria a venerar,
que palpitar sentia en cada esparsa
ton greu amor per la que fou ta aimia, ¹⁴²

Nesse trecho, Valaguer inclui dois termos que fazem parte do vocabulário de March: *esparsa* e *aimia*, conforme a exposição na seção 4.1. Mas, além de introduzir no seu discurso palavras do poeta homenageado, Valaguer chega a tomar versos de March para enriquecer a própria obra, versos 112 a 114¹⁴³:

*Jo som aquell que en lo temps de tempesta
vaig sobre neu, descalç, ab nua testa,
jo som aquell que diuen Ausiàs March!*

¹⁴¹ Conheço-te, Ausiàs March, pois da glória/ cheia vai a pátria lemosina:/ pra ti guarda uma página a história/ e um altar pra teu nome guarda o peito./ Petarca lemosim, como não amar-te.

¹⁴² Aprendi que tua glória era a glória/de toda uma nação, teu nome fama:/ lendo teus versos, que o amor inflama,/ aprendi tua memória venerar, / que palpitar sentia a cada estrofe/ teu grave amor pela que foi tua amiga,

¹⁴³ No texto fonte esses versos estavam destacados em cursiva e assim foram reproduzidos na nossa antologia, sem traduzi-los.

Encontramos outro exemplo disso no verso 136 “tu que *ets al hom com al cavall mordasses*” e no verso 159 “*Maleit lo jorn que’ m fou donada vida!*”. A esse respeito, vale acrescentar que, na tradução para o português brasileiro, optamos por não traduzi-los deixando a voz de Ausiàs March no catalão do século XV que Valaguer reproduzia, dessa forma sublinhava-se o diálogo do poeta em tradução –Víctor Valaguer – com o clássico –mantido em língua de partida – assim como se dá a oportunidade ao leitor lusófono de se aproximar da língua e do autor que inspiram essa composição.

Seguindo a missão laudatória ao poeta valenciano do século XV, Valaguer apresenta uma cena em que todos os escritores se inclinam para ouvir os cantos de March, como os pássaros emudecem para escutar o canto do rouxinol, versos 83 a 86:

Així quan cantes tu, tots los poetes
t' escolten, encorbats sobre llurs lires,
que a tots amb tos cantars atraus i admires,
puix ets lo rossinyol dels trobadors.¹⁴⁴

E conclui a homenagem imaginando o triunfo glorioso e a coroação de March em um paraíso onde se encontram os heróis históricos da *pátria* e da *língua lemosinas*, versos 193 a 200:

És Ausiàs March! és ell! sortiu-lo a rebre
savis que al món amb obres assombrareu,
i vosaltres, oh reis, que subjectareu
imperis grans al jou de vostra llei.
És Ausiàs March! És ell! Que li obre via
d'eixos morts coronats la turba inquieta.
Majestats del talent, plaça al poeta!
I majestats del trono, plaça al rei!¹⁴⁵

¹⁴⁴ Assim se cantas tu, todos os poetas/ escutam, corcovados sobre as liras,/ que a todos com teus cantares admiras,/ pois és o rouxinol dos trovadores.

¹⁴⁵ É Ausiàs March! Saiam a recebê-lo/ sábios que o mundo com obras espantam,/ e vocês, ó reis, que sustentaram/ impérios grandes ao jugo desta lei./ É Ausiàs March! Abram-lhe o passo/ os mortos coroados a turba inquieta./ Majestades do talento, lugar para o poeta!/ Majestades do trono, deem passo ao rei!

Em suma, a riquíssima tradição dos trovadores medievais seria argumento suficiente para outros estudos; aqui apenas salientou-se o vínculo entre esses excepcionais poetas e o grupo de artistas catalães e occitanos que no século XIX se consagraram à criação de uma literatura própria, assim como certas diferenças entre ambas as tradições separadas pelo lapso de seis séculos.

Saltando para a literatura escrita em catalão no século XIX, também são frequentes as homenagens a outros autores coetâneos. Neste ponto, são representativos os versos 13 a 18 de *Los Cants del Laletà* (XII), de Adolf Blanc Cortada, onde o autor considera que a sua arte não alcança a inspiração dos que o precederam, os trovadores *antigos* – Jordis, Bergadans, Marchs e Garcias – e imediatamente anteriores da *Renaixença* – Carles Aribau e Rubió i Ors aludido sob o pseudônimo *Lo Gaiter del Llobregat*:

Mes en mos pobres cants, pàtria adorada,
no oiràs les harmonies,
tan tendres altre jorn, del gai saber;
ni en mi veuràs la inspiració sagrada
de Jordis, Bergadans, Marchs i Garcias,
dolç Aribau i deliciós Gaiter.¹⁴⁶

Em *A la llengua catalana* (XIII), de Pons i Fuster, aparece também uma referência a Rubió i Ors, apelado de novo pelo seu pseudônimo, *Lo Gaiter*. É a própria pastora que encarna a língua catalã, que elogia as capacidades desse poeta, versos 165 a 178:

Sols del fabril Llobregat
en les vores enramades
canta pura, alt i joiosa
una dolcíssima gaita
de mos vassalls lo poder,
dels meus fills nobles hassanyes,
la dolçura de ma veu,
i el valor de mes plumades.
Oh! Gaiter que et tinc al cor!
Oh! Bon gaiteret de l'ànima!
Content sempre amb mon amor
i amb la corona que et guarda,

¹⁴⁶ Mas em meus pobres cantos, pátria adorada,/ não ouvirás as harmonias,/ tão tenras outrora, da gaia ciência;/ nem verás em mim a inspiração sagrada/ de Jordis, Bergadans, Marchs e Garcias,/ doce Aribau e o delicado Gaiter.

Déu te doni imitadors
com ja crec que algun n'aguaita. ¹⁴⁷

Perante os elogios da pastora a esse outro *poeta-amante*, o autor de *A la llengua catalana* (XIII) reage demonstrando os ciúmes que sente. Dessa forma a relação entre os poetas e a língua reproduz a competição entre cavalheiros que lutam por uma dama; ou seja, o trovador que adota a posição do amante cujo dever é defender a língua, mas que também sente ciúmes ao pensar que a língua possa preferir outro trovador, versos 179 e 188:

- Retira, hermosa, la veu
que d'amor se t'ha escapada,
perquè si ara no fa molt
sentia crits de venjança,
veig que el gelós escurçó
rosegant va mes entranyes,
ja que sens forces ni veu,
ni amb l'ajuda de la gaita,
no puc ser lo teu amant,
ni cantar tes alabances. ¹⁴⁸

Por outro lado, o mesmo Joaquim Rubió i Ors começava *Mos cantars* (XI) reproduzindo uns versos da *Oda a la Pàtria* de Aribau “Que fora de cantar em llengua llimosina/ No em queda mès plaer, no tinc altre conhort” e citando um verso do rei Dom Pedro de Aragão “d'amor no chant axí com far solia”. Cabe dizer que Joaquim Rubió i Ors foi uma figura destacada nas etapas iniciais da *Renaixença*, publicou uma série de poemas no *Diario de Barcelona* entre fevereiro de 1839 e novembro de 1840 – dentre eles, *Mos cantars* – sob o pseudônimo de *Lo Gaiter del Llobregat*. Em suma, na parte da antologia escrita em catalão,

¹⁴⁷ Só do fabril Llobregat/ nas beiras enramadas/ canta pura, alta e alegre/ uma docíssima gaita/ de meu vassalo o poder,/ dos meus filhos as façanhas,/ a candura de minha voz,/ e de minha pluma a audácia./ Gaiteiro do coração!/ Gaiteirinho de minh'alma!/ Contento com meu amor/ e a coroa que te guarda,/ Deus te dê imitadores/ como alguns que agora surgem.

¹⁴⁸ - Retira, senhora, a voz/que de amor te escapava,/ pois se bem agora a pouco/ senti gritos de vingança,/ vejo o ciumento aguilhão/ roendo minhas entranhas,/ já que sem forças nem voz,/ nem com a ajuda da gaita,/ não posso ser seu amante,/ nem te louvar com palavras.

observamos que, ao mesmo tempo em que os autores celebram e reivindicam a língua, reconstróem uma tradição literária ininterrupta desde o período medieval até a sua geração.

Já na parte escrita em occitano, a grande lacuna entre os trovadores medievais e os *felibres* não impede que esses celebrem algumas figuras que os precederam. De acordo com Courouau (2005), o processo de diglossia e substituição linguística em que essas duas línguas se encontravam suscitou a aparição de um discurso apologético em favor da língua dominada, elaborado por intelectuais e escritores locais durante o século XVIII. Assim o surgimento do pensamento nacionalista no século XIX, dialoga com discursos precedentes e, nesse sentido, a reivindicação dos intelectuais do *Felibritge* e da *Renaixença* não é completamente original, mas continua ou re-significa reflexões de centúrias precedentes. O poema *En l'ounour de Jansemin* (III) de Frederic Mistral é uma homenagem a Jansemin, pseudônimo usado por Jacques Boé em francês, Jacme Boèr em occitano, barbeiro e poeta gascão da primeira metade do século XIX (1798 a 1864), nascido na cidade de Agen, departamento de Lot-et-Garonne. A biografia de Jansemin se destaca pelo seu caráter popular, já que ele trabalhou como barbeiro e ganhou popularidade recitando seus poemas aos clientes. Algumas de suas composições mais celebradas foram *Fidelitat agenesa*, *Lo Charibari* e *Lo tres de mai*, esse último recitado durante a inauguração na cidade de Nerac de uma estátua ao Rei Henrique IV de Navarra, motivo que Mistral retoma no seu poema de homenagem. A fama que Jansemin foi ganhando permitiu-lhe viajar por boa parte do território occitano para recitar poesias; em Bordéus, em 1836, leu *L'Avugla de Castelculhèr* consagrando-se assim como poeta nacional. A sua fama chegou às mais altas esferas do poder; o imperador Napoleão III lhe concedeu a medalha da *Légion d'Honneur* e o Papa Pio IX o consagrou como cavaleiro de São Jorge; mais tarde, a Academia Francesa outorgou a ele uma pensão vitalícia. Igualmente, recebeu louvores de importantes homens de letras franceses coetâneos seus, como Honoré de Balzac e Alphonse de Lamartine, esse último padrinho literário de Mistral. Na biografia de Jansemin, arte e literatura trilham uma via para fazer reviver o país e defender o prestígio até na capital Paris, habitualmente hostil às manifestações culturais vindas do Sul, da província, fato que Mistral glossa *En l'Ounour de Jansemin* (III), versos 46 a 49:

e lou país reviscoula
bevié l'ounour à soun calice;

e Paris, e lou rèi, e tóuti, pèr delice
voulien ausi noste parla.¹⁴⁹

Após a morte de Jansemin – o poeta barbeiro – foi inaugurada uma estátua de bronze feita pelo escultor Vital-Dubray na sua cidade natal, Agen, no dia doze de maio de 1870. No ato da inauguração, Frederic Mistral recitou o poema em sua honra, *En l'Ounour de Jansemin* (III), que incluímos na antologia. Mistral reconhece no autor homenageado um precursor do renascimento dos *felibres*, um rio de poesia jorrado desde Agen, versos 20-21: “Agèn nous a larga tau flum de pouèsio/que n’èn sian tóuti luminous” (“Agèn jorrou um vasto rio de poesia/ e ficamos todos luminosos”). A obra de Jansemin fez florescer a *lenga d’òc* entre os dois mares, o Mediterrâneo e o Atlântico, e, assim, a afronta histórica que o occitano sofria teria sido vingada, como conclui o poema, versos 57 e 63:

Car nòsti mort e nòsti paire
e nòsti dre sacra de pople e de troubaire
que trepejavo, aièr, lou pèd de l’usurpaire.
E que bramavon óutraja,
revivon aro dins la glòri!
Aro, entre si dos mar, la lengo d’O fai flòri...
O Jansemin, nous as venja!¹⁵⁰

Nesse diálogo com a tradição literária e as gerações de poetas e escritores precedentes, a obra do maiorquino Marià Aguiló i Fuster ocupa um lugar particular devido à influência que ele recebeu da poesia popular. Seu trabalho, comprometido com a recuperação e o cultivo da língua catalã, não se limita à produção criativa de poesia, mas também se debruça na pesquisa do folclore dos *Països Catalans* e do Mediterrâneo. A *Bibliografia catalana* (premiada em Madri em 1860, mas inédita até 1927, quando foi publicada sob o título de *Catálogo de obras en lengua catalana impresas desde 1474 hasta 1860*), o *Cançoneret de les obretes en nostra llengua materna més divulgades durant los segles XIV, XV e XVI e o Romancer popular de la terra*

¹⁴⁹ E todo o país revivido/ bebia a honra no cálice dele;/ e Paris, e seu rei, e todos, por deleite/ queriam ouvir nossa fala.

¹⁵⁰ Pois nossos mortos, nossos pais/ e os santos direitos de povo e trovadores/ que ontem esmagavam os pés do usurpador./ Eles bramavam ultrajados./ e agora revivem na glória!/ E, entre os dois mares, floresce a língua d’Òc.../ Ó Jansemin, tu nos vingaste!

catalana dão conta do trabalho de filólogo e bibliógrafo ao qual esse autor dedicou grande parte da sua vida. Essa é a missão que Aguiló i Fuster concebe para o intelectual da *Renaixença*, chamado de éfeta¹⁵¹ em *La Llengua Materna* (XVII); o eleito trovador deve mudar a estrela aziaga da língua e devolver a palavra a um povo mudo, missão messiânica que se espelha no mesmo apelo ao Deus redentor, observem-se os versos 73 a 84:

Per vèncer tants grans obstacles,
on és l'elet trobador?
Mester fóra un dels miracles
que feia lo Salvador.

Sols Ell pot girar l'estrella
del nostre parlar nadiu
si volgués dir a l'orella
de les gents sordes: oïu!

Digueu, Èfeta, el coratge
de la ignorant multitud
i cobrarà son llenguatge
mon trist poble sord i mut.¹⁵²

Verifica-se que a recuperação da tradição culta se completa com a reivindicação da tradição popular viva. Nesse sentido, devemos considerar a figura de Joaquim Rubió i Ors, mencionada anteriormente, que, ao adotar o pseudônimo de *Lo Gaiter*, assume uma identidade popular; os gaiteiros, músicos de gaita de fole, percorriam as cidades e as aldeias animando as festas. A reivindicação dessa dupla tradição é explicitada em *Mos Cantars* (XI), pois a poesia – a harpa – não só ressoou nos castelos góticos onde moraram os antigos trovadores, mas também nas humildes cabanas, versos 67 a 70:

Puix no sempre ressona en les altures,
ni sota sostres daurats, ni en castells gòtics;

¹⁵¹ Termo cuja origem, significado e tradução foram objeto de nosso comentário na seção 4.3.

¹⁵² Pra vencer tamanhas provas,/ cadê o eleito trovador? / Mister fosse um dos milagres/ que fazia o Salvador.// Ele só mudará a estrela /do nosso falar nativo/ se Ele falasse na orelha/ das pessoas surdas: ouçam!// Dê-lhes, Éfeta, a coragem/ da ignorante multidão/ e cobrará sua linguagem/ este triste povo mudo.

puix no desdenya les humils cabanyes,
l'arpa dels trobadors.¹⁵³

Em *Los Cants del Laletà* (XII), Adolf Blanc Cortada também formula a busca do trovador entre os castelos e as cabanas, entre a tradição culta e popular, versos 25 e 34:

Jo buscaré en los racons
d'estes antigues muntanyes,
les tradicions misterioses,
les més senzilles balades;
i de castell en castell,
i de cabanya en cabanya,
aniré com trobador,
penjada l'arpa a l'espatlla,
deixant anar aquí un lai,
i allí un record a ma pàtria.¹⁵⁴

Observamos que a figura do trovador é construída não de forma monolítica, mas sim como o somatório da tradição antiga e da produção contemporânea, dos elementos cultos e populares.

Por último, os nomes das músicas (*cançó, lai, poema, canto* etc.) são também um elemento que permeia os textos do *corpus*. Ou seja, assim como os poetas se dão a si mesmos nomes específicos (trovadores, bardos, éfetas, gaiteiros etc.) também usam os nomes de várias composições tradicionais para nomear os poemas que eles compõem. Igualmente, a presença da harpa, como instrumento do poeta, aparece diversas vezes na antologia. Cabe lembrar que a lira, ou a harpa, simboliza a poesia desde a antiguidade, e durante o Romantismo, esse instrumento foi associado aos bardos e trovadores medievais. Em definitiva, pelas razões expostas considera-se que a reivindicação da figura do trovador como mito nacional inscreve a *Renaixença* e o *Felibritge* em um contexto românico e, ao mesmo tempo, nas tradições locais românicas e mediterrâneas.

¹⁵³ Pois nem sempre ressoa nas alturas,/ baixo os tetos dourados dos castelos;/ e não desdenha singelas cabanas,/ a harpa dos trovadores.

¹⁵⁴ Procurarei nos recantos/ dessas antigas montanhas,/ as tradições misteriosas,/ as mais singelas canções;/ e de castelo em castelo,/ e de cabana em cabana, / irei como trovador,/ no ombro pendurada uma harpa,/ deixando ir um lied aqui,/ e ali uma lembrança da pátria.

6.2. *A construção e a tradução de um espaço geolinguístico: território, nação e Latinidade*

Na seção anterior vimos como a obra desse grupo de intelectuais e poetas contribuiu para a recuperação e construção do relato de uma tradição cultural e linguística; mas, além da história, o catalão e o occitano possuem também uma geografia que é mister examinar. A maior parte dos textos do *corpus* baliza um espaço geográfico, mais ou menos abrangente, mais ou menos próximo ao poeta, como *hábitat* da língua e do povo que a fala. Esse espaço nem sempre coincide com o território demarcado pela nação; ou seja, por uma entidade política, administrativa e militar. De forma diferente, a construção de um espaço geolinguístico não estanque se articula em uma série de círculos sucessivos que passam pela evocação da terra natal e da província – a parte mais próxima ao poeta e a mais íntima –, o canto da nação, a criação de uma irmandade occitano-catalã concebida como *pátria lemosina* e finalmente a integração no domínio da Latinidade, entendida como um conjunto de trocas históricas, culturais, linguísticas e sociais recíprocas. Neste ponto, vale lembrar que a noção de territorialidade foi um dos filtros usados para balizar a literatura traduzida no *corpus*, de acordo com a exposição da seção 3.1. Agora precisamos problematizar como esses elementos apareciam nos poemas originais e como eles foram re-contextualizados na tradução.

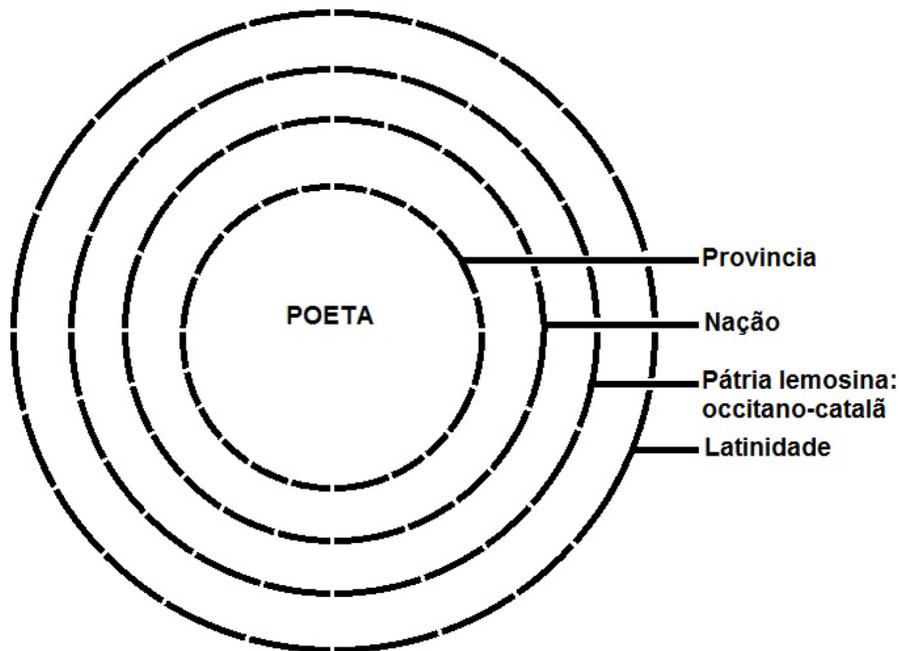
No terceiro capítulo, tínhamos exposto que nos textos do *corpus* predominavam ideais patrióticos (esplendor, império, conquista etc.) que ponderamos como *masculinos*. E, nesse sentido, considerávamos que, por eles pertencerem a povos submetidos, seria de esperar que estes intelectuais procurassem ideais e mitos que se adaptassem melhor a sua realidade subalterna sem necessariamente reproduzir os ideais patrióticos esgrimidos pelas autoridades centralistas espanholas ou francesas. Diante da construção da identidade étnica ou nacional fechada em si e construída desde um centro que irradia sua influência para uma periferia cujo limite é a fronteira administrativa, a criação de um sentimento nacional nos poetas occitanos e catalães busca, desde cedo, estabelecer relações com outros movimentos semelhantes que estavam acontecendo em diversos lugares da Europa. Uma consciência linguística, identitária, cultural e linguística que simultaneamente é pensada como diferenciada e comum. Além disso, cada uma dessas esferas é porosa e o próprio poeta pode transitar entre elas, como

veremos a seguir com alguns exemplos; mas sempre é a língua o fator que possibilita e delimita essa passagem. A articulação desse espaço geolinguístico serve para narrar a nação como expressão basilar da visão de mundo dos intelectuais occitanos e catalães:

Cal fer atenció a les nostres narracions com a forma de pensament i com a expressió de la visió del món d'una cultura. És a través de les nostres pròpies narracions com construïm principalment una versió de nosaltres mateixos en el món i és a través de les pròpies narracions com una cultura ofereix models d'identitat i acció als seus membres. (MASSIP, 2008, p. 23-24)

E assim a construção de um espaço geolinguístico comum nos poemas da antologia pode ser esquematizada de acordo com a figura número 2:

2. A FORMULAÇÃO DO ESPAÇO GEOLINGUÍSTICO



A seguir, examinaremos cada um desses círculos a partir dos exemplos que oferece o *corpus*, começando pelo mais próximo e imediato aos poetas occitanos e catalães: a evocação da terra natal e da província.

6.2.1. A evocação do espaço geográfico como corpo da pátria

A exaltação da língua fica atrelada à terra e se considera que esta reflete as propriedades daquela, seguindo enfoques naturalistas. Isto se evidencia na primeira estrofe de *Oda a Espanya* (XIX), de Maragall, na qual a voz poética expressa que foi a terra áspera quem lhe deu a língua que fala:

Escolta, Espanya, – la veu d'un fill
 que et parla en llengua – no castellana:
 parlo en la llengua – que m'ha donat
 la terra aspra:
 en 'questa llengua – pocs t'han parlat;

A evocação do território, entendido como *corpo da nação*, condiciona as especificidades culturais e certos comportamentos sociais e, assim, o espaço do Mediterrâneo ocupa uma posição de destaque na configuração dessa identidade catalã, occitana e latina: ao longo de seus poemas, Mistral faz referência às videiras, às oliveiras e às culturas agrárias como o trigo, fundamentos da paisagem mediterrânea e pilares da forma de vida tradicional desses povos desde época romana em *Au miejour* (I), *I Trobairè Catalan* (II) e *A la Raça Latino* (VI). De forma análoga, essas mesmas paisagens se perfilam em poemas catalães como *Oda a la Pàtria* (X) de Aribau, *Los Cants del Laletà* (XII) de Blanc Cortada e *Lo Trobador Romeu (Adéu a la Pàtria)* (XV) de Quintana i Combis. Esse espaço é o *país* que estes poetas cantam e celebram. Devido à importância que esse termo recebe nos poemas, requisita uma definição sucinta. O *diccionari.cat* informa a respeito da etimologia da palavra; procede do francês *pays*, e este por sua vez, do francês antigo *païis*, evolução do latim tardio *pagensis* (camponês) derivado de *pagus* (campo, lugar rural). Desde o francês, a palavra passou a outras línguas românicas como o occitano, o catalão, o espanhol e o português, onde hoje em dia o termo *país* pode significar território, comarca, província, região e nação. Por outro lado, occitano e catalão têm um cognato, occitano *pagés* catalão *pagès*, evolução vernácula do étimo *pagensis*, cujo significado é camponês. Em suma, o significado de país tanto nas línguas de partida como na língua de chegada possui uma significação ampla que, em todo caso, abrange um território:

País: 1 Unitat fisiogràfica o paisatgística. *La Cerdanya és un país muntanyós*. 2 Contrada, terra. *Un país de bolets*. 3 Territori propi d'una ètnia determinada. *El País Basc, el País de Gal·les, els Països Catalans*. 3 Territori i població d'un estat independent. (*diccionari.cat*, 2014, recurso em linha)

No poema *En l'Ounour de Jansemin* (III), Mistral rende homenagem ao poeta gascão Jacme Boèr, conhecido como Jansemin ou Genseminque, como cantor e defensor da Gascunha. No verso 13

¹⁵⁵ Tradução para o português brasileiro do trecho citado: Escuta, Espanha, –a voz de um filho/ que fala em língua – não castelhana:/ falo na língua – que me entregou/ a terra áspera:/ nessa língua – poucos falaram; / na outra, demais.

nomeia essa região como “país d’Enri Quatre”, já que o monarca francês Henrique IV do século dezesseis nasceu naquelas terras. Nesse mesmo poema, Mistral opõe a pátria pequena (Gascunha e o occitano gascão) à pátria grande (França e a língua de Paris) como valores reivindicados pelo homenageado Jansemin, versos 36 a 42:

Pièi, se quauque marchand d’endormo
 le venié, pèr coumplaire à la modo uniforme:
 « Pouèto, à l’ouro d’uei ta noto es descounformo;
 « Pouèto, gascounes pas mai !
 “Es lou Prougrès que lou coumando...”
 - “*La pichouno patriò es bièn abans la grandò.*
 Respoundié, *Francimand ? jamai!*”¹⁵⁶

No verso 42, encontramos a palavra *francimand* que o dicionário *panoccitan.org* define como uma forma pejorativa usada em occitano para referir os franceses do norte, ou seja, os falantes de *língua d’oïl*, de francês. “**Francimand, Francimanda** *nom* 1. PÉJ francaparlant, Français, Française; 2. PÉJ del nòrd, Français, Française”. Esse termo demarca uma diferença étnica entre os franceses do sul, occitanos, e os do norte, franceses falantes de francês, diferença não isenta de valores negativos. Por tanto, Jansemin é apresentado nos versos de Mistral como um patriota cuja fidelidade se vincula muito mais com a pátria pequena do que com a grande; um cidadão francês que se recusa a ser um *francimand*, um afrancesado. Entretanto, se por um lado, se reivindica o elemento local, por outro, também se exalta o universalismo de Jansemin que é comparado com o poeta grego Píndaro nos versos 26 e 28:

Coume Pindare de sa Tèbo,
 eu nous parlavo, fièr, d’Agèn, de Bilo-nèbo,
 d’Auch, e dóu maine d’Estanquet¹⁵⁷

Assim como Píndaro¹⁵⁸ cantou a sua cidade natal, Tebas, Jansemin cantou com orgulho os lugares onde ele nasceu e morou:

¹⁵⁶ Mas, se algum vendedor de pílulas/ falava pra satisfazer a moda uniforme:/ “Poeta, hoje em dia tua nota destoa;/ Poeta, não tem mais gascão!/ É o Progresso que assim manda...”/ - “*A pátria pequena vem antes que a grande.*” Respondia ele, *afrancesado? nunca!*”

¹⁵⁷ Como Píndaro de Tebas, / ele falou altivo de Agèn, de Bilo-nèbo,/ d’Auch, e da aldeia de Estanquet.

Agèn, Bilo-nèbo, Auch e a aldeia de Estanquet. Observamos como a paisagem local e do mundo clássico são postas no mesmo horizonte poético. Algo similar acontece nos versos 5 e 6 de *A la Raço Latino* (V), nos quais Mistral faz referência ao monte Tabor: “Emé toun péu que se desnouso/a l’auro santo dóu Tabor,” (“Com a cabeleira desnuda/ na aura sangrada do Tabor,” na tradução). Nesse caso, a geografia local mistura-se com a geografia bíblica, numa transfiguração da paisagem mediterrânea. O monte Tabor é uma montanha dos Alpes que no século XIX demarcava um dos pontos da fronteira política entre a França e a Itália; assim, parafraseando esses dois versos, a raça latina tem a cabeleira desnuda na aura sangrada do monte Tabor, ou seja, entre duas importantes nações latinas: a França e a Itália. Mas, existe na Galileia outra montanha de mesmo nome, Tabor, cenário de várias passagens do Antigo Testamento e do Novo. *Lou Tresor dóu Félibrige ou Dictionnaire provençal-français II* (1979) fornece informações a respeito do conhecimento que Mistral possuía dessa montanha:

TABOR (rom. *Tabor*, hébr. *Thabor*, pureté), s. m. Le Tabor ou Thabor, montagne de Galilée ; le Tabor, montagne de Bohème ; le Tabor, près Tonneins (Lot-et-Garonne) ; le mont Thabor, nom d’un sommet des Pyrénées (Ariège) ; nom d’un sommet des Alpes dauphinoises. (, p. 942)

Na composição mistraliana, o Tabor é uma montanha sagrada bíblica que se ergue sobre o território da Provença. Algo semelhante ocorre em outro poema *Au Pouèto Italian Dall’Ongaro* (V), no qual os versos 3a 6 simbolizam a irmandade entre italianos e occitanos como dois rios que nascem do mesmo monte: o rio Po que corre da vertente piemontesa e o rio Durance que corre pela vertente provençal e desemboca no rio Ródano:

toun Po, la miéu Durènço,
na tóuti dous d’un soulet mount,
van abéura, l’un lou Piemount

¹⁵⁸ Não por acaso esse poeta da Grécia clássica recebeu a admiração de alguns dos escritores românticos mais destacados, como Goethe e Hölderlin, em quanto símbolo da liberdade criativa e do gênio. Mistral paragona Jansemin com um dos grandes referentes artísticos e literários reivindicados na época na qual ele próprio escreve.

e l'autro la Prouvènço.¹⁵⁹

Entre os escritores catalães, a evocação do território e da paisagem é também uma constante; cabe lembrar que cantar a terra natal é um motivo recorrente de muitas canções populares, recuperado por não poucos escritores românticos. Assim *Oda a la Pàtria* (X) pode ser entendida como uma canção de despedida e por isso o tema central é a saudade (*l'enyor*) da pátria e da língua; pátria que não corresponde com o Estado onde o poeta mora, a Espanha, mas sim com uma Catalunha idealizada. O poema é uma recordação física, da natureza e da paisagem – *corpo* da pátria – e espiritual, da língua *alma* da pátria. Essa pátria abrange simbolicamente os territórios onde é falada a língua lemosina:

Adéu-siau, turons, per sempre adéu-siau;
o serres desiguals, que, allí en la pàtria mia,
dels núvols i del cel de lluny vos distingia
per lo repòs etern, per lo color més blau!
Adéu, tu vell Montseny, que des ton alt palau,
com guarda vigilant, cobert de boira i neu,
guaïtes per un forat la tomba del Jueu,
i al mig del mar immens la mallorquina nau!¹⁶⁰

O poeta percorre alguns dos lugares mais emblemáticos do país: a montanha barcelonesa de Montjuïc, que ele chama *tomba del jueu*; o Montseny e o Monserrat, o rio Llobregat e até a ilha de Mallorca, descrita como um navio pairando sobre o Mediterrâneo (*a mallorquina nau*). Mencionar essa ilha ao evocar o corpo da nação preludia o imaginário dos *Països Catalans* amalgamados pela língua, os símbolos e a história. Na segunda oitava do mesmo poema, os elementos do corpo da pátria identificam-se com os membros da família; assim o poeta os reconhece como reconheceria a testa dos pais, a voz da mãe, o choro do filho, detalhes íntimos. Finalmente, o somatório desses elementos

¹⁵⁹ Teu rio Pó, meu Durance,/ nascidos de um cume só,/ vão abreviar, um o Piemonte/ o outro toda a Provença.

¹⁶⁰ Com Deus fiquem, outeiros, e para sempre adeus;/ ó serras desiguais, lá na pátria minha,/ das nuvens e do céu de longe eu distinguia/ pelo repouso eterno e pelo intenso azul!/ Adeus, velho Montseny, do alto palácio teu, vigiante guardião, coberto de bruma e neve,/ por uma fenda espreitas a tumba do Judeu./ e, no meio do amplo mar, a maiorquina barca!

conforma o *país* que o poeta relembra, como se observa nos versos 21 a 24:

En va a mon dolç país en ales jo em transport,
i veig del Llobregat la platja serpentina,
que, fora de cantar en llengua llemosina,
no em queda més plaer, no tinc altre conhort. ¹⁶¹

Em *Los Cants del Laletà* (XII) de Blanch i Cortada, Catalunya se identifica com um *alter ego* literario: *Laletània*¹⁶². Do verso 7 a 12, a pátria é igualmente apresentada como o somatório de elementos geográficos: serras, bosques, torrentes e as duas emblemáticas montanhas de Montserrat e de Canigó.

Jo vull cantar-te, oh dolça pàtria mia,
amb tes salvatges serres,
amb tos immensos boscos de verdor,
i amb tos torrents de màgica harmonia,
i amb tos records de mil glorioses guerres
que han vist lo Montserrat i el Canigó. ¹⁶³

A pátria é igualmente fonte de inspiração do trovador, do poeta, como se observa nos versos 35 a 44:

Jo m'inspiraré en los boscos,
al ric, ric, de la cigala,
o a la vora d'un torrent
a on se precipita l'aigua,
i allà, en lo cim d'algun puig,
o en la fatigosa platja,
sentiré el jugar del vent
amb les cordes de mon arpa,
com los crits dels mariners,
com d'algun pastor la gaita. ¹⁶⁴

¹⁶¹ Ao meu doce país nas asas me transporto,/ vejo do Llobregat a praia serpentina,/ que, além de cantar em língua lemosina,/ não tenho outro prazer, não resta mais conforto.

¹⁶² Na seção 4.1 comentamos a origem e os significados dos termos *Laletà* e *Laletània*.

¹⁶³ Eu quero cantar-te, doce pátria minha,/ com tuas selvagens serras,/ com teus imensos bosques de verdor,/ e com tuas nascentes de mágica harmonia,/ e com memórias de mil gloriosas guerras/que viram o Montserrat e o Canigó.

Já em *A la Llengua Catalana* (XIII), Pons i Fuster apresenta os Pirineus como fronteira entre dois Estados: França e Espanha; porém é justamente neste lugar onde mora a língua catalã, simbolizada por uma pastora que conversa com o poeta. Assim aparece no começo da obra, versos 1 a 4:

Sota del vell Pirineu,
la muntanya de dues cares,
que a França amb la de neu mira,
i amb la de mel a l'Espanya;¹⁶⁵

O poema *Lo Trobador Romeu* (XV), de Quintana i Combis, apresenta uma concepção de pátria interessante. O poema é um adeus à pátria, do poeta que parte e que canta a terra nos primeiros versos. Seguindo a narração da obra, o protagonista chega à Catalunha Norte, isto é, à parte administrativamente francesa, de acordo com a distribuição geográfica do Mapa 3. Estando ali, encontra um forte nexó com a terra que acaba de deixar: a língua, pois em ambos os países se fala lemosim, versos 41 a 44:

I pensa que eixa terra
no és terra molt estranya,
pel pla, per la muntanya
s'hi parla llemosí!¹⁶⁶

Nos versos sucessivos, dedica um elogio à língua, fonte de inspiração, mas sente um estranhamento: a terra onde ele está não é mais a terra que conhece, versos 57 a 62:

Mes ai! no és eixa terra
la plana que el Ter banya,
voltant mans la cabanya

¹⁶⁴ Vou me inspirar nas florestas,/ no cri-cri de uma cigarra,/ ou à beira das nascentes/ por onde baixam as águas,/ e lá, no cume de um pico,/ ou na fadigosa praia,/ sentirei brincar o vento/ com as cordas de minha arpa,/ como gritos de marujos,/ como de um pastor a gaita.

¹⁶⁵ Embaixo dos Pirineus,/ montanhas de duas caras,/ que com neve à França olham,/ e com mel olham à Espanha;

¹⁶⁶ E pensa que essa terra/ não é terra muito estranha,/ no plano, na montanha/ fala-se lemosim!

a on ma filla viu;
i la mia veu no canta
sinó la pàtria mia...¹⁶⁷

Finalmente, *Els Focs d'Aquest Sant João* (XX), de Maragall, mostra uma imagem vinculada à geografia especialmente plástica: um país delineado pelas fogueiras de São João, que devem ser altas para que sejam vistas desde todos os pontos do território, versos 5 a 8:

Cal que es vegin de València,
de ponent i de llevant;
i en fareu també en la Serra
perquè els vegin més enllà.¹⁶⁸

Imagem que é retomada nos versos 27 e 28, na conclusão do poema:

Pirineu si resplendissis
tot encès de mar a mar,¹⁶⁹

Em síntese, a percepção do espaço geolinguístico baliza uma terra comum, demarcada por acidentes geográficos, uma pátria, um país e uma comunidade falante do mesmo idioma, um povo; componentes fundamentais para compor o marco referencial da nação. Além disso, em certos casos, nomes de lugares locais se misturam e confundem com localizações bíblicas e do mundo clássico, criando um imaginário que legitima a existência desses países na comunidade de nações.

6.2.2. A formulação da nação

A finais do século XVIII, o termo *nação* começa a ser aplicado para delimitar espaços geográficos, humanos, culturais e linguísticos, podendo apresentar variações no seu desenvolvimento histórico geral, de acordo com Guisan (2011, p. 141). Em outras palavras, a *nação* aceita certo grau de heterogeneidade em sua formulação. No caso que

¹⁶⁷ Mas ai! não é essa terra/ o vale que o Ter banha,/ ao redor da cabana/ onde minha filha mora;/ e a minha voz não canta/ senão a pátria minha...

¹⁶⁸ Têm que ver-se de València,/ de poente e de levante;/ façam-nas também na Serra/ pra que se vejam além.

¹⁶⁹ Pireneus se resplandecem/acesos de mar a mar,

aqui estudamos, o elemento linguístico assume um papel central. De fato, o poema *L'Arbre de la Pàtria* (XVIII) apresenta de forma alegórica, através da imagem da árvore, a união entre língua e pátria como já foi assinalado na seção precedente. A árvore, que representa a língua, é antiga e finca suas raízes no coração da terra, igualmente marca com sua sombra os *limites naturais do reino*; isto é, a nação ocupa aqueles lugares onde é falada a língua comum. Assim aparece nos versos 36 a 43:

Que d'eixs arbres, si se'n troben,
són tan solius i tan clars,
que un només dins cada reialme,
només que un s'hi sol criar;
i n'és l'honra i la senyera
i lo trofeu pus preuat,
tant que amb sa ombra marca el regne
ses fites més naturals...¹⁷⁰

A árvore da pátria, ainda que esteja doente pelos parasitas e os ataques que ininterruptamente sofre, continua dando abrigo a três milhões de pessoas; ou seja, o número aproximado de catalães que viviam quando Aguiló i Fuster escreveu o seu poema. Essa comunidade de três milhões representa o corpo do povo, de acordo com os versos 29 a 35:

Mes, encara s'hi aixopluga
tot un gran poble davall;
i ombra dolça i fullós jaç.
Tres milions són los qui l'aimen
si uns quants borts no l'aimen pas
hi ha milers n'escamparien
per defendre'l fins sa sang.¹⁷¹

¹⁷⁰ Dessas árvores se encontram,/ são tão sólidas e claras,/ uma só em cada reino,/ uma costuma se criar;/ e sua honra e sua bandeira/ tanto é o troféu mais prezado,/ que com sua sombra baliza o reino/ seus marcos mais naturais...

¹⁷¹ Mas, ainda embaixo abriga/ um grande povo inteiro;/ sombra doce e farto leite./ São três milhões estes que a amam/ se uns bastardos a detestam/ há centos que verteriam / para defendê-la o sangue.

Assim, os valores estéticos, lingüísticos e literários cultivados pelos intelectuais do *Felibrige* e da *Renaixença* forjam uma identidade que sustenta as reivindicações políticas do movimento nacionalista:

Dins els moviments nacionalistes de la segona meitat del segle XIX la qüestió lingüística, però, tingué una importància cabdal. Les reivindicacions lingüístiques gestades a casa nostra per la Renaixença i consolidades pel Modernisme seguiren, l'exemple europeu. En aquesta dinàmica, les reivindicacions lingüístiques es transformaren en autèntiques reivindicacions polítiques: seria el moment del catalanisme polític que, des de 1870, augmentaria el seu to programàtic. (VILAMITJANA I CARANDELL, 2002, p. 47)

Consideramos que a reivindicação de língua e cultura atreladas à defesa da nação se explicita, na parte dos poetas occitanos, em *I Trobairè Catalan* (II) de Mistral, dos verso 133 a 138:

Intrepide gardian de noste parla gènt,
garden-lou franc e pur e clar coume l'argènt,
car tout un pople aqui s'abéuro;
car, de mourre-bourdoun, qu'un pople tounge
esclau,
se tèn sa lengo, tèn la clau
que di cadeno lou deliéuro.¹⁷²

A língua nutre o povo e, enquanto ele conserve esse vínculo comum, mesmo caíndo escravo, terá a chave para se libertar das correntes. Na última estrofe, versos 85 a 88, de *La Llengua Materna* (XVII), de Aguiló i Fuster, encontramos um relato dessa ideia: o renascimento da nação vem através das letras; se o povo recupera a língua, recupera a si mesmo:

Cap nació pot dir-se pobra
si per les lletres reneix;
poble que sa llengua cobra

¹⁷² Intrépidos guardiões de nossa gentil fala,/ guardem-na franca e pura e clara como argento,/ pois todo um povo aqui abebera;/ quando de braços no chão,/ um povo cai escravo,/ se tem sua língua, tem a chave.

se recobra a si mateix.¹⁷³

Desta forma, as reivindicações linguísticas e culturais confluem em uma esfera mais abrangente por integrar a demanda de autonomia política: a nação, medida de caráter liminar da modernidade cultural, de acordo com Bhabha (2010). Como já foi apontado na seção 2.2, a posição subalterna das minorias étnicas fez com que elas se pensassem seguindo formas imaginativas oriundas das culturas hegemônicas que as marginalizavam na periferia; no âmbito cultural que aqui examinamos, os intelectuais occitanos e catalães adotam um pensamento nacionalista – uma forma imaginativa – que provém das nações centrais e que eles têm que adaptar à sua condição subalterna. Nesse sentido, é possível estabelecer uma diferença entre o nacionalismo praticado pelos Estados-nação centrais, tendente à celebração da supremacia desses povos e à expansão imperialista, e o nacionalismo expressado pelos povos colonizados, pelas minorias subalternas e por nações sem estado como base de suas reivindicações de autonomia e barragem contra a assimilação subordinante. Não há uma história a ser celebrada sem levar em consideração a narração de toda uma série de perdas seculares e derrotas. A *Oda a Espanya* (XIX), de Maragall, põe em evidência esse fato, pois a voz do poeta não é a de um patriota que exalta os triunfos da nação, mas sim de um filho, de um cidadão, que fala em uma língua que a *mãe-pátria* nem entende:

Escolta, Espanya, – la veu d'un fill
que et parla en llengua – no castellana:
parlo en la llengua – que m'ha donat
la terra aspra:
en 'questa llengua – pocs t'han parlat;
en l'altra, massa.¹⁷⁴

O poema faz uma dura crítica ao projeto imperial fracassado da Espanha que, depois da Guerra Hispano-Americana contra os EUA, em 1898, viu sair de sua órbita de influência as últimas colônias do Caribe, Cuba e Porto Rico, e do Oceano Pacífico, as Filipinas. O poeta questiona todos aqueles que cantaram as glórias, os combates e as batalhas; fatos aparentemente gloriosos, mas que levaram o país à ruína

¹⁷³ Nenhuma nação é pobre/ se pelas letras renasce;/ povo que sua língua cobra/
recobra-se pra si mesmo

¹⁷⁴ Cf. nota de rodapé 55.

e à morte. A impossibilidade de construir um projeto onde caiba a diversidade cultural dos diferentes povos peninsulares, faz com que no final do poema Maragall se despeça da Espanha, uma ruptura com uma nação que não sabe entender os próprios filhos, isto é, os próprios cidadãos:

On ets, Espanya? – No et veig enlloc.
No sents la meua veu atronadora?
No entens aquesta llengua – que et parla entre
perills?
Has desaprès d'entendre els teus fills?
Adéu, Espanya!¹⁷⁵

Ora, se parece impossível o desenvolvimento pleno da identidade nacional dentro dos Estados centralistas, cabe perguntar quais modelos políticos imaginam os intelectuais occitanos e catalães como alternativa, discussão à qual nos dedicamos na seguinte seção.

6.2.3. *A irmandade occitano-catalã como confederação plurinacional*

Na Europa coetânea existiam fundamentalmente dois modelos de Estado em disputa: o Estado-nação, homogêneo e centralizador, e os Impérios multilíngues e pluriétnicos:

Este modelo espacial, homogêneo, autoritário e centralizador, que identifica língua e Estado-nação, encontrou sucesso na Europa dos tempos modernos, e de fato foi aplicado tanto na França como, por exemplo, na Alemanha, na Itália, na Espanha, e posteriormente, conseguiu dilacerar os grandes impérios centrais que opunham um outro modelo, multilíngue e pluriétnico, como o império austro-húngaro ou o império otomano, dos quais surgiram novas unidades menores, que se valeram do modelo homogêneo descrito. (GUISAN, 2011, p. 144)

¹⁷⁵ Cadê a Espanha? – Não está em nenhures./ Não sentes minha voz trovejante?/ Não entendes esta língua – que fala entre perigos?/ Desaprendeste a ouvir os filhos?/ Adeus, Espanha!

Contrastando com os arquétipos vigentes na época para a construção de uma identidade nacional, é evidente que o modelo de uma pátria multilíngue e pluriétnica se adapta melhor aos anseios dos intelectuais occitanos e catalães. Uma confederação como Víctor Balaguer esboça em uma nota de rodapé do seu poema *Ausiàs March* (XVI), quando explica o que ele entende por *pàtria lemosina*:

La pàtria llemosina: totes les províncies, unides algun dia per un verdader llaç federal, que parlaven català. Avui mateix, encara que Catalunya, València i Mallorca formen part de la corona d'Espanya, i el Rosselló i la Provença de la corona de França, crec que, literàriament parlant, es poden comprendre baix la denominació de pàtria llemosina: com l'Àustria, la Prússia, la Baviera, l' Hannover, etc. formen la pàtria alemanya; i com la Sardenya, el Piemont, el Vènet, la Toscana, els estats del Papa, etc. formen la pàtria italiana. (BALAGUER, 1859, p. 307)

Parece que a unificação da Alemanha e da Itália, até o século XIX divididas em vários Estados e submetidas a influências estrangeiras, é um modelo para a união dos povos falantes de língua lemosina; tanto do domínio catalão, quanto occitano. O longo poema narrativo *I Trobair Catalan* (II) que Mistral envia a seus companheiros da Catalunha ilustra a amizade secular entre os povos das duas margens dos Pireneus. A primeira parte do poema dedica-se a narrar a origem medieval dos laços de fraternidade entre catalães e occitanos, época que é descrita como uma *Idade de Ouro*, um estado harmonioso anterior ao processo da colonização e da fragmentação. Uma espécie de mito onde a identidade não estava *ameaçada*, de acordo com a exposição que fizemos na seção 1.2. a respeito dos conceitos de *híbrido* e *puro* nos Estudos Pós-coloniais. Os versos 19 a 24 sintetizam essa *Idade de Ouro* na concepção mistraliana:

Cènt an li Catalan, cènt an li Prouvençau,
se partejèron l'aigo e lou pan e la sau:
e (que Paris noun s'escalustre!)
jamai la Catalougno en glòri mountè mai,
E tu, Prouvènço, plus jamai

Esse passado pré-colonial, identificado com o conceito de *puro*, é dramaticamente interrompido no desenvolvimento do poema pela Cruzada Albigense, que conquista os territórios occitano-falantes para a coroa francesa e quebra a estreita relação que tinham com a margem sul dos Pireneus. Nos termos de Robinson (1997, p.89), esse passado mais recente interrompe o passado pré-colonial e traz um estado subalterno, associado aos adjetivos *impuro*, *mau* e *corrupto*; como se observa nos versos 37 a 42 e nas estrofes seguintes que completam a primeira parte do poema, até o verso número 72:

Alor, d'eilamoundaut, quand Simoun de Mount-
fort,
Pèr la glòri de Diéu e la lèi dóu plus fort,
descaussanavo la Crousado,
e que li courpatas, abrasama de fam,
voulastrejavon, estrifant
lou nis, la maire e la nisado; ¹⁷⁷

Na segunda parte do poema, a narração translada-se à época dos *felibres*; o tempo presente e que se descreve é um tempo *híbrido*, de acordo com a linha do tempo traçada pelos Estudos Pós-coloniais, pois nele se mistura o *bom* e o *mau* já que se, por um lado, é bom pertencer à França e à Espanha, por outro, é necessário retornar ao vínculo occitano-catalão e superar a opressão absolutista que se aproxima da submissão nacional, como se pode ler nos versos 97 a 108:

Ansin, arribe l'ouro ounte chasco nacioun,
countènto de sa part e franco d'ópressioun,
espigara coume un bèl òrdi
ounte podon aucèu, parpioun e mai flour,
mescla si cant e si coulour,
sèns vitupèri ni discòrdi;

E la Franço e l'Espagno, en vesènt sis enfant,

¹⁷⁶ Cem anos catalães, cem anos provençais,/ compartilharam a água, e o pão e também o sal:/ e (sem que isso ofenda Paris!)/ jamais Catalunha alcançou tamanha glória,/ e tu, Provença, nunca mais/ tiveste século tão ilustre!

¹⁷⁷Então, vindo do Norte, o Simão de Montforte,/ pela glória de Deus, pela lei do mais forte,/ desencadeou ele a Cruzada,/ corvos, abrasados de fome,/ voejavam, despedaçando/ o ninho, a mãe e a ninhada;

i rai de la patrio ensèn se recaufant,
 canta matino au meme libre:
 “Lis enfant, se van dire, an certo proun de sèn:
 leissen-lèi rire e jouga’ nsèn,
 aro soun d’age d’èstre libre.”¹⁷⁸

Finalmente, a *Renaixença* e o *Felibritge*, como movimentos de resistência e reivindicação, defendem e preparam um futuro de recuperação da autonomia linguística, cultural e política, em suma, um futuro de descolonização. Nesse sentido, *Els Focs d’Aquest Sant Joan* (XX), de Maragall, último poema da antologia, propõe um diálogo interessante com *I Trobairre Catalan* (II). A noite de São João¹⁷⁹ é a noite mais breve do ano e é considerado um momento de purificação. Em todos os *Països Catalans* é costume se reunir nas praias para fazer grandes fogueiras, que expurquem os males; essa constitui uma das principais tradições, desse entorno cultural, vinculadas ao fogo e ao solstício de verão. Maragall exorta aos habitantes dos *Països Catalans* para que as chamas que eles levantem sejam vistas desde a outra face dos Pireneus pelos occitanos, versos 1 a 12:

Ja les podeu fer ben altes
 les fogueres d’aquest any:
 cal que brillin lluny i es vegin
 els focs d’aquest Sant Joan.
 Cal que es vegin de València,
 de ponent i de llevant;
 i en fareu també en la Serra
 perquè els vegin més enllà.
 Que la terra està revolta
 sota els peus dels occitans,

¹⁷⁸ Assim, chega o momento em que cada nação,/ contente de sua parte e farta de opressão,/ se levante como o centeio/ onde pode o pássaro, a borboleta e a flor,/ misturar cantigas e cores,/ sem vitupério nem discórdia;// E a França e a Espanha, olhando para seus filhos,/ no lume da pátria juntos se aquecendo,/ cantando no mesmo livro/ dirão: “não falta bom senso a nossos meninos:/ podem sorrir e brincar juntos,/ já têm idade de serem livres.”

¹⁷⁹ A festa de São João, na noite do 23 para o 24 de junho, coincide com o solstício de verão do hemisfério norte e é uma das mais curtas do ano. Essa noite, considerada mágica, tem grande importância nas tradições do Mediterrâneo.

i convé que se'n recordin
de l'antiga germandat.¹⁸⁰

Nessa noite mágica, finalmente os povos separados se reunirão de novo unidos pela memória do passado, mas também pela confiança no futuro; e gritarão na mesma língua um clamor de liberdade, versos 25 a 40:

Parlaran de serra en serra
i de la més alta als plans.
Pirineu si resplendissis
tot encès de mar a mar,
remembrant els fills en vetlla
les memòries del passat,
les fiances del pervindre
i els misteris d'eix atzar.
*que fa que els fills d'una mare,
que els homes d'un sol parlar
tinguem els braços enlaire
tots alhora bracejant,
i el crit d'una sola llengua
s'alci dels llocs distants
omplint els aires encesos
d'un clamor de llibertat.*¹⁸¹

Chama a atenção como essa utopia de integração fraternal occitano-catalã contrasta nos versos do mesmo autor, Joan Maragall i Gorina, com a derrota do modelo centralista espanhol que conduzia ao adeus definitivo da *Oda a Espanya* (XIX). Em todo caso, e à luz dos trechos examinados, a comunidade imaginada pelos poetas occitanos e

¹⁸⁰ Tradução para o português brasileiro do trecho citado: Podem fazê-las bem altas/ as fogueiras deste ano:/ para brilharem bem longe/ os fogos deste São João./ Têm que ver-se de Valência./ de poente e de levante;/ façam-nas também na Serra/ pra que se vejam além./Pois a terra está revolta/ baixo os pés dos occitanos./ e convém que eles relembrem/ a nossa antiga irmandade.

¹⁸¹ Tradução para o português brasileiro do trecho citado: Falarão de serra em serra/ e do cume à planície./ Pireneus se resplandecem/ acesos de mar a mar./ lembrando os filhos em vela/ as memórias do passado,/ a confiança no porvir/ e os mistérios da fortuna./ *faz que os filhos de uma mãe,/ que os homens de uma só fala/ tenham os braços alçados/ todos juntos braceando,/ e o grito da mesma língua/ se eleve em longínquas terras/ enchendo o ar aceso/ de um clamor de liberdade.*

catalães não baliza um território imperial como aqueles que as potências europeias estavam construindo em todos os continentes e que usava a língua como vetor da dominação expansionista; mas sim uma vontade de mudar a derrota histórica do seu povo a partir da arte, da literatura, do cultivo da *língua nua*.

6.2.4. *Latinidade e Panlatinismo*

A irmandade occitano-catalã fica inscrita em uma esfera ainda maior: a irmandade de todos os povos latinos. A reivindicação da filiação latina não é nova já que, durante os séculos XV, XVI e XVII, todas as comunidades envolvidas em processos de padronização de determinada variedade romance – português, espanhol, francês ou italiano – procuraram reforçar seus nexos com a língua de Roma, detentora de enorme prestígio. A reivindicação da Latinidade também estava presente no âmbito catalão anterior à *Renaixença* e, assim, em uma gramática publicada no início do século do XIX, dentro do contexto das guerras napoleônicas, se exaltam os valores do idioma local e se busca legitimá-lo pela grande semelhança que, segundo o autor, tem com o latim: “no hi ha llengua que ab més breus paraulas diga més alts y millors conceptes, tenint en tot una viva semblansa ab sa mare la llatina” (BALLOT, 1814, p. XVI). O *Felibritge* e a *Renaixença*, como movimentos românticos e nacionalistas, percorreram essa mesma via com objetivos análogos:

Los hablantes de aquellas variedades que carecen de estatus asociado a la nación-estado – el catalán, el occitano, el gallego, el romanche, el sardo – buscan alimentar la autoestima, normalmente afirmarán su afiliación independiente al latín, como miembro de pleno derecho del club y no como meros satélites de las lenguas “grandes”. (POSNER, 1998, p. 133)

Se a reivindicação do legado latino está presente em diversas épocas e sociedades, cabe questionar qual novidade ou diferença há no Panlatinismo proposto no contexto occitano-catalão que aqui examinamos. A inovação do seu discurso não reside na filiação dos respectivos idiomas à língua de Roma, mas na criação de um referente

que não concebe as línguas como fixas, discretas e separadas, produtos de um processo secular de construção de uma identidade linguística e nacional independente francesa, espanhola, italiana, portuguesa etc.; mas como línguas irmãs e maternas entre as quais é possível a intercompreensão. E, ainda que eles demarquem um espaço geográfico, cultural, linguístico e histórico próprio para cada idioma, aceitam o diálogo entre as diferentes comunidades. Observemos como se evidenciam essas ideias nos poemas de Frederic Mistral; no *incipit* de *I Trobairre Catalan* (II), o autor de *Mireia* coloca dois versos em catalão de Mirà i Fontanals “*No pot estimar sa nació,/ qui no estima sa província*” (Não pode amar sua nação,/ quem não ama sua província) que, por outro lado, resumem a ideia de identidade como somatória de círculos sucessivos que vão do mais próximo e local (a província) ao mais afastado e geral (a nação). Do mesmo modo, o poema *Au Baroun Gastoun de Floto* (IV) é uma resposta a uns versos do Barão¹⁸² escritos em francês que Mistral também reproduz no *incipit* da composição:

En responso i vers ounte nos dis :
Jusqu'à ce jour, chose fatale !
L'ouvrier manque à l'instrument:
Vous venez : la langue natale,
Longtemps vile, obscène et brutale,
Se revêt d'un rayonnement.

A possibilidade da intercompreensão aparece formulada em alguns versos. No poema *En l'Ounour de Jansemin* (III), no verso 52, quando diz “Catalan o Gascoun, entènd la lengo nostro:” (“Catalães ou Gascões, entendem nossa língua:”, em nossa tradução) sublinha uma diferença entre o provençal e outros dois idiomas pertencentes ao âmbito linguístico do lemosim que, entretanto, não impede a comunicação. Desse modo, o poeta expressa a especificidade da própria língua sem isolá-la dos idiomas com os quais essa compartilha uma vizinhança geográfica e cultural. Algo semelhante encontramos nos dois primeiros versos do breve poema que Mistral dedica ao poeta italiano nacionalista Francesco Dall'Ongaro (*Au Pouèto Italian Dall'Ongaro*, número V da nossa antologia): “*Ami, nòsti parla soun tóuti dous rouman ; /poudèn nous dire fraire e nous touca la man*” (“Amigo, nossos falares

¹⁸² O personagem cujo nome Mistral *provençaliza* na forma *Baroun Gastoun de Floto* foi um poeta coetâneo chamado Gaston-Étienne Baron de Flotte, nascido em Marselha, autor de um poema narrativo intitulado *La Vendée*.

são os dois romanos;/ podemos dar-nos a mão e chamar-nos de irmãos:”); sendo a fala de ambos os escritores romana (provençal a de Mistral, italiana a de Dall’Ongaro), podem chamar-se de irmãos.

Nos poemas de Mistral, a defesa da Latinidade não responde a um desejo expansionista de submeter outros povos, mas representa a expressão da afirmação e do reconhecimento e uma identidade plural e emancipadora como se mostra no soneto que ele dedica à Romênia, intitulado *A la Roumanio* (VII). A data do poema, 18 de março de 1880, informa que foi composto pouco tempo depois do país balcânico ter atingido sua independência, após a Guerra Turco-Russa (1877-1878)¹⁸³, a qual Mistral faz referência no quinto verso: “Après lou long trepé di Turc emai di Rùssi” (“Após o longo pavor do Turco e do Russo,” em nossa tradução). Assim o poeta provençal envia o seu soneto como “un rampau de óulivié”, um ramo de oliveira, ao recém-nascido Estado nação, talvez augurando na liberdade atingida pelo povo romeno a liberdade que ele almejava para o território de *Lenga d’òc*. Também aparece na obra o nexu ancestral latino quando o poeta se refere à Romênia com “*o nacioun de Trajan*”, por ter sido o imperador Trajano que anexou a província da Dácia ao Império em 106 a. C., fato considerado a etno-gênese do povo romeno pelos intelectuais românticos coetâneos. Porém, Mistral foca o vínculo panlatinista no idioma, nessa *lengo argentino* que une ambos os países –Romênia e Provença– e que permite que as duas se chamem fraternalmente:

E li raço latino,
a ta lengo argentino,
an counaigu l’ounour que dins toun sang i’avié.

E t’apelant germano,
la Prouvènço roumano
te mando, o Roumanò, un rampau d’óulivié.¹⁸⁴

Cabe dizer que a vontade de aproximar a Romênia ao âmbito latino e afastá-la da influência eslava não é uma invenção mistraliana, mas sim uma constante dos próprios intelectuais romenos românticos,

¹⁸³ Em 1878, o Reino da Romênia é reconhecido como Estado independente pelas grandes potências que antes exerciam o controle sobre o seu território: o Império Austro-Húngaro, o Império Otomano e o Império Russo.

¹⁸⁴ E estas raças latinas,/ em tua língua argentina,/ conheceram a honra que teu sangue levava.// E chamando-te irmã,/ a Provença romana/ te manda, ó Romênia, um ramo de oliveira.

secundada desde Paris e Roma. As pulsões étnicas e nacionalistas no âmbito da Europa Latina durante a segunda metade do século XIX poderiam ser descritas do seguinte modo:

Ainsi, en 1869, en plein essor de deux autres courants etnonationalistes, le linguiste le plus connu de Roumanie, Bogdan Petriceicu-Haşdeu, appelait à un rassemblement à Paris d'un congrès des représentants des pays néo-latins à l'instar des Germaines et les Slaves. A Paris « on voyait avec froideur » le panlatinisme (...). Mais dans la province française, à Montpellier, la *Gente Latine*, à l'initiative du poète Frédéric Mistral, fête les *Félibres* (BRANCA-ROSOFF, 2001, p. 68).

E, de fato, occitanos e catalães mostraram a sua simpatia por outros movimentos nacionalistas românicos como a Unificação Italiana (1860) ou a já referida independência da Romênia (1881). Igualmente, dentro do Romantismo e Nacionalismo, as preocupações a respeito da Latinidade aparecem noutros poetas contemporâneos ou posteriores ao grupo da nossa antologia em vários países, como o italiano Gabriele D'Annunzio¹⁸⁵. Entretanto, a derrota da França na Guerra Franco-prussiana marca um período hesitante para o *Felibritge*; temeroso de expressar suas aspirações federalistas e não parecer suficientemente fiel à França opta por reivindicar a Latinidade. Nesse contexto, os *felibres* organizaram as *Festas Latinas* celebradas em Montpellier entre os dias 22 e 29 do mês de maio de 1878, nas quais participaram poetas e intelectuais vindos de diferentes países latinos:

poetas de *siete estados latinos* fueron invitados a participar: españoles, italianos, rumanos, portugueses, franceses, *catalanes* y *occitanos*. La amplia idea de latinidad y no de provenzalismo o de languedocianismo fue propuesta y reforzada por el premio que se le concedió al rumano Vasile Alecsandri por sus versos en lengua de Oc. También se aclamó a la reina Elisabeth de

¹⁸⁵ Para uma exposição completa do pensamento do poeta de Pescara sobre a Latinidade e o papel dos povos e culturas latinos no contexto do Mediterrâneo e da expansão colonial do início do século XX, pode-se consultar o artigo de Caburlotto (2010) 'D'Annunzio, la latinità del Mediterraneo e il mito della riconquista'.

Rumanía como Emperatriz del Felibrige, la única proclamada en la historia del movimiento renacentista. (MELLADO GARCÍA, 2008, p. 50)

Albert Quintana i Combis, autor de *Lo Trobador Romeu* (XV), participou delas e defendeu a união fraternal entre os povos românicos cantando a *memória dos avós*; fato que demonstra que o Panlatinismo também fazia parte das inquietações dos intelectuais da *Renaixença*.

Mistral e Quintana têm uma visão da identidade cultural e linguística que abrange o conjunto dos povos latinos; para eles, o ideal político seria uma confederação ou união latina que colocasse num mesmo nível todas as regiões em oposição aos Estados centralistas que dividiam populações com suas fronteiras e polarizavam a desconfiança, quando não a hostilidade aberta, dos vizinhos. Assim foi nas *Festas Latinas*, onde Mistral declamou *A la raço latino* (VI), como informa o incipit que abre o poema composto por sete oitavas alternadas com um refrão: “PÈÇO DICHO A MOUNT-PELIÉ, SUS LA PLAÇO DÓU PEIROU, LOU 25 DE MAI DE 1878” (“POEMA RECITADO EM MONTPPELLIER, NA PRAÇA DO PEIROU, NO 25 DE MAIO DE 1878”). Por considerar que este poema condensa a visão mistraliana da Latinidade, merece nesta altura uma análise cuidadosa. Na primeira estrofe (versos 5 a 12), a raça latina fica circunscrita ao território mais próximo, associada aos valores apostólicos – religiosos – e ao trabalho agrário de semear e colher o fruto. Cabe salientar o verso número 6 “a l’auro santo dóu Tabor,” (“na aura sangrada do Tabor,” em nossa tradução), pois, como já foi dito, o Tabor é uma montanha da Galileia, mas também há uma montanha nos Alpes provençais que recebe esse mesmo nome. Observamos então como o espaço bíblico e local estão fusionados no poema em uma só aura sagrada. Na segunda estrofe, versos 14 a 21, ganha protagonismo a língua romana, legado comum dos povos latinos:

Ta lengo maire, aquéu grand flume
que pèr sèt branco s’expandis,
largant l’amour, largant lou lume
coume un resson de Paradis,
ta lengo d’or, fiho roumano
dóu Pople-Rèi, es la cansoun
que rediran li bouco umano,

Chama a atenção que Mistral se refira às línguas neolatinas como uma única e mesma *lengo maire*, língua materna, que escorre como um rio dividido em sete galhos ou braços. Na seção 3.2, já acenamos o contexto cultural e científico coetâneo dos textos da antologia. A Linguística Românica, como ciência humanística ainda incipiente havia relevado os idiomas da família que contavam com tradição textual sólida, prestígio cultural e alto grau de padronização; isto é, as cinco línguas nacionais: português, espanhol, francês, italiano e romeno. Assim, Diez na sua *Grammatik der romanischen Sprachen* (1836-1843) referia essas cinco línguas nacionais às quais acrescentava uma sexta: o provençal (occitano), portadora da rica literatura trovadoresca medieval. Por sua vez, Mistral acrescenta o catalão, atingindo assim o número sete: sete línguas *filhas de Roma*; número que possui um importante valor simbólico. Em suma, essas são as sete línguas estavam presentes, através de poetas e composições, nas *Festas Latinas*. No mais, a língua é considerada de novo como algo de grande valor, paragonado ao ouro. Nas estrofes sucessivas o poeta repassa alguns dos marcos do desenvolvimento cultural e histórico destas comunidades. Nos versos 25 e 26, “pereilalin ti navegaire / soun ana querre un mounde nòu” (“e além do mar teus navegantes/ foram buscar um mundo novo;”, em nossa tradução), menciona a chegada dos navegantes, portugueses, espanhóis e franceses às Américas e a imbricação de suas línguas nessas terras; isto é, Mistral coloca na sua ode aos povos latinos não só aqueles que moram no espaço mediterrâneo que fez parte do antigo Império Romano, mas também os povos latinos que no século XIX viviam em outras latitudes mais longínquas, principalmente a América Latina. Finalmente, ele faz um chamado à integração de seus membros “Ah! se noun ères divisado, /quau poudrié vuei te faire lèi?” (versos 29 e 30) (“Ah! se não fores dividida,/ quem podia hoje te contestar?”); de acordo com um projeto político que unisse a *federacion deis poples bruns*, a federação dos povos brunos ou morenos, em palavras do próprio Mistral, evidenciadas no verso 57 “que dèu liga ti pople brun.” (“que deve unir teus povos brunos.”). Não entraremos na avaliação do conceito de raça no pensamento de Mistral por considerar esse um

¹⁸⁶ Tua língua mãe, enorme rio/ por sete braços se expande,/ jogando amor, jogando lume/ como um eco do Paraíso,/ língua de ouro, filha romana,/ do Povo-Rei, és a canção/ que falarão as bocas humanas,/ enquanto os Verbos ressoarão.

assunto extremamente complexo que excede nossos atuais objetivos¹⁸⁷, todavia vale sublinhar como o poeta associa as raças latinas aos povos de pele morena, aspecto físico da maioria dos habitantes das ribeiras do Mediterrâneo. Apreciação que também aparece no verso 54 do poema III da antologia *En l'ounour de Jansemin*: “iéu vese un pople brun se mœuvre...” (“eu vejo um povo bruno mover-se...”). Assim, a Latinidade não aparece como linhagem que baliza as diferenças atávicas, mas como *contágio*, representação de afinidades entre comunidades diversas. “En oposición al ‘linaje’ del doctor Johnson, que buscaba descubrir diferencias perdidas, pero recuperables, el contagio representa la existencia de afinidades recuperables entre diferentes razas de personas” (SNEAD, 2010, p. 326). Em definitiva, ainda que *Renaixença* e *Felibitge* constituam movimentos de reivindicação nacional, o discurso formulado por esses intelectuais visava abranger uma fraternidade supranacional não apenas entre occitanos e catalães, mas entre todos os povos neolatinos, participantes de uma esfera cultural e linguística plural.

Porém, cabe questionar que vias podem ser trilhadas pelo tradutor para recontextualizar na língua de chegada, no âmbito brasileiro e latino-americano, o Panlatinismo expresso na antologia. Além da alusão às viagens dos navegantes para o Novo Mundo dos versos 25 e 26 de *A la raço latino* (VI), não encontramos no *corpus* nenhuma outra referência aos países de América Latina, na época recentemente emancipados das Metrôpoles. Como já foi mencionado, a *Oda a Espanya* (XIX), escrita após a Guerra Hispano-Americana de 1898, não celebra a liberdade atingida pelas ex-colônias espanholas, senão que constitui uma dura crítica ao projeto imperialista fracassado da Espanha¹⁸⁸. Em todo caso, reconhecemos que não foram apuradas todas as fontes documentais dos dois movimentos estudados, pelo que não

¹⁸⁷ Certamente a visão de mundo de Mistral, intelectual romântico coetâneo da criação dos impérios coloniais europeus, dista muito da visão do século XXI que conheceu os processos históricos de colonização e descolonização assim como as marcas de colonialidade que se reproduzem em um mundo pós-colonial. Porém cabe lembrar a divisa da *Revue de Linguistique Romane* publicada pela Sociéte Linguistique Romane, com sede em Estrasburgo, desde 1925 “Razze latine non esistono: esiste la latinità”.

¹⁸⁸ Pode-se questionar até que ponto o resultado da Guerra Hispano-Americana fosse um fato para ser comemorado já que as ex-colônias espanholas entraram imediatamente na esfera de influência dos EUA sem conseguir emancipar-se como povos soberanos.

estamos em posição de descartar que os povos latinos da *Romania Nova* fizessem parte do pensamento panlatino de algum dos intelectuais que aqui estudamos.

6.3. *Interface entre o pensamento linguístico e a prática tradutória nos textos do corpus.*

Nas seções e capítulos precedentes estudamos como durante o Romantismo se formulam no âmbito occitano e catalão mitos e referentes de grande importância para o estabelecimento de uma identidade nacional e étnica. Nesse processo, a língua cumpriu uma função fundamental ao ser um dos pilares da identidade e uns dos principais veículos para a reivindicação e a criação. Portanto, entendemos que as metáforas e símbolos assumidos pela língua nos textos da antologia fazem parte do processo de reificação dessa. Igualmente, salientamos que uma análise dos discursos elaborados por ambos os movimentos desde uma perspectiva comparativa permitiu observar convergências, diferenças, contrastes e especificidades que, em suma, fizeram um mapeamento dos dois contextos linguísticos, culturais, literários, sociais e políticos.

No que tange aos autores do *corpus*, manifestou-se que todos eles assumiram um compromisso para com a língua além da mera criação poética, tendo trabalhado em sua grande maioria como lexicógrafos, gramáticos, filólogos, folcloristas, bibliotecários, jornalistas ou tradutores. Parafraseando o juízo que Wirsén (1973, p. 21) fez a respeito de *Miréia*, cume da produção mistraliana, estimamos que o valor dessas obras não está apenas no assunto, nem na imaginação nelas ostentada; está na arte de criar e recriar, de construir e reconstruir uma narrativa que dê conta de uma terra e do povo que a habita com a sua natureza, as suas recordações, os seus costumes antigos e a vida quotidiana de seus habitantes. Nesta altura, vale lembrar que o nosso trabalho se baseou, desde o começo, na tese da existência de certa proximidade de pensamento e atuação a respeito da língua e das práticas linguísticas compartilhados pelo *Felibritge* e pela *Renaixença*, como movimentos delimitados por eixos históricos e geográficos. Assim, considerando a pluralidade dos trabalhos dos autores, sempre ligados à militância pela língua, o pensamento deles cobra um valor além das teorias linguísticas tal como elas se desenvolveram no século XX. Pensamento que não se encaixa nas divisões dicotômicas dos estudos românicos, “en *período ‘pre científico’* y *período ‘científico’*, este último fijado

cronológicamente desde el comienzo del s. XIX hasta hoy” (RENZI, 1982, p. 23); mas que deve ser lido desde a perspectiva abrangente do Humanismo.

Consequentemente, ao estudarmos a ideia romântica da língua como alma e voz do povo faz-se necessário examinar como entende a relação entre língua e tradução o grupo de autores aqui recortado, tema que abordam só indiretamente. Para tanto, devemos trazer à tona a seguinte asserção das teorias tradutórias no período analisado:

O fato de que a teoria da traduzibilidade da obra se transforme brutalmente em teoria de sua intraduzibilidade mostra uma reviravolta dialética talvez inevitável, pela qual o Segundo Romantismo busca afirmar, à sua maneira, a absoluta autonomia do poético; como no Primeiro Romantismo, essa autonomia é buscada além da linguagem natural, no domínio “inefável” da música. (BERMAN, 2002, p. 213)

De acordo com o mesmo autor, a passagem da língua materna para língua de tradução constitui um estágio necessário para se afirmar como língua de cultura:

Tão logo a língua materna se afirma como língua de cultura, a comunidade que se define por ela pode pensar em traduzir línguas estrangeiras em vez de as falar. Inversamente, a língua materna não pode se afirmar como língua de cultura enquanto não tiver se tornado língua de tradução, enquanto aqueles que a falam não se interessarem livremente por quem é estrangeiro. A tradução inautêntica corresponde, portanto, a uma relação inautêntica com a língua materna e as outras línguas. Pelo menos é assim que seriam formuladas as coisas para a cultura alemã. (BERMAN, 2002, p. 266)

A criação de uma tradição literária de caráter culto em occitano e catalão tem por objetivo a consolidação desses dois idiomas como línguas de cultura, aptas para a escrita. E, sendo assim, devemos problematizar a inserção da tradução nesse processo já que há uma relação indissociável “de una teoría lingüística, como la de la traducción, con una concepción del lenguaje, o sea, que toda práctica

lingüística refleja una específica concepción del lenguaje” (FURLAN, 2002, p. 12). De acordo com o mesmo autor, em todos os períodos a prática da tradução participou de uma concepção concreta de tradução, de uma teoria – quase sempre inconsciente – da tradução. A partir daqui, cabe formular certas questões: qual seria então a percepção da tradução dos intelectuais occitanos e catalães estudados? Qual o papel que a tradução possui na obra deles? E, ultrapassando as meras afirmações que façam ou não sobre a tradução, de que maneira ela esteve presente em ambos os movimentos? De acordo com a afirmação seguinte “If authorship is collective, if a work both collaborates with and derives from a cultural context, then the translation and the foreign text are distinct projects because they involve different intentions and contexts” (VENUTI, 1998, p.61), avaliar essa dimensão do discurso é fundamental para concluir o processo de tradução e recontextualização dos poemas em português brasileiro e balizar as possibilidades e os limites da nossa proposta de tradução *intra-românica*.

Assim, como os autores da antologia refletiram a respeito da língua através da língua, convertida em meio e fim, em nosso trabalho empregamos a tradução entre línguas próximas para refletir sobre a tradução entre línguas próximas. Desse modo, abrimos um diálogo entre o âmbito acadêmico das letras – e de forma mais específica dos Estudos da Tradução– e a experiência destas línguas minoritárias na resistência frente à assimilação e à erosão da identidade, já que “la historia del pensamiento lingüístico es la historia de las relaciones de una disciplina no solo con otras disciplinas, sino también con diversas sociedades y con su organización” (RENZI, 1982, p. 21). Certamente o contexto de construção nacional na Europa durante o século XIX resulta bastante diferente do contexto latino-americano do século XXI, e assim a reflexão sobre a língua vinculada à identidade admite leituras novas que, em todo caso, validam a sua vigência. Nesse sentido, o filósofo marxista e político occitano, Jean Jaurès, enunciava, poucos anos depois do encerramento da *Renaissance* e do *Felibritge*, em 1911, uma Latinidade plural instalada na Europa Meridional e na América Latina; um espaço aberto para a intercompreensão:

Si, par la comparaison du français et du languedocien, ou du provençal, les enfants du peuple, dans tout le Midi de la France, apprenaient à retrouver le même mot sous deux formes un peu différentes, ils auraient bientôt en main la clef qui leur ouvrirait, sans grands efforts, l’italien, le

catalan, l'espagnol, le portugais. Et ils se sentiraient en harmonie naturelle, en communication aisée avec ce vaste monde des races latines, qui aujourd'hui, dans l'Europe méridionale et dans l'Amérique du Sud, développe tant de forces et d'audacieuses espérances (JAURÈS, 1911, recurso em linha).

O pensamento Panlatinista da passagem do século XIX para o XX, formulado nas obras dos intelectuais de nossa antologia, encontra na atualidade correlatos na criação de organizações como a OIF (Organisation Internationale de la Francophonie), a CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa) ou ainda a Comunidad Iberoamericana de Naciones que sobre a base de uma língua comum e um patrimônio cultural e histórico compartilhado buscam construir projetos políticos supranacionais. Bhabha (2010) define o processo de *disemiNação* como alteridade radical da cultura nacional geradora de “nuevas formas de vivir y escribir” (p. 417), como “diseminación de significado, tiempo, pueblos, fronteras culturales y tradiciones históricas”. A apologia da Latinidade que na antologia se expressa não visa à construção de uma unidade política ou de um império, mas a articulação de uma confederação de povos a partir da fraternidade. Uma *Pátria Grande* disseminada em múltiplos níveis, formada por um coro de nações que não necessariamente assumem a forma de Estado-nacional. E assim pode-se reivindicar a vigência dos poemas por abrir essas novas formas de enxergar nossas comunidades. Mais ainda, dentro do atual contexto de globalização, pensado em boa medida desde e para um idioma hegemônico: o inglês. Cronin (1998) indica que a atual hegemonia da língua inglesa nos âmbitos tecnológico, econômico, político e cultural faz com que todas as outras línguas faladas pela humanidade se encontrem em situação de minorização linguística. O autor alerta sobre a ameaça de um mundo monolíngue (anglo-saxão) pensado por uns poucos e para uns poucos no qual não caberiam discursos alternativos, expressão genuína de cada língua e de cada comunidade.

A Latinidade presente nesta vasta região das Américas encontra-se não apenas nessas estruturas emanadas dos moldes coloniais português, espanhol e francês. As culturas neolatinas misturadas com elementos africanos que geraram os crioulos, as matrizes neolatinas que se imbricaram com as línguas ameríndias e se influenciaram mutuamente como resultado de sua convivência secular; e, por fim, as

outras línguas que os emigrantes (genoveses, vênetos, napolitanos, calabreses, sicilianos, galegos, catalães, occitanos, etc.) trouxeram conformam uma Latinidade americana genuína, um sólido mosaico linguístico e cultural na *Romania Nova* tão complexo quanto possa ser o da *Romania Continua*. Nesses espaços diversos, as línguas como veículos de identidade estão chamadas a ocupar um papel central. O projeto de *Nação e narração*, referido por Bhabha (2010), explora as duas caras da linguagem e, portanto, ele próprio resulta um discurso ambivalente, com várias faces e arestas diversas. Nesse sentido, os discursos desses intelectuais do século XIX atingem vigência no contexto atual não apenas para as comunidades de catalão-falantes e occitano-falantes contemporâneas, mas também em outras comunidades romanófonas que podem encontrar na intercompreensão linguística e no legado cultural compartilhado elementos para construir e sustentar sua própria autonomia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese apresentamos uma discussão a respeito de estratégias e abordagens na tradução de poesia entre línguas neolatinas ou românicas; para tanto, foram estabelecidas interfaces entre os Estudos da Tradução e outras áreas das ciências humanas: os Estudos Pós-coloniais e a Romanística com o objetivo de fornecer uma base sólida ao nosso estudo. Apresentamos, aplicamos e problematizamos uma proposta de tradução *intra-românica* que trouxesse para o centro da pesquisa as relações linguísticas, literárias e culturais existentes no seio da família neolatina. Essa proposta pretendia *despir* as línguas, rebaixar as fronteiras que as separam, que as tornam isoladas e discretas, para reposicioná-las em um *continuum* fluído de traços mais ou menos próximos, um espaço aberto ao *coração materno da língua materna*, tomando mais uma vez os termos de Berman (2007), onde coubesse de novo a *polifonia dialetal* das múltiplas variedades que originou o latim. Além disso, o nosso exercício tradutório, produziu uma translação – ou seja, um deslocamento – de tradições culturais da *Romania Continua*, radicada no Sul da Europa, para o contexto cultural da *Romania Nova*, ou seja, o âmbito brasileiro e latino-americano, e desde a *Romania Minor*, o occitano e o catalão, para o da *Romania Maior*, o português brasileiro uma das línguas neolatinas que conta com maior número de falantes a começos do século XXI. Vale dizer que esse exercício permitiu também balizar um lugar de enunciação para a tarefa do autor da tese como tradutor do *corpus*, pois, destarte, ele superava a sua condição de *estrangeiro* (por não possuir nem o português nem o occitano como línguas maternas e contar com o catalão como língua de alfabetização) e se convertia em um mediador entre as línguas de partida e de chegada, encarregado de articular um diálogo não entre a *sua* língua e a língua *do outro*, mas sim um entre nossas línguas entre *nós outros*. Um diálogo que avaliamos horizontal já que, nele, ninguém tem a posse do idioma e todos podem participar em diferentes medidas de todas as línguas envolvidas, portadoras de um legado comum.

Igualmente, nosso trabalho encontrou no fundo compartilhado pelas línguas de partida e de chegada espaços de acolhimento para a tradução. Dessa forma, quebrou a separação que continua vigorando ao pensarmos nossas línguas como independentes e ensimesmadas, superando o automatismo que nos faz pensar que as coisas são como o contexto já estabeleceu que fossem e não construções abertas à discussão e redifinição de seus paradigmas. Uma estratégia que,

portanto, nos obriga à reflexão e ao questionamento dos elementos que conformam os discursos e as ideologias de nossos idiomas, veículos de comunicação e depósitos de nossa identidade. Uma vez desenvolvido plenamente o estudo ao longo dos seis capítulos da tese, concluímos que nossa proposta de tradução *intra-românica* revelou a sua capacidade para integrar no mesmo projeto de tradução duas línguas de partida diferentes e uma língua de chegada, já que ajudou a absorver as tensões entre tais idiomas e culturas. Em outras palavras, o nosso trabalho revelou que a proposta de tradução *intra-românica* é válida para 1) a tradução de poetas catalães do século XIX para o português brasileiro e 2) a tradução de poetas occitanos do século XIX para o português brasileiro; ou seja, reuniu em um só projeto de tradução, em uma tese só, duas experiências de tradução diferentes. Nesse sentido, consideramos ter contribuído a sistematizar os Estudos da Tradução aplicados à área específica das línguas neolatinas.

Pelos motivos expostos, inferimos que o tradutor que tivesse o propósito de trabalhar com um par linguístico não românico ou com uma língua românica e uma língua de outro grupo dificilmente poderia se servir de tais trilhos para mapear ou organizar a sua prática. Em contrapartida, o tradutor e o pesquisador que se proponha trabalhar com um outro par neolatino encontrará no nosso exercício caminhos abertos para fazer avançar seu trabalho, reflexões paralelas, contextos semelhantes e processos análogos. Por esse motivo, futuros estudos aplicados à tradução entre línguas românicas poderiam balizar outros espaços do *orbis latinus*, da profusa rede linguística, literária, cultural e histórica que reúne todas as nossas línguas revelando as semelhanças que compartilham e as singularidades que as definem. De igual modo, a presente obra contribuiu para horizontalizar as pesquisas dentro dos Estudos da Tradução ao alocar em uma posição central duas línguas minoritárias e iluminar as identidades subalternas. Contribuindo assim a compensar, minimamente, o grande número de pesquisas feitas desde, sobre e para as línguas hegemônicas. Cabe lembrar aquela característica apontada tanto por Robinson (1997) quanto por Cronin (1998) a respeito dos trabalhos feitos sobre línguas minoritárias; neles habitualmente não se estuda um assunto, um autor ou uma obra determinada de maneira monográfica, e se prefere compilar antologias de autores representativos da cultura local ou resumir movimentos, escritores e tendências. Futuros estudos que se interessassem pelos âmbitos linguísticos e culturais aqui recortados poderiam aprofundar em um autor ou obra específicos, desenvolvendo questões que aqui foram apenas acenadas.

Transladando o foco de atenção da reflexão teórica para a parte da experiência tradutória que contém nosso trabalho, avaliamos que o posicionamento tradutório, o projeto de tradução e o horizonte do tradutor, que até aqui foi demarcado, *abriu* um círculo de possibilidades para o ato tradutório, mas devemos ponderar que também limitou outras possibilidades ou abordagens. De acordo com as ideias de Berman (1995), que nortearam boa parte da presente tese, avaliamos que os elementos usados para a tradução entre línguas românicas permitiram que durante o ato tradutório não acontecesse um processo de perda, o qual produziria uma tradução fracassada (*ratée*). No entanto, nosso exercício de tradução só pode ser qualificado como satisfatório (*traduction réussie* em palavras de Berman) se considerarmos que a tradução resultante é uma primeira tradução, uma *tradução introdução* realizada em um contexto universitário e com fins acadêmicos; certamente nem *definitiva*, nem *perfeita*, mas apenas consequente com o projeto que a sustenta como foi manifestado ao longo dos capítulos IV, V e VI. Avaliando nosso exercício nesse marco, julgamos ter atingido com um grau aceitável de sucesso nossos atuais objetivos. Além disso, e uma vez findado nosso estudo, o *corpus* traduzido fica disponível na antologia trilingue, podendo servir a eventuais pesquisas que viessem a se interessar futuramente.

Por outro lado, as contínuas referências a diferentes campos do saber (Estudos Culturais, Estudos Pós-Coloniais, Linguística Românica, Filologia Românica, História da Literatura) que permeiam nosso texto em seus capítulos e seções, provam que as interfaces abertas pelos Estudos da Tradução com tais campos constituíram a base necessária para sustentar e desenvolver esta tese, demonstrando, mais uma vez, a natureza interdisciplinar dos Estudos da Tradução em um momento em que a academia está repensando a segmentação e especialização das ciências e a necessidade de abrir espaços de diálogo e intercâmbio entre áreas mais ou menos próximas para conseguir avançar na construção do conhecimento. Em síntese, a integração das disciplinas e campos de saber não deve servir para fazer o simples somatório de duas ou mais ciências, mas sim para alterar o cálculo de saber e de poder redefinindo as questões, os objetivos e os espaços da academia.

Os Estudos da Tradução não surgiram no âmbito cultural e linguístico mais imediato a nós, por isso é necessário que possamos tomar os paradigmas e axiomas que eles nos oferecem para avançar em nossas pesquisas, mas que, ao mesmo tempo, sejamos capazes de redirecionar o foco para os problemas e as inquietações de nossas línguas, culturas e sociedades. Nossa proposta de tradução *intra-*

românica forneceu respostas para certos problemas, porém, ao mesmo tempo abriu novas questões que deveriam ser abordadas em futuros estudos, artigos, trabalhos acadêmicos, debates, dissertações ou teses. Estes poderão revalidar ou refutar a importância de pensar a tradução desde ou para as línguas românicas dentro de um marco que as reúna, de marcar essa especificidade, dos elementos que devem ser considerados no processo de tradução entre tradições diferentes, das relações e tensões culturais, históricas, sociais, literárias, geográficas etc. que existem entre esses idiomas que as separam e unem entre si, que as aproximam ou afastam de outras comunidades culturais e linguísticas. Em definitiva, poderão abordar uma questão que nós apontamos sem chegar a resolvê-la a causa da sua amplitude; quais são as cisões e os paralelismos, as divergências e as convergências, as dinâmicas centrípetas ou centrífugas em nossa comunidade neolatina, no *orbis latino* espalhado sobre os cinco continentes através de vinte e sete séculos. Existe aí um campo de pesquisas fecundo e pluridisciplinar cujo objetivo, a nosso juízo, não deve ser tanto desenvolver teorias, prescindíveis para a tradução de acordo com Berman (2007), mas construir pensamento necessariamente a partir de um horizonte linguístico, crítico, literário e filosófico. Pois, como apontava Bhabha (2010), é nos espaços intersticiais, nas fronteiras da história e da linguagem, entre os limites da etnia, a nação, o gênero e os demais elementos identitários, onde é possível criar as condições para *traduzir* as diferenças em uma espécie de solidariedade. São inúmeras as questões que ficam abertas no diálogo entre tradução e identidade, são igualmente numerosas as propostas e abordagens por tais pesquisas que demandam nossa atenção, por isso nosso trabalho não pode se deter aqui.

BIBLIOGRAFIA

ABUÍN GONZÁLEZ, Anxo; TARRÍO VARELA, Anxo. (orgs.) *Bases metodológicas para unha historia comparada das literaturas da Península Ibérica*. Santiago de Compostela: USC, 2004.

AHLSTRÖM, Gunnar. ‘“Pequena História” da atribuição do Prêmio Nobel a Frédéric Mistral’. In: MISTRAL, Frédéric. *Miréia*. [Tradução de Manuel Bandeira]. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1973. p. 7-15.

ALIBÈRT, Loïs. *Gramatica Occitana segon los parlars lengadocians*. Montpellier: Centre d’Estudis Occitans, 1976.

ALVAR, Manuel. *El ladino, judeo-español calco*. Madrid: Real Academia de la Historia, 2000.

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: reflections on the origins spread of nationalism*. Londres: Verso, 1983.

ARAMÓN I SERRA, Ramón. *El ressò de l’Oda «I Troubaire catalan» a Catalunya*. Barcelona: Institut d’Estudis Catalans, 1962-1967.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 3ª ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

BADIA I MARGARIT, Antoni Maria. ‘Génesis de la Romania y genio de la romanística’. In: GARGALLO GIL, José Henrique; REÍNA BASTARDAS, María. (coords.) *Manual de lingüística románica*. Barcelona: Ariel, 2007.

BAGNO, Marcos. ‘O quê é uma língua? Imaginário, ciência e hipóstase’. In: LAGARES, Xoán; BAGNO, Marcos. (orgs.) *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2011a. p. 355-388.

_____, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011b.

_____, Marcos. 'O Português procede do Galego'. In: *Grial Revista Galega de Cultura*. 191, 2011c, p. 34-39. Disponível em: http://www.editorialgalaxia.es/imxd/libros/doc/1320761642191_Marcos_Bagno.pdf Acesso em: 05 set. 2013.

_____, Marcos. 'Do galego ao brasileiro, passando pelo português: crioulização e ideologias linguísticas'. In MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (org.) *O português no século XXI: Cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 319-338.

BAKER, Mona. (ed.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2001.

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica. História interna das línguas românicas*, v. 2. São Paulo: Editora USP, 2010.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. – 37. ed. rev. ampl. e atual. Conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENNINGTON, Geoffrey. 'La política postal y la institución de la nación'. In: BHABHA, Homi K. (org.) *Nación y narración*. [Tradução de María Gabriela Ubaldini]. Buenos Aires: Siglo XXI, 2010. p. 165-186.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. [Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini]. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

_____, Antoine. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin*. [Tradução de Maria Emília Pereira Chanut]. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

_____, Antoine. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.

BHABHA, Homi. 'DisemiNación Tiempo, narrativa y los márgenes de la nación moderna'. In: BHABHA, Homi K. (org.) *Nación y narración*. [Tradução de María Gabriela Ubaldini]. Buenos Aires: Siglo XXI, 2010. p. 385-421.

_____, Homi. 'O Terceiro espaço (entrevista conduzida por Jonathan Rutherford)'. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. nº 24, 1996. p. 35-41.

_____, Homi. *The Location of Culture*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1994.

BOIX-FUSTER, Emili. 'Llengües i identitats a Europa'. In: MASSIP, Àngels. (coord.) *Llengua i identitat*. Barcelona: Edicions Universitat de Barcelona, 2008 p. 133- 150.

BONET, Sebastià. 'Les subordinades sustantives'. In: SOLÀ, Joan *et alii*. *Gramàtica del Català Contemporani. Vol 3. Sintaxi (17-31)*. Barcelona: Grup Editorial 62, 2008. p. 2321-2387

BRANCA-ROSOFF, Sonia. *L'institution des langues*. Paris: Fondation de la Maison des sciences de l'homme, 2001.

BRANCHADELL, Albert; LOVELL, Margaret West. (eds.). *Less Translated Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.

BRENNAN, Timothy. 'La nostalgia nacional de la forma'. In: BHABHA, Homi K. (org.) *Nación y narración*. [Tradução de María Gabriela Ubaldini]. Buenos Aires: Siglo XXI, 2010. p. 65-98.

BRUCART, Josep. 'Els Determinants'. In: SOLÀ, Joan *et alii*. *Gramàtica del Català Contemporani. Vol 2. Sintaxi (1-16)*. Barcelona: Grup Editorial 62, 2008. p. 1435-1516.

CABURLOTTO, Filippo. 'D'Annunzio, la latinità del Mediterraneo e il mito della riconquista'. *California Italian Studies*, v. 1(1), 2010. p. 1-15
 CARDUS i ROS, Salvador. *Tres metàfores per pensar un país amb futur*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 2009.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental. vol 4*. [Tradução de Celina Cardim Cavalcanti] Rio de Janeiro: Edições o Cruzeiro, 1962.

Carta Europeia das Línguas Regionais e Minoritárias. Estrasburgo: Conselho Europeu, 1992. Disponível em:

http://www.portugaliza.net/tvsptnagaliza/docs/carta_linguas.pdf Acesso em: 25 jan. 2013.

CASTELLÓ, Rafael. 'Parlem valencià, però no som catalans'. In: MASSIP, Àngels. (coord.) *Llengua i identitat*. Barcelona: Edicions Universitat de Barcelona, 2008. p. 55-66.

CHAMSON, André. 'Vida e obra de Frédéric Mistral'. In: MISTRAL, Frédéric. *Miréia*. [Tradução de Manuel Bandeira]. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1973. p. 25-36.

CHOCIAY, Rogério. *Teoria do verso*. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1974.

CIPRÉS PALACÍN, María Ángeles. 'Las traducciones catalanas del provenzal en la prensa del siglo XIX'. *Thélème. Revista Complutense de Estudios Franceses*. vol. 17, 2002. p. 179-195.

COSTA, Walter Carlos; GUERINI, Andreia; TORRES, Marie-Hélène. (orgs.). *Literatura traduzida e literatura nacional*. Rio Janeiro: 7 Letras, 2010.

_____, Walter Carlos; GUERINI, Andreia; TORRES, Marie-Hélène. (orgs.). *Literatura & Tradução – Textos selecionados de José Lambert*. Rio Janeiro: 7 Letras, 2010.

CRONIN, Michael. 'The Cracked Looking Glass of Servants: Translation and Minority Languages in a Global Age', *The Translator*, Vol. 4, No. 2: vol. 4, nº 2, Special Issue, Translation and Minority. Manchester: St. Jerome, 1998. p. 145-62.

COUROUAU, Jean-François. 'Les discours sur le catalan (Roussillon) et l'occitan au XVIIe siècle. Analyse comparée', *Estudis Romànics*, Vol. 27. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 2005. p. 74-92.

DARQUENNES, Jeroen. '¿Qué es una minoría? La definición del lingüista' In: DENIS, Jean-Pierre; NOUCHI, Franck. *Atlas de las minorías*. València: Uned/Monde Diplomatique, 2012. p. 18.

DURING, Simon. 'La literatura: ¿el otro nacionalismo? Argumentos para una revisión'. In: BHABHA, Homi K. (org.) *Nación y narración*.

[Tradução de María Gabriela Ubaldini]. Buenos Aires: Siglo XXI, 2010. p 187-208.

ENCICLOPEDIA CATALANA. *Diccionari Portuguès-Català/ Català-Portuguès*. Barcelona: Enciclopèdia Catalana, 2007.

ESPLUGA, Josep. ‘Dificultats i potencialitats de la llengua catalana per a generar identitat social a la Franja’. In: MASSIP, Àngels. (coord.) *Llengua i identitat*. Barcelona: Edicions Universitat de Barcelona, 2008 p. 39- 46.

FABRA, Pompeu. *Gramàtica catalana*. Barcelona: Institut d’Estudis Catalans, 1980.

FALABELLA FABRÍCIO, Branca. ‘A “outridade lusófona” em tempos de globalização: identidade cultural como potencial semiótico’. In MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (org.) *O português no século XXI: Cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 144-168.

FASSIN, Éric. ‘¿Qué es una minoría? La definición del sociólogo’ In: DENIS, Jean-Pierre; NOUCHI, Franck. *Átlas de las minorías*. València: Uned/Monde Diplomatique, 2012. p. 20.

FERGUSON, Charles. ‘Diglossia’. *Word*. nº 15, 1959, p. 325-240.

FERRANDO FRANCES, Antoni; NICOLAS AMOROS, Miquel. *Història de la llengua catalana*. Barcelona: UOC, 2011.

FIGUEIREDO, Eurídice. ‘O estatuto do francês no Quebec’ In: LAGARES, Xoán; BAGNO, Marcos. (orgs.) *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 215-236.

FINBOW, Thomas Daniel. ‘Políticas da norma’. In: LAGARES, Xoán; BAGNO, Marcos. (orgs.) *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 49-88.

FURLAN, Mauri. (org.). *Clássicos da teoria da tradução. Volume 4: Renascimento*. Florianópolis: USC/NUPLITT, 2006.

_____, Mauri. *La Retórica de la Traducción en el Renacimiento: elementos para la constitución de una teoría de la traducción renacentista*. Barcelona, Espanha, 2002. 480p. : il., grafs., tabs. Tese de doutorado – Universitat de Barcelona, Departament de Filologia Llatina Programa: Realitat, transmissió i pervivència de textos llatins.

GABRIEL, Pere. *Història de la cultura catalana, vol 4: Romantisme i Renaixença*. Barcelona: Edicions 62, 1995.

GARGALLO GIL, José Enrique; REINA BASTARDAS, María. (cords.). *Manual de lingüística románica*. Barcelona: Ariel, 2007.

GILROY, Paul. 'Diaspora and the detours of identity'. In: WOODWARD, Kathryn (org.). *Identity and difference*. Londres: Sages, 1997. p. 299-346.

GOGUIKIAN RATCLIFF, Betty. '¿Qué es una minoría? La definición de la psicóloga' In: DENIS, Jean-Pierre; NOUCHI, Franck. *Atlas de las minorías*. Valência: Uned/Monde Diplomatique, 2012. p. 17.

GRUTMAN, Rainier. 'Multilingualism and translation'. In: BAKER, Mona. (ed.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2001. p. 157-160.

GUIBAN, Pierre. 'A criação de uma norma-padrão em francês: entre planejamento político e mito'. In: LAGARES, Xoán; BAGNO, Marcos. (orgs.) *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 215-236.

HAGEGE, Claude. *Halte à la mort des langues*. Paris: Odile Jacob, 2000.

HALL, Stuart. 'Cultural identity and diaspora'. In: RUTHERFORD, Jonathan. (org.). *Identity: community, culture, difference*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990. p. 145-168

_____, Stuart. 'Quem precisa de identidade?' In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. [Tradução de Tomaz Tadeu da Silva]. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 103-133.

HATIM, B.; MUNDAY, J. *Translation – An Advanced Resource Text*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2004.

HERITIER, Françoise. ‘¿Qué es una minoria? La definición de la antropóloga’. In: DENIS, Jean-Pierre; NOUCHI, Franck. *Átlas de las minorías*. Valência: Uned/Monde Diplomatique, 2012. p. 15.

HOBSBAWM, Eric. *A Era do Capital, 1948-1875*. [Tradução de Luciano Costa Neto]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____, Eric. *A Era dos Impérios, 1875-1914*. [Tradução de Maria Sieni Campos e Yolanda Steidel e Toledo]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____, Eric; RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. [Tradução de Celina Cardim Cavalcanti] Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLMES, James. ‘The Name and Nature of Translation Studies’. In: *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam: Rodopi, 1972-1988-2000.

JAURÈS, Jean. ‘Méthode Comparée’. *Revue de l’Enseignement Primaire*, 15 octobre 1911. Disponível em http://gardaremlaterra.free.fr/article.php3?id_article=29. Acesso em 14 abr. 2014.

JOUVEAU, René. *Histoire du Félibrige (1876-1914)*. Nîmes: Imprimerie Bene, 1970.

KAILUWEIT, Rolf. ‘La Gramàtica de Ballot – llengua catalana i consciència lingüística entre la Decadència i la Renaixença’. In: *Annuari de l’Agrupació Borriana de Cultura* III. nº 3, 1992. p. 133-142.

KEATING, M^a CLARA; SOLOVOVA, OLGA; BARRADAS, Olga. ‘Políticas de língua, multilinguismos e migrações: para uma reflexão policêntrica sobre os valores do português no espaço europeu’. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (org.) *O português no século XXI: Cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 219-248.

KING, Stewart. *Escribir la Catalanidad: lengua e identidades culturales en la Narrativa contemporánea de Cataluña*. Woodbridge: Tamesis, 2005.

LAGARES, Xoan. 'Minorias lingüísticas, políticas normativas e mercados'. In: LAGARES, Xoán; BAGNO, Marcos. (orgs.) *Políticas da norma e conflitos lingüísticos*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 169-192.

_____, Xoan. 'O galego e os limites imprecisos do espaço lusófono'. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (org.) *O português no século XXI: Cenário geopolítico e sociolingüístico*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 361-393.

LEVINSON, David; EMBER, Melvin. (eds.). *Encyclopedia of Cultural Anthropology*. Nova Iorque: Henry Holt, 1996.

LEVÝ, Jiří. *The Art of Translation*. Amsterdamã/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2011.

LLEAL, Coloma. *Breu història de la llengua catalana*. Barcelona: Barcanova, 1992.

LOYER, Barbara. '¿Qué es una minoria? La definición de la geógrafa'. In: DENIS, Jean-Pierre; NOUCHI, Franck. *Átlas de las minorías*. Valência: Uned/Monde Diplomatique, 2012. p. 19.

MASSIP, Àngels. (coord.) *Llengua i identitat*. Barcelona: Edicions Universitat de Barcelona, 2008.

MEHREZ, Samia. 'Translation and the Postcolonial Experience: The Francophone North African Text'. In: VENUTI, Lawrence. (ed.) *Rethinking Translation*. London/New York: Routledge, 1998. p. 120-138

MELLADO GARCÍA, Anna. 'Las escritoras del renacimiento literario occitano del siglo XIX.' In: *TONOS Revista electrónica de estudios filológicos*. nº 15, junho, 2008. Disponível em <http://www.um.es/tonosdigital/znum15/> Acesso em: 15 nov. 2013.

MENESES, Maria Paula. 'Epistemologias do Sul'. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. nº 80, março, 2008. p. 5-10.

METZELTIN, Miguel. *Las lenguas románicas estándar. Historia de su formación y uso*. Oviedo: Academia de la Llingua Asturiana, 2004.

MEYER-LÜBKE, Wilhelm. *Grammatik der Romanischen Sprachen*. Leipzig: Fues's Verlag, 1890.

MILLER, David. *On Nationality*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

MILROY, James. 'Ideologias linguísticas e as consequências da padronização'. In: LAGARES, Xoán Carlos; BAGNO, Marcos. *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2011. p. X-X.

MIRA, Joan F. 'Llengua i identitat al País Valencià'. In: MASSIP, Àngels. (coord.) *Llengua i identitat*. Barcelona: Edicions Universitat de Barcelona, 2008 p. 67- 79.

MISTRAL, Frederic. 1886. *Lou Tresor dóu Felibrige. Vols. I et II*. Barcelona: Marcel Petit, 1979. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k74854/f1.image> Acesso em: 10 ago. 2012.

MONTEAGUDO, Henrique. 'Variação e norma linguística: subsídios para uma (re)visão'. In: LAGARES, Xoán Carlos; BAGNO, Marcos. *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 15-48.

MÜLLER DE OLIVEIRA, Gilvan. 'Um Atlântico ampliado: o português nas políticas linguísticas do século XXI'. In MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (org.) *O português no século XXI: Cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 53-73.

NDIAYE, Pap. '¿Qué es una minoria? La definición del historiador' In: DENIS, Jean-Pierre; NOUCHI, Franck. *Atlas de las minorías*. Valência: Uned/Monde Diplomatique, 2012. p. 16.

NIRANJANA, Tejaswini. *Siting Translation: History, Post-structuralism, and the Colonial Context*. Los Angeles: University of California Press, 1992.

NOLL, Volker. *O português brasileiro: formação e contrastes*. [Tradução de Mário Eduardo Viaro]. São Paulo: Globo, 2008.

PALUMBO, Giuseppe. *Key Terms in Translation Studies*. Londres: Continuum, 2009.

POSNER, Rebecca. *Las lenguas romances*. [Tradução de Silvia Iglesias Recuero]. Madrid: Cátedra, 1998.

RÁBADE VILLAR, María do Cebreiro. 2007, 'Elements per a una història de les antologies de poesia a Catalunya'. In: *Els Marges*. nº 83, tardor, 2007, p. 15-44.

_____, María do Cebreiro. *Las antologías de poesía en Galicia y Cataluña. Representación poética y ficción lógica*. Santiago de Compostela: USC, 2004.

RAFAEL, Vicente. *Contracting Colonialism: Translation and Christian Conversion in Tagalog Society Under Early Spanish Rule*. North Carolina: Duke University Press, 1993.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. 'A norma linguística do ponto de vista da política linguística'. In: LAGARES, Xoán Carlos; BAGNO, Marcos. *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 121-128.

RENAN, Ernest. *Qu'est-ce qu'une nation ? Conférence faite en Sorbonne, le 11 mars 1882*. Disponível em http://fr.wikisource.org/wiki/Qu'est-ce_qu'une_nation_%3F Acesso em: 26 jun. 2013.

RENZI, Lorenzo. *Introducción a la filología románica*. [Tradução de Pilar García Mouton] Madrid: Gredos, 1982.

_____, Lorenzo; ANDREOSE, Alvise. *Manuale di Linguistica e Filologia Romanza*. Bologna: Il Mulino, 2009.

RESTORI, Antonio; ROQUE-FERREIR, A. *Histoire de la littérature provençale depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours*. Montpellier: Imprimerie centrale du Midi. 1894. Disponível em:

<http://archive.org/stream/histoiredelalit00roqugoog#page/n45/mode/2up>

Acesso em: 20 ago. 2012.

RIBERA LLOPIS, Joan. *Literaturas catalana, gallega y vasca*. Madrid: Playor, 1982.

RIPERT, Emile. *La versification de Frédéric Mistral*. Paris/Aix-en-Provence : Champion & Dragon, 1918.

RIQUER, Martin de. *Los Trobadores*. Barcelona: Planeta, 2011.

ROBINS, Kevin. 'Tradition and translation: national culture in its global context'. In: CORNER, John; HARVEY, Sylvia. (orgs.). *Enterprise and Heritage: crosscurrents of national culture*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1991. p. 21-44.

ROBINSON, Douglas. *Translation and Empire*. Manchester: St Jerome, 1997.

RONJAT, Juli, *Grammaire historique des parlers provençaux modernes*. Montpellier: Société des Langues Romanes, 1932. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5834313n> Acesso em: 25 abril 2013.

ROSSICH, Albert. 'És vàlid avui el concepte de Decadència de la cultura catalana de l'època moderna? Es pot identificar decadencia amb castellanització?'. *Manuscrits*. n° 15, 1997, p. 127-134.

RUBIÓ I BALAGUER, Jordi. *Història de la literatura catalana*. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 1989.

SAUZET, Patrick. 'Se pòt existir una lenga sens una marina de guèrra'. In: MASSIP, Àngels. (coord.) *Llengua i identitat*. Barcelona: Edicions Universitat de Barcelona, 2008 p. 109- 130.

SIGNORINI, Inês. 'Política, língua portuguesa e globalização'. In MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (org.) *O português no século XXI: Cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 74-100.

SILVA, Tomaz Tadeu da. 'A produção social da identidade e da diferença'. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2005.

SHUTTLEWORTH, Mark; COWIE, Moira. *Dictionary of Translation Studies*. Manchester: St. Jerome, 1997.

SNEAD, James. 'Linajes europeos, contagios africanos: nacionalidad, narrativa y comunitarismo en Tutuola, Achebe y Reed'. In: BHABHA, Homi K. (org.) *Nación y narración*. [Tradução de María Gabriela Ubalдини]. Buenos Aires: Siglo XXI, 2010. p. 307-330.

SOLÀ, Joan; LLORET, Maria-Rosa; MASCARÓ, Joan; PÉREZ SALDANYA, Manuel. *Gramàtica del català contemporani. Vol I*. Barcelona: Empúries, 2002.

SPINA, Segismundo. *A lírica trovadoresca*. São Paulo: Ediusp, 1996.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

TAGLIAVINI, Carlo. *Orígenes de las lenguas neolatinas*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1993.

TEBÉ, Tomàs. *Antologia de la literatura catalana: Renaixença*. Barcelona: Aedos, 1975.

TOSO, Fiorenzo. *Le minoranze linguistiche in Italia*. Bologna: Il Mulino, 2008.

VENUTI, Laurence. *The Scandals of Translation. Towards an ethics of difference*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1998a.

_____, Lawrence. (ed.) 'Translation and Minority.' In: Special Issue of *The Translator*. vol 4, nº 2, 1998b.

VIDOS, Benedek Elemér. *Manual de lingüística românica*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1996.

VILAMITJANA I CARANDELL, Dolors. ‘Albert de Quintana, entre la Renaixença i el felibritge’ In: *Revista de Girona*. nº 245, novembre-dezembre, 2007, p. 84-93.

_____, Dolors. *Albert Quintana i Combis: inquietud, impuls i innovació*. Torroella de Montgrí : Papers de Montgrí, 2002.

WILLIAMS, Jenny; CHESTERMAN, Andrew. *The Map*. Manchester: St. Jerome. 2002.

WIRSÉN, Af. ‘Discurso de Recepção por ocasião da entrega do Prêmio Nobel de Literatura a Frédéric Mistral no dia 10 de dezembro de 1904’. In: MISTRAL, Frédéric. *Miréia*. [Tradução de Manuel Bandeira]. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1973. p. 25-36.

WOODWARD, Kathryn. ‘Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual’. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. [Tradução de Tomaz Tadeu da Silva] Petrópolis: Vozes, 2005. p. 7-72.

Recursos em linha:

www.enciclopedia.cat/ Acesso em: 03 fev. 2012.

www.escriptors.cat/autors/aguilom/pagina.php?id_text=4117 Acesso em: 26 nov. 2011.

www.ec.europa.eu/languages/languages-of-europe/eu-languages_pt.htm. Acesso: em 25 abril. 2013.

<http://www.eurominority.eu/version/por/> Acesso: em 25 out. 2012.

<http://www.eurominority.eu/version/shop/poster-peoples-europebig.asp> Acesso: em 25 out. 2012.

<http://blog.sorosoro.org/wp-content/uploads/CARTE-occitan.jpg> Acesso: em 10 jan. 2012.

www.uni-muenster.de/de/ Acesso: em 25 ago. 2013.

Dicionários:

www.larousse.fr/dictionnaires/francais/

www.panoccitan.org/
<http://dicionari.cat>
www.enciclopedia.cat/
<http://www.aulete.com.br/>

Fontes Primárias para o *Corpus*:

BALAGUER, Víctor. *Los trovadors moderns*, 1859. Disponível em <http://books.google.com.br> Acesso em: 05 fev. 2012.

BOFARULL, Antoni. *Los trovadors nous*, 1858. Disponível em: <http://books.google.com.br> Acesso em: 03 fev. 2012.

Biblioteca virtual Lluís Vives. www.lluisvives.com Acesso em: 11 set. 2011.

Biblioteca virtual Cervantes. www.cervantesvirtual.com/ Acesso em: 11 maio 2012.

Centre International de l'Écrit en Langue d'Oc www.lpl.univ-aix.fr/guests/ciel/ Acesso em: 03 jul. 2014.

Literatura catalana universal www.visat.cat Acesso em: 26 jun. 2013